

SÉRIE SOCIOLOGIA



## TRANS NARRATIVAS DO *SELF*

Uma análise a partir de diários virtuais  
de transição transsexual no YouTube

Eveline Rojas



# **TRANS NARRATIVAS DO *SELF***

Uma análise a partir de diários virtuais de transição  
transsexual no YouTube



Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Curso de Doutorado em Sociologia

Eveline Rojas

# TRANS NARRATIVAS DO *SELF*

Uma análise a partir de diários virtuais de transição  
transsexual no YouTube

Recife, 2016

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

---

R741t    Rojas, Eveline Gama.  
      Trans narrativas do self : uma análise a partir de diários virtuais de  
      transição transexual no YouTube [recurso eletrônico] / Eveline Rojas. –  
      Recife : Ed. UFPE, 2016.  
      (Série Sociologia)

      Originalmente apresentada como tese do autor (doutorado – UFPE.  
      CFCH. Sociologia. Recife, 2015) sob o mesmo título.

      Inclui referências.

      ISBN     978-85-415-0864-3     (online)

      1. Sociologia. 2. Identidade de gênero. 3. Narrativa (Retórica). 4. Self  
      (Psicologia). I. Título. II Título da Série.

301   CDD (23.ed.)                   UFPE (BC2017-013)

---

Todos os direitos reservados aos organizadores: *Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.*

*À minha avó, Dolores, que com seu amor e sabedoria, me ensinou a respeitar, acolher e valorizar as diferenças em mim e nas outras pessoas.*



# Agradecimentos

À minha amada família pela confiança, afeto e apoio incondicionais. À Isabel Calixto por ter sido o meu abrigo e ter caminhado junto comigo. Sem eles esta jornada não teria tantos oásis.

Aos meus amigos e amigas queridas pela torcida positiva.

Ao meu orientador Jonatas Ferreira e co-orientadora Cynthia Hamlin pelas contribuições fundamentais, pela compreensão, delicadeza, generosidade e, sobretudo, pelo compromisso e desafiar constante dos meus limites.

Ao professor Jay Prosser pela receptividade e diálogos inspiradores.

Ao Gabriel Peters por sua ajuda cuidadosa na revisão.

À coordenação e secretaria do PPGS, ao setor de bolsas da PROPESQ e a CAPES pelo fundamental suporte acadêmico.



# Prefácio

Seria possível falar de uma unidade identitária transexual, transgênero?, pergunta-se Eveline Rojas nas primeiras páginas de seu livro. Responder a essa questão parece não constituir uma tarefa particularmente difícil, afinal a vida cotidiana nos mostra inúmeros exemplos de lutas individuais e coletivas pela afirmação desse tipo de identidade. Se há um pressuposto claro nestas lutas, ele residiria na possibilidade de responder afirmativamente a essa indagação. Por outro lado, ao lidar efetivamente com o problema proposto, parece inevitável certa sensação de estarmos afundando em dificuldades semelhante àquelas que o pensamento pós-moderno, e diversas abordagens pós-estruturalistas, têm percebido com respeito ao uso de noções como identidade, subjetividade, autoria, entre outras categorias de estabilização. De acordo com o pós-estruturalismo de Derrida, por exemplo, essas categorias pressuporiam uma coesão teoricamente inconcebível, uma vez que os espaços de identidade são vazados e perturbados por uma alteridade que sempre traz ambiguidade e tensão à aparente tranquilidade do que se apresenta como pura presença, isto é, a possibilidade de uma identidade coesa. No lugar de identidades, deveríamos, mais propriamente, falar em quase-identidades indefinidamente postergadas e deslocadas. Por isso mesmo, do ponto de vista empírico, o espaço da identidade parece mais constituir um ideal regulatório do que uma realidade constatável: trata-se de um discurso sempre a serviço de interesses políticos que reivindicam hegemonia. A coesão identitária, portanto, revela-se como necessariamente violenta, marcada por uma alteridade que é, ao mesmo tempo, infinitamente suprimida e nunca completamente esquecida. A aparente simplicidade da

questão proposta mostra-se, deste modo, enganosa. Poderíamos neste ponto repetir as palavras de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (p. 96):

“Uma concepção que nega qualquer abordagem essencialista com respeito às relações sociais deve também afirmar o caráter precário de cada identidade e a impossibilidade de fixar o sentido dos ‘elementos’ em uma literalidade última qualquer”.

As lutas diárias que os transgêneros travam pelo direito a uma trajetória de vida particular, passam pela mobilização contínua de recursos culturais, econômicos e técnicos dados, históricos. Isso implica, portanto, que os processos identitários em que os “sujeitos trans” precisam se envolver - e que envolvem seus corpos, a forma como falam, caminham, reagem - precisam ser minimamente inteligíveis da perspectiva do modelo de gênero hegemônico, embora sua ação, por outro lado, implique em perturbar a naturalização deste modelo. Um dos grandes méritos deste livro é ter realizado uma investigação que permite evidenciar o jogo político e existencial que ocorre dentro de um espaço sociotécnico da maior relevância, isto é, a virtualidade dos *vídeo logs*. Trata-se de um espaço curioso, a um só tempo público e privado (é afinal um diário), indeterminado quanto aos seus efeitos e essencialmente confessional. Essa ambiguidade é, aliás, um traço marcante da comunicação mediada por computador, onde certa espetacularização da intimidade parece moeda corrente. Porém, aqui temos algo mais específico. Nos vídeo logs, mediante um lento e penoso processo de transformação ao qual assistimos, a “identidade trans” é trabalhada a partir de uma interseção entre a materialidade histórica do corpo e a virtualidade que sempre lhe atravessa - de um corpo desejado, mas nunca plenamente obtido, da outra pessoa que vê esse corpo através da intermediação técnica. Essa outra pessoa, sua intervenção, é aliás um elemento central, um espelho mediante, ou em oposição ao qual, um sentido de *self* pode ser esboçado. No decurso desse processo de mudança corporal, o indivíduo é recorrentemente remetido aos limites a partir dos quais é possível dialogar produtivamente com uma estrutura de gênero de caráter incontornavelmente

essencialista, naturalizador. A performance, seu sucesso, são preocupações constantes. E se o sucesso radical da transgênesis seria o seu próprio apagamento, um tornar-se efetivamente outro, a historicidade do corpo lembra constantemente ao indivíduo trans que esse apagamento é irrealizável, que ser mulher ou ser homem é tornar-se indefinidamente mulher ou homem. E aqui, mais uma vez, ocorre-me as palavras de Laclau e Mouffe (p. 95):

“É precisamente aqui que a modernidade de Hegel reside: para ele, identidade não é nunca positiva e fechada em si própria, mas constituída como uma transição, uma relação, diferença”.

Por tudo isso, a transgênesis permite entender, e de forma contundente, que processos identitários são marcados por uma incontornável postergação e que demandam sempre muito investimento financeiro, físico e emocional. Precisamente porque a essência do que seja homem ou mulher é uma categoria vazia, seu preenchimento sempre provisório requer um investimento diuturno e histórico: em medicamentos, cirurgias, cosméticos, por certo, mas também um investimento reflexivo em que *o self* é sempre objeto de escrutínio. O quanto posso me afirmar como mulher ou como homem? Em que momento tal passagem efetivamente se realiza? Que esse investimento passe pela visibilidade - por aquilo que o transgênero dá a ver a partir de uma compreensão do que lhe é culturalmente solicitado -, é o que os vídeos que a autora analisa permitem perceber.

A compatibilização entre o que se busca como um discurso coerente de *self* e a materialidade do corpo, no caso dos transgêneros, é um processo em que interferem não apenas tecnologias de visibilidade, no sentido mais estrito do termo - no caso, uma plataforma da internet que permite a publicação de vídeos sob a forma de diários -, mas *dispositivos médicos* com os quais também é preciso dialogar. É necessário compreender e dar uma resposta adequada à expertise médica, preparar-se para esse outro e através desse outro. Esses dispositivos compreendem o conhecimento legitimado sob a forma de saber médico, sobre a saúde mental e física dos “sujeitos trans”, mas também medicamentos e intervenções cirúrgicas que

requalificam a relação do “indivíduo” com o seu corpo. A passagem homem para mulher ou mulher para homem, nesse caso, deve ser pensada como processo de apropriação deste dispositivo, e de, nessa apropriação, flexibilizar de algum modo as dicotomias, a heteronormatividade do dispositivo.

Essa apropriação passa sempre por uma performance, ou, por assim dizer, por um “passar por”. A sexualidade como performance, como parte de um jogo, ou de uma encenação, no entanto, é aquilo que parece constituir a própria perturbação da transexualidade aos padrões heteronormativos, mesmo quando a vontade do “sujeito trans” seja apagar a transição interminável e esquecer-se em um novo papel.

Mas não é precisamente essa instabilidade, a que a sexualidade e a condição de gênero pensada como performance remete, aquilo que parece haver de mais perturbador para a inteligibilidade heteronormativa que vemos defendida com tanta violência em nossa sociedade? Sem forçar, impor uma agenda política para suas informantes e seus informantes, sem tratá-los como rebeldes que em certos casos eles não desejam ser, o trabalho analítico da autora mostra que o reconhecimento da precariedade dessa inteligibilidade pode nos tornar mais tolerantes com aquilo que julgamos nos ser estranho. Finalizaríamos citando Rojas:

“Sem um sujeito a ser revelado, com substância original, o corpo surge como elemento fundamental, que traz à superfície o sentido da prática e conjuga os elementos da narrativa-performativa que possibilita a contínua constituição do *self*”.

## Referência

Laclau, Ernesto; Chantal Mouffe. 1985. *Hegemony and Socialist Strategy*. Towards a Radical Democratic Politics. Londo and New York, Verso.

Recife, 11 de junho de 2016.

Jonatas Ferreira

# Introdução

## **Transidentificações**

Em minha infância, lembro-me das categorias de feminino e masculino como empiricamente muito bem marcadas, embora sempre fosse possível ver eventuais cruzamentos de fronteiras. A imagem presente na minha memória me posiciona fora dos espaços normativamente demarcados, nos quais, por exemplo, meninos deveriam usar bermudas e brincar na rua, enquanto meninas deveriam usar vestidos e brincar dentro de casa, de preferência com jogos que lembrassem os afazeres domésticos e maternos. Eu transitava entre os dois espaços; e, quando colocava o meu uniforme de time de futebol para jogar bola com os meninos, ouvia sempre os comentários dirigidos à minha mãe: “Cuidado com essa menina! Está parecendo um garoto! Não deixa usar essas roupas! Bota essa menina para dentro de casa!”. Na minha juventude, não foi muito diferente. Comecei a conviver com afirmativas e interrogações cotidianas do tipo: “o homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem. Cadê o namorado? Vai querer ter quantos filhos?”. Quando criança, achava ótimo circular entre os dois polos. Várias

brincadeiras me agradavam, do futebol aos papéis de carta. Entretanto, na adolescência, o não pertencimento integral a qualquer dos dois polos estruturantes do meu meio social passou a me incomodar.

Decidi que queria fazer parte. Para tanto, precisava descobrir o que era preciso para tornar-me mulher no meu contexto social, e então algumas diretrizes surgiram: era preciso declarar-me mulher heterossexual, desenvolver e apresentar qualidades, modos, comportamentos e marcas de identificação aceitáveis e inteligíveis à inteligibilidade que era ali compartilhada. Era preciso observar o comportamento das meninas e meninos socialmente aceitos. Esta concepção se alia ao que Garfinkel (1967:116) dizia sobre a existência de um ambiente “normalmente” sexuado com base em uma dicotomia rigorosa entre “masculino” e “feminino”, onde só há lugar para os que estão, desde sempre e para sempre, no interior de uma categoria ou outra. A inexistência de outras categorias, ao longo dos anos, gerou em mim um incômodo constante, uma incompreensão por inadequação, uma busca permanente por um lugar, por um jeito de ser, por uma forma “aceitável” de me expressar. Na minha vida adulta, as possibilidades se ampliaram, bem como a compreensão das categorias de feminino e masculino. Em diversos contextos, percebi que os meus vários processos de identificação poderiam não estar fixos em polos, não terem substância ou essência presumidas, mas serem, antes, temporais, contextuais, entrelaçados e abertos. Mas como compreender os processos de identificação e constituição do *self*?

Por muito tempo, uma lógica biologizante e essencialista estabeleceu uma correspondência unívoca entre as diferenças de sexo e gênero, concebendo-as como mutuamente dependentes e estáveis, e contribuindo, assim, para difundir a crença na existência de identidades fixas e padrões de comportamento calcados em qualidades supostamente inatas de um sujeito constituído por um núcleo originário estável. Entretanto, tal concepção não é capaz de compreender a diversidade dos processos de identificação e constituição do *self* dos sujeitos trans. Movendo a concepção da identidade em geral, e da identidade de gênero em particular, para além de um modelo substancialista, fixo e dual, propõe-se, na presente tese, uma análise alternativa dos processos de identificação, tendo como foco a prática cotidiana. Se o fundamento da identidade pode ser visto, hoje, como

residindo na repetição estilizada de atos ao longo do tempo (Butler, 1990), com a normatividade operando como base fundamental de uma visão dicotômica de sexo/gênero, enquanto a resistência ocorre mediante a repetição subversiva, uma análise das práticas cotidianas vivenciadas pelos sujeitos trans permite discutir outras possibilidades de compreensão e transformação daquelas categorias.

Essa busca levará à possibilidade de se perceber o gênero como um processo compósito cujas categorias se ritualizam e se atualizam constantemente, imprimindo a sua marca temporal na superfície do corpo (orifícios, protuberâncias, apêndices, formas) através das práticas sociais. Esta concepção reflete sobre as categorias de identificação que esbarram, dialogam e incitam a materialidade do corpo à outras possibilidades de performance. Isso levanta a questão de como o sujeito trans performa o gênero, e se é possível discernir um gênero desejado que se mantém durante o processo de transição. Por conseguinte, interroga-se também sobre de que forma esta compreensão se manifesta em identidades ou mesmo em modelos de identificação, tendo-se em conta que os sujeitos são sempre multiplamente constituídos. Com base nessas considerações, surgem as perguntas: dentro de uma diversidade de posições, discursos e práticas sociais, *seria possível falar de uma unidade identitária trans manifesta durante o período de transição dos sujeitos? Que identidade seria esta?*

Para se entender como o corpo performa na transição, é necessário compreender como as transformações corporais se manifestam e são significadas durante este processo. Segundo algumas perspectivas calcadas em categorias binárias de sexo e gênero, as quais creem na existência de um *self* nuclear, único e passível de ser revelado, as transformações corporais não só teriam efeito direto na interação social dos sujeitos, mas também estariam ligadas ao entendimento que os sujeitos possuem sobre si mesmos. Assim, as transformações corporais, juntamente com a competência adquirida para performá-las, externariam a verdade mais íntima do sujeito, expressariam seu *self*. O cenário transicional efetivo parece, entretanto, ser mais complexo: dentre as várias transformações corporais, aquelas relativas aos processos de transição de transexuais masculinos e de transexuais femininas se apresentam diversas, como também o são os “valores” que os sujeitos dão

às suas trajetórias transicionais. A conformidade anatômica se diversifica, tanto quanto se diversificam os sujeitos, seus desejos e ideais. Alguns fazem a cirurgia de redesignação sexual, outros fazem apenas a mastectomia (no caso dos transexuais masculinos) ou mamoplastia (no caso das transexuais femininas), enquanto outros ainda tomam hormônios durante períodos diferentes, em forma e dosagens distintas. Para alguns, o sentir-se mulher/homem, saber-se mulher/homem e reconhecer-se mulher/homem muitas vezes se volta para transformações corporais ou mesmo para performances que os habilitem a “passar” por mulher/homem no meio social no qual estão inseridos. Em outros termos, as exigências provenientes do desejo de se obter uma coerência entre sexo-gênero- prática sexual-e-desejo, advindas da heteronormatividade, parecem não se conformar a muitos dos questionamentos e ideais desejados por transexuais em transição.

Isso significa que a própria ideia de mera expressividade de um *self* que seria dado anteriormente às performances pode ser questionada. Não há um ideal único de correspondência entre corpo e performance. De fato, nos diários da transição em *vlog*, vê-se, constantemente, os ideais postos à prova pela materialidade e pela performatividade do corpo em transição, no qual atuam e se interconectam as influências de contextos de interação distintos – o que fomenta o desafio de compreender os significados e expressões dos corpos em transição para o sujeito em diálogo com o(s) outro(s).

A constituição do corpo na contemporaneidade está diretamente associada aos discursos médico e biológico. Ao longo do século XX, fatos como a “redescoberta” da genética mendeliana, os estudos sobre hormônios sexuais e seu papel no desenvolvimento humano, bem como o surgimento de pesquisas sistemáticas sobre o fenômeno *intersex* influenciaram gerações de pesquisadores e *engendraram* novas concepções sobre corpo, sexo e sexualidade. Com Kinsey (1948), discutiu-se a fisiologia da função sexual e as variações na orientação sexual, o que levou à problematização e complexificação da noção de desejo sexual. Da mesma forma, os avanços tecnológicos em áreas das ciências médicas deram ensejo a novos procedimentos cirúrgicos e à utilização de hormônios sintéticos, que tornaram factíveis as operações de redesignação sexual e o processo de transição hormonal. Trata-se de uma revolução científica que invade outras áreas e amplia o debate.

Tanto no mundo acadêmico quanto em um recorte mais amplo da esfera pública, o fenômeno trans é responsável por gerar uma infinidade de discussões acerca de diagnósticos, profilaxias ou mesmo de sua análise social e psicológica. Na contemporaneidade, várias teorias analisaram o fenômeno trans, ancoradas nas mais diversas bases intelectuais (Serano, 2007; Pinto e Bruns, 2003; Bento, 2006; Arán, 2006; Califá, 1997; Prosser, 1998; Hines, 2007). As questões levantadas por esse fenômeno contribuem para uma compreensão dos elementos presentes na constituição do sujeito, levando a uma reavaliação das bases conceituais da sexualidade, do gênero, do sexo, do corpo e da identidade.

A proposta desse trabalho é adentrar o campo da constituição do sujeito trans a partir das autonarrativas de *self*, procurando compreender como os sujeitos trans conseguem, no processo de transição, lidar com as mudanças que vivenciam e construir um senso do próprio *self*. Aqui, analisaremos sujeitos que organizam e compartilham suas experiências do processo de transição transexual através de narrativas autobiográficas em canais do YouTube (*vlogs*). Cada vídeo disponibilizado nos proporciona a visualização e a aferição de sentido – por parte do sujeito e da sua audiência – das mudanças corporais, da construção e desconstrução de significados e da constituição e negociação de uma identidade de gênero.

Ao se perceber o sujeito trans em um contexto em movimento, o processo de transição se destaca como um período de transformações radicais na aparência externa e na percepção de si. É nesse processo que a narrativa do *self* surge como meio privilegiado para a construção de conhecimento sobre o “eu”, uma vez que pode ser considerada uma prática que ajuda a constituir performativamente esse *self*, em vez de simplesmente exprimir uma realidade pré-constituída. Sendo assim, pode-se entender o “eu”, aqui, não como algo dado, mas antes como um processo contínuo, como algo realizado através dos projetos que o sujeito busca e realiza em um determinado tempo e contexto. O *self* constitui-se interligado à experiência e ao corpo situado no mundo, onde a prática discursiva transmite significado não somente através das palavras efetivamente ditas, mas também através da entonação, do gestual, da expressão corporal. Desta forma, observa-se significados advindos da narrativa e da performance que podem interromper

o ciclo normativo e, assim, interrogar os pressupostos da inteligibilidade vigente, possibilitando o surgimento de novas identificações. Na busca por respostas a estas questões, no decorrer do trabalho, procura-se estabelecer pontes entre modelos de identificação, performatividade, experiência de self e materialidade do corpo.

### **Trans nos *media***

As revoluções tecnológicas contemporâneas levaram a uma “compressão” espaço-temporal das relações sociais, através das redes de comunicações globais, da cibernética e da profusão da informação, tudo isso ocasionando o surgimento de novas sociedades, de novos modelos e instrumentos de interação. Com a emergência de novos contextos e modos de interação entre o ser humano e seus artefatos tecnológicos, os modelos da memória social e pessoal também foram modificados, encontrando novas formas de mediação. As modalidades de uso destas novas tecnologias passaram a desempenhar um papel fundamental na forma como a memória é construída, armazenada, compartilhada e se relaciona com os processos de identificação. Neste contexto, a identidade estável abriu espaço para as identidades móveis, fluidas (Hall, 2000). Da mesma forma, diante desse modelo de interação, a distinção outrora nítida entre público e privado, com a emergência dos *media*, deu lugar a um entrelaçamento bem maior destas esferas. Nos *vlogs*, por exemplo, por meio do compartilhamento público de dimensões privadas, esboça-se a possibilidade de uma nova articulação do processo de constituição do *self* com as demais esferas da prática. Além de lançar desafios à compreensão das dimensões do público e do privado, as narrativas dos diários virtuais em vídeo convidam a entender como se constituem estas práticas, como se atua dentro delas e como esta atuação se conecta com a formação do *self*.

É no ciberespaço, constituído por uma combinação de informações, que os símbolos e significados compartilhados se agregam, gerando novas formas de sociabilidade. É no ciberespaço que encontramos novas possibilidades de compreensão e constituição dos modos de interação e de

tessitura de identidades entre os usuários conectados em rede, que postam suas performances em vídeo, dentro do processo de transição, na plataforma do YouTube.

Surgido em 2005 como um largo “repositório de vídeos” que acompanhava a explosão dos conteúdos em vídeo lançados na internet (uma explosão intimamente ligada à crescente difusão de conteúdo gerado por não profissionais), o YouTube também pode ser descrito, dentro desse novo universo de *media*, como um site de cultura participativa (Burgess e Green, 2009) e como uma plataforma direcionada à expressão pessoal (Grossman, 2006b). Segundo estatísticas do próprio site, o YouTube se estabelece em 23 países que acumulam 43 idiomas, com uma média de 48 horas de vídeo enviadas por minuto<sup>1</sup>. São três bilhões de vídeos vistos por dia, com as reproduções de vídeo no site tendo alcançado a marca de 700 bilhões em 2011. Por conseguinte, podemos afirmar que o YouTube é, hoje, o maior repositório de vídeos na internet. Se tais estatísticas já seriam suficientes para torná-lo a fonte por excelência de nossa pesquisa, é, sobretudo, o modo de utilização do espaço pelos seus usuários que o torna exemplar para nossos propósitos de investigação.

Em seus *vlogs* ou “canais pessoais”, os trans imersos no processo de transição apresentam suas histórias, relatam suas vivências, compartilham, em tom confessional, suas angústias e momentos de felicidade, contam seus planos e suas motivações, mostram suas mudanças e transformações corporais. Suas narrativas versam sobre episódios discriminatórios, descoberta e uso de acessórios, namoros, paqueras e amigos, viagens, empregos, estudos e trabalhos. Portanto, esta ferramenta se configura como um espaço no qual o usuário compartilha com outros a sua vida cotidiana através de um relato biográfico informal e constante, com uma regularidade escolhida por cada sujeito. Ao pesquisador é possível observar, em parte, as transformações corporais operadas em cada momento, como elas são significadas ou mesmo desejadas e planejadas, como o sujeito atribui sentido e opera na

---

1 Com base em estatística, divulgada pelo site, que indica mais de 13 milhões de horas de vídeo enviadas em 2010. Disponível em: <[http://www.youtube.com/t/press\\_statistics](http://www.youtube.com/t/press_statistics)> Acessado em: <25 de julho de 2011>.

sua realidade social. Também é possível perceber que a sua performance se apresenta diversa e em transformação a cada novo quadro imagético, em uma mudança articulada à identidade e ao gênero do sujeito em ação dentro de um determinado contexto, engajado em uma dinâmica que contribui para o processo de constituição do *self*.

Para responder ao problema de pesquisa deste trabalho – qual seja, como os sujeitos trans conseguem, no processo de transição, lidar com as mudanças experienciadas e construir um senso de *self*? –, a argumentação volta-se inicialmente para a apresentação de um *background* teórico-crítico. Este quadro de referência auxiliará no entendimento da singularidade do universo dos *vlogs*, bem como na investigação dos fatores socioculturais contextuais que influenciam a produção e a compreensão de sexo e gênero durante o processo de transição, tal como manifestas nas narrativas individuais. Ao se analisar as práticas de *media*, as novas formas de interação e de exposição através das referidas plataformas e ferramentas tecnológicas, discutir-se-á a influência dessas na produção de novas identidades, sobretudo a partir da interligação entre os espaços físicos/sensíveis e os espaços virtuais, entendendo-se a experiência vivida como experiência mediada. Sendo assim, interrogar-se-á sobre a relação entre a constituição de memória e a constituição da identidade no interior dos *vlogs*, tentando-se perceber ainda o surgimento de outras interligações entre o individual e o coletivo.

Por conseguinte, a partir das tensões entre masculinidade e feminilidade ressaltadas na experiência transexual, discutir-se-á os processos de identificação, buscando-se estabelecer uma relação entre corpo, materialidade, performance, narrativa e sociedade na constituição do *self*. Um destaque analítico especial será conferido à influência dos processos interativos ou, em termos mais específicos, à relação entre os sujeitos produtores e sua audiência dentro do universo dos *vlogs*. Deste modo, através das narrativas individuais, serão discutidas a persistência ou mudança de uma identidade de gênero durante o processo de transição e a possibilidade de uma identidade trans. A problematização da identidade remete às transformações corporais, à construção e percepção do corpo – por si mesmo e pelo outro. Nesse sentido, cabe averiguar se o corpo transexual é produzido,

unicamente, sob os códigos de uma heterossexualidade compulsória ou se, na prática social, é capaz de questioná-los. Entre músculos, curvas e contextos, tentar-se-á compreender se o corpo é esse que se deseja, se conquista; e em que medida ele contribui para o reconhecimento do “eu”. Com vistas à compreensão desse sujeito heteróclito<sup>2</sup>, de como ele se constitui e das mudanças que experimenta durante o período da transição, a análise das autonarrativas e das performances dos sujeitos apresentadas nos *vlogs* surge como elemento basilar e condutor dessa discussão.

No primeiro capítulo, intitulado “Origem do problema e caminho metodológico”, opta-se, primeiramente, por retomar um pouco do histórico de conceitos sobre gênero, sexo, identidade, transexualidade, *self* e performatividade, com o objetivo de prover uma base conceitual para as discussões que se seguem ao longo de todo o trabalho. Em seguida, começando a traçar o caminho metodológico, discutir-se-á a plataforma do YouTube, bem como as diferenças entre os diários virtuais em *blog* e em *vlog*, discussão seguida pela introdução do conceito de “prática de *media*”. Após introduzir o espaço de pesquisa, o trabalho procura explicar a singularidade dos dados, a delimitação e origem dos casos, bem como a forma de análise.

Discutir-se-á, no capítulo dois, a relação entre sujeito e práticas de confissão: estabelecendo uma relação entre confissões orais, escritas e os novos modelos de comunicação, o capítulo desenvolve a noção de tecnologias de *self* (Foucault, 1993). Com a introdução do universo dos novos *media*, novos espaços de narrativa de si surgem graças à utilização de novos recursos tecnológicos e à correlativa possibilidade de novas práticas de confissão. Dentro dessas novas práticas de confissão, discutir-se-á a emergência dos *vlogs* e seu impacto no surgimento de uma nova experiência narrativa. Com a emergência destes novos relatos autobiográficos na internet, a produção, o armazenamento e o compartilhamento de memória ganham novos contornos, os quais influenciam o processo de significação da experiência rememorada através do diálogo que a memória tecnologicamente

---

2 Segundo definição do Dicionário Houaiss, “heteróclito” significa: *que se afasta, que se desvia das regras, das normas estabelecidas.*

objetivada estabelece entre o individual e o coletivo. Desta forma, chega-se aos questionamentos sobre que tipo de memória é produzida – e reproduzida – nos *vlogs* e sobre qual seria a relação existente entre a memória e os processos de identificação (individual e/ou coletiva) do sujeito. Sobre a relação entre memória e *media*, procura-se, então, desvendar os laços entre experiência vivida e experiência mediada através da compreensão da produção de memória via *vlog*, situando-se essas discussões dentro de um universo que transforma os conceitos de tempo e espaço e introduz novas formas de prática social.

O capítulo 3 problematiza a categorização binária de sexo e gênero, procurando discutir a influência do poder normativo nos processos de identificação derivados das práticas. A partir deste momento, compreendendo a prática de *vlogging*, questionar-se-á sobre a possibilidade de se pensar em identificações contextuais durante a transição e sobre como os relatos feitos em *vlog* influenciam este processo, sobretudo quando se pensa a relação entre a narrativa, os aparatos tecnológicos, o corpo, a performance e a produção de si. Os exemplos de transição trazidos no capítulo interrogam a existência de um modelo de identificação trans, um modelo de transição difundido no YouTube, que é capaz de questionar a própria concepção do que vem a ser trans. Assim, será debatida a existência de um padrão de transição e de um conceito sobre o que é ser trans compartilhado no YouTube, observando-se o impacto disto sobre os sujeitos de pesquisa.

No capítulo 4, serão questionados os pressupostos a respeito do que é um corpo “trans”, “como” se forma e “para quem” se forma esse corpo. Em seguida, compreendendo-se que as ações individuais são moldadas por práticas sociais e pelas normas que estas incorporam, interrogar-se-á a atuação do corpo na prática contínua. Com ênfase na análise de suas práticas narrativas, procurar-se-á entender como se dá a influência da norma na produção dos corpos dentro do contexto do *vlogging* e como os trans *vloggers* desenvolvem suas habilidades performativas. Dentro dessa nova dimensão interativa que é o *vlog*, será discutido, também, como o olhar do outro pode influenciar o entendimento do corpo em transição dos trans *vloggers* e, por conseguinte, como eles próprios se relacionam com seus corpos em transição. Ao estabelecer uma relação entre corpo e performance, tentar-se-á

realizar uma análise de como a agência do corpo manifesta-se no seu processo de construção.

No capítulo 5, com as tentativas de compreender os trans *vlogs* presentes na plataforma do YouTube, sociologicamente situadas no universo maior dos novos *media*, o foco se dirige ao surgimento de outras rotas de sociabilidade, constituídas por elementos tecnológicos que lançam a constituição do *self* em rede. Os *vlogs* apresentam-se, então, como uma via possível na construção e percepção de um *self* agente. Sendo o autorrelato primordial nesses espaços, questiona-se como a dimensão narrativa atua na constituição do sujeito em transição. Correlacionada à performance corporal, a narrativa, dentro do contexto interativo, possibilita o surgimento de sentidos provisórios e precários do *self*, situando a agência na capacidade de refletir e interromper o ciclo normativo. A partir desta discussão, na qual os sujeitos estão ativamente em conflito, (re)negociando valores culturais e produzindo criativamente novas formas individuais/coletivas de identificação, procuraremos estabelecer uma espécie de síntese, mostrando, através das narrativas desenvolvidas durante o processo de transição relatado em vídeo, as estratégias utilizadas pelos sujeitos transexuais que são capazes de auxiliar nas transformações experienciadas, procurando discutir que performatividade atua na constituição do *self*.



# 1. Origem do Problema e Caminho Metodológico

## 1.1. Transanálises

Se, no meio acadêmico, há diversas formas de análise, na vida cotidiana é o diagnóstico dado pela medicina que se sobrepõe, com hegemonia quase indiscutida, à experiência do sujeito. O *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders* (DSM), em sua quinta edição (DSM-V), ao abordar a agora chamada “Disforia de gênero” para estabelecer um diagnóstico psiquiátrico, centra sua análise numa “incongruência marcante entre a própria experiência/expressão de gênero e o gênero atribuído” (DSM-V, 2013: 452) ao sujeito. O DSM-V liga essa compreensão diretamente ao incômodo do sujeito com as características sexuais primárias e/ou secundárias atribuídas ao seu sexo biológico. Remete, desta forma, ao entendimento de que este sujeito teria, prioritariamente, uma identificação ideal com um gênero diferente do seu sexo, nutrindo um repúdio ao próprio corpo e revelando, a seguir, uma necessidade urgente de realizar algum tipo de procedimento, seja ele hormonal ou cirúrgico, para alcançar um patamar de pós-transição. Todavia, com o desenvolvimento da tecnologia, dos canais de comunicação

e do acesso à informação, é possível aceder à experiência dos sujeitos trans sem rotulá-los previamente por configurações médicas institucionalizadas. Em um vídeo chamado “*Trans\* Enough Project*”<sup>3</sup>, publicado por Mark em 03 de fevereiro de 2012<sup>4</sup>, um dos sujeitos falantes, por exemplo, se identifica como transexual masculino e diz, contrariando um entendimento hegemônico, que nunca odiou nenhuma parte do seu corpo e que não deseja ser masculino ou feminino<sup>5</sup>. Quando o fenômeno trans é compreendido como uma incoerência entre sexo e gênero, são mantidas as hierarquias sociais e, conseqüentemente, a concepção binária que oferece ao sujeito somente a possibilidade de ter um único sexo e gênero inteligível, consistente e aceitável. O fenômeno trans, na prática, vai além da sua compreensão institucional, além das perspectivas que o veem associado diretamente à cirurgia de redesignação sexual (CRS), e coloca em destaque a necessidade de reavaliar a compreensão e constituição das categorias de gênero, sexo, corpo e identidade.

Diversos estudos sobre trans/gêneros/sexuais têm apontado nessa direção. A maioria deles parte da análise dos corpos de transexuais femininos (Serano, 2007; Pinto e Bruns, 2003), da necessidade de despatologização da transexualidade (Bento, 2006; Arán et al. 2008), da invisibilidade social e dos modos de inserção sociocultural vivenciados pelas transexualidades (Namaste, 2000; 2005), da questão da normatização ou subversão da matriz heretenormativa (Califia, 1997; Arán, 2006), da identidade (Hines, 2007) e das narrativas corporais (Prosser, 1998). Mas, ao trabalharem estes temas, tais estudos raramente levam em conta o sujeito transexual masculino (Halberstam, 1994,1998a,1998b; Halberstam e Hale, 1998) ou realizam um diálogo entre ambos (Califia, 1997; Prosser, 1998; Hines, 2007). Pinto e Bruns (2003), a partir de entrevistas com quatorze transexuais femininas, buscam uma compreensão abrangente do fenômeno da transexualidade e, através de incursões históricas, acabam produzindo uma categorização

---

3 Tradução livre: “Projeto Trans\* o bastante”.

4 Ver vídeo 1 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo I em Rojas (2015)

5 Tradução livre. Texto transcrito: “I never hated any part of my body. [...] The thing is: I don’t want to be male. I don’t want to be female”.

universal. Já Serano (2007) parte de sua autonarrativa trans feminista, calçada na crença de que as mulheres trans são aliadas na luta contra a desigualdade de gênero, e procura desmistificar estereótipos baseados em uma compreensão cisgênero<sup>6</sup>, defendendo a livre escolha do gênero e a não coerção. Arán et al. (2008) defendem a não associação definitiva entre a transexualidade e o diagnóstico psiquiátrico, enquanto Bento (2006) questiona diretamente a legitimidade da biomedicina, afirmando que esta ciência transforma o transexual em uma cópia patologizada de seres heterossexuais, coerentes com a matriz dominante. Para Namaste (2000), a medicina e a psiquiatria também são responsáveis por tornar sujeitos transgêneros invisíveis, assim como os contextos institucionais, políticos e culturais mais amplos também o são. Estes discursos, segundo Namaste (2000), não são capazes de mostrar como os sujeitos trans se situam no mundo cotidiano, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade (e.g. indivíduos que sofrem de alcoolismo, profissionais do sexo). Califa (1997), com a análise de perspectivas das transexuais femininas (MTFs) e dos transexuais masculinos (FTMs)<sup>7</sup>, traz para a discussão a possibilidade de uma existência exterior à norma, capaz de questionar o sistema dualista de gênero. Hines (2007), por sua vez, debate a compreensão do termo “transgênero” em relação com as identidades e práticas transexuais, bem como articulado a uma variedade de outras “posições (trans) de gênero”. Dessa forma, Hines explora as práticas de identificação transgênero a partir de uma análise centrada na teoria *queer*. Prosser (1998), por seu turno, investigando autobiografias trans, procura compreender a transexualidade a partir, primordialmente, da narrativa corporal, da história de corpos em transição, realizando assim uma crítica ao entendimento advindo da teoria *queer*, a qual prioriza o sujeito transgênero como aquele que ultrapassa as barreiras de gênero.

A tentativa deste trabalho é compreender os processos de identificação e constituição do *self* através de uma análise das experiências de sujeitos

---

6 “Cisgênero” é uma categoria usada pelos movimentos sociais para designar a pessoa que se identifica com o gênero atribuído a ela no momento do nascimento.

7 As siglas MTF (*Male to female*) e FTM (*Female to male*) são frequentemente usadas pelos usuários da plataforma do YouTube.

trans, sejam eles masculinos ou femininos, dentro de uma plataforma capaz de permitir o questionamento de discursos de poder através de um compartilhamento mais horizontal das trajetórias de transição. Nesta tentativa, ver-se-á a atuação das práticas performativas para além dos dualismos, como práticas de questionamento e não tão somente de resistência ou conformidade.

## **1.2. (Des)integração do gênero**

Dentro do universo da transexualidade, pode-se ver, inicialmente, perspectivas fincadas em um determinismo biológico, seguidas do surgimento posterior de uma terminologia de gênero que diferenciava o social e o biológico. Hirschfeld (1910/1991), no seu estudo sobre travestismo – e transexualidade masculina, nos termos médicos de hoje –, procurou despatologizar o que chamou de travestismo e dissociar esta categoria do fenômeno da homossexualidade. Ele considerou sexo, masculinidade e feminilidade como realidades biológicas que deveriam ser reproduzidas dentro do contexto social e do Direito. Nessa perspectiva, a possibilidade de mudança do status sexual estaria concentrada na natureza fisiológica do corpo, onde apenas o órgão sexual precisaria ser alterado por não acompanhar as demais características orgânicas. Benjamin (1966) trouxe para a discussão a existência de um sexo psicológico em discordância com um sexo físico saudável que se tornaria responsável, em alguns casos, por determinar o sexo social do indivíduo. Tal dissonância entre corpo e mente geraria uma condição patológica, fazendo com que o indivíduo apenas encontrasse o seu lugar no mundo através de uma modificação corporal capaz de permitir a ele a vivência de uma coerência entre sexo e gênero expressa na carne e na mente.

O psiquiatra e psicanalista Robert Stoller (1968), no seu estudo sobre transexualidade, defendeu que o transexual seria alguém “preso em um corpo errado”, vivendo uma experiência onde sexo e gênero não coincidiam. Na tentativa de explicar esse fenômeno, o autor realiza a dissociação entre sexo e gênero, remetendo o primeiro à esfera biológica e o segundo aos traços comportamentais de feminino e/ou masculino exibidos pelo

sujeito. Nessa esteira, Stoller (1968) compreendeu o sexo como fisicamente determinado por: cromossomos, genitália externa e interna, gônadas, hormônios e características sexuais secundárias. O autor destacou a terminologia de gênero como pertencente à esfera psicológica e cultural; entretanto, manteve uma relação correspondente entre sexo (macho / fêmea) e gênero (masculino/feminino). Por conseguinte, defendeu a identidade de gênero como um conhecimento consciente ou inconsciente de que se pertence a um sexo ou a outro. A identidade de gênero seria concernente à esfera subjetiva ou psicológica, permitindo fantasias e arranjos entre as categorias de macho/fêmea – feminino/masculino (p.ex.: homens afeminados). Para Stoller, a noção de papel de gênero refere-se ao comportamento manifesto socialmente, como mecanismo firmador de uma posição social. A coerência entre sexo biológico, identidade de gênero e papel de gênero somente se manifestaria, acordadamente, em pessoas normais, abrindo espaço para ocorrência de patologias de ordem psicosssexual – no caso exemplar, a transexualidade.

Contemporâneo de Stoller, o fundador da etnometodologia Harold Garfinkel (1967), como teórico da interação social, discutiu a construção social da concepção binária do sistema sexo/gênero e ressaltou a natureza convencional, imposta socialmente, dos papéis de gênero. Dentro desta perspectiva, pode-se vislumbrar uma natureza *performativa* da identidade de gênero, ligada ao fato de que os corpos reproduzem, de formas diferentes, os valores, comportamentos e aparências difundidos socialmente. Sendo assim, defendeu-se que, na interação, os indivíduos construíam seu senso de realidade, e era dentro deste senso que o gênero (embora não o sexo) deveria ser interpretado e compreendido. Enfatizou-se, assim, o gênero como uma construção, um processo social interativo, no qual o corpo precisa estar atento aos sinais sociais para desenvolver papéis de feminino e masculino coletivamente inteligíveis de acordo com as normas compartilhadas.

Mais tarde, Money e Ehrhardt (1972: 300-301) retomaram a distinção entre sexo e gênero, mas considerando a identidade de gênero como uma experiência privada do papel de gênero. Como exemplo de perspectiva fundada em bases dicotômicas, o argumento de Money e Ehrhardt (1972) ressoou, durante muito tempo, entre vários pesquisadores, difundindo e

sustentando visões dualistas e conservadoras. Money e Ehrhardt defenderam que os órgãos genitais (o lugar do sexo) eram naturalmente dimórficos e relegaram ao gênero uma parcela de construção social, enfatizando o caráter privado da identidade. Dessa forma, os autores viram os casos de intersexo como devendo e podendo ser alterados, com sucesso, através de cirurgia. Nesta perspectiva, o gênero estaria atrelado à existência natural ou humanamente construída do órgão sexual. Se o sexo era dicotômico, o gênero, para Money e Ehrhardt (1972), também deveria ser necessariamente dicotômico, segundo uma relação de dependência entre o gênero e o órgão sexual – naturalmente ou cirurgicamente construído – do sujeito.

Esta concepção trouxe traços de uma visão interacionista do paradigma de identidade de gênero (Haraway, 2004), mas delegou aos médicos e aos psicólogos a insígnia de autoridade legítima para definir a relação entre gênero e sexo como normal ou patológica. Em meados da década de 1970, começou-se a pensar o gênero (papéis, aparências e características) como socialmente definido e culturalmente variado, embora o sexo continuasse relegado ao domínio da natureza (Kessler e McKenna, 2000). Um exemplo desse tipo de determinismo biológico, onde as diferenças comportamentais e psicológicas entre homens e mulheres tinham como causa a biologia, aparece na obra de Raymond (1979) ao final dos anos 70, obra que ainda sustentava uma codependência entre sexo e gênero e via o gênero como uma expressão coerente do sexo biológico. Seu argumento centrou-se na defesa de um sexo cromossômico imutável, base fundamental garantidora da masculinidade e da feminilidade. Desse modo, nesta abordagem, inexistia a possibilidade de transição transexual bem sucedida (p.ex.: uma transexual feminina não pode vir a ser considerada uma mulher “real”). Centrada no material da estrutura sexual “binária” da biologia humana, na argumentação de Raymond vê-se a impossibilidade de um ajustamento entre identidade pessoal e identidade social. Segundo a autora, cada órgão sexual gera reações diferentes o suficiente para eliminar semelhanças entre homens e mulheres. Sendo assim, há em sua fala uma identidade que se funda, também, no material do corpo como elemento de distinção, dirigindo experiências, constituindo ação e pensamento. Tal perspectiva se torna evidente na citação a seguir:

Sabemos que somos mulheres que nascemos com cromossomos e anatomia femininos, e que, tenhamos ou não sido socializadas para sermos consideradas "mulheres normais", o patriarcado nos tratou e nos trata como mulheres. Os transexuais não tiveram a mesma história. Nenhum homem pode ter história de ter nascido e se colocado nessa cultura como mulher. Ele pode ter história de ter desejado ser mulher e de ter agido como mulher, mas essa experiência de gênero é própria a um transexual, não a uma mulher (Ibid.:114).

As teorias do sistema sexo/gênero destacaram a dimensão cultural do gênero, mas mantiveram, em sua grande maioria, as categorias binárias de masculino/feminino e homossexual/heterossexual (Swain, 2001). Em 1975, com o texto *"The Traffic in Women: notes on the 'political economy' of sex"*, Gayle Rubin tentou compreender os efeitos das estruturas de gênero na construção das identidades individuais e definiu o sistema sexo/gênero como "um conjunto de arranjos através dos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana"<sup>8</sup> (1975:159). Nessa perspectiva, as relações de gênero não resultam simplesmente da existência de dois sexos, mas sim do sistema sexo/gênero, no qual são particularmente importantes as relações de poder. Neste sentido, o trabalho de Rubin começa a abrir espaço para o questionamento da própria categoria de sexo biológico. Assim, pouco depois Monique Wittig (1976) afirmou que a diferença de sexo era construída, que homens e mulheres não eram fatos naturais, mas categorias políticas, procurando estabelecer uma perspectiva para além da dicotomia de gênero. Para Wittig (1981), como resultado de forças políticas/ideológicas, os corpos e mentes dos sujeitos foram obrigados a corresponder, característica por característica, a uma ideia historicamente construída (mas não reconhecida enquanto tal) de natureza. No texto *"Of Catamites and Kings: Reflections on Butch, Gender and Boundaries"*

---

8 Tradução livre. Texto original: "Set of arrangements by which a society transforms biological sexuality into products of human activity".

(1992), Rubin, já percebendo a insuficiência da relação dicotômica homem/mulher, feminino/masculino, chamou atenção para a necessidade de que a comunidade lésbica tolerasse a presença dos transexuais masculinos, e afirmou que categorias como mulher, homem, *butch*, lésbica e transexual eram arbitrárias, temporárias e imperfeitas. Com isto, ela destacou a importância da diversidade e das ditas “anomalias”, no lugar de uma defesa de classificações puras e fronteiras impenetráveis (Ibid.:482).

Sob a influência do pós-estruturalismo, sobretudo de Michel Foucault e Jacques Derrida, Joan Scott (1986) e Judith Butler (1986, 1998) elevaram o tom das críticas ao sistema sexo- gênero. Scott (1986) colocou o gênero como sendo constituído por uma diversidade de fatores. Na sua concepção, as diferenças entre os sexos eram transformadas em oposição binária de dois gêneros através da atuação dos símbolos culturais, dos conceitos normativos, da política e da identidade subjetiva. Sendo assim, o gênero seria uma forma primária de significar as relações de poder, ou ainda, um lugar por meio do qual o poder se articula (Ibid.:1069). O gênero passa a ter, então, o seu significado construído através da linguagem, se apresentando como produção discursiva inscrita em uma rede complexa de relações de poder (Scott, 1986; 1987).

No texto “*Variations on Sex and Gender: Beauvoir, Wittig, and Foucault*” publicado em 1986, Butler analisou o gênero como uma representação cotidianamente experienciada e mantida através de práticas que possibilitariam a sua existência e transformação de modo contínuo, em diferentes tempos e espaços. Segundo a autora:

A origem do gênero não é temporalmente distinta precisamente porque o gênero não é originado, de repente, em algum ponto no tempo após o qual é fixado em forma. Num sentido importante, o gênero não tem uma origem rastreável porque é, em si, uma atividade originária que ocorre incessantemente. Não mais entendido como um produto cultural e de relações psíquicas vindas de um passado distante, o gênero é uma forma contemporânea de organização de normas culturais passadas e futuras, uma maneira de situar-se em e através

destas normas, um estilo ativo de viver o corpo no mundo”  
(Butler, 1986:507).<sup>9</sup>

A crítica de Butler, ao radicalizar as intuições de autoras como Rubin e Wittig, passa a incidir também sobre o sexo e não apenas sobre o gênero. Para Butler (1990) o sexo/corpo, assim como o gênero, deve ser entendido como uma construção cultural, como produto discursivo, “não tendo o corpo existência significável anterior à marca do seu gênero” (Butler, 2003: 27). A análise discursiva do gênero define antecipadamente os limites e possibilidades imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Nesta perspectiva, calcada em uma matriz heteronormativa, as categorias binárias representam a linguagem da racionalidade universal (Ibid.: 28). Butler (1990; 1993) propõe, então, a existência do gênero como um ato performativo, como um tipo de imitação que se passaria como real repetidamente, ou ainda, como um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora inflexível que se cristalizaria no tempo, produzindo assim a aparência de substância real ou natural. O gênero seria um aparato, uma matriz de inteligibilidade cultural; não obstante, assim como o sexo biológico, ele não seria recipiente passivo de uma cultura dominante inquestionável e imponente. Através da análise da performance da *drag*, Butler (1990: 137) revelou a estrutura imitativa do gênero e trouxe o gênero para a esfera performativa, vendo a performance como um elemento capaz de subverter as normas de gênero existentes.

Em 2001, com o texto “*Doing Justice to someone: Sex reassignment and allegories of transsexuality*”, a autora fez uma releitura do caso David Reimer<sup>10</sup>,

---

9 Tradução livre. Texto original: “The origin of gender is not temporally discrete precisely because gender is not suddenly originated at some point in time after which it is fixed in form. In an important sense, gender is not traceable to a definable origin because it is itself an originating activity incessantly taking place. No longer understood as a product of cultural and psychic relations long past, gender is a contemporary way of organizing past and future cultural norms, a way of situating oneself in and through these norms, an active style of living one’s body in the world.”

10 Aos oito meses de idade, David teve seu pênis irreparavelmente danificado em um acidente durante sua operação de circuncisão, da qual escapou seu irmão gêmeo Brian. Seus pais, seguindo o conselho de John Money, foram persuadidos a criar a criança como uma menina.

anteriormente estudado por Money (1972). Butler (2001/2006:183) inicia sua discussão colocando a regulamentação como central, como um poder que determina as normas, as práticas, os modos de ser e de verdade que regem a inteligibilidade. Os critérios pelos quais se entende e se reconhece o ser humano como pertencente a um determinado gênero se aliam à compreensão dos modos de ser negociados com as instituições de poder legítimas e dependem das formas de atuação do sentimento, do desejo e do corpo do sujeito. O caso David Reimer foi inicialmente utilizado pela mídia como um exemplo de que o feminino e o masculino poderiam ser alterados; portanto, como um reconhecimento de sua constituição cultural para além da fixidez biológica. Através das discussões levantadas na época, percebe-se que o corpo de David torna-se referência para uma narrativa que não é sobre esse corpo, mas que se apodera do corpo, na tentativa de conceber uma narrativa que questiona os limites do dito humano. Existe um esforço para tornar o corpo de David inteligível, através de meios narrativos, mas algo permanece fora da narrativa, persistindo o inconcebível. Butler (Ibid.:188) procurou enfatizar o enquadramento disciplinar no qual David desenvolveu um discurso de autorrelato e autocompreensão dentro de uma inteligibilidade na qual sua própria humanidade foi questionada e declarada. David se posiciona como conhecedor das normas, mas não se coloca de acordo com o que elas requerem. Ele está entre a norma e o seu fracasso, tornando possível discutir como as normas circunscrevem o humano de modos diversos, sendo inominável dentro do limite da inteligibilidade compartilhada. A análise de Butler (2003), sem negar a materialidade do corpo, postula o sexo não como natural, mas como discursivo e cultural, como um ato performativo de dominação e coerção, tal qual o gênero. A autora foca o poder heteronormativo e sua influência na construção das concepções de corpo, sexo e gênero, limitando a compreensão de transexualidade a uma

---

Money acompanhou os irmãos durante quinze anos e escreveu sobre o caso de David, tomando-o como exemplo da sua teoria que afirmava o gênero enquanto construção social e não biológica. Entretanto, Milton Diamond, eventualmente, mostrou que a verdade sobre o caso de David era outra. Embora tenha sido criado, depois do acidente, como uma mulher, David nunca se comportou enquanto uma e, posteriormente, reivindicou a sua masculinidade, submeteu-se a uma terapia hormonal e realizou a cirurgia de redesignação sexual.

concepção alegórica, na qual o corpo, tido como não-inteligível, torna-se um ponto de referência para uma narrativa que não é sobre ele, mas se apodera do mesmo, para inaugurar uma narrativa que questiona os limites do que é inteligível (2001/2006: 187). Neste sentido há através da narrativa, dentro do processo de repetição, a possibilidade de tornar o inteligível, alegoricamente inteligível, mesmo que ainda haja a persistência de uma não inteligibilidade. O processo literalizado pela alegoria é o que resiste à narração, precisamente o que excede a habilidade para narrar inteligivelmente os eventos (1997:106). Com isto, têm-se lançadas as bases para se discutir, mais adiante, a existência das diversas formas de identificação e constituição do *self*.

Diante dos debates desenvolvidos sob a influência dos estudos pós-estruturalistas, Connell, com a publicação do livro *“Gender: In a World Perspective”* (2002), centra-se na discussão do dimorfismo sexual, problematizando as diferenças materiais entre os corpos, juntamente com a compreensão cultural e organização social gerada em torno desta distinção. Para Connell (2002:10), também não há base biológica para o processo social do gênero, devendo-se observar como a sociedade lida com processos reprodutivos, com as diferenças entre os corpos, e como eles são trazidos para as práticas sociais. Desta forma, o gênero também não é, para ela, um mecanismo natural, mas teria, no corpo, um lugar onde os efeitos sociais e culturais acontecem, se produzem e se reproduzem. Enquanto macho e fêmea podem ser compreendidos como regularidades biológicas, “homem” e “mulher”, ou qualquer outra categorização dada por uma sociedade, não são nada mais do que categorias significadas de acordo com as conjunturas nas quais estão inseridas. Entretanto, é preciso problematizar esta perspectiva, observando-se que a diferença sexual por si só, por exemplo, não é “causa” suficiente na produção de uma identidade de gênero, tornando necessário, antes, compreender como a expressão performativa do gênero no corpo é significada no social pelo indivíduo inserido no mundo. Connell (2012) ressalta que talvez o ponto mais importante nas discussões de gênero, dentro da ciência social, seja o vínculo entre a historicidade da estrutura de gênero e a natureza da prática de gênero. Segundo ela, entretanto, tratar o gênero como performativo e citacional não é suficiente (Ibid.: 866); ela também

ênfatiza a corporalidade e assim se afasta da concepção butleriana. A prática começa a partir da estrutura, mas não cita repetidamente seu ponto de partida. Pelo contrário, a prática social traz continuamente a realidade social à existência, e essa realidade social torna-se o fundamento da nova prática, ao longo do tempo.

Embora, ao longo dos anos, a defesa de concepções não substancialistas das categorias de sexo e gênero venha se desenvolvendo, a maioria das argumentações ainda esbarra na ilusão de uma diferença simétrica binária, mesmo deixando escapar vias para se pensar a transformação. Dentro de um contexto digital, nos relatos autobiográficos do processo de transição, a utilização desta base de categorização binária é aparentemente questionada na experiência *trans*, sobretudo quando se vê a busca cotidiana por novas formas de identificação que desafiam a incompatibilidade e isolamento mútuo destas categorias. Neste processo, o surgimento de novas construções de *self* se apresenta, viabilizando novas possibilidades de “ser” no cotidiano da prática social, desafiando a coerência, exigida pela heteronormatividade, entre sexo-gênero-prática sexual e desejo, bem como questionando sua significação normativa e complexificando os limites do corpo visualizados nas expressões de gênero.

### **1.3. Atos de identificação e prática performativa**

As discussões em volta do conceito de identidade têm espaço desde o surgimento do Iluminismo. Ao trazer a razão como uma de suas principais características, o movimento, ao tentar romper com uma visão teocrática, apresentou um sujeito centrado, unificado, dotado de consciência e núcleo interior estável, idêntico, do nascimento até o fim de sua existência. Este núcleo interior único e contínuo era compreendido como identidade pessoal, remontando a um viés de compreensão essencialista. Com o advento da modernidade, o indivíduo se liberta dos apoios estáveis da tradição e da estrutura (Hall, 2002: 25). Neste período, o princípio da subjetividade surge e se consolida atado ao domínio da racionalidade, deslocando Deus e colocando o homem no centro do conhecimento, inclusive de si mesmo, em

um processo cultural filosoficamente expresso na afirmação de Descartes (2000:62): “Penso, logo existo”. Ao longo do tempo, as sociedades modernas foram se tornando mais complexas, adquirindo um caráter mais coletivo e social, colocando o indivíduo dentro das grandes estruturas e instituições formadoras desta sociedade (Hall, 2002:29-30). A partir de Hall, pode-se ver que, neste ínterim, as compreensões de sujeito e identidade sofrem diversas mudanças.

Freud (1911;1914/1999), por exemplo, introduz os processos simbólicos do inconsciente, negando a autotransparência do sujeito ao afirmar que o Ego não é senhor em sua própria casa. Em seu “*Curso de Linguística Geral*”, Saussure (1916/2006) afirmou que a língua era um sistema social e não individual, situada no tempo e relacionada a uma herança histórica (Ibid.: 85-88). Dentro desta perspectiva, o signo tem característica arbitrária, deslocando, constantemente, a relação entre significado e significante (Ibid.: 89). Derrida (1981) diz, influenciado por Saussure, que o significado é inerentemente instável, impossibilitando a criação e o fechamento de identidades fixas. Anteriormente, neste combate à existência de uma essência universal, Marx (1968; 1978; 1983), apoiando-se em Hegel, chamou atenção para a influência das condições históricas na atuação e constituição dos sujeitos que, ao se defrontarem consigo, defrontam-se também com outros seres humanos. Desta forma, Marx forjou uma constituição de identidade que se fundou na compreensão do movimento histórico, na dinâmica de processos sociais, abandonando o centro de uma lógica individual para se inserir dentro do coletivo.

A partir da década de 60, grande parte dos estudos da identidade utilizou uma perspectiva de investigação focada nas interações sociais, na possibilidade de construção das identidades dentro de um processo interativo – embora isto já estivesse presente em Hegel e alguns românticos. Para Foucault, o indivíduo, a constituição do *self*, também devem ser vistos dentro do contexto histórico. Em “*A História da Sexualidade*” (1979a) e “*Vigiar e Punir*” (1979b), Foucault vê as identidades modernas como produto dos regimes históricos de disciplina que moldam a subjetividade, que definem e articulam quem somos através dos limites fixados entre o normal e o desviante, sobretudo por meio do desenvolvimento de instituições reguladoras

da sociedade moderna, como quartéis, escolas, prisões e hospitais. A identidade, nesta abordagem, se relaciona a classificações normalizadoras dentro do social, onde a constituição do *self* está ligada à sedimentação da normalização e aos regimes de poder coercitivos. O indivíduo moderno é produzido através de disciplinas pelas quais ele é descrito, julgado, medido, comparado, e deve ser treinado, corrigido, classificado, normalizado ou excluído (Ibid.: 191). Foucault (1980a), na leitura que faz da história de Herculine Barbin, introduz o conceito de identidade de gênero como sendo um princípio estritamente cultural de ordem e hierarquia, uma ficção regulatória.

Com o avanço tecnológico e o surgimento de um contexto histórico marcado por inúmeras mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas, presenciou-se o surgimento de uma sociedade da informação, do conhecimento, das comunicações globais e da cibernética, uma sociedade cujas propriedades dinâmicas colocaram o conceito de identidade ainda mais em debate. Segundo Hall (2002:75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

A partir dessas discussões, a identidade deve ser entendida como resultado de uma articulação ou “fixação” temporária do sujeito ao fluxo discursivo por meio da “citationalidade”<sup>11</sup>, nos termos propostos por Derrida (1998) - ou seja, a identidade teria um caráter provisório que Hall (2000) busca designar através do conceito mais processual de “identificação”. Sendo assim, existiria uma fixação temporária da identidade de acordo com a contingência da experiência, auxiliando na atuação dos movimentos, na

---

11 De forma simplificada, a citationalidade seria a propriedade que o signo tem de poder ser retirado do contexto no qual foi gerado e citado em outro contexto para produzir significado. Ver Derrida (1998).

demarcação do “eu” e do “outro”. A velocidade das transformações e a coexistência interativa de orientações culturais diversas, ambas propiciadas pela globalização, dão ensejo a identidades múltiplas, fluídas, temporárias - e a identidade de gênero não se furtou a estas características.

A ideia de identidades múltiplas abriu espaços para se pensar em performances que não se encaixam na lógica heteronormativa. Na teoria *Queer*, onde o contexto social é interpretado e criticado como um texto, na tentativa de contestar as hierarquias dominantes (Seidman,1995:125), procurou-se expor os limites do sistema binário, mostrando-se a instabilidade das categorias de gênero e sexo ou mesmo a falta de substância destas categorias. Diana Fuss (1989:103), ao propor identidade como diferença, explica:

A desconstrução desloca a compreensão da identidade como autopresença e oferece, em vez disso, uma visão da identidade como diferença. Na medida em que a identidade sempre contém o espectro da não identidade dentro dela, o sujeito está sempre dividido, e a identidade é sempre comprada ao preço da exclusão do outro, à repressão ou ao repúdio da não identidade.<sup>12</sup>

Sendo assim, ela propôs que o contraste com a alteridade seria o que permitiria a construção da identidade, onde a alteridade não seria tanto excluída ou silenciada, mas surgiria como o limite ou a impossibilidade (Seidman, 1995: 130). Na teoria *Queer*, há uma tentativa de desconstrução do discurso hegemônico que dita os sexos e constrói identidades inteligíveis.

Foucault (2007:182), ao discorrer sobre os discursos, os “processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos e regem os comportamentos”, percebe a divisão binária entre homens e mulheres

---

12 Tradução livre. Texto original: “Deconstruction dislocates the understanding of identity as self-presence and offers, instead, a view of identity as difference. To the extent that identity always contains the specter of non-identity within it, the subject is always divided and identity is always purchased at the price of the exclusion of the Other, the repression or repudiation of non-identity”.

como um efeito e via de atuação do poder que impõe uma inteligibilidade comum (Foucault, 1980b). Na tentativa de subverter o discurso normativo, Foucault (1979b) procurou desvendar suas engrenagens produtoras dentro de uma historicidade, o que possibilitou a ele ver as representações sociais como contingentes. Assim, ao perceber as categorias binárias de sexo e gênero como constituídas por práticas discursivas históricas e contingentes, sem uma origem ou núcleo necessário, universal ou eterno, ele torna a identidade passível de dissolução. Na esteira de Foucault, Butler (1990: 24-26) desconstruiu a relação de dependência entre sexo e gênero, sugerindo primeiramente uma separação entre corpo sexuado e gênero construído socialmente. Longe de conceber o primeiro como um *a priori* biológico imaculado pelo discurso social, no entanto, a autora propõe, diante da independência entre as categorias, que o sexo é tão socialmente construído quando o gênero, apresentando-se como um operador flutuante que possibilita a significação do masculino em um corpo feminino e vice-versa.

Butler (1990; 1993) afirma que a identidade de gênero só se tornaria visível através de atos linguísticos e corporais performativos, inseridos dentro de um processo constante de construção e reconstrução da identidade. No processo de identificação, as características compartilhadas entre pessoas e grupos seriam reconhecidas, ao mesmo tempo em que haveria uma delimitação discursivamente instituída das fronteiras simbólicas.

Para Butler (1990: 45 e ss.), compreender a identidade como prática só é possível dentro de um sistema cultural de inteligibilidade no qual os sujeitos estão inseridos como efeitos de um discurso normativo. A linguagem, aqui, se refere a um sistema aberto de sinais pelos quais a inteligibilidade é insistentemente criada e contestada. As regras que governam a identidade inteligível são parcialmente estruturadas dentro de uma matriz heteronormativa compulsória que opera através da repetição. O sujeito passa a ser, então, consequência destas regras que tornam a identidade inteligível. Ele não é fundado pelas regras porque a significação não é vista como um ato de fundação, mas como um processo regulado de repetição que produz efeitos de substancialização. Dentro desta perspectiva, as práticas de repetidas significações são o que torna possível a subversão de uma identidade. São estas práticas que permitem a contestação dos binarismos e produzem

domínios alternativos de inteligibilidade cultural. A agência transformadora dos sujeitos em face dos discursos normativos e dos sistemas de inteligibilidade a partir dos quais eles foram constituídos se exprime na possibilidade de variação na repetição.

Inseridos na lógica das hierarquizações e da imperatividade das posições de poder, de acordo com Butler (1993), os indivíduos, ao assumirem uma identidade de gênero em conformidade com a inteligibilidade cultural dominante, afirmariam determinadas identidades ou identificações, ao passo que negariam e excluiriam outras. Com Butler (1990), viu-se a possibilidade de falar de um homem com atributos femininos e de mulheres com atributos masculinos. Sem a existência de uma identidade “pré-expressiva” e “pré-discursiva” de gênero por trás das expressões de gênero, a identidade seria então performativamente constituída. Ao se dispensar a prioridade de “homem” e “mulher” como substâncias permanentes, não se pode subordinar características dissonantes de gênero como características secundárias e acidentais de uma ontologia de gênero que permanece fundamentalmente intacta. A ideia de gênero como substância é questionada através dos atributos dissonantes que falham em se conformar a uma sequência ou modelo causal de inteligibilidade. Para Butler (Ibid.: 196-197), a concepção de uma ideia original de gênero é constantemente parodiada nas práticas culturais efetuadas pelos travestis, pelas *drags* e através da estilização das identidades lésbicas de “macho” e “feminina”. Nestes exemplos, ela mostra que a performance é o mecanismo que possibilita a desnaturalização do sexo e do gênero e revela a ficção reguladora proposta pela heteronormatividade. A teórica estadunidense avança uma compreensão de performance que alcança tanto o gênero quanto o sexo. O seu conceito se constitui não enquanto um “ato” particular ou deliberado, mas antes como uma prática que faz referência e reitera a norma, através da qual o discurso produz os efeitos que nomeia (Butler, 2003).

É a performance que, por meio de atos de gênero, torna possível romper as categorias hegemônicas de corpo, sexo, gênero e sexualidade, “ocasionando sua ressignificação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária” (Ibid.:11). A materialidade dos corpos – ou ainda, a materialidade do sexo – seria construída através da ação performativa das normas

regulatórias. A atuação performativa das normas sociais materializaria, pois, a diferença social, ambicionando a manutenção de uma matriz heterossexual hegemônica (Butler, 1993), ao mesmo tempo em que traz em si a possibilidade, ou mesmo o “dever”, de subversão (Butler, 2005).

Com base na teoria dos atos de fala de Austin, Butler (2003) desenvolve a noção de performance que vem figurar como um dos conceitos-chave de sua teoria. Ao propor uma relação entre linguagem e corpo, Butler discute a relação entre atos de fala e performance. Diz ela (1997:11):

Que o ato de fala é ato corporal significa que o atuar é redobrado no momento da fala: há o que se diz, e então há um tipo de dizer que o “instrumento” corporal de enunciação performa. Assim, uma declaração que pode ser feita somente na base de uma análise gramatical parece não ser ameaça alguma. Mas a ameaça surge, precisamente, através do ato que o corpo performa na fala do ato.<sup>13</sup>

Neste sentido, ao invés de existir uma dicotomia entre corpo e linguagem, há uma imbricação irreduzível. O efeito do ato de fala é significado, ao mesmo tempo, pelo que é ditto e pelo como e por quem é dito, auxiliando no processo de subversão da norma. De acordo com Benhabib (1995), o sujeito performativamente constituído de Butler (2003) tem sua agência reduzida e, por conseguinte, nele, os ideais de emancipação da teoria feminista estariam solapados. Ela ressalta essa posição falando sobre as mulheres e a política feminista, afirmando que, para esta última, a existência de um *self* capaz de agir seria fundamental. Para Benhabib (1992), o sujeito performativamente constituído perde a capacidade essencial de determinar seu próprio futuro, assim como perde a capacidade de realizar julgamentos

---

13 Tradução livre. Texto original: “That the speech act is a bodily act means that act is redoubled in the moment of speech: there is what is said, and then there is a kind of saying that the bodily “instrument” of the utterance performs. Thus a statement may be made that, on the basis of a grammatical analysis alone, appears to be no threat. But the threat emerges precisely through the act that body performs in the speaking the act.”

normativos sobre a natureza da sua opressão, estando reduzido a uma posição na linguagem. Para a autora, Butler não explica como uma agência seria possível.

Butler (1993), todavia, explica a possibilidade de agência (subversiva) como decorrente da instabilidade e fragmentação inerente às normas de gênero, argumentando que as práticas que produzem sujeitos gendrados são também o lugar onde agências críticas se tornam possíveis. Ao ir de encontro a uma perspectiva que vê o sujeito como determinado, tornando impossível a agência, a autora – vendo o enunciado performativo como uma citação derivativa, ao invés de um ato fundador de um sujeito originário (Cf. Derrida, 1998) – entende o sujeito dentro de um processo de contínua constituição. Desta forma, pode-se ver a possibilidade de improviso e mudanças diante da ausência de uma substância fixa (Lloyd, 2007: 61). O sujeito é constituído, aqui, através da performatividade, que pode ser vista como um processo contínuo e interminável, como o poder reiterativo de discurso capaz de produzir os fenômenos que regula e restringe (Butler, 1993). Desta forma, a subversão não reside fora do discurso, presumindo-se, dentro desta perspectiva, que não há nenhuma característica do sujeito que seja pré-discursiva. No processo de constituição, há uma necessidade perpétua de reproduzir os gestos, estilos de carne, que tornam o gênero um efeito (Lloyd, 2007:61), e é nessa compulsão por repetição que reside a agência, que não se configura como uma qualidade inata do sujeito, mas como um elemento de significação e repetição. Nesse movimento, a performatividade não seria uma atividade de um sujeito autônomo se esforçando propositadamente para criar uma identidade de gênero particular que tenha decidido (Lloyd, 2007: 62), mas estaria ligada às relações de poder, à influência impositiva da heteronormatividade.

Segundo Butler (2003), baseada em concepções foucaultianas de assujeitamento e poder produtivo, as relações de poder não são capazes apenas de limitar, mas também de gerar possibilidades de ação. O assujeitamento seria o processo de tornar-se subordinado pelo poder, bem como o processo de se tornar um sujeito (Butler, 1997: 2); em outros termos, seria o processo pelo qual o poder age sobre o indivíduo a fim de ativá-lo enquanto sujeito (Ibid.: 83). Segundo Lloyd (2007: 64-65):

No exato momento em que o indivíduo é dominado pelo poder, em outras palavras, ele ou ela torna-se um sujeito capaz de ação. Ou, mais especificamente, no momento em que o indivíduo está sujeito a normas de gênero, ele ou ela torna-se um sujeito genderado que pode resistir a essas normas. Sujeição e agência estão, portanto, inextricavelmente entrelaçadas.<sup>14</sup>

Foucault não chega a mostrar como um sujeito gerado pelo assujeitamento se torna um sujeito determinado, mas Butler tenta responder a esta questão ao explorar como o assujeitamento pode produzir possibilidades de agência ou, pelo menos, de resistência, a partir da necessidade da repetição das normas através da performance. Para Butler (1993:241), a agência é um efeito que existe puramente no seu funcionamento: é sempre e apenas uma prerrogativa política alcançada no âmbito das relações de poder (1993: 241). Dentro desta concepção, as normas têm o poder de restringir e habilitar a ação, e, no processo de necessária repetição destas, há citações que podem transformar as próprias normas que se destinam a fortalecer (Lloyd, 2007: 65). Tais normas não são sempre eficazes; por causa disso, podem ser exploradas e tal exploração cria a possibilidade de subversão, ainda que o sucesso desta não possa ser garantido. Seja como for, embora fique claro como o poder e a performance operam, não fica claro como a repetição na prática cotidiana, por si só, possibilita alterações na performance de gênero. Também não fica claro, na perspectiva butleriana, que sujeito seria este que surgiria sendo capaz, através da performance, de atuar promovendo mudança social.

Nesse sentido, ao tentar ampliar a compreensão da atuação da performatividade na constituição do sujeito, propõe-se aqui investigar os processos de identificação na prática (Schatzki, 2003; 2006), como articulações

---

14 Tradução livre. Texto original: "At the very moment at which the individual is dominated by power, in other words, he or she becomes a subject capable of action. Or, more specifically, at the moment the individual is subjected to gender norms, he or she becomes a gendered subject who can resist those norms. Subjection and agency are, therefore, inextricably entwined".

de performances e experiências variadas que respondem a contextos e demandas sociais diversos. A vida em curso do sujeito é organizada em performances e experiências contínuas e distintas. Compreende-se, através de Schatzki e Natter (1996), que:

Através de disciplina, estabelecimento, inscrição e normalização, corpos assumem formas significantes específicas de fisicalidade, atividade, experiência e superfície. E é através deste pressuposto que surgem sujeitos individuais: pessoas com determinadas condições mentais, gêneros, características, sentidos de si e assim por diante. Ser uma pessoa é, para utilizar a apta frase de Judith Butler, um estilo de carne e osso (Schatzki e Natter, 1996:8).<sup>15</sup>

A performatividade se apresenta como um elemento-chave de compreensão do sujeito heteróclito, uma vez que atinge, em vários contextos, graus diversos de sucesso e de fracasso, fazendo com que a prática dos sujeitos que se dá através do corpo modifique-se constantemente. O corpo treina, modifica-se e compromete-se com a prática contínua, buscando excelência em todo este processo, desafiando os ideais de gênero. A experiência, a experimentação, é o que dá sustentação às atividades práticas, e estas atividades envolvem um conhecimento tácito, um “saber como” prático e corporificado.

Os sujeitos das transexualidades seguem uma série de normas sociais; e, na prática, seus corpos atuam, performam, talvez mais influenciados por uma prática incorporada do “ser mulher”, do “ser homem” – embora esse conhecimento tácito também seja, muitas vezes, posto em questão. O “eu” que sou se encontra constituído por normas e é dependente delas (Butler,

---

15 Tradução livre. Texto original: “Through discipline, establishment, inscription, and normalization, bodies assume specific signifying ensembles of physicality, activity, experience, and surface. And it is through this assumption that there come to be individual subjects: people with particular mental conditions, genders, characters, senses of self, and the like. Being a individual is, to utilize Judith Butler’s apt phrase, a style of the flesh.”

2004a: 3), assim como também se esforça para viver de forma a manter uma relação crítica e transformadora para com elas. Entretanto, aqui, não se defende a perspectiva de um sujeito que depende das normas, mas antes de um sujeito que articula, interage, é constituído pelo - e no - exercício da prática e pode ser capaz, enfim, de propiciar um movimento de transformação para além da resistência ou conformidade.

A compreensão corporal que os sujeitos das transexualidades mantêm quanto às competências envolvidas pode não levar à consecução de um ideal de gênero, mas é o que permite realizar com competência as atividades práticas. Na prática, nos treinos cotidianos, no experienciar das performances corporais em contextos e demandas várias, os sujeitos trans, em diálogo com as normas, com o contexto, com a materialidade (entidades materiais), com os estados mentais, atuam na realidade social com a possibilidade de pôr em xeque a heteronormatividade dominante. Ao questionar os pressupostos da norma, em momentos onde os elementos de uma inteligibilidade comum não são suficientes para oferecer sentido à prática, a capacidade de transformação se apresenta. É no cotidiano das relações que a prática performativa desses sujeitos pode prevalecer sobre o biológico do corpo, embora se utilizem dele como ferramenta fundamental. Esse corpo transexual é um corpo que reside na articulação das categorias dominantes, em transformação, corpo que se compromete continuamente com a prática de um “ser mulher” ou de um “ser homem” e se nutre da experiência, da experimentação. Por exemplo, James, 22 anos, transexual masculino já citado anteriormente, começa um de seus vídeos dizendo:

Hei, YouTube. Sou eu, James. Hoje é domingo, 27 de março de 2011, e eu estou há pouco mais de 9 meses usando testosterona. A vida está tão maravilhosa nesse momento. Eu estou tão feliz. É um sentimento maravilhoso começar a se sentir confortável com seu próprio corpo.<sup>16</sup>

---

16 Tradução livre da autora. Texto transcrito: “Hey, YouTube. It’s me, James. Today is Sunday, March 27- 2011, and I’m just over 9 months on “T”. Life is so amazing right now. I’m so happy. It’s an amaz-

James, neste trecho, fala de processo, corpo e sentido de *self*. Nesse vídeo, James mostra suas transformações corporais conquistadas e deixa escapar, ao esconder seus seios, que não realizou a cirurgia de remoção (a *top surgery*). Ainda sim, ele diz que começou a se sentir confortável com o corpo. Deixa à mostra seus músculos, barba, costas, performa o seu ideal de masculinidade e recebe comentários em sua página que afirmam que ele é um modelo para outros transexuais masculinos em transição.

Se é possível dizer que determinadas performances podem até reforçar a heteronormatividade social, cumpre ressaltar que as práticas performativas ligadas ao corpo biológico, bem como as demandas sociais envolvidas dentro desse processo, singularizam a experiência trans. Sendo assim, elas ressaltam o seu caráter “heteróclito” e desafiam uma concepção estanque do feminino e do masculino, dando centralidade à performatividade na experiência trans. Nas tarefas que são realizadas no mundo da prática, a habilidade e a ação são elementos primordiais, uma vez que o desejo de fazer não é suficiente para alcançar o que se quer: é preciso contar com uma habilidade prática para performar adequadamente o que se almeja.

Quando o sujeito age e transforma o seu corpo através de uma habilidade prática que permite a ele performar adequadamente o que almeja, isto não o coloca necessariamente em uma posição de legitimidade social e inteligibilidade de gênero. O manejo de objetos, o uso de ferramentas e artifícios, a manipulação do corpo através de adereços, indumentárias e tecnologias podem todos auxiliar na conquista de uma prática performativa adequada à inteligibilidade de gênero imposta, mas também podem escapar às categorizações. Se existe um senso de *self* que age no mundo prático desejando o reconhecimento de um ser feminino ou masculino independente do sexo biológico, há um processo aberto onde os significados do “ser homem” ou “ser mulher” se modificam no fluxo da ação. Têm-se um corpo que dialoga com as normas e é capaz de subvertê-las.

---

ing feeling starting to feeling comfortable with your own body.” Ver vídeo 2 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo I em Rojas (2015).

Mas como, por meio de performances que reiteram as normas, é possível romper com elas? Como a transição ilustra esse processo? Durante a análise dos sujeitos em transição, será possível problematizar a obtenção de um grau de competência performativa que se relaciona diretamente com a transformação do corpo biológico e com as expectativas normativas da sociedade, na tentativa de compreender como o sujeito se constitui. Através das narrativas de *self*, serão articulados elementos que permitam entender a constituição do sujeito, percebendo-se, através da performance, novas instâncias de significado entre as relações de sexo/gênero, identidade e subjetividade. Para tanto, faz-se necessário discutir, durante o processo de transição, o corpo imaginado, o corpo conquistado e o corpo em processo. Sendo assim, através das autonarrativas em *vlog*, podemos destacar as práticas performativas dos sujeitos trans, vislumbrando novos modos de experimentação do *self* e discutindo que corpos são significados durante o processo e como o são.

#### **1.4. Corpo incorporado**

Para autores como Foucault ou Bourdieu, o corpo se apresenta como um lugar de atuação direta e prática do controle social. Ao final do século XVIII, a concepção do poder sobre o corpo do indivíduo, tido como máquina que precisa ter suas capacidades otimizadas, se alia à concepção de um poder sobre a vida. Neste momento, há o surgimento do biopoder, o qual busca a criação e a implementação de técnicas capazes de subjugar os corpos e controlar as populações (Foucault, 1979a). Esse é um poder que investe sobre a vida biológica do ser humano, que se volta para o fazer viver, para a proliferação da vida “mediante o seu controle ou sua regulamentação, e [para o] deixar morrer quando uma ação produtiva sobre a vida biológica não é mais possível” (Ferreira, 2008). Diante da disciplina do corpo e da regulamentação da população – em outras palavras, entre o corpo e a vida –, tem-se a norma como o elemento de ligação que dá origem à “sociedade de normalização” (Foucault, 1999: 302).

O corpo também pode ser visto como uma metáfora da cultura ou como um caminho possível para acessar um diagnóstico da vida social e política (Irigaray, 1991). Segundo Douglas (1988), o corpo seria uma superfície onde se inscrevem – e a linguagem corporal o local onde se reforça – as normas, as hierarquias e até mesmo os compromissos metafísicos de uma determinada cultura. Em Foucault (1977), vê-se que existe um primado da prática sobre a crença, em virtude do qual corpo é historicamente moldado e marcado através de formas dominantes de masculinidade, feminilidade, individualidade e desejo. Para Bourdieu (1977), por sua vez, o corpo traz consigo o mundo das significações, identifica-se com um formato determinado socialmente e, assim, inscreve uma maneira de estar no mundo, de expressar-se corporalmente de acordo com o pertencimento social do indivíduo, ou seja, com a posição que ocupa no espaço social e a trajetória percorrida. Dentro desta perspectiva, o corpo é capaz de expressar a dominação e a submissão nas relações de poder, pois é nele que a ordem social se inscreve de forma duradoura, para além do alcance da consciência, impossibilitando o indivíduo de realizar transformação de forma voluntária (Ibid.: 94). A partir desta pequena amostra, vê-se que, quando se fala de corpo, os conceitos e caminhos são inúmeros para se tentar compreendê-lo. Normatizado, disciplinado, desejante, desafiante, subversivo, que corpo é este que se pretende analisar?

Na vertente de superação do dualismo mente/corpo, enfatiza-se uma concepção de corpo como lugar onde o cultural, o social e o político são inscritos. A perspectiva da sociologia do corpo propôs outras mudanças de enfoque ao tornar o corpo um elemento passível de ressignificações. O corpo passou a ser capaz de transformação através do reinventar de seus próprios limites. Ele foi compreendido como um objeto manufaturado, passível de ser lido como um texto, como um discurso, cujos sinais indicavam o caráter e o status do indivíduo ao qual pertencia. A biografia transforma-se em um projeto reflexivo no qual as escolhas feitas quanto ao consumo e ao estilo de vida acabam por refletir a identidade do sujeito. Identidade esta, como se viu, sempre em fluxo, sempre aberta a novas reformulações. Cabelo, roupa, dietas, cirurgias plásticas, tatuagens

e outros tantos meios e técnicas de transformação corporal reforçam a ideia de um corpo maleável (Le Breton, 2007). Dessa forma, transforma-se o discurso em um produto, em uma ficção, mas, em contrapartida, o corpo em um retrato conhecido de si. Em uma visão que rompe com a perspectiva pós-estruturalista, os corpos se apresentam organizados por uma variedade de discursos e cabe ao indivíduo negociar com eles, constantemente e reflexivamente, a sua identidade – o caminho a ser seguindo, a representação de si (Rojas, 2011). Com o avanço da ciência e o desenvolvimento tecnológico, o corpo surge como produto maleável que precisa ser aperfeiçoado e moldado de acordo com a necessidade do contexto, transformando-se em uma representação provisória, fonte perpétua de significações (Le Breton, 2007). Nesta esteira, Shilling (1993) introduz o conceito de “projetos corporais”, observando uma tendência à percepção do corpo como um “tornar-se”, um projeto inacabado, um *continuum* no qual se trabalha constantemente em aliança com a identidade do sujeito. Isto, ainda que nem todas as possibilidades de transformação estejam disponíveis para todos, assim como a identidade também não se apresenta como uma opção livre para todos os indivíduos (Klesse, 1999). Seja como for, através das concepções que se voltam para relação entre corpo e cultura, avança-se um pouco mais no vislumbre da construção de corporeidades alternativas dentro da prática cotidiana.

Com Butler (1993), pode-se ver como a linguagem, juntamente com as construções culturais e sociais do gênero e do sexo, exerce influência sobre a experiência do corpo material. Butler percebe o corpo não como uma superfície passiva ou a-histórica, mas como ativo e constantemente produzido dentro de contextos históricos e culturais. Em última instância, a autora vê o corpo como um receptáculo da linguagem e da cultura, não sendo significativo em si mesmo ou fora de si mesmo. O discurso se materializa no corpo, tornando este um efeito daquele.

Em contrapartida, Shildrick (1997) propôs que as práticas discursivas só se tornam importantes quando combinadas à análise da experiência e das interações corporais do sujeito. Para Shildrick (1997:178) “a carne e o sangue dados do corpo físico não são uma superfície passiva, mas um lugar de

sensação<sup>17</sup>. Namaste (2000) e Prosser (1998), autores que discutem o tema da transexualidade, defendem o mesmo argumento, insurgindo-se contra a concepção de corpo simplesmente como efeito do discurso. Segundo ambos, somente através de uma perspectiva que leve em conta que a apreensão de significados se dá pelo corpo, através da experiência do “sujeito encarnado” (Merleau-Ponty, 2005) - percebendo-se o corpo no mundo, na sua relação cotidiana com os elementos que compõem a prática -, é possível discutir como, dentro do universo trans, a constituição do corpo se alia à performance para reverberar na formação de um senso de “self”.

A prática envolve a aquisição de entendimentos práticos capazes de assegurar que ditos e feitos serão inteligíveis a outros participantes. São esses entendimentos que habilitam os sujeitos a reagir, de modo flexível e compreensível, à alteração de circunstâncias (Schatzki, 1996: 70). Nessa relação entre corpo e sujeito, diferentes componentes como “mente, ‘gênero’, ‘identidade’, ‘personalidade’ e ‘subjetividade’ podem ser entendidos como dimensões da existência expressa pela atividade corporal”, estados de coisas (*states of affairs*) instituídos na atividade corporal (Ibid.: 67). Compreende-se que as ações individuais são moldadas por práticas sociais e pelas normas que incorporam, muitas vezes tendo o corpo como elemento principal de normalização social e exercício do poder (Rouse, 2006: 505). As relações de poder, todavia, não estão fundamentadas unicamente na imposição e na resistência, mas trazem consigo o elemento da liberdade (Foucault, 1982). Sujeitos individuais ou coletivos são confrontados com um campo de possibilidades no qual várias formas de comportamentos e diversas reações podem ser realizadas.

Para Garfinkel (1967), em seu aprofundado estudo da experiência da transexual feminina “Agnes”, o corpo desempenha um papel crucial na construção da identidade social do indivíduo. Por isso mesmo, o corpo de Agnes, lido socialmente como do sexo feminino, deveria ser posto dentro desta categoria. A ausência dos predicados biológicos tidos como próprios

---

17 Tradução livre. Texto original: “The flesh and blood givenness of the physical body is not a passive surface, but a site of sensation” (Shildrick, 1997: 178).

do sexo feminino, neste caso, tendia a ser justificada por “trauma físico, patologia, ou defeito natural”. A vagina que faltava a Agnes era uma vagina que, por direito, a ela pertencia, que deveria ter estado sempre lá, mas que lá não se encontrava por um erro da natureza, fato que fugia ao seu controle e necessitava da intervenção médica (Ibid.: 127). Esta era, de todo modo, a opinião dada pelos médicos sem saber, até então, que Agnes havia tomado hormônios desde os doze anos, modificando o seu corpo e tornando sua aparência convincentemente feminina no seu meio social. Garfinkel (Ibid.: 119) descreveu a aparência de Agnes como sendo:

[...] convincentemente feminina. Ela era alta, magra, com uma forma muito feminina. Suas medidas eram 38-25-38. Ela tinha cabelo longo, loiro-escuro, um rosto jovem com características bonitas, uma tez pêssegos e creme, nenhum pelo facial, sobrancelhas sutilmente depiladas e nenhuma maquiagem, exceto pelo batom. Na época de sua primeira aparição, ela estava vestida com uma blusa apertada que realçava seus ombros magros, seios fartos e cintura fina. Seus pés e mãos, embora um pouco maiores do que o normal para uma mulher, não ressaltavam de forma alguma. Sua maneira habitual de se vestir não a distinguia de uma típica garota de sua classe e idade. Não havia nada berrante ou exibicionista em seu vestuário, nem havia qualquer indício de mau gosto ou de que ela estava pouco à vontade em sua roupa, como se vê com tanta frequência em travestis e nas mulheres com distúrbios de identificação sexual. Sua voz tinha um tom alto, era suave [...]”<sup>18</sup>

---

18 Tradução livre. Texto original: “Agnes’ appearance was convincingly female. She was tall, slim, with a very female shape. Her measurements were 38-25-38. She had long, fine dark-blonde hair, a young face with pretty features, a peaches-and-cream complexion, no facial hair, subtly plucked eyebrows, and no makeup except for lipstick. At the time of her first appearance she was dressed in a tight sweater which marked off her thin shoulders, ample breasts, and narrow waist. Her feet and hands, though somewhat larger than usual for a woman, were in no way remarkable in this respect. Her usual manner of dress did not distinguish her from a typical girl of her age and

Esta descrição de Garfinkel traz uma série de elementos normalizadores da concepção de feminino. De posse dessa aparência feminina, Agnes volta-se para a conquista do reconhecimento legítimo, médico-institucional, da sua feminilidade. Entretanto, o que deve ser analisado aqui é o processo de transformação do corpo, da aquisição de habilidades, comportamentos ou, ainda, de performances consideradas como adequadas à concepção ideal de gênero vigente. O corpo de Agnes foi modificado pelo uso de hormônios e treinado na prática cotidiana, na interação social.

O primeiro movimento de Agnes foi o de trazer para o corpo o seu sentimento de feminilidade, ao começar a tomar hormônios e, posteriormente, apresentar-se visualmente como uma mulher comum, de acordo com os atributos normativos do seu contexto de atuação. Em seguida, Agnes se preocupa em desenvolver uma capacidade de resposta, com o seu corpo, às demandas do seu ambiente. Ela vai, ao longo do tempo, adquirindo um repertório de ações e movimentos que são constantemente questionados em situações particulares que põem em xeque o seu uso. Para se conquistar uma “performance perita”, é preciso adquirir habilidades flexíveis, abertas e capazes de responder às mudanças contextuais.

As práticas estabelecem o pano de fundo mais amplo de inteligibilidade contra o qual condutas particulares expressam determinadas condições (Schatzki, 1996: 72-73). As práticas estão interligadas ao comportamento passado e futuro, às teias de condições e situações imediatas e mais amplas. Um determinado comportamento expressa uma condição específica em função dos contextos no qual ocorre.

Em um novo espaço de interatividade, a operação dos instrumentos tecnológicos permite o surgimento de novas percepções, entendimentos e ações. A transformação dos corpos, dentro deste universo, se articula às novas tecnologias, buscando novas formas de expressão, utilizando novas ferramentas. O contexto e os elementos que compõem a prática vão influenciar no seu entendimento e na sua forma de apresentação. Ao atuar

---

class. There was nothing garish or exhibitionistic in her attire, nor was there any hint of poor taste or that she was ill at ease in her clothing, as is seen so frequently in transvestites and in women with disturbances in sexual identification. Her voice, pitched at an alto level, was soft [...]”.

dentro de uma inteligibilidade comum, desenvolve-se uma compreensão da prática manifesta em uma forma de conhecimento prático expresso tanto em usos (e explicações) da palavra que designa o estado das coisas, quanto em reações ao fenômeno caracterizado. As práticas trazem consigo entendimentos através dos quais os indivíduos imbuem de inteligibilidade as circunstâncias sociais em que se encontram e se adequam a padrões de comportamento esperados em seus contextos, o que ressalta a importância dos últimos na constituição de performances corporais. Na atuação cotidiana, entendimentos práticos são adquiridos, na maioria das vezes, de forma não reflexiva, através do contato experiencial tácito com normas, padrões e inteligibilidades. Ao adquirir esses entendimentos através da participação nas práticas, os atores se tornam capazes de compreender os padrões em constante mudança, as combinações de condições, os ditos e feitos como expressão de circunstâncias particulares, ao mesmo tempo em que podem tornar-se capazes de adequar suas performances corporais a novas situações. Participar das mesmas práticas pode auxiliar no estabelecimento, compreensão e execução destas, num movimento de harmonização com o contexto. Entretanto, esta participação também pode permitir que os sujeitos sejam expostos à prática de uma outra forma, questionando os pressupostos de sua atuação e negociando novas formas de inteligibilidade através da prática performativa.

Os efeitos produzidos no corpo pela tecnologia da informação são particularmente interessantes para se compreender e analisar a constituição do sujeito. A esfera virtual, por exemplo, estende o corpo espacialmente de forma nova e permite a ele propagar-se, de certa forma, pelo mundo. Os *vlogs* oferecem um espaço interativo onde a narrativa, como prática performativa, proporciona um outro olhar ao sujeito. Dentro deste universo, o corpo também é investido pelo social e exhibe alcances diferentes, formas e combinações de atividades particulares. Na moldagem do corpo no social, as dimensões da superfície do corpo, do lugar onde se inscrevem as marcas culturais da coexistência humana, necessitam conjugar-se em atividade, na prática contínua. Deste modo, como se dá a influência da norma na produção dos corpos no contexto da prática de *vlogging*? Como os *trans vloggers* desenvolvem performances peritas do gênero desejado em relação à

normatividade compartilhada nos *vlogs*? Na tentativa de responder a estas perguntas, investigaremos o que é um corpo “trans”, “como” e “para quê” se forma esse corpo.

### 1.5. *Self* autonarrado

Falar sobre *self* conduz, inicialmente, a uma infinidade de nomenclaturas – tais como “ego”, “sujeito”, “consciência” ou “pessoa” – que, de imediato, remetem à conexão entre *self* e atividade autorreflexiva (Atkins, 2005). Por conseguinte, relaciona-se o *self* a uma diversidade de perspectivas que se entrelaçam com outros conceitos, a saber, cérebro, corpo, espírito, natureza, Deus, moral, sociedade. Dessa forma, diante de inúmeras percepções e digressões, há necessidade de revisão de algumas perspectivas de sujeito para se tentar compreender a concepção de *self* anunciada através dos sujeitos de pesquisa.

Descartes, defensor da máxima “Penso, logo existo”, concebe o sujeito humano como compreendido por matéria e pensamento, ou ainda, como corpo e pensamento inteiramente distintos, de modo tal que o pensamento se apresenta como a completa essência ou natureza do “Eu”, o qual não precisa de um lugar nem depende de qualquer coisa material para existir. Nesse sentido, o “Eu” permanece existindo mesmo se não existir um corpo no qual esteja “alojado” (Descartes, 2007: 15). Enaltecendo a crença na existência de um Deus perfeito que fez o ser humano à sua semelhança e dotado, sobretudo, de racionalidade, Descartes defende a existência de uma alma imortal que existiria independentemente do corpo<sup>19</sup>.

Locke muda o foco das questões metafísicas relativas à alma para as questões práticas relativas à continuidade da consciência pessoal (Atkins, 2005:30). Todavia, o autor ainda coloca a ciência a serviço de “Deus”, através

---

19 Texto original: “When we know how different the beasts are from us, we are better placed to understand the arguments proving that our soul is of a nature entirely independent of the body, and thus not liable to die with it. And since we can’t see any other causes that destroy the soul, we are naturally led to think that it is immortal” (Descartes, 2007:23).

de uma ideia de identidade pessoal moldada em torno da responsabilidade moral (Ibid.: 13). O filósofo britânico define “pessoa” como: “um ser pensante dotado de inteligência, que tem razão e reflexão, capaz de considerar-se como si mesmo, a mesma coisa pensante, em diferentes tempos e espaços” (Locke, 1999:318)<sup>20</sup>. Por conseguinte, a consciência se mostra inseparável do pensamento, dentro desta estrutura racional e reflexiva do sujeito proposta por Locke. Nesta perspectiva, o sujeito ou, nos termos do autor, “o homem”, difere do espírito e necessita de um corpo – humano – diferente de corpos de objetos, vegetais ou animais. Entretanto, esse corpo não é suficiente para definir o sujeito, pois ele carece ainda de atributos psicológicos, morais, percepções, ações e temporalidade que se relacionam e conferem continuidade ao sujeito, ou ainda, à consciência do sujeito. Locke trouxe para a discussão sobre a natureza do *self* e da identidade elementos como tempo, espaço, diferença e diversidade dentro de uma perspectiva relacional, gerando uma nova base para autores como David Hume (Atkins, 2005: 31). Hume (1986) deixa de lado a proposição de que o *self* é uma espécie de substrato por trás das ideias e emoções para mostrar que não se experencia este tipo de *self*; portanto, não podemos ter conhecimento sobre ele. Entretanto, segundo o autor, o *self* ou pessoa se relacionam àquilo a que as impressões e ideias, supostamente, fazem referência. Para Hume, a noção de identidade pessoal advém do progresso ininterrupto do pensamento, na sucessão de ideias conectadas.

Já Nietzsche (1968) concebe a consciência como uma expressão de segunda ordem, que se ancora na evolução social e biológica de impulsos (*Urges*) e instintos. Para Nietzsche, mente (ou alma) e corpo são estratégias linguísticas que usamos para falar sobre diferentes aspectos de nossas vidas. Nietzsche apresenta uma concepção holística, orgânica e corporificada sobre a subjetividade, na qual a vida corporal é valorizada em relação à razão. O *self*, para ele, é uma unidade de impulsos – necessidades – que

---

20 Texto original: “a thinking intelligent being, that has reason and reflection, and can consider itself as itself, the same thinking thing, in different times and places” (Locke, 1999:318).

compõem o corpo humano vivente, ou ainda, o *self* é o inteiro organismo, complexo, vivente.

Levando ao limite a concepção central do idealismo transcendental, qual seja, a ideia de que objetos são constituídos pela consciência, Hegel (1977) propõe três conceitos norteadores: *Geist* (espírito), história e liberdade. Para ele, a história do mundo seria o desenvolvimento progressivo do espírito humano, desenvolvimento guiado para a realização do que ele realmente é: o *Geist*. O *Geist* é imanente ao mundo, surge da experiência mundana de sujeitos humanos. A consciência do *self* é sempre mediada pelo outro, existindo no reconhecimento do outro. Por conseguinte, a completa realização do *self* advém do desenvolvimento de um certo conjunto político e social, o que o torna fundamentalmente histórico. O *Geist* não é um substrato do *self*, é antes uma pura atividade infinita, articulada com formas relacionais de existência humana, como expressões de pensamento, ações e instituições sociais (Atkins, 2005). Ainda segundo Hegel (1977), a realização das capacidades do sujeito no mundo requer o reconhecimento de si mesmo como parte de uma comunidade moral. Através desse reconhecimento, é possível falar do encontro de duas consciências como reconhecimento mútuo de sujeitos que compartilham e reafirmam valores, que reconhecem um no outro a consciência de *self*.

Com influência hegeliana, Beauvoir (1967) conclui que a categoria do outro é tão básica quanto a categoria de *self*; para ela, o *self* é estabelecido e a subjetividade é alcançada somente na relação com o outro. Segundo a autora, a existência humana não seria simplesmente uma dualidade de “para-si” e “em-si”, mas uma ambiguidade simultânea. Beauvoir vê a “situação” de um sujeito como estruturada por relações de reciprocidade com o mundo, o mundo social e o seu próprio corpo, situação em que a liberdade e subjetividade do sujeito estão vulneráveis a relacionamentos interpessoais e institucionais.

Merleau-Ponty (2005), voltando-se para o corpo, dá a ele a função unificadora, de síntese, que Kant remete à subjetividade transcendental. Ao projetar um objetivo para o qual ele se move, o corpo traz a unidade e se une com o seu entorno; através dos vetores de suas possibilidades projetadas, ele define as coisas em relação ao outro e a si mesmo. O movimento do

corpo e a sua orientação organizam o espaço circundante como uma extensão contínua de seu próprio ser (Young, 2005: 37). O conceito de *self* corporificado de Merleau-Ponty (2005) permite observar o comportamento e ação dos sujeitos, facultando acesso às formas sistemáticas de opressão social sobre o corpo sexuado. Através do autor, pode-se ver a existência de uma interligação entre corpo, aspectos verbais de narratividade e sujeito falante. Para ele, é apenas através do próprio corpo que a pessoa está, literalmente, em contato e comunicação com a realidade. É no corpo que o sentido do mundo se articula, levando em conta a linguagem gestual.

Cabe, aqui, ressaltar que o reportar sobre o *self* toma a forma narrativa, que não só está ligada à habilidade de contar um conjunto sequenciado de eventos dentro de uma trajetória plausível, mas, também, baseia-se na autoridade narrativa de uma voz, estando diretamente articulada a uma audiência que precisa ser persuadida. A narrativa deve estabelecer um meio persuasivo através do qual se possa compreender a agência causal do *self*. A narrativa não emerge depois do fato da agência causal, mas constitui o pré-requisito para qualquer relato de conduta da agência moral. Neste sentido, a capacidade narrativa se constitui como pré-condição para dar conta do *self* ou de ações através de seus significados (Butler, 2005). Entende-se que a autonarrativa requer do sujeito narrador a apresentação de um contexto, a circunscrição de um tempo e espaço, apenas aduzido por meio da utilização do corpo, do emprego de gestos, posturas e expressões faciais em consonância com o discurso proferido (Bamberg, 2010: 5).

Na análise que se seguirá nos capítulos desse trabalho, será possível perceber uma identidade (ou uma pletora de identificações) capaz de se formar, transformar, questionar e se reconstruir diante de mediações multimodais, em que o (re)adaptar-se ou (re)inventar-se é palavra de ordem na multitude contextual experienciada na articulação das práticas sociais e performances de *self*. Sendo assim, a interpretação do conteúdo produzido e compartilhado através dessas novas práticas de *media* - no caso específico, dos diários pessoais (*vlogs*) com relatos da transição localizados no YouTube - procurará compreender o contexto vivenciado pelos sujeitos imersos em práticas de interação e identificação, ancoradas em performances inteligíveis de *self*. Através da prática midiática de *vlogging*, tentar-se-á compreender como as

experiências e performances (Turner, 1986; Butler, 2003; Schatzki, 2010) vividas, produzidas e compartilhadas pelos sujeitos auxiliam no processo de identificação e produção de um ideal de si ao longo da transição.

Na tentativa de compreender a prática performativa no-mundo, através das análises das autonarrativas em *vlog*, buscar-se-á interpretar os sentidos dados às vivências em transição com vistas à interpretação de como os sujeitos, ao se expressarem, constroem/modificam um sentido de si durante este processo. Para tanto, é preciso entender o universo onde essas narrativas acontecem, de que forma se dão e o porquê implícito na sua constituição.

## **1.6. Caminho metodológico e novas práticas de *self***

Com o advento da tecnologia, o vislumbrar de novas práticas de experimentação do *self* ganhou uma nova dimensão e plataforma de ação. Vale ressaltar aqui que, quando se fala de tecnologia, logo ressoam dicotomias como real/virtual ou *online/off-line*. Contudo, de acordo com Taylor (2006:19), estas dicotomias não se sustentam, uma vez que postulá-las seria avançar uma ideia de realidade social uniforme, estanque, onde os sujeitos seriam dotados de identidades reais unitárias. Para Taylor (2006:153), “imaginar que podemos segregar [...] virtual e real não só não entende a nossa relação com a tecnologia, mas a nossa relação com a cultura”.

É possível pensar o “ciberespaço” como um meio através do qual as pessoas atuam em mundos reais-materiais (Schatzki, 2010), onde as relações e interações não ocorrem em um plano à parte, mas na mesma linha dos campos da vida social. Dessa forma, para compreender o universo do ciberespaço, problematiza-se a concepção de locais como múltiplos e não específicos, como os espaços vazios propostos por Giddens (1991), os quais descrevem relações que independem do lugar e podem se dar à distância. Esta abordagem corrobora a definição de não lugares de Augé (1994), na qual se compreende que relações localizadas em um determinado espaço geográfico não são simbolicamente delimitadas pela sua localidade. O ciberespaço constitui um lugar constantemente definido e redefinido pelas relações e identidades a ele vinculadas, um lugar no qual relações e identidades

específicas não são inibidas, mas encontram um ambiente fecundo para emergir (Mocellim, 2009).

Segundo Sherry Turkle (1995), a internet funcionaria como uma espécie de laboratório social. Para a autora, a internet ofereceria múltiplos caminhos e meios para se interagir socialmente, sobretudo ao propiciar um anonimato relativo. Essa possibilidade de se manter um anonimato, diz Turkle, constituiria um trunfo que viabilizaria a exploração e a experimentação das concepções de *self*. No entanto, com o surgimento de espaços voltados para a exposição, como o YouTube, o anonimato não é o apelo principal e deixa à mostra a fragilidade deste mito.

A exposição promovida com o advento das redes sociais, dos *vlogs*, dos novos modos de uso de antigas e novas ferramentas tecnológicas, não anula a possibilidade de experimentação, mas viabiliza novos caminhos para a exploração e construção de novas concepções de *self*, através das múltiplas redes de relacionamentos. A internet é parte de uma tecnologia que, através de tempos, mecanismos e ferramentas diversas, também permite o gerenciamento da vida social. A mútua e multidirecional mediação entre o universo da internet (aqui entendido em sua “virtualidade”) e o universo sensível físico/natural e humano permite compreender as práticas sociais do sujeito dentro de uma perspectiva de coexistência que visualiza seus múltiplos aspectos. Neste caso, procura-se analisar o universo das práticas de *media*, em que interações, identidades e performances de *self* podem ser observadas através de *vlogs* autobiográficos que relatam o processo de transição de sujeitos transexuais.

Como um espaço dinâmico e de constante evolução, a internet oferece frequentemente novos espaços e meios para que o sujeito guarde suas recordações pessoais: dos diários escritos em papel e a caneta até as máquinas de escrever, do *hard drive* do computador aos disquetes, CDs, *pen drives*, HD externos e páginas da internet, até o armazenamento na nuvem. Este é apenas o começo. Fotos, vídeos, textos, tudo isto vem a ser armazenado no universo da internet. Diminuíram as caixas empilhadas cheias de recordações, a montanha de álbuns de fotos, a pilha de CDs, o mofo, a poeira, os cheiros e a sensação de tocar um objeto que faz parte de uma história. O acesso às recordações ocorre agora com um *click*, com um toque na

*touch screen*. A sua produção também pode acontecer da mesma forma. A maneira através da qual contamos e armazenamos a história foi reinventada, sofrendo a influência de – e, por sua feita, influenciando – um conjunto de transformações sociotécnicas e culturais.

Através do surgimento de novas ferramentas digitais, a tecnologia promove novas práticas sociais, novos artefatos de memória, da mesma forma que questiona as fronteiras do privado. A mútua e multidirecional mediação entre o universo da internet e o universo sensível físico/natural e humano associa as diversas práticas sociais do sujeito a partir de uma perspectiva de coexistência entre seus múltiplos aspectos. A comunicação, as formas de experimentação e a autorrepresentação são algumas instâncias onde os aparatos tecnológicos produzem redefinições.

Realizando-se uma busca rápida no YouTube a partir das palavras “*Trans*”, “*Transexual*” e “*Transgender*”, é possível obter: para a primeira, aproximadamente 4.240.000 resultados; para a segunda, cerca de 160.000 resultados; e, para a terceira, 490.000 resultados. Dentre estes resultados, é possível encontrar os diários virtuais em vídeo (*vlogs*) de transexuais, nos quais estes sujeitos compartilham em rede todas as etapas do seu processo de transição. É a partir deles que se pode acessar autonarrativas dissonantes, contextuais, múltiplas, capazes de problematizar o conceito *trans* e a constituição do sujeito, além de trazerem consigo a possibilidade de contribuir para uma nova compreensão de categorias como gênero, sexo, corpo e construção de identidade. Dentro deste universo, é possível ver a construção de um modelo de identificação transexual através da prática de *vlogging* realizada por FTMs e MTFs no YouTube.

Os diários virtuais em *blog* na internet já são ferramentas conhecidas e discutidas por inúmeros estudiosos (p.ex.: Herring et al. 2004; Doring, 2002; Laat, 2008; Sorapure, 2003). Segundo Djick (2007:54), o diário que utiliza a tecnologia do papel e caneta, de um lado, e o diário eletrônico em *blog*, de outro, têm muito em comum, sobretudo quanto às suas funções e usos. A autora (Ibid.: 54) lembra que o diário, por séculos compreendido como documento escrito (à mão), traz em seu conteúdo a narrativa de experiências, observações e reflexões de apenas um sujeito. Dessa forma, este diário se caracteriza como um registro pessoal, autobiográfico, de forma variável

e heterogênea. Quando falamos de diário, logo o interligamos à ideia de conteúdo íntimo, privado, secreto, mesmo que se deseje torná-lo - ou que, em algum momento, ele venha a se tornar - público. Entretanto, a função do diário excede a do lugar da lembrança quando se apresenta como uma ferramenta de comunicação. Para Djick, os diários escritos à mão e os diários virtuais em *blogs* são instrumentos de autoformação, bem como veículos de conexão. Ferramentas que comunicam, registram, atualizam o passado e orientam memórias futuras ligando-se a uma construção identitária em curso. Para a autora, a produção desses diários precisa ser vista “como atos que envolvem a mente e o corpo, que se habilitam por meio da tecnologia e estão inscritos nas práticas sociais e formas culturais” (Ibid.: 55).

Laat (2008:60), em sua análise sobre os diários em *blog*, os caracteriza como um “projeto pessoal centrado no *self*”, como um meio de autodescoberta e autovalidação. O autor, numa concepção um tanto essencialista, afirma que, quando o sujeito escreve no *blog* sobre determinados eventos, pensamentos e emoções, ele se habilita ao descobrimento e desenvolvimento “do que ele é”, ao mesmo tempo em que expressa uma necessidade de conhecer outras pessoas e de desenvolver uma comunidade de simpatizantes - caso contrário, não faria sentido publicar um diário *online* (Laat, 2008: 60). O que deve ser enfatizado aqui é a necessidade de se estar conectado à rede fundamental para que os usuários dos *blogs* possam construir suas identidades e criar um senso de pertencimento (Djick, 2007:70). Os *blogs*, na maioria das vezes, trazem uma escrita autorreferente que possibilita uma autodescrição que os distingue, localizando e certificando seus propósitos. Este tipo de comunicação pode ligar esses *blogs* a uma certa comunidade, mediadora e mediada, de comunicação (Serfaty, 2004; Laat, 2008). Os *blogs* são *websites* onde é possível escrever, postar músicas, fotos e vídeos, colocar uma pequena biografia sobre si mesmo e sobre o conteúdo postado, alterar o modo de exibição, inserir listas (por exemplo: com *links* de *blogs* amigos), seguir *blogs* amigos, habilitar e excluir comentários, editar postagens, restringir ou liberar acesso. Trata-se, enfim, de uma variedade de ferramentas que, no caso dos diários pessoais em *blog*, privilegiam o conteúdo escrito no compartilhar de experiências (Laat, 2008; Kozlov, 2004; Sorapure, 2003).

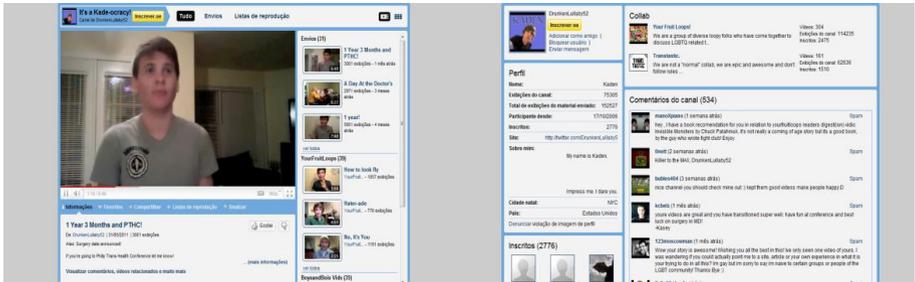
Entretanto, se os diários pessoais em *blogs* são instrumentos há muito discutidos, os diários pessoais em *vlogs* são ainda pouco explorados (Raun, 2010; Lange, 2007). Aqui, vamos nos voltar para a compreensão dos diários pessoais, com relato do processo de transição de transexuais masculinos e femininos, em *vlogs* localizados no YouTube. Dentro desta plataforma, os usuários contam com ferramentas semelhantes às aquelas encontradas nos *blogs*. Os usuários com conta de habilitação padrão no YouTube possuem um canal pessoal no qual é possível: postar vídeos<sup>21</sup> com o conteúdo de sua escolha<sup>22</sup>, assim como editá-los e excluí-los; fazer alterações no modo de exibição do canal; escrever uma pequena biografia; inscrever-se em canais ou receber inscrições; gerenciar comentários; receber mensagens em privado; ter seus vídeos classificados como “gostei” e “não gostei” (o usuário não influencia nessa classificação). Assim como acontece no *blog*, os canais pessoais têm seu conteúdo de *upload* (baixado) disposto em ordem reversa, do vídeo mais recente ao mais antigo. Nesse caso, o conteúdo em vídeo é o centro destes canais. Os vídeos baixados podem ser encontrados dentro dos canais ou na plataforma comum do YouTube - a escolha é daquele que o busca.

A título de exemplo de configuração, podemos mostrar a foto de um canal em 2011 e outra em 2013:

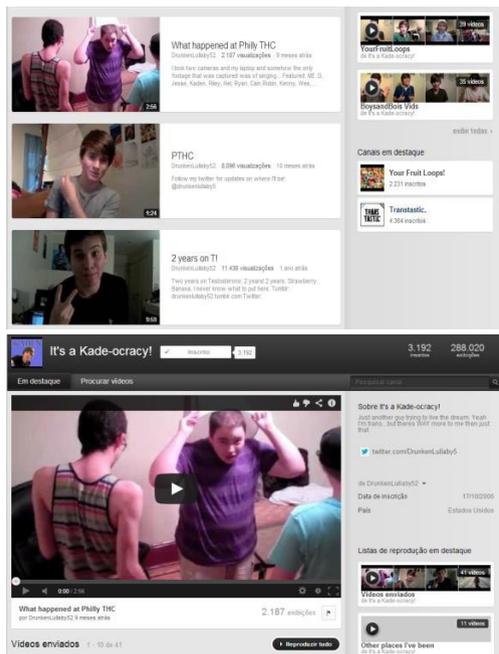
---

21 Os vídeos postados podem ser enviados imediatamente após a sua gravação; entretanto, eles são, em sua maioria, editados antes da postagem. A edição pode levar algumas horas para ser completamente executada.

22 Respeitadas as normas de uso do YouTube. Ver, por exemplo: Direitos autorais e segurança no YouTube: (<https://www.youtube.com/yt/copyright/pt-BR/>), (<https://www.youtube.com/yt/policyandsafety/pt-BR/>).



Em 2011, nas fotos acima, o espaço reservado para o perfil era mais amplo e com perguntas prontas. Os comentários apareciam já no canal, assim como a foto de alguns inscritos. Em 2013, nas fotos abaixo, o perfil deu lugar ao “sobre o canal”, um espaço que dava maior liberdade ao usuário no compartilhar de suas informações. Os comentários, agora, são visualizados apenas na página onde é exibido o vídeo selecionado; os inscritos aparecem apenas como um número total, não sendo mais permitida a sua visualização através da página inicial do canal.



Para fins de análise, é preciso ressaltar a singularidade dos dados que serão utilizados e do tratamento metodológico que se deve dar a eles. Como os vídeos estão hospedados em um site da internet, em mídia eletrônica, e possuem caráter pessoal, não são e não foram produzidos para o propósito da investigação científica. Eles têm sua própria funcionalidade técnica, pessoal, e precisaram ser transformados, preparados, para servir à pesquisa científica (Denzin, 2004). Sendo assim, inicialmente, é preciso explicar os caminhos analíticos de busca, para deixar claro as opções e as escolhas tomadas pela pesquisadora.

Na presente pesquisa, foram trabalhados apenas os vídeos públicos, onde a escolha de entrar ou não nos canais pessoais era da pesquisadora, como uma usuária comum. Foram utilizados diversos meios na busca por diários pessoais: variadas palavras-chave foram usadas no percurso exploratório<sup>23</sup>. A rede de inscritos dos sujeitos foi observada (quando isto ainda era possível), assim como o foram os comentadores de seus vídeos. Foram aceitas, por várias vezes, as sugestões de vídeos similares oferecidos pela própria plataforma para o encontro de outros canais com conteúdo similar, sugestões que apareciam na página de entrada (do pesquisador) ao final dos vídeos assistidos ou ao lado dos vídeos na página onde eram exibidos.

Inicialmente, a ideia era trabalhar com canais brasileiros. Entretanto, a pesquisa exploratória, realizada entre 2010 e 2011, resultou no encontro de perfis brasileiros de FTMs e MTFs sem relatos da transição. A ausência de *vlogs* brasileiros e a necessidade de trabalhar com canais estrangeiros exigiram da pesquisa um enquadramento dentro do universo *cross-country*, em que é necessário reconhecer que a origem sociocultural da pesquisadora está impressa em seus modos de interpretação. Fala-se aqui, de alguns dos meus lugares responsáveis por influenciar o movimento exploratório do campo, por exemplo, enquanto pesquisadora lésbica, de classe média, pernambucana, que não tem o inglês como a sua língua materna. Desta forma,

---

23 As palavras-chave utilizadas na busca foram: transexuais, transsexuais, trans, transexuais masculinos, transexuais femininos, transexual transição, transição, *FTM*, *MTF*, *female to male*, *male to female*, *female to male transition*, *male to female*, *transition*, *transgender*, *trangender male*, *trans gender female*, *trans ftm*, *trans mtf*, *trans male*, *trans female*.

este trabalho deu prioridade à experiência em relação ao conceito ou significado linguístico, tornando a compreensão analítica possível na construção de uma zona mais ampla de entendimento através do diálogo, da escuta e da comparação entre atos discursivos e práticas de si.

Ao se expandir as buscas por *vlogs* de estrangeiros, encontrou-se, em um primeiro movimento exploratório, mais de 150 canais com conteúdo similar de relato de transição. Dentro deste universo, foram selecionados os casos para estudo. Na análise primeira destes *vlogs*, verificou-se a predominância de canais pertencentes a jovens entre 16 e 28 anos, residentes nos Estados Unidos. Entretanto, também foi possível encontrar canadenses, britânicos e hispânicos com narrativas similares<sup>24</sup>. Dentre os 150 *vlogs* visitados, inicialmente foram escolhidos 30 (15 trans masculinos e 15 trans femininas) diários em vídeos para começar a acompanhar os relatos. Dos trinta inicialmente escolhidos, entre 2011 e 2012, alguns não mantiveram a constância esperada, outros deixaram de relatar os processos de transição o que levou a uma busca por novos casos. Em meados de 2012, utilizando da mesma forma de busca relatada acima, foram escolhidos novos casos. Dentre os 30 primeiros, apenas dois permaneceram, passando a integrar uma nova lista com 24 casos. Os dois que permaneceram já ofereciam dados deste o início da transição até o primeiro ano de transição. Este recorte no tempo foi dado ao se perceber, a partir do movimento exploratório, que o primeiro ano em terapia hormonal mostra-se especialmente significativo por ser o momento no qual as primeiras mudanças exercem um importante impacto transformativo sobre o sujeito em transição, no que toca à sua relação consigo e com o outro. No primeiro ano, e principalmente nas primeiras semanas, há um relato mais constante das transformações e experiências da transição.

Dentre os novos casos, procurou-se aqueles que já tivessem postagens com relatos até o primeiro ano de transição para garantir o acesso aos dados. Entretanto, as novas escolhas também foram feitas procurando manter a atenção ao processo de repetição de questões, conforme preconizado em

---

24 Aqui é preciso destacar que o limite de compreensão da pesquisadora de outras línguas, para além do inglês, do espanhol e do português, também pode ter influenciado na obtenção destes dados.

metodologias qualitativas (Glaser e Strauss, 1967), reduzindo o universo de modo a preservar uma diversidade dos casos, priorizando relatos com idade, narrativa e contextos socioculturais diferentes. O *vlog* de Dani, por exemplo, só foi incluído na análise no final de 2012, por se constatar a importância do seu relato que trazia uma nova forma de narrativa dentro do universo trans feminino do YouTube, mesmo sem ter garantias de que Dani continuaria seu relato até, pelo menos, um ano de transição. Sendo assim, entre 2012 e 2013 foram acompanhados 13 diários em vídeo, permanecendo 12 (6 trans masculinos e 6 trans femininas)<sup>25</sup>, no processo final de análise do percurso de transição do primeiro vídeo postado até o fim do primeiro ano em terapia hormonal.

Ao iniciar a análise desses doze casos, optou-se por construir uma pasta para armazenar os dados relativos a cada sujeito. Inicialmente foi feita uma pequena lista com informação de cada sujeito contendo: nome utilizado no *vlog*, idade no início dos relatos da transição, cidade de origem, nome do endereço do *vlog*, ano de início das postagens contendo o processo de transição, e uma lista mostrando os textos introdutórios<sup>26</sup> dos vídeos publicados em ordem cronológica por cada sujeito, trazendo o nome do vídeo, a data de envio e os comentários deixados por eles – uma forma de deixar uma nota sobre cada vídeo aos espectadores. Em um arquivo paralelo foram feitas as transcrições e/ou traduções de cada vídeo ou parte dele – de acordo com a sua relevância, incluindo nota da pesquisadora sobre cada um deles, montando uma espécie de diário de campo virtual que, juntamente com as listas citadas acima auxiliaram na consulta e no manejo de todo o material. Construiu-se um arquivo que conta com 12 pastas (12 *vlogs*), 1477 imagens de comentários retirados das páginas dos *vlogs* no YouTube, com cerca de 180 megabytes e 747 arquivos de videografia com cerca de 78,8 gigabytes que foram baixados, principalmente, ao longo dos meses de análise, direto da plataforma do YouTube para facilitar sua visualização, transcrição e análise; onde cada diário contém, em média, 4 horas de relato. O que permitiu

---

25 Ver anexo A com quadro contendo informações gerais sobre os sujeitos.

26 Ver anexo C com lista dos textos introdutórios dos vídeos analisados em ordem cronológica em Rojas (2015).

a identificação dos questionamentos comuns discutidos neste trabalho em conjunto com a formulação das categorias de análise, desenvolvidas a partir da construção das fases fundamentais da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) a saber: pré-análise, exploração do material.

Neste processo a organização dos dados utilizados neste trabalho se deu através de um sistema de arquivamento por *vlog*, onde cada vídeo transcrito era relacionado inicialmente a três perguntas primárias (“Como”, “para quem” e o “por quê” dos *vlogs*) construídas como categorias que procuraram priorizar a compreensão do mecanismo do *vlog* e da utilização dele pelos sujeitos, auxiliando, desta forma, na identificação de outras questões responsáveis por gerar novas categorias voltadas mais diretamente para a vivência individual e coletiva do sujeito no processo de transição, a saber: (1) processos de identificação, (2) transformação corporal, (3) constituição do *self*, trazendo consigo subcategorias retiradas das falas dos sujeitos, (1) “sou trans o bastante?”, (2) “corpo desejado/corpo conquistado” e (3) “quem eu sou/como eu quero ser”. Estas categorias e subcategorias organizaram o armazenamento dos dados, dialogando com a primeira fase de exploração e com a elaboração de um diário de campo virtual. Assim se fez possível o diálogo entre as anotações da pesquisadora, as transcrições, os comentários, o conjunto dos vídeos e os marcos teóricos durante a fase de interpretação da análise. Isto possibilitou também, uma percepção das mudanças realizadas, ao longo dos anos, pelo YouTube e pelos usuários em suas páginas, facultando examinar o cotidiano da experiência de transição a partir da composição do contexto dos sujeitos.

Durante o curso da análise, houve o encerramento de dois *vlogs* de trans femininas. Em um deles, o de Jesslyn, conseguimos acompanhar os vídeos até o final do primeiro ano; já no de Dani, pudemos acompanhar apenas os seis primeiros meses. Em 28 de maio de 2013, viu-se um relato sobre o encerramento do *vlog* de Jesslyn por uma jovem trans conhecida como Siul:

Minha trans *vlogger* favorita, Jesslyngirl87, fechou a conta do YouTube hoje. Seus vídeos me inspiraram muito. Eu vi um monte de conta com apenas um vídeo de despedida quando eu comecei a assistir *vlogs*. As meninas terminam

este capítulo de suas vidas para começar um novo, eu admiro isso. Sinto-me triste por ela deixar os *vlogs*. Ela vai fazer um novo canal para a sua música, mas também estou feliz que ela está feliz e vivendo sua vida do jeito que ela quer, como ela mesma.<sup>27</sup>

No dia 9 de setembro de 2013, Dani é questionada no *Tumblr*, outra rede social, sobre o fim do seu *vlog* no YouTube, ao que responde: “Eu decidi ficar apenas com o *Tumblr*. Eu vou fazer um novo vídeo em breve e vou publicá-lo diretamente aqui”<sup>28</sup>. Tais notas não esclarecem o porquê do encerramento das contas, mas oferecem um dado novo. Ao apresentarem a possibilidade de encerramento dos *vlogs*, estes sujeitos abrem um novo universo de questões sobre as possíveis explicações desse fato, que não são trabalhadas neste trabalho, mas reforçam a particularidade do espaço e às práticas realizadas dentro dele.

Como a pesquisa qualitativa, segundo Flick (2004), é fortemente orientada para a investigação dos eventos cotidianos, para as ações em processo, para a percepção dos contextos, para a construção dos dados no campo de investigação no curso da ação. Durante o processo de análise partiu-se para uma identificação de questões que eram mais comuns aos sujeitos de pesquisa, procurando observar a diversidade das perspectivas, das respostas dadas aos problemas de diferentes modos pelos sujeitos autores e por alguns comentadores. Durante o processo de construção da pesquisa essas questões foram se modificando, mas ao final quatro questões se tornaram principais, tornando-se o centro para o desenrolar de outras investigações, a saber: (1) a análise do funcionamento dos *vlogs* e o seu impacto

---

27 Tradução livre. Texto original: “My favorite trans vlogger Jesslyngirl87 closed her YouTube account today. Her videos gave me so much inspiration. I saw a lot of account with just a goodbye videos when I first started to watch vlogs. The girls end this chapter of their lives to start a new one, I admire that. I feel sad for her to leave the vlogs. She will make a new channel for her music, but I’m also happy that she’s happy and living her life the way she wants to, as herself”. Disponível em: <http://www.blogger.com/profile/18258299541136457365>

28 Tradução livre. Texto original: “I decided to just stick with Tumblr. I’ll make a new video soon and just post it directly to here”. Disponível em: <http://being--dani.tumblr.com/page/14>

no surgimento de novas práticas de confissão e memória; (2) o examine de como ocorrem os processos de identificação dos sujeitos trans durante a período de transição; (3) a compreensão de se o corpo é aquele que se deseja, se conquista; e em que medida ele contribui para o reconhecimento do “eu”; e (4) a investigação de qual o papel da performance corporal e da narrativa na constituição do *self*.

Tendo a pesquisa qualitativa o princípio epistemológico da compreensão da complexidade de relações, mais do que a simples explanação de uma relação isolada de causa e efeito, o caráter de abertura foi primordial na construção dos dados. Desta forma resultando não na escolha de um único método, mas da junção de diferentes métodos e técnicas. Por exemplo, os instrumentos utilizados na investigação das questões citadas anteriormente foram os vídeos, as imagens, os comentários e o diário de campo virtual, onde tais escolhas se deram dentro do progresso da pesquisa, de um processo de tentativa de adequação constante aos questionamentos que emergiram da fala dos sujeitos. O caráter de abertura, de construção, de um “trabalho em processo” próprio da pesquisa qualitativa, permitiu que se incluísse na análise, por exemplo, os comentários deixados nas páginas, os quais não estavam previstos no projeto inicial deste trabalho, e se retirasse as entrevistas com os sujeitos de pesquisa, propostas neste mesmo projeto. Desta forma, voltou-se a análise para o cotidiano das relações e para a valorização da autonarrativa espontânea, de modo a permitir uma investigação mais apropriada dos processos de identificação e constituição do *self* no processo de transição trans, compreendendo e respeitando a lógica de funcionamentos dos *vlogs* no YouTube.

Para se efetuar a análise foi preciso construir um mosaico de elementos retirados do uso da pesquisa exploratória, do campo da análise videográfica, da análise de conteúdo e da análise narrativa, onde optou-se por situar os dados no contexto da prática social dos sujeitos, em diálogo, por sua vez, com o contexto da comunidade trans presente no YouTube. Observou-se os atos de fala, as performances, a capacidade de comunicação através dos vídeos e a resposta da audiência dentro dos diversos tempos e espaços por meio dos comentários, relacionando-os ao contexto de ação dos sujeitos. O sujeito narra, performa e reflete na prática de *vlogging*, lançando o foco

da interpretação para um “como é dito” que age e utiliza-se de imagens videográficas, fotografias e textos em um processo que conecta corpo, *self* e sociedade em prática social.



## 2. Tecnologias do Self e Práticas de Media

*Recebi bênção episcopal e me ajoelhei no genuflexório reservado aos penitentes. Minha confissão foi completa. Tinha que ser longa. O prelado tinha me escutado com reverência religiosa. Não admira que eu tenha contado com sua indulgência. As minhas palavras não eram senão um grito de abandono que não deixou a sua alma insensível; seus olhos de águia tinham percebido o abismo aberto debaixo dos meus pés... minhas confissões, tão cheias de sinceridade, o predispunham a meu favor.<sup>29</sup>*

*Alexina B.*

---

29 Foucault (2007:90). Tradução livre. Texto Original: “Recebi la bendición episcopal y me arrodillé sobre el reclinatorio reservado a los penitentes. Mi confesión fue completa. Tenía que ser larga. El prelado me había escuchado con un asombro religioso. No en vano yo había contado con su indulgencia. Mis palabras no era sino un grito de desamparo que no dejó su alma insensible; su vista de águila había medido el abismo abierto bajo mis pies... Mis confesiones, tan llenas de sinceridad, le predisponían a mi favor”

Neste capítulo, a relação entre poder, prática, narrativa e *self* começa a ser discutida a partir da problematização dos espaços de constituição e das formas de narrativa de *self*. De início, o interrogar dos elementos que atuam na constituição do sujeito através das práticas de confissão abrem o debate. Das confissões orais diante de padres, como a citada por Alexina na epígrafe, às confissões escritas de Santo Agostinho ou mesmo às autobiografias discutidas por Gusdorf (1991), falar ou escrever de si surge como um dispositivo cultural importante (Foucault, 1978) que, no decorrer do caminho histórico, se depara com novos modelos de comunicação.

A partir da noção de tecnologias de *self* (Foucault, 1993), é possível ver, na contemporaneidade, o surgimento de novas técnicas de confissão em novos espaços de narrativa de si. A tecnologia aparece como elemento capaz de fomentar o surgimento de uma nova concepção de sujeito, quando se compreende a ligação desta com as estruturas de dominação (Foucault, 1988). A existência de novos recursos tecnológicos traz consigo o universo dos novos *media* responsáveis por fomentar práticas até então inauditas de confissão, interação e arranjo entre as fronteiras do público e do privado, proporcionando, de igual maneira, novas formas de produção, arquivamento e compartilhamento de memória.

Tal perspectiva faz questionar qual concepção de sujeito o envolvimento com novos *media* proporciona e como este sujeito articula novas práticas sociais e de si nesta conjuntura. Da mesma forma, essa perspectiva também suscita a busca por compreender se, diante da diversidade dos novos *media*, os *vlogs* surgem como veículos capazes de proporcionar a experiência de uma nova narrativa. Para responder a tais questionamentos, é preciso compreender como as narrativas de *self* se formam de modo singular, dentro do universo dos novos *media*. Sendo assim, é preciso analisar a constituição da mediação, dos seus aparatos e técnicas, procurando entender como se fundam as novas práticas de *media*. As práticas de *vlogging* consideradas nesse estudo constituem narrativas de si e, enquanto tais, são essenciais aos processos de constituição do *self* dos sujeitos trans inseridos na transição. Em tal constituição, a linguagem desempenha um papel fundamental, na medida em que tais narrativas e as práticas a ela associadas inserem-se num fluxo contínuo de comunicação e troca, de informação e interação, fluxo

que, através dos seus *vlogs*, esses sujeitos estabelecem com o(s) outro(s) espectador(es)/comentador(es).

## 2.1. Tecnologias do *self*

Para se entender como a tecnologia se articula com o *self*, faz-se necessário compreender como a tecnologia se articula com as estruturas de dominação (Foucault, 1988). Para Foucault, existem quatro tipos de tecnologias, a saber: a) tecnologias de produção, as quais permitem ao sujeito transformar e manipular coisas; b) tecnologias de sistema de sinais, as quais habilitam o sujeito ao uso de símbolos, significações e significados; c) tecnologias de poder, que “determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a fins de dominação objetificando o sujeito”; d) e, por fim, as tecnologias do *self*, que permitem aos sujeitos - por iniciativa própria ou com a ajuda de outros - realizarem um certo número de operações sobre seus próprios corpos e almas (seus pensamentos, sua conduta, seu modo de ser), “a fim de transformarem-se para alcançar um estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade”(Ibid.: 18).

Segundo Foucault, cada tipo de tecnologia é responsável por uma determinada formação ou modificação dos sujeitos – no que tange à aquisição de habilidades e atitudes. Esses quatro tipos dificilmente funcionam separadamente, embora cada um esteja associado a um tipo de dominação. Quando se fala de autobiografias/narrativas de mulheres, pode-se, por exemplo, ver o duplo funcionamento das tecnologias do *self* e das tecnologias de poder<sup>30</sup>, articuladas aos nexos entre as relações de poder e condições histórico-culturais mais amplas. Por conseguinte, dentro desta perspectiva, as tecnologias seriam formas de governo de si e do outro relacionadas a um modo de vida socialmente específico, o que levaria a pensar na ausência de um sujeito enquanto substância e, em vez disso, em formas historicamente distintas e particulares de subjetividade (Foucault, 1997: 290).

---

30 Ver Maria Tamboukou (2008:88-107).

Neste momento, vale lembrar a relação estabelecida por Foucault (1993: 203-204) entre as tecnologias de dominação e as tecnologias do *self*. Técnicas de coerção e autorregulação são complementares e conflitantes. A atuação das estruturas de dominação e coerção, de um lado, e os processos de constituição e modificação do *self* por si mesmo, de outro, são faces de uma mesma moeda. Inicialmente, Foucault (1977) chegou a enfatizar a aplicação das tecnologias de dominação através de uma política de subjugação dos “corpos dóceis”, sob a égide de duas formas distintas de poder: a disciplina e a regulamentação. Nelas, o *self* seria produzido por processos de objetivação, classificação e normalização. A disciplina agiria sobre o corpo dos sujeitos e a regulamentação sobre a população, atuando de fora para dentro, mas mediante subjetivação. Contudo, posteriormente, Foucault (1985; 1988; 1990) redefiniu o poder para além das noções de repressão, coerção e dominação, procurando definir agência como autorregulação (Rabinow, 1997). Segundo McNay (1992:4), o sujeito passou a ser, então, um agente capaz de combater e resistir às estruturas de dominação.

Partindo dessa perspectiva que reconhece no sujeito uma característica de mutabilidade, pode-se então levar o conceito a outro nível e pensar em um sujeito sem substância, capaz de realizar transformações em si mesmo, em seu corpo e modo de vida, através de práticas sociais e de *self* cujos modelos lhe são oferecidos pela cultura circundante<sup>31</sup>. Sendo assim, ao focar nesse processo contínuo de constituição de si mesmo, faz-se necessário retornar à compreensão da prática de confissão que auxilia neste processo.

As práticas de confissão, ao longo dos séculos, sofreram várias mudanças no ocidente. Dentre elas, destaca-se a passagem das narrativas confessionais do campo religioso para o universo médico, bem como, posteriormente, para os campos terapêuticos e pedagógicos (Foucault,1980). Segundo o autor, a prática de confissão pode ser compreendida como referente a todos

---

31 Foucault (1997: 291). Texto original: “On the other hand, I would say that if I am now interested in how the subject constitutes itself in an active fashion through practices of the self, these practices are nevertheless not something invented by the individual himself. They are models that he finds in his culture and are proposed, suggested impose upon him by his culture, his society, and his social group”.

os procedimentos pelos quais “o sujeito é incitado a produzir um discurso de verdade sobre si que seja capaz de produzir efeitos nele mesmo” (Ibid.: 215-216). Em outros termos, tem-se a confissão ligada à ideia de produção de verdade, credibilidade e autenticidade, que, ao invés de libertar, assujeita. Dentro desta perspectiva (Foucault, 1978: 58-60), o homem ocidental é autenticado pelo discurso de verdade, sendo capaz e obrigado a confessar, a pronunciar sobre si mesmo, em público e em privado.

No período helenístico, ainda segundo Foucault (1988), verifica-se a importância de práticas de confissão escrita nas quais o *self* passou a ser algo sobre o que se escrever, sobretudo através de cartas – de um diálogo, mesmo que suposto, com o outro. É importante ressaltar que, no período helenístico e imperial, as práticas de confissão escrita giravam em torno das ações e não dos pensamentos. Para os estoicos, por exemplo, o que estava em jogo não era o decifrar do *self*, mas possuir a memória do que se fez e do que deveria ser feito.

Uma nova preocupação e uma nova experiência com o *self* desenvolveram-se nos séculos I e II, e a escrita tornou-se responsável por ampliar e intensificar a experiência de si mesmo. Por conseguinte, este movimento fez com que os diários escritos surgissem, durante a era Cristã, com o foco guiado para o “combate” da alma. Para os cristãos dos séculos I e II, através da *exomologese*, da confissão pública, o penitente era capaz de sobrepor a verdade sobre o *self* através da dissociação e de uma ruptura violenta, possibilitada por uma confissão simbólica, teatral, ritualística. Esse processo de penitência cristã envolvia a recusa ou renúncia das práticas pretéritas do *self*, de modo que a autorrevelação era, ao mesmo tempo, autodestruição e renascimento (Ibid.: 43). Sendo assim, sob a égide da moral cristã, o conhecer a si mesmo era sinônimo de renunciar ao mal, para alcançar a única forma de salvação.

No século IV, surgem as práticas de confissão verbal relacionadas às ações diárias do sujeito, segundo as regras estabelecidas, por meio de orações. Já depois da Reforma Protestante no século XVI, as práticas de confissão voltaram-se não somente para os atos dos sujeitos, mas também para seus pensamentos. No século XVIII, foram as técnicas médicas que exigiram do sujeito a confissão da sua “verdade” sobre si mesmo,

levando a outro patamar as práticas de confissão (Foucault, 1980: 215). Nesse modelo médico de cura, necessita-se da confissão do paciente sobre o seu problema como parte do exame clínico que possibilita um diagnóstico. Mediante anamnese do paciente, o saber médico espera que o sujeito revele a verdade sobre si mesmo.

O conceito de verdade em Foucault (1988) baseia-se em “atos de verdade”, advindos do conceito de *exomologese* do cristianismo primitivo, nos quais aceitar uma determinada verdade significa tomá-la para si, engajar-se nela e encará-la como uma obrigação que necessita de profissão pública. O sujeito deve viver a sua vida como testemunho desta verdade em si mesmo e diante do outro, estando de acordo com os procedimentos de expressão tidos como parte deste “regime de verdade”. Baseada neste (s) “regime (s) de verdade (s)”, a confissão se apresenta interligada a uma determinada forma de revelação, onde a dominação não está naquele que fala, mas no outro que ouve e questiona. Confissão exige treinamento, disciplina, autoavaliação, autorregulação, em que o corpo, a fala e o movimento se expressam segundo uma preparação advinda de instituições como a escola, a igreja e a ciência médica (Rose, 1989). É a partir dela, da narrativa autoconsciente e deliberada, que os sujeitos são capazes de recriar a si mesmos, podendo encontrar e construir elementos de identificação do *self* em relação à alteridade. Com efeito, no curso histórico das “tecnologias do *self*”, as técnicas verbais de confissão que traziam consigo possibilidades repressivas e produtivas foram reinstauradas, a partir do iluminismo, pelas ciências humanas, ressaltando a sua capacidade de constituir “um novo” *self*.

No que toca a esta passagem, a este processo de constituição de um novo *self*, é certo que, na contemporaneidade, a confissão expandiu seu alcance para além das esferas citadas acima, adentrando o universo dos novos *media*. Quando Sibilia (2007) propõe uma discussão sobre o surgimento dos *blogs* confessionais, trazendo a possibilidade de que estes se apresentem como um meio de constituir a subjetividade do ser, ela o faz compreendendo a escrita destes *blogs* como um tipo de ficção em que pessoas comuns se autoconstroem como personagens reais, ao mesmo tempo em que são personagens fictícios de suas próprias vidas (Ibid:188). A autora reconhece o sujeito produtor de *blogs* confessionais como autor, narrador

e personagem de sua história, quase como se o *blog* produzisse um novo gênero literário, ao passo que reconhece estes relatos como parte desses sujeitos. Mais uma vez, não se fala de um sujeito com substância, como algo a ser revelado, mas de um sujeito que narra a si mesmo, de um sujeito envolvido no processo de constituição de si, inserido e sob a influência dos mecanismos do poder. Ao se tomar as tecnologias do *self* como ferramentas sociais e culturais, como meios de reflexão, autorrepresentação, comunicação e compartilhamento (Djick, 2007:41), é possível percebê-las como responsáveis pelo entrelaçamento entre os domínios do público e do privado. As tecnologias do *self* seriam ferramentas que possibilitariam a construção social da identidade pessoal (Foucault, 1988). Dentro desse contexto, a internet se apresentaria como uma dessas ferramentas (Aycock 1995), construindo uma relação de comunicação, interação e intercâmbio, fomentando vínculos, interligando-se à cultura e refletindo identidades (Abbas e Dervin, 2009). Desta forma, os novos *media* e os novos espaços confessionais possibilitariam ao sujeito novas ferramentas no processo de constituição do *self*. Nesse universo, as técnicas confessionais encontram novas ferramentas de expressão, com os sites de redes sociais, os *blogs* e plataformas como YouTube operando como veículos distintos que atuam de uma forma específica, mas dentro de uma mesma lógica tecnológica.

## **2.2. Mediação e prática de *media***

Da invenção da imprensa à difusão de aparelhos de telefonia móvel, as revoluções na comunicação vêm promovendo novas formas de circulação e acesso à informação que alavancam as possibilidades de interação social. Os (novos) dispositivos de *media*, seguindo a compreensão de Goffman (1974:43-44), transformam as possibilidades de interação na vida cotidiana: da imprensa, telefone, telégrafo e fax até as mensagens eletrônicas transmitidas via pulsos de energia eletromagnética (Pool, 1983:24), hoje com a utilização de sinal digital.

O surgimento da Internet, da chamada Web, inicialmente constituída por aplicativos de *softwares* fechados sem possibilidade de alteração, de

sites estáticos impassíveis a mudanças ou alterações por parte do usuário (Cormode e Krishnamurthy, 2008), alavancou o potencial de propagação da informação. A internet, com a associação entre processamento e disseminação de conhecimento, permitiu o compartilhamento instantâneo de informação de modo global (Naisbitt, 1984), encurtando distâncias, implodindo o tempo (Bell,1980).

Por volta dos anos 2000, a Web incorpora em sua estrutura um componente social, possibilitando mais interação e intervenção do usuário, incentivando-o, por exemplo, a produzir conteúdo (permitindo acesso aos códigos-fonte do sistema), compartilhar (utilizando textos, fotos, música, vídeos) e estabelecer conexões de forma simples (Cormode e Krishnamurthy, 2008). Desse modo, alavancou-se a participação do usuário, que, segundo Thompson (1990:15), tinha até então relativamente pouca capacidade de intervenção e produção de conteúdo. Com isso, o surgimento dos sites de redes sociais (SNSs) trouxe uma nova geração, com comunidades virtuais para além das fomentadas inicialmente em sistemas como o IRC (*Internet Relay Chat*), baseadas primordialmente em conversação escrita (Rheingold, 2000)<sup>32</sup>. O desenvolvimento destas novas redes sociais impulsionou a criação de comunidades de pessoas com interesses e atividades comuns (Cheng et al. 2008: 229)<sup>33</sup>.

Esses novos sites também ficaram conhecidos como UGC (*“user generated content”*), reafirmando mais uma vez o forte apelo pela participação e criatividade do usuário. Como exemplos populares pode-se citar: o *Facebook*, o *Flickr* e o *YouTube*. Para se compreender como esses sites destacam-se, o surgimento da plataforma do *YouTube*, com o seu sistema de compartilhamento de vídeos, constitui uma boa ilustração das transformações desenvolvidas através dessas novas mídias. Com o surgimento do

---

32 Vale lembrar que Rheingold (1996:18) compreende comunidades virtuais como “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam adiante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”.

33 Segundo Danah Boyd e Nicole Ellison (2007), as redes sociais são serviços baseados na *web* que permitem ao indivíduo: “(1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão e (3) ver e percorrer sua lista de conexões e as listas feitas por outros usuários dentro do sistema”.

YouTube, o compartilhamento pelo usuário - antes feito apenas por servidores de mídia tradicionais ou mesmo realizando *download* de arquivos P2P (*peer-to-peer*) através de sites como o *BitTorrent* e *softwares* como *uTorrent*, onde os vídeos eram unidades isoladas de conteúdo, dependentes de pares de conexão - passou a contar com uma plataforma integrada, prática, onde ele mesmo foi habilitado a realizar "*upload*" - ou seja, mandar um arquivo do seu computador para a rede -, manipulá-lo, editá-lo, compartilhá-lo e assistir a ele dentro de um mesmo local (Cheng et al. 2008: 229)<sup>34</sup>. No YouTube, as comunidades, os grupos e os usuários estão integrados, assim como os conteúdos estão interligados, não existindo mais uma relação estanque e isolada.<sup>35</sup>

Segundo McLuhan (1994), um *medium* específico cria ou promove formas particulares de consciência e de organização social. Da mesma forma, como sustenta Buckingham (2000:12), as teorias de comunicação multimodal<sup>36</sup> assumem que as transformações nos modos de comunicação dominantes resultam necessariamente em mudanças nas relações sociais. Entretanto, estas perspectivas, ao mesmo tempo em que abrem espaço para a afirmação de um potencial libertador dos novos *media*, negligenciam as suas diversas formas de uso e a complexa ligação entre seu surgimento e as relações de poder presentes neste meio (Buckingham, 2000; Kloet e Teurlings, 2008).

No universo dos novos *media*, o indivíduo não é apenas um detentor do conhecimento, um julgador de atos, um memorizador de regras, um mero contemplador obediente, vigilante ou mesmo um penitente de si mesmo,

---

34 O YouTube, assim como outros sites e plataformas, tem uma central de segurança através da qual se pode fazer denúncias reportando fatos como: violação de direitos autorais, privacidade e conteúdo de idade restrita. Para mais informações, acessar: <https://www.youtube.com/yt/policyandsafety/pt-BR/reporting.html>.

35 Entretanto, é preciso observar que todo este incentivo para produção e distribuição de conteúdo, tornando o usuário consumidor e produtor, possibilita um discurso emancipatório, mas carrega também um forte apelo econômico. Como bem nos lembram Kloet e Teurlings (2008: 348), o YouTube segue a combinação de "máxima audiência com custo reduzido" presente na indústria cultural.

36 A teoria da comunicação multimodal leva em conta o modo como o conteúdo usa um meio para expressar-se. Cf. Kress e Van Leeuwen (2001).

embora exista uma dinâmica de poder circundante. Nos *vlogs*, existe um sujeito ativo que confessa a si mesmo diante de uma câmera que funciona como um reflexo do eu e como um “outro (s)”, num movimento diferente daquele ocorrido no *blog*, no qual a confissão se coloca em escrita programada de si. No *vlog*, o sujeito mostra visualmente a expressão corporal e verbal de si mesmo na vivência de um determinado momento e contexto, em tempos diversos para si e para o (s) “outro (s)”.

A relação com o outro nesse contexto, seja ele comentador/produtor de vídeos ou figura presumida, tem papel fundamental na construção de novas coletividades e identidades. Entretanto, esse outro presente nos *vlogs* não se apresenta como autoridade instituída, pois está mais próximo do usuário comum, promovendo um diálogo mais horizontal, de troca de vivências expostas, em vez de vertical, focado em um conhecimento suposto. A confissão posta em um *vlog* mostra-se capaz de entrelaçar as esferas do público e do privado, de expandir as redes de conhecimento e informação.

Dentro desse universo, o falar de si não é mais, tão somente, uma imposição ou demanda de um saber-poder unificado. A confissão não serve mais, exclusivamente, a um saber impositivo legitimado institucionalmente e que tinha, por exemplo, o domínio do significado e do destino do (s) significado (s), de conceitos como normal e patológico, correto e desviante. Embora estes conceitos ainda existam, não são mais propriedades exclusivas de um saber científico. Navegam na internet como saberes passíveis de codificação, decodificação e ressignificação. Num universo onde as vozes se propagam e os saberes se misturam, as ações, práticas e performances dos sujeitos tornam-se ubíquas e conectam-se, gerando novas possibilidades de ser.

De acordo com Gitelman (2006: 7), os *media* podem ser entendidos como estruturas de comunicação socialmente constituídas por formas tecnológicas e pelos protocolos de uso associados a essas formas. Para o autor, o sucesso de qualquer mídia depende, em algum nível, de que a atenção do usuário esteja voltada para o fenômeno midiaticizado, para o seu conteúdo, e não para a tecnologia em si – ou mesmo para os seus protocolos de utilização. Todavia, a materialidade da tecnologia e seus protocolos de uso são fatores importantes na consolidação desses *media*. Dentro desse

universo, os sujeitos que estão envolvidos nessas práticas de *media* compartilham de protocolos de uso que vão desde os aparatos instrumentais (e.g. do aparelho com conexão de rede até a inscrição em um canal) até as normas, processos e linguagem desenvolvidas dentro da internet (respeitando a especificidade de cada mídia, site, plataforma, rede social). Esses elementos são compreendidos e partilhados a partir da interação realizada em um espaço-tempo do qual o contexto sociocultural é parte integrante. A internet, ou ainda, cada site ou plataforma, tem seus elementos, símbolos, esquemas, formas de uso e interfaces que podem, a princípio, ser analisados segundo uma linguagem universal compartilhada, levando-se em conta a compreensão das práticas de *media*. Entretanto, a forma de interação de cada sujeito caracteriza-se e adquire significado a partir do seu *background* sociocultural<sup>37</sup>.

Ao se compreender como as práticas se organizam e se articulam em diferentes contextos, é possível projetar um descentramento interpretativo capaz de analisar a prática de *media* como constitutiva de um domínio específico da vida social, sem, no entanto, mantê-la isolada, como fazem os conceitos de “prática de *media* orientada” e “prática relacionada aos *media*”<sup>38</sup> propostos, consecutivamente, por Couldry (2010;2012) e Hobart

---

37 Nesta perspectiva, o pesquisador, sobretudo quando lida com uma pesquisa *cross-country*, deve assumir uma postura de questionador, deixando claro seu próprio lugar de referência, seu ponto de partida analítico e cultural (Wallace, 1961). Deve-se, ainda, considerar que, neste tipo de pesquisa, a tradução se caracteriza por ser uma interpretação possível e não a expressão exata de um determinado conceito ou linguagem (Mauro et al. 1992; Mosquera et al. 2000; Parkinson et al. 2005).

38 Se Couldry (2010: 42) se pergunta se as práticas de *media* têm um papel privilegiado na ancoragem de outros tipos de prática por conta da circulação privilegiada de representações e imagens do mundo social de *media*, defendendo o conceito de “prática de *media* orientada”, Hobart (2010:63) rebate a pergunta defendendo um conceito de “prática relacionada aos *media*”, afirmando que a perspectiva de Couldry (2010) antecipa como as práticas de *media* são compreendidas e se relacionam a outras práticas. Já o conceito de “prática relacionada aos *media*” incluiria exemplos de como uma família pode tomar decisões sobre seus investimentos financeiros através do rádio, da TV, do uso de computadores ou mesmo como se pode escolher ver o futebol na TV ao invés de ler um jornal, privilegiando uma análise particular, aberta, não orientada, uma interpretação singular de prática. Conferir o debate entre Couldry (2010) e Hobart (2010). Os autores citados acabam por estabelecer um segundo plano para as práticas de *media* e não de equivalência às demais práticas integrativas propostas por Schatzki (2002;2010).

(2010). As práticas de *media*, como quaisquer outras práticas, aliam condutas humanas e arranjos materiais. O universo dos *media* é constituído por ações e cadeias de ações recorrentes e mutáveis, dentro de um espaço-tempo. Cada uma dessas ações é repetidamente performada dentro de um mesmo universo, acessado por diferentes vias, plataformas de atuação e interação. Além disso, elas envolvem uma diversidade de instrumentos materiais, conectados em uma mesma lógica de funcionamento, capaz de permitir a utilização de uma pluralidade de pessoas que compartilham de um entendimento comum dos códigos de uso inteligíveis dentro de contextos culturais distintos – como exemplo disto, há os *vlogs*, com suas estruturas e lógicas de funcionamento que se relacionam com o universo mais amplo da internet, onde sujeitos diferentes, situados em contextos diversos, atuam por meio de uma multiplicidade de formas e vias.

Através da experimentação recorrente dentro da prática de *media*, o sujeito tem acesso a novas perspectivas de realidade, a novas fontes de informação, podendo questionar entendimentos prévios ou mesmo reafirmar normas, em vista de fins, projetos ou invocação de emoções – levando-se em consideração que os entendimentos, as práticas e as condições de prática estão inter-relacionados, agrupados (Schatzki, 2002). Sendo assim, na prática contínua de *media*, embora esta possa se concretizar excedendo o pretendido pelo sujeito, existe um desdobramento e um encontro entre sujeitos acontecendo sob o manto de uma inteligibilidade comum. Dentro desse contexto, a compreensão comum possibilita o desafiar do poder – não monolítico – quando é posta em xeque em uma interrupção do ciclo normativo motivada por fins, projetos, emoções; ou seja, quando a compreensão comum não é suficiente, existe a possibilidade de um questionamento da norma pelo sujeito (produtor/audiência).

Esse movimento, manifesto em uma narrativa confessional, através da prática de *media*, pode vir a propor mudanças utilizando a performance corporal como um instrumento que atua na constituição contínua do sujeito. A prática de *media* ou, aqui, mais propriamente, a prática dispersa de *vlogging*, como se verá a seguir, permite a atuação dos sujeitos em um universo onde o saber-poder, mais do que impositivo, se apresenta propositivo e desfragmentado. Sendo assim, no atuar narrativo-performativo no universo

dos *vlogs*, cada sujeito se comunica através de uma espécie de criptograma, no qual os códigos de uma inteligibilidade comum – as normas compartilhadas – funcionam como ferramenta de decifração em segundo plano, trazendo a narrativa performativa em primeiro plano como a face do enigma que contém, em si, a possibilidade de gerar novos códigos inteligíveis, não necessariamente comprometidos com a normatividade.

### **2.3. YouTube e prática de *vlogging***

Para entender melhor as práticas de *media*, o foco nesta seção recai sobre a prática dispersa de *vlogging* via YouTube. A prática de *vlogging* no YouTube ocorre através de uma infinidade de gêneros, que vão desde novelas, programas de comédia, edição de notícias, reprodução de filmes, comunidades de fã-clubes e divulgação de músicas e animações até os diários virtuais. Nesse estudo, os diários virtuais serão o veículo de análise das práticas de *vlogging*. Dessa forma, é necessário diferenciá-los primeiramente de outras práticas que também se utilizam de narrativas confessionais para, posteriormente, conhecer seu modo de atuação e seus alcances.

Os diários íntimos escritos em papel e a caneta estão relacionados ao relato de caráter meditativo. A vida interior tem autoridade argumentativa, o conteúdo factual é de importância periférica, e a interação via diálogo é inexistente. Esses diários guardam algumas semelhanças com os diários virtuais em *blogs*; todavia, se era possível ver apenas um desejo latente de revelação do diário escrito em papel, nos *blogs* a comunicação com o outro existe como uma intenção declarada; os comentários e as visualizações são um movimento esperado, desejado. Os *blogs* estão na rede para escrutínio público e dialogam com um leitor, necessitando deste diálogo para ter continuidade. Nos *blogs*, ao contrário dos diários escritos à mão, nos quais o conteúdo íntimo era tido como indevassável, a intimidade se alinha, indispensavelmente, à publicidade (Schittine, 2004). A existência factual de interlocutores na dinâmica dos *blogs* talvez seja sua diferença primordial em relação aos diários escritos à mão, sobretudo na forma de relato desenvolvido em textos curtos, com linguagem informal, comprometidos com o

instantâneo do tempo vivido (Schittine, 2004; Sibilia, 2008) e propiciados pela existência de novos suportes materiais – elementos fundamentais para a mudança das práticas de relato autobiográfico.

As características de publicidade, instantaneidade, ubiquidade e interatividade dadas aos relatos autobiográficos na internet ampliam a capacidade do sujeito em se colocar ativamente com respeito aos padrões normativos de uma determinada cultura coletiva. Sendo assim, a condição de enunciação torna-se mais importante que o conteúdo do relato. A narrativa de si como um ato performativo se alia à amplitude da liberdade de significação proporcionada pelos novos *media*, sobretudo através dos *vlogs*. O conteúdo narrativo dos diários em *vlog* não consiste em afirmações da substancialidade do sujeito (Simons, 1978: 27), mas parte de uma prática performativa de si através da experiência e do uso da linguagem corporal e verbal, que produz e constitui novas formas de si na prática contínua, onde o diálogo com o outro e consigo mesmo ganha novos contornos.

Os diários virtuais em vídeo (*vlogs*) surgem, segundo Strangelove (2010), através de uma demanda por maior autenticidade no conteúdo disponibilizado no YouTube<sup>39</sup>. Por outro lado, nos *vlogs* com relatos da transição trans, é possível perceber uma forma de narrativa que não necessariamente dialoga com o autêntico ou inautêntico, mas antes com uma *performance* própria de sujeitos comuns que se expressam, com todas as suas ambiguidades, em uma narrativa de si que vai além do pretendido.

Dentro da prática de *vlogging*, as formas de expressão ampliam-se com o uso de um modelo narrativo específico e com a diversidade de instrumentos tecnológicos de comunicação à disposição dos usuários, embora essa prática pressuponha a existência de códigos de uso, um formato, um modo de transmissão e relações de poder presentes no contexto da ação. Esse modelo narrativo presente nos *vlogs* articula a construção e desconstrução de aspectos do sujeito na prática contínua, permitindo que o sujeito narrador/espectador tenha a possibilidade de refletir, com o(s) outro(s), sobre

---

39 Segundo Michael Wesch (2008), citado também por Strangelove (2010), a autenticidade é um valor fundamental do YouTube

o significado pretendido ou o resultado não pretendido da ação em espaços-tempos diversos e específicos. A compreensão advinda desses espaços-tempos permite que o sujeito seja capaz de articular e negociar significados com a sua rede de relações na prática de *vlogging* através de uma narrativa performativa que se reinventa continuamente em diálogo com o(s) outro(s), com o inteligível e o possível de si mesmo.

Quando pesquisa-se no YouTube “O que é *vlogging*”, surgem aproximadamente 448.000 resultados<sup>40</sup>. Dois exemplos se destacam: um por falar sobre o lado instrumental do *vlogging* e o outro por focar no conteúdo apresentado. O primeiro, no vídeo “How to Vlog/Video blog! Start today”<sup>41</sup>, postado em 24 de março de 2007, com cerca de 562.000 mil visualizações, explica: “Eu acredito que o *vlog* seja uma ótima mídia para se comunicar. [...] Eu posso dar alguns pontos básicos sobre como começar a ‘vlogar’. [...] Primeiro de tudo, você precisa de uma câmera de vídeo digital”. A ferramenta fundamental é apresentada, continuando o autor do vídeo a comentar sobre a necessidade do microfone, a possibilidade de fazer o *upload* direto ou usar um programa de edição e os pontos positivos da edição rápida. Para o autor, a edição ajuda a manter a dinâmica dos vídeos ao procurar manter o interesse do espectador, o que, segundo ele, vai propiciar, através da sua exposição, a conquista de uma rede de contatos. O objetivo maior desse primeiro vídeo é dar ferramentas, dicas que não focam o conteúdo, mas o funcionamento, procurando tornar os *vlogs* dinâmicos, divertidos e interessantes através da boa utilização de funções disponíveis.

O segundo, publicado em 01 de outubro de 2013 e com cerca de 992 visualizações, cujo título é “What is *vlogging*? #YouTubeLowFiWeek”<sup>42</sup>, diz: “Eu sinto que algumas pessoas dentro e fora do YouTube não entendem realmente o verdadeiro mecanismo do *vlogging*”. No imaginário do autor do vídeo:

---

40 Pesquisa feita utilizando a frase “what is *vlogging*?” [O que é *vlogging*?] em novembro de 2013.

41 Tradução livre: “Como vlogar/vídeo blogar! Comece hoje!”

42 Tradução livre. “O que é *vlogging*? [canal:]# YouTubeSemana de baixa fidelidade” [Low-Fi significa técnicas de gravação com baixa fidelidade sonora].

[...] o *vlog* apareceu através de alguém bem solitário, sentado em sua casa, desejando apenas ter uma conversa com alguém, socializar-se com alguém. Então, ele pega a sua câmera e ele fala sobre algo que o interessa, algo sobre o seu dia, alguma coisa assim [...] Então, imagino ele colocando isto no YouTube porque ele pensou: Por que não compartilhar essa conversa com outras pessoas e ver se eles gostam também?

O exemplo se torna mais interessante quando o autor do vídeo faz um paralelo entre a origem imaginada do YouTube e os dias atuais. Para ele, atualmente, existe uma tendência entre os *vloggers* a não se comportarem de modo espontâneo em suas primeiras experiências na plataforma disponibilizada pelo YouTube, levando-os a fazerem uso de uma “mecânica bem sistemática” na produção dos *vlogs*. Para o autor, as pessoas hoje escrevem roteiros, preparam exaustivamente suas falas, tirando assim a “fluidez de origem” - embora, com o exemplo anterior, fique bem claro que, desde os primeiros anos do YouTube, havia preocupação com a necessidade de entreter e tornar o *vlog* interessante. Ainda de acordo com o autor do segundo vídeo, o fato de se fazer uso de uma sistemática de produção, por si só, não é necessariamente ruim, podendo realmente auxiliar na produção de algo divertido, interessante e menos desconexo. No universo dos *vlogs*, têm-se a promoção de uma comunicação mais horizontal, onde mais pessoas estão habilitadas a propor conteúdos variados. O que o autor deseja, ao final, é que mais pessoas “sentem e falem como se estivessem falando com um amigo em vez de cortar as falas”. Na prática de *vlogging*, essas duas percepções se completam, a primeira lançando o foco sobre o funcionamento instrumental e a segunda discutindo a produção e formas de compartilhamento de conteúdo.

Para se compreender o *vlogging*, é preciso vê-lo como uma prática dispersa que vem a fazer parte de uma prática integrativa de *vlog*, a qual, por sua vez, faz parte de um conjunto de práticas de *media* (Ardevol et al. 2010). Aqui, faz-se necessário lembrar que Schatzki (1996:89) compreende prática como “um conjunto organizado de atividades corporais e mentais, onde ditos e feitos, formando uma prática, constituem um nexos, estando

interligados de diversas maneiras". Para o autor (1996:89) essa interligação acontece por três grandes vias:

(1) através de entendimentos, por exemplo, do que dizer e fazer; (2) através de regras explícitas, princípios, preceitos e instituições; e (3) através do que eu vou chamar de estruturas "teleoafetivas" abrangendo fins, projetos, tarefas, propósitos, crenças, emoções, e humores.<sup>43</sup>

Dessa forma, é preciso entender que as práticas *integrativas* são complexas e constituem domínios específicos da vida social, como, por exemplo, as práticas agrícolas, de lazer, jurídicas, religiosas, educacionais (Schatzki, 1996); e, pode-se acrescentar, as práticas de *media* (Ardevol et al. 2010). Já as práticas *dispersas* são aquelas encontradas ao redor de uma determinada ação (p.ex.: descrição, explicação, questionamento, relato, exame e imaginação) que se relaciona com diferentes setores da vida social. Através da prática dispersa de *vlogging*, ao se constituir um nexo entre o que é dito e o que é feito, é possível entender, por exemplo, as práticas de *media* ou ainda estar apto para seguir as regras destas práticas, explicar como elas são feitas ou mesmo entender sua particular estrutura teleoafetiva (Schatzki, 1996: 98-99). É importante ressaltar, aqui, a importância de não se pensar as práticas integrativas como um simples conjunto de práticas dispersas (Ibid.: 99). Embora múltiplas práticas dispersas vagueiem ao redor e muitas vezes encontrem as práticas integrativas, o certo é que as práticas dispersas podem ou não ser incorporadas às práticas integrativas e, quando incorporadas, podem vir a ser transformadas.

Como uma atividade humana organizada, a prática de *vlogging* é formada por um conjunto flexível de ações (mutável em forma) interligado a uma série de entendimentos – pertencentes à ação –, assim como a uma

---

43 Tradução livre. Texto original: "(1) through understandings, for example, of what to say, and do; (2) through explicit rules, principles, precepts, and institutions; and (3) through what I will call "teleoaffective" structures embracing ends, projects, tasks, purposes, beliefs, emotions, and moods."

coleção de regras – formulações explícitas e inteligíveis – e a uma estrutura teleofativa que se caracteriza por uma variedade hierarquicamente ordenada de fins, projetos e questões, aliadas, em níveis diferentes, a emoções normatizadas no espaço-tempo (Schatzki, 2003). Em outros termos, na prática de *vlogging*, existem os arranjos materiais, a atividade mental e corporal atuando no estabelecimento de nexos entre códigos e execuções conectados pelo entendimento da prática expressa (Schatzki, 1996:91). O *vlogger* precisa compreender os códigos constituintes da plataforma utilizada para poder dominar suas formas de execução ao expressar-se performativamente, de modo inteligível, através do *media* utilizado.

No YouTube, o praticante e o não praticante são expostos à prática de *vlogging* de modo diferenciado. Antes de iniciar a prática de *vlogging*, o não praticante adquire uma compreensão sobre a prática, de mais a mais, através de uma exposição a ela, uma vivência, uma participação eletrônica e linguisticamente mediada na qual ele recebe especificações verbais no lugar onde as performances estão presentes. Nesse instante, ele articula um conhecimento propositivo pressupondo a compreensão que existe dentro da prática.

Já enquanto praticante, a compreensão sobre a prática se expressa em reconhecimentos, desempenhos e respostas mais apuradas. Quando se é um *vlogger*, a compreensão do *vlogging* está inserida dentro da prática. Invocar o comportamento por meio de uma compreensão propositiva é diferente de, como participante, compreender, performar e dar respostas a partir do cultivo de uma habilidade especializada, do experienciar um comportamento-em-circunstância (Ibid.: 93). Todavia, dentro de um lugar de existência social – formado por uma rede de práticas e ordenamentos –, tanto o praticante quanto o não praticante são capazes de perceber como algumas ações expressam o mesmo entendimento, seguem as mesmas regras ou possuem fins e executam projetos que são elementos de uma mesma ordem normativa, aceitas ou mesmo prescritas pelos participantes da prática em questão – ou ainda de outras atividades humanas organizadas (Schatzki, 2003).

No caso dos *vlogs* com relatos autobiográficos do processo de transição transexual, há, inicialmente, um modelo de narração que dá sustentação

e diferenciação a este tipo de *vlog*, um modelo que apenas é apreendido/compreendido pelos sujeitos inseridos na prática cotidiana de *vlogging*. Inquestionavelmente, o domínio da tecnologia e a proficiência no uso das ferramentas oferecidas e permitidas pelo YouTube não estão presentes em todos os diários virtuais em vídeo, seja, como diz Lange (2007), “por serem, muitas vezes, caros e não triviais”, seja por escolha ou desconhecimento do usuário. Entretanto, todo usuário precisa compreender o modo pelo qual as ferramentas oferecidas pelo YouTube podem ser usadas na prática de *vlogging* - a saber, fundamentalmente, como utilizar a câmera digital, como fazer *upload*, como gerenciar seu canal pessoal, o que significam e como funcionam ferramentas indicadas por termos como “inscritos”, “*playlist*”, “favoritos”, “canais colaborativos”, “discussão”, “*tags*” – para, em seguida, compreender a dinâmica presente em cada tipo de *vlog*. Dessa forma, a compreensão sobre a prática de *vlogging* se torna mais apropriada quando o usuário experiencia a atividade na prática, articulando seus significados com mais propriedade, em um espaço-tempo e circunstância singulares.

Os diários virtuais com relatos da transição transexual apresentam um modelo de execução que dialoga com os demais diários em termos de arranjos materiais e compreensão prévia sobre prática de *vlogging* e conteúdos normativos, mas também se diferencia em conteúdo específico, linguagem, abordagem e público atingido – como visto no capítulo anterior. De acordo com Samantha, jovem transexual feminina participante do canal colaborativo “*Trans Youth*” [Juventude Trans], em um vídeo intitulado “*YouTube and the Trans\*Vlogger*”<sup>44</sup>, publicado em 26 de fevereiro de 2013, o YouTube pode ser considerado um lugar maravilhoso para indivíduos trans. Primeiro, porque apresenta uma comunidade trans, e esta comunidade tem conseguido, através do YouTube, atingir um certo número de pessoas que a comunidade física LGBT tem tido bastante dificuldade em alcançar. Essas pessoas são aquelas que não se assumiram ainda, que têm usado o YouTube para procurar por outras com as quais possam se identificar – e que possam acessar –, para pesquisar e entender como é – ou pode ser - a vida

---

44 Tradução livre: “YouTube e o trans\*vlogger”.

como trans. Além do mais, essa busca pode acontecer de forma anônima. O YouTube também permite a produção de um perfil anônimo onde se pode colocar nome, gênero e endereço falso, dificultando relacionar esta conta à pessoa que a criou. Ainda segundo Samantha, isso permite à pessoa permanecer “completamente anônima”<sup>45</sup>, pesquisar sobre o tema e conseguir assumir-se eventualmente. O *vlog*, nessa perspectiva, funciona como instrumento de afirmação de um modo de ser, de fomentação de um sentido de comunidade, pretendido ou não pelos sujeitos partícipes. Por conseguinte, para Samantha, a fonte de pesquisa que o YouTube oferece se aproxima mais da realidade e dá acesso a uma comunidade. Em suas palavras:

[...] Nós (da comunidade trans) [...] não somos completamente factuais nem objetivos porque somos pessoas singulares que temos experiências e compartilhamos estas experiências. Não viemos de um lugar de autoridade. Nós realizamos a transição. [...] Nós não temos necessariamente os benefícios médicos do tipo: “Esta é a quantidade de estrogênio que você deve tomar; isto é o que você deve fazer para realizar a transição.” Nós não temos isso. Mas o que nós temos são rostos reais. Nós temos rostos reais com opiniões reais. E ser capaz de chegar a este ponto é ser capaz de dizer exatamente o que é a vida transgênero.<sup>46</sup>

---

45 Embora se saiba que este anonimato é, em larga medida, um mito. Ver, por exemplo, Donath (1999), que fala sobre um dos primeiros sistemas de comunicação na internet, o IRC (*Internet Relay Chat*) e explica casos em que os autores modificavam seu nome, mas eram, ainda sim, reconhecidos pelo modo como escreviam, assim como pelos seus endereços de IP – o número que identifica seu dispositivo de rede.

46 Tradução livre. Texto transcrito: “We are not completely factual and completely objective because we're which one individual who has experiences and does share those experiences. Who doesn't come from a place of authority. We have transitioned. [...] We don't necessarily have those doctor benefits: “This is how much estrogen you should take”; “this is what you should do in order to transition”. We don't have that. But what we do have is real faces. We have real faces with real opinions. And being able to come to that is being able to tell exactly what transgender life is.” Ver vídeo 3 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo II em Rojas (2015).

Samantha fala ainda que muita gente acredita não haver diferença real entre *blog* e vídeo *blog* (*vlog*), mas ela acredita que o relato em *vlog* grava a sua emoção de uma maneira melhor. Ela diz:

Quando eu estava blogando [...], era apenas um recontar pessoal, e eu usava palavras que foram cuidadosamente elaboradas para cada uma das minhas emoções de uma maneira específica, para um objetivo específico, para uma finalidade específica. Aqui, nos vídeos, se estou com raiva, eu me mostro com raiva. Eu não uso palavras que te digam por que eu estou com raiva. Eu mostro que estou com raiva.<sup>47</sup>

Indubitavelmente, o que Samantha está mostrando são os usos e propósitos dos *vlogs* produzidos por sujeitos trans a partir da prática de *vlogging* no YouTube, ressaltando a dimensão performativa do mostrar-se diante da câmera, da produção de um relato que se mostra e, mesmo que seja editado, não é pressuposto. Da mesma forma, o pseudo-anonimato deve ser visto como uma característica que permite aos sujeitos trans acessarem uma comunidade que viabiliza um encontro mais próximo com exemplos reais da vida trans.

Samantha ainda chama a atenção para outra característica presente nos *vlogs* do YouTube: a função de gravação. Para ela, o YouTube permite que você fale para um computador, em uma sala, sozinho, de modo confortável, que “você abra o seu coração” e possibilite que outras pessoas vejam este seu momento em um tempo completamente diferente, “no qual você pode não estar mais envergonhado ou pensando em quem está assistindo”. Em outros termos, fala-se de um espaço de conforto e segurança, no qual é possível lidar com a “vergonha” ou o embaraço que esse “outro” pode causar.

---

47 Tradução livre. Texto transcrito: “When I was blogging [...] it was just a personal recount, and I was using words that were carefully crafting which and every one of my emotions in a specific way, for a specific goal, for a specific purpose. Here on videos if I'm angry, I show myself as angry. I don't used words that tell you why I'm angry. I show you I'm angry”. Ver vídeo 3 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo II em Rojas (2015).

Essa ferramenta de gravação dos vídeos postados permite não apenas que as pessoas o vejam, mas que o próprio sujeito produtor possa vê-lo. Por causa dessa característica, segundo Samantha, o sujeito pode olhar para trás, para os seus vídeos gravados, e refletir sobre a sua transição. Ele pode ver seus progressos e indagar-se sobre onde pretende chegar com a transição, funcionando como um vetor temporal do processo de negociação de si mesmo. A partir dessa característica, pode-se questionar acerca da produção de memória durante a prática de *vlogging*.

Com suas características particulares, a prática de *vlogging* é capaz de influenciar ou mesmo de transformar o processo de transição transexual. Ela permite ao sujeito trans dizer e agir, comportar-se-em-circunstância no mundo, numa interação profunda consigo mesmo e com o “outro” em espaços-tempos diversos. A possibilidade de reviver experiências passadas, por meio dos vídeos postados no *vlog*, torna o processo de transição potencialmente mais reflexivo, permitindo ao sujeito a transformação de si pelo desenvolvimento de uma crescente perícia performativa fundada na imagem processada por ele mesmo, pela interação e intervenção do outro, no cotidiano da prática. No revisitar dos vídeos, o sujeito trans pode, da mesma forma, ressignificar suas memórias relativas a espaços-tempos específicos, com o auxílio da coletividade presente em cada conjuntura. Cada etapa do processo de transição costuma ser marcada pelos sujeitos trans com a produção de vídeos que exibem as conquistas orgânicas/corporais e performativas, oferecendo pistas de como a narrativa de si pode ser mediada e significada pela memória. Esta memória se apoia em recursos técnicos e se constitui em um jogo íntimo-público, coletivo-individual, que será discutido a seguir.

#### **2.4. Memória e significação no diálogo entre o individual e o coletivo**

O relato autobiográfico, utilizando o recurso à memória, procura, em seu ato narrativo, construir uma teia de continuidade entre o sujeito narrador e os “outros”, buscando dar sentido ao mundo à sua volta e conciliar seu

passado e presente, ou ainda, seu mundo interior e exterior (Dijck, 2007; Bluck, 2003). Compartilhar experiências vividas através do ato narrativo leva o sujeito a um processo de comunicação com o outro, processo que o habilita a desenvolver laços sociais de variada intimidade e a construir um sentido coerente de *self*, provisoriamente situado (Bluck, 2003). Sendo assim, qual a ligação entre indivíduo e coletividade manifesta na construção significativa da memória? Como ela se apresenta nos *vlogs*?

Autores como Wang e Brockmeier (2002) defendem que a memória autobiográfica se manifesta através da forma narrativa e de modelos que são definidos pela cultura. Essa perspectiva social entrelaça o pessoal e o cultural de tal maneira que a própria memória, neste caso, estaria imersa em cultura, o que revela o ato de lembrar, ou mesmo de produzir memória, como guiado culturalmente. Sendo assim, os autores (2002:45) compreendem o termo “memória pessoal cultural” como relativo aos:

[...] atos e produtos da recordação nos quais indivíduos se engajam para dar sentido às suas vidas em relação à vida dos outros e ao seu arredor, situando a si mesmos no tempo e espaço.<sup>48</sup>

É importante ver indivíduo e cultura como termos distintos, mesmo que, dentro dessa perspectiva, eles estejam intrinsecamente ligados quando se fala de memória. É fundamental ressaltar que a memória autobiográfica também está inscrita no corpo e nas suas performances, onde hábitos e convenções culturais podem até ser responsáveis por definir as normas sobre o que deve ser lembrado (Dijck 2007: 7), mas não fazem surgir por isso um produto de memória meramente restrito ou conformista. Sendo assim, o produto da memória pode convidar à subversão ou à paródia, pode gerar enunciados alternativos e não convencionais. O produto da memória não

---

48 Tradução livre. Texto Original: “[...] as the acts and products of remembering in which individuals engage to make sense of their lives in relation to the lives of others and to their surroundings, situating themselves in time and place”.

estaria, pois, subjugado à cultura, mas antes seria o resultado provisório, criativo, dos confrontos entre vidas individuais e cultura.

Produtos de memória [...] são raramente o resultado de um simples desejo de produzir um auxílio mnemônico da cultura, um momento para um futuro recordar. Ao invés disto, nós devemos discernir intenções diferentes na criação de produtos de memória [...] qualquer foto – ou, a saber, qualquer escrita no diário ou tomada de vídeo –, mesmo que seja produzida para terminar de um modo específico, pode vir a materializar-se enquanto algo imprevisito ou não pretendido (Ibid.).<sup>49</sup>

Apesar da indeterminação da forma final de um objeto de memória, por mais paradoxal que possa parecer, os formatos culturais familiares estão sempre moldando ou até mesmo gerando a sua produção. Entretanto, a tradição não determina estritamente a atividade corrente do indivíduo através do depositar de normas, crenças e fins na sua memória, fomentando, no interior das ações, uma relação de causalidade advinda da tradição. As crenças, fins e normas não podem ser compreendidas, tão somente, como elementos propagados através de gerações, pré-determinando o modo de agir dos indivíduos de acordo com a normatividade apresentada, adquirida, compartilhada e reproduzida, como se fossem advindas de um depósito composto por um estoque de tradição e experiência individual cumulativo (Shils, 1983: 167). Um grupo de pessoas pode permanecer junto por meio do compartilhar de memórias, através de mecanismos como narrativas, pinturas e monumentos, sob a égide de “normas de recordação” que podem determinar, ao mesmo tempo, o que seria apropriado relembrar e as

---

49 Tradução livre. Texto original: “Products of memory [...] are rarely the result of a simple desire to produce a mnemonic aid of culture, a moment for future recall. Instead, we may discern different intentions in the creation of memory products: [...] any picture – or for the matter, any diary entry or video take – even if ordained to end up in a specific format, may materialize in an unintended or unforeseen arrangement” (Dijck, 2007: 7).

formas apropriadas para fazê-lo (Zerubavel, 2003). Tais normas e formas de recordar não podem ser compreendidas, no entanto, como fixas ou estanques, nem a sua associação como permanente. As memórias podem até se organizar de acordo com a participação real ou percebida dos indivíduos em uma coletividade, mas de maneira situada espacial e temporalmente (Djick, 2007:9), na qual a ação individual e o estabelecimento de conexões têm parte importante no processo de significação da memória – fundamentando uma relação dialética entre os conjuntos de memória individual e coletiva (Ibid.:12).

Nos diários virtuais em *vlog* dos sujeitos trans, especialmente nos vídeos-montagem com relatos em comemoração a períodos específicos, como seis meses ou um ano em terapia hormonal<sup>50</sup>, visualiza-se o relato de memória na atividade presente estabelecendo a ligação entre o espaço-tempo de ação, a inteligibilidade normativa compartilhada e os repertórios corporais e emocionais, numa narrativa que flerta com o íntimo e o público. Sendo assim, cada ato de memória, ao relatar, inscrever, recordar, consiste em parte de uma negociação entre as fronteiras do público e do privado (Ibid.:12-13). Esse ato só pode ser determinado ao longo do tempo, do contexto, uma vez que a intenção do sujeito pode mudar juntamente com o público que deseja atingir ou ao qual atinge.

No universo dos *vlogs*, o “quando” os vídeos são gravados, o momento/contexto em que são vistos ou ainda a audiência que atingem são fatores que ganham sentido e variam de acordo com o tempo. Por exemplo, no primeiro vídeo publicado por Jessica (“00 - Transgender My first V-Log about HRT - coming to self-realization”<sup>51</sup>), vê-se que ele foi produzido em 26 de julho de 2011 e publicado em 05 de novembro de 2011. Inicialmente, o vídeo foi produzido para uso apenas privado e foi tornado público somente alguns meses depois. Dessa forma, o vídeo ganha outro sentido ao se contextualizar o momento de produção, publicação e visualização. No caso desse

---

50 Ex.: Vídeos “1 year!” [Um ano!] (<https://www.youtube.com/watch?v=ZsQB04Y4TZY>) e “6 months on T” [6 meses em testosterona] (<https://www.youtube.com/watch?v=9m37AigY2hs>) de Kaden. Ver vídeo 4 e 5 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo II em Rojas (2015).

51 Ver vídeo 6 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo II em Rojas (2015).

vídeo, o significado do relato de memória foi dado e alterado, nesses três momentos, por ela – seja em vídeo-relato ou comentário escrito – e pela sua audiência espaço-temporalmente situada. No vídeo “12.14.09 - Winter, Tucking, Cheking out of My Guy clothing”<sup>52</sup>, publicado por Ellie, vê-se o seguinte comentário<sup>53</sup> sete meses depois de publicado:

thejdchronicle: Ok. Eu sei que você postou este vídeo há 7 meses. Mas eu vou postar um comentário de qualquer maneira. Eu me identifico com a coisa da “conferida”. Eu acho que todos nós trans fazemos isso por muitas razões diferentes, e tudo ao mesmo tempo, eu acho que vou fazer um vídeo sobre isso agora. Desculpe a divagação sem sentido. Eu faço isso. E eu gosto de sua coleção de bebidas. Eu faço isso também. Deixa minha amada louca. LOL

Este é outro exemplo de como um relato íntimo publicado em *vlog*, que virou memória pessoal, pode ser também compartilhado publicamente e apreendido de diversas maneiras, em diferentes espaços-tempos, despertando novas narrativas e significados. No comentário, visualiza-se a possibilidade de ocorrência de outra narrativa para além do vídeo postado por Ellie. O comentarista deixa claro, em sua fala, o seu desejo de fazer, ele mesmo, um vídeo sobre o assunto abordado por Ellie, alimentando uma cadeia de narrativas e significados descentralizados, por muitas vezes, de atuações com consequências não intencionais, atualizadas a cada novo ato narrativo.

Nos *vlogs*, é possível conectar essas cadeias a partir de um canal, de uma página, de links que levam a outros links. Dentro de um mesmo “quadro”

---

52 Tradução livre: “14.12.09 – Inverno, Escondendo, Verificando minhas roupas de garoto”. Ver vídeo 7 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo II em Rojas (2015).

53 Tradução livre. Texto original do comentário de “thejdchronicle” no *vlog* de Ellie: “Okay. So I know you’ve had this vid up for 7 months. But I’m gonna post a comment anyway. I can relate to the “checking out” thing. I think all of us transfolks do that for lots of different reasons and all at the same time. I think I’ll do a vid on that now. Sorry for the pointless ramble. I do that. And I like your beverage collection. I do that too. Drives my lady love nutters. LOL”

– ou página da web –, é possível assistir ao vídeo publicado em um determinado espaço-tempo, aos comentários do sujeito narrador e do “outro” em diversos espaços-tempos, agrupados dentro de uma lógica linear temporal, montando um mosaico de ambiguidades, contradições e construções provisórias, próprias da prática cotidiana, que encontram nos *vlogs* um espaço único de atuação.

## **2.5. Práticas de memória, identificação e compartilhamento**

A narrativa e os atos de memória produzidos nos *vlogs* são significados, produzidos e compartilhados através de práticas e arranjos materiais (Schatzki, 2003:84) que desempenham papel fundamental na sua consecução. As memórias não são apenas materializadas pelo cérebro/mente e permitidas pelo objeto/tecnologia; são também mediadas pelas práticas socioculturais, pelas formas através das quais se manifestam e inscrevem-se no corpo (Djick 2007:38; Ferreira e Amaral, 2004:141). É importante ressaltar, aqui, que essa produção e reprodução de memória interligada a uma relação entre cultura e indivíduo pode surgir através de uma mediação externa e não, unicamente, de uma experiência individual, onde “os suportes de memória não são apenas meios de conservação, mas as próprias condições de sua elaboração” (Stiegler, *apud* Ferreira e Amaral, 2004:137) A partir de tal perspectiva, é possível questionar: que tipo de memória é produzido pela prática de *vlogging*? Existe uma relação entre memória e identificação (individual e/ou coletiva) do sujeito?

Assmann (2005) procurou estabelecer uma relação entre memória, cultura e sociedade. O mesmo autor (2011) também ofereceu uma compreensão abrangente do fenômeno ao distinguir quatro tipos de memória: a memória mimética, responsável por transmitir o *conhecimento prático* através do passado; a memória material, aquela contida nos objetos; a memória comunicativa, que contém os resíduos do passado em linguagem e comunicação – incluindo a habilidade de se comunicar pela linguagem; e, por fim, a memória cultural, encarregada de transmitir os *significados* a partir do passado. Com ele, foi possível compreender memória coletiva como

um fenômeno de ligação ou conexão capaz de dar continuidade, através do tempo, a uma determinada identidade coletiva. A ideia aqui é a de que memória coletiva tem por função transmitir e sustentar uma identidade coletiva, dando aos indivíduos ferramentas, representações, imagens e narrativas de eventos compartilhados por uma determinada unidade social. A memória cultural, entretanto, se caracteriza pela sua distância do dia-a-dia. A memória cultural se cristaliza em pontos fixos – suspensos no tempo – de formações culturais e comunicações institucionais (Assmann, 1995). Segundo Schatzki (2006: 185), a memória cultural, para Assmann, estaria armazenada, em grande medida, na linguagem e seria informação sobre o passado transmitido, aprendido e preservado. A memória cultural se estenderia, então, para além da memória coletiva de fato, representando um depósito de possíveis memórias coletivas e de possíveis transformações das mesmas.

Entretanto, essa conceituação oferece um caráter estanque à memória, desconsiderando a sua atualização, a sua ressignificação em diferentes espaços-tempos, e sem perceber também o corpo como veículo primeiro de permanência e transformação. Com Bergson (1988), foram dados os primeiros passos na construção de uma concepção de memória que abarca corpo, narrativa e social sem torná-la estanque, como algo simplesmente depositado num tempo passado. A compreensão da memória deve passar pela percepção da existência de uma memória corporal, de um repertório corporal e de um entendimento prático apreendido como sendo vestígio de treinamento, aprendizado ou mesmo de atividade passada atuando no presente (Schatzki, 2010). Essa memória coexiste com uma memória autobiográfica relativa às lembranças sobre o vivido, frequentemente implicada quando uma pessoa “reage a” ou age à luz de um estado de coisas experienciadas no momento presente, no qual a rememoração da linguagem e dos fatos também operam orientando a atividade.

A memória corporal e autobiográfica se conjuga à memória própria de entidades sociais, tais como grupos, nações e organizações, que não se configuram como agregados de memórias individuais. Essa memória prática não mantém viva as ideias, crenças ou pensamentos sobre o passado; ao invés disso, é a presença de organizações práticas passadas, abrangendo

atividade presente, pertencendo ao espaço público (Ibid.: 218-219). A memória prática mostra como a atividade presente está carregada de passado, mas a história humana não pode ser compreendida, tão somente, como uma série de eventos, nem mesmo como “uma constelação de fluxos de espaço-tempo que derramam o passado dentro do presente no caminho para o futuro” (Ibid.: 221). Ela apresenta-se, antes, como:

[...] um labirinto de eventos temporais-espaciais de duração variável que (1) são orientados, induzidos e dados ao público sob a forma de estruturas passadas e estados de coisas e (2) ambos subjazem e estão atrelados ao surgimento, manutenção e transformação dos amplos eventos e fenômenos sociais, incluindo governos, sistemas econômicos, guerras e organizações de toda sorte (Ibid.: 221).<sup>54</sup>

Ao se falar de memória prática, não se percebe a memória unicamente como conhecimento, recordação ou crença do passado, mas se inclui a ideia da presença contínua de uma “habilidade” adquirida no passado (Schatzki, 2010), que traz, no movimento constante, as contradições e ambiguidades que se projetam do passado para o presente. Desta forma, não se estabelece uma associação direta entre memória coletiva e identidade, ou ainda, uma relação entre memória pessoal e identidade pessoal, construindo uma analogia entre indivíduos e certas coletividades. Por conseguinte, a memória prática não precisa necessariamente contribuir para - ou ter uma conexão intrínseca com - a identidade dos participantes em uma prática, como é sustentado na noção de memória coletiva de Assmann e mantido por tantos outros defensores dessa concepção de memória social. Todavia, essa ausência de uma dependência necessária não elimina as possibilidades

---

54 Tradução livre. Texto original: “It is a maze of temporalspatial events of varying durations that (1) are oriented, induced, and given public form by past structures and states of affairs and (2) both underlie and are beholden to the emergence, maintenance, and transformation of larger social events and phenomena, including governments, economic systems, wars, and organizations of all sorts”.

de enlace entre a memória e a identidade individual (Schatzki, 2010:219). A memória pessoal, por exemplo, auxilia na existência das organizações práticas, uma vez que relembra aos indivíduos o que é considerado aceitável, as regras e ordenamentos de conduta. A escrita, os símbolos, as reconstruções metódicas do passado, os pronunciamentos, as decisões, a presença do corpo humano e de ambientes construídos ou arranjados também são fenômenos que contribuem, de forma diferenciada, para a garantia das diversas práticas de memória.

Percebe-se, então, que a memória pode ser a presença do passado na “atividade” humana presente, determinando, circunscrevendo e assegurando a presença pública do que faz sentido às pessoas realizarem num espaço-tempo da prática social que é ressignificado de modo contínuo. Têm-se, então, uma memória prática compreendida pelas organizações práticas no espaço público, uma memória corporal (repertórios corporais e entendimentos práticos) e autobiográfica determinada pelas relações espaço-temporais. Sendo assim, o curso histórico da atividade humana está interligado ao pessoal, ao corpo, à prática e a outros tipos de memória, onde o espaço-tempo tem ação determinante (Ibid.: 220).

Dentro de contextos mediados, tem-se uma memória que surge, mantém-se e transforma-se com a multiplicação de aparatos úteis, com a propagação ubíqua de informação – ideias – através de eventos e ações de duração variável, capazes de alterar formas de interação e compartilhamento, produzindo novos caminhos de experimentação para o sujeito. Quando se lança o foco sobre a história da transexualidade, por exemplo, percebe-se que, durante anos, a produção e o compartilhamento de memórias e informações se deram, em grande maioria, por relatos médicos e autobiográficos contados através de livros, fotos, diários escritos e em grupos afins, sendo estas vias as grandes responsáveis por difundir uma normatização, ou ainda, um caminho “aceitável” e “possível” para a transição. Susan Striker (2008) ressalta a existência massiva de uma literatura médica e psicológica que trata a transexualidade como um desvio pessoal e patológico das normas sociais relativas à expressão saudável de gênero.

A experiência pessoal de cada sujeito só seria capaz de adentrar a vida social por meio do compartilhar de suas histórias. Por conseguinte, as

autobiografias e livros de autoajuda tornaram-se uma via para a compreensão do significado do ser transgênero, sobretudo a partir do século XIX – mesmo que este termo ainda continue em construção tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. A possibilidade de circulação dessas informações foi, durante anos, bastante limitada pelas barreiras materiais e morais. Entretanto, com o acesso cada vez mais democrático e massificado aos *media*, sobretudo à internet, a informação passou a navegar para além das barreiras geográficas, auxiliando na difusão do conhecimento por intermédio de uma comunidade global.

Prosser (1998:101) discorre sobre as fases experienciadas durante o processo de transição de sujeitos transexuais, a saber, consecutivamente: “sofrimento e confusão; a epifania da autodescoberta; transformação/conversão; e, finalmente, a chegada em “casa” – a redesignação”<sup>55</sup>. Todavia, com o surgimento do YouTube e de uma “comunidade trans” nesta plataforma (Raun, 2012), é possível relatar a existência de um novo percurso nessa jornada, onde os diários virtuais da transição apresentam papel fundamental na construção do processo de transição e identificação do sujeito. Nesse caminho, novos diálogos ocorrem, outras interações acontecem, novas memórias se formam e outras identificações se fundam a partir dos *vlogs* com relatos de sujeitos “trans”, através de canais pessoais e canais de colaboração [comunitários], relatos que vão desde histórias autobiográficas até o compartilhar de discussões políticas e sociais.

## 2.6. Mediação da memória e espaços de experimentação

A relação entre memória e *media* é há muito tempo conhecida. Muitas teorias tendem a compreender esta relação através de uma visão dualista, restritiva, na qual memória é tida como algo puramente interno, da natureza fisiológica do ser humano, enquanto os *media* são vistos como algo externo.

---

55 Tradução livre. Texto original: “Suffering and confusion, the epiphany of self-discovery, corporeal and social transformation/conversion, and finally the arrival ‘home’ – the reassignment” (Prosser, 1998:101).

Outras traçam uma distinção entre memória real (corporal) e artificial (tecnológica) ou recorrem, ainda, à noção de tecnologização da memória (Djick, 2007: 15; Ferreira e Amaral, 2004: 138-143). Desse modo, o que está em jogo é a possibilidade de os *media* conferirem um caráter artificial à memória. É possível romper com esse dualismo? Qual a relação entre experiência vivida e experiência mediada?

Para Le Goff (1992), as representações midiáticas podem possibilitar o ordenamento e a edição do passado de forma artificial, produzindo uma fabricação ao invés de um registro. Dessa forma, os *media* podem ser considerados aparatos para produção, registro e armazenamento fidedignos, ao mesmo tempo em que podem ser vistos também como mecanismos artificiais capazes de corromper e distorcer a memória (Djick, 2007). Entretanto, é preciso perceber que não é possível falar em memória não mediada tecnicamente (Ferreira e Amaral, 2004). No cotidiano das relações, os sujeitos produzem e entram em contato com uma infinidade de objetos de memória “individuais” e culturais. Esses objetos produzidos através de memória mediada não representam um momento fixo, mas servem para estabelecer noções e relações temporais (Djick, 2007:17).

No território de *media*, aqui tido como foco, quando se fala em *vlogs*, fala-se de um conteúdo que constantemente produz memória. Os aparatos utilizados para registro e a plataforma utilizada para armazenamento estabelecem uma relação multidirecional e multimediada entre o universo da internet e o universo sensível físico/natural/humano, produzindo memória a partir da combinação do individual e do cultural. Ademais, os vídeos produzidos se traduzem em mídia armazenada na plataforma do YouTube, onde cada visualização é capaz de estabelecer um diálogo entre distintos tempos, momentos de assistência e audiências.

Para exemplificar isso, o vídeo de Jessica, “05c -- Re-Introductions Part1 /A Little Bit About Myself”<sup>56</sup>, enviado em 05 de janeiro de 2012, surge mais uma vez. Esse vídeo começa com o VT da sua fala inicial presente no seu primeiro vídeo publicado. Ao ver este VT, Jessica comenta logo a seguir: “O

---

56 Tradução livre: “05c--Re-Introduções Parte1/ Um Pouco Sobre Mim”.

que diabos foi isso?! Meu Deus! Eu devo a todos aqui um pedido de desculpas. Isto era eu. Isto era eu assustada". E, logo em seguida, começa a fazer uma nova apresentação de si mesma. Nesse momento, a sua forma de exibição no primeiro vídeo é ressignificada por um diálogo crítico com a exibição passada, deixando claro o contexto presente de produção do vídeo e projetando, em sua fala, novos significados para o sujeito narrador e sua audiência.

Sendo assim, a memória não é um vaso imutável que carrega o passado no presente, mas sim um processo a operar de maneiras diferentes em diversos pontos do tempo, sobretudo na relação que se estabelece com o outro. As recordações são passíveis de transformação tanto na mente dos sujeitos, quanto através dos *media* (Zelizer, 1995: 216). No caso dos vídeos postados em *vlogs*, há um arquivo de memória editável que parece não perder a sua atualidade e a sua capacidade de (re)significação na relação interativa. Tal perspectiva nos leva a pensar em quanto os sujeitos narram e recordam das suas vidas, em quanto se quer esquecer ou mesmo submeter a uma autoedição.

Eu ia dizer...-Você se lembra de vários detalhes. Mas nem todos eles juntos mostram a sua intenção. É como se um instantâneo de uma cena tivesse sido tirada, mas apenas alguns detalhes espalhados pudessem ser vistos: aqui uma mão, ali um pouco de um rosto ou um chapéu - o resto é escuro. E agora é como se soubéssemos muito certamente o que toda a imagem representava. Como se eu pudesse ler a escuridão. (Wittgenstein, 1958: 635)<sup>57</sup>

---

57 Tradução livre. Texto original: "I was going to say . . ."— You remember various details. But not even all of them together shew your intention. It is as if a snapshot of a scene had been taken, but only a few scattered details of it were to be seen: here a hand, there a bit of a face, or a hat—the rest is dark. And now it is as if we knew quite certainly what the whole picture represented. As if I could read the darkness.

Ler na escuridão das recordações ou mesmo diante da sua clareza implica supor uma intenção, uma emoção, ou seja, realizar uma tradução subjetiva capaz, apenas, de oferecer uma versão. Entretanto, é preciso lembrar que a autenticidade, aqui, está ligada exatamente aos limites da representação. A memória pessoal não tem necessariamente um compromisso em ser cópia fiel de determinado fato, mas antes uma representação que passa pelo filtro singular de cada sujeito, algo que, como a memória – mesmo que institucionalizada –, se modifica e se atualiza a cada recordar (Halbwachs, 1992), a cada modo de disposição, expressão e olhar do “eu” e do “outro”.

A maneira como o ser humano se expressa, independentemente do meio de comunicação disponível, surge como uma ferramenta poderosa de interpretação e significação de suas representações e contextos sociais (Erstad e Wertsch, 2008). Dessa forma, o status de realidade e artificialidade, tantas vezes rediscutido a cada nova inovação tecnológica, leva a outra discussão, qual seja, a da relação entre memória, expressão e mediação tecnológica. Segundo Chalfen (2002), os nossos “*snapshots*”<sup>58</sup> somos nós”, ao passo que Kuhn (2000: 183) afirma que fotografias estão “longe de ser uma tradução transparente de uma realidade pré-existente”; antes, trazem em si referências codificadas que nos ajudam a construir ou entender realidades.

Nos *vlogs*, há uma negociação de memória, um processo no qual os *vloggers* recuperam sempre algo seu a partir do olhar do outro, a partir de fora, através das imagens que são acessadas pelo público e não de um olhar desde dentro, que tem a impossibilidade de se ver em ação. Através dessas concepções, é possível entender que, para além do real e do artificial, os *media* auxiliam os indivíduos a se comunicarem, a se expressarem, a construir suas percepções de *self*, e auxiliam também a compreender como se dá esse processo. No livro “*Camera Lucida*”, Roland Barthes (1993:13) diz:

Em frente às lentes eu sou ao mesmo tempo: Aquele que eu acho que sou, aquele que eu quero que os outros achem que

---

58 *Snapshot*: Uma fotografia informal que é tirada rapidamente; uma visão rápida ou uma pequena quantidade de informação que diz um pouco sobre como alguém ou alguma coisa é. Definição disponível no dicionário *online* Merriam-Webster (<http://www.m-w.com>).

eu sou, aquele que o fotógrafo acredita que eu sou e aquele de que ele faz uso para exibir a sua arte. Em outras palavras, uma ação estranha: Eu não paro de imitar *a mim mesmo*, e, por conta disto, cada vez que eu sou (ou me deixo ser) fotografado, eu invariavelmente sofro uma sensação de inautenticidade, algumas vezes de falsidade.<sup>59</sup>

Nessa discussão sobre a autenticidade tem-se, partindo dos *vlogs*, um falso questionamento sobre autenticidade e inautenticidade, sobre o real e o virtual. As novas formas de interação e de exposição através das novas plataformas e ferramentas não eliminam a existência de um mundo sensível físico/natural, tampouco produzem novas identidades a partir, unicamente, de um espaço virtual. Existe, antes, uma relação intrínseca, mútua e multidirecionalmente mediada entre os universos, tendo como fio condutor os sujeitos que aproveitam esta relação para experimentar e vivenciar novas formas de ser.

Há, na contemporaneidade, um momento onde a “experiência vivida” está interligada à “experiência mediada”, compreendendo as esferas do público e do privado. O desenvolvimento dos novos *media* cria novas formas de interação e de relacionamentos (Thompson, 2011: 81- 82). Nos *vlogs*, tem-se a possibilidade da interação em um contexto de co-presença, de interação mediada, como uma interação dialógica envolvendo um meio técnico e de quase-interação mediada, produzida para uma cadeia indefinida, assimetricamente estruturada, de potenciais receptores. Os *vlogs* são um exemplo da disponibilidade crescente de experiências mediadas responsáveis por criar “novas oportunidades, novas opções, novas arenas para autoexperimentação” (Thompson, 2011: 75).

---

59 Tradução Livre. Texto original: “In front of the lens I am at the same time: the one I think I am, the one I want others to think I am, the one the photographer thinks I am, and the one he makes use of to exhibit his art. In other words, a strange action: I do not stop imitating myself, and because of this, each time I am (or let myself be) photographed, I invariably suffer from a sensation of inauthenticity, sometimes imposture” (Barthes, 1993:13).

Existe uma mútua formação e transformação entre memória e *media*, onde cada período do tempo redefine a relação entre mente e tecnologia. Para Djick (2007: 21), “o cérebro dirige a câmera tanto quanto a câmera dirige o cérebro”. Elsaesser (2003: 120-122) diz que se usa a câmera na mão ou muitas vezes apenas na cabeça, para reassegurar a si mesmo de que este sou “eu, agora, aqui”. A experiência do presente é sempre já memória (mediada), e esta memória representa a tentativa de recapturar a autopresença: possuir a experiência, a fim de possuir a memória, a fim de possuir o eu (Djick, 2007:21; Derrida, 2001:28-29). As memórias, sendo todas mediadas, são construções dinâmicas, não estáticas, que refletem e constroem interseções entre os tempos, relembram e projetam experiências vividas (Djick, 2007:22). O indivíduo, em seu processo de memorização, pode alterar a mediação de seus registros, assim como o tempo pode alterá-los, modificando também as relações entre o “eu” e os outros (Ibid.: 24).

As identidades articulam-se às narrativas e às narrativas do passado, de acordo com o caminho escolhido e o contexto onde se está inserido. A esse respeito, é possível utilizar as expressões sugeridas por Koselleck (1985) quando este descreve a mudança de “um espaço de experiência” para um “horizonte de expectativa”, sem torná-los hoje mutuamente excludentes. Quando essas perspectivas colocam-se dentro do contexto de prática de *media*, observa-se que as plataformas virtuais são um grande espaço de experiência, da mesma forma que se apresentam como um horizonte imensurável de expectativa. O entrelace, o compartilhar, a produção constante e ampla de memórias dentro de diversos espaços-tempos, através das novas ferramentas tecnológicas, é capaz de gerar subespaços múltiplos de interação e experimentação onde presente/futuro/passado são vivenciados pelos indivíduos em momentos diferentes e de formas distintas.

Dentro da plataforma do YouTube, há um universo onde a contestação e a maleabilidade têm primazia, ao mesmo tempo em que este se traduz como um espaço de persistência dos dados. O banco de dados oferecido, por exemplo, pela plataforma do YouTube está disponível para qualquer usuário comum. Ao acessar os conteúdos postados em vídeo, os indivíduos

não precisam necessariamente seguir por uma busca de tempo linear, não precisam iniciar pelo primeiro ou último vídeo postado por alguém; vê-se o que se quer, quando se quer. Basta buscar pelo assunto, por uma palavra-chave, e está iniciada a sua experiência fora de um fluxo normativo ou contínuo de tempo. Embora estes dados estejam armazenados através deste *continuum*, a maleabilidade existe sob a forma de diversas possibilidades de uso e experimentação.

A relação do indivíduo produtor do dado não está necessariamente de acordo com o tempo/espaço ou opinião de sua audiência, da mesma forma que ambos podem produzir ou lembrar suas memórias ou a de outros em tempos/espaços e através de instrumentos diversos. Nessa interação, a contestação é movimento presente, sendo produzida, divulgada e argumentada individualmente ou por grupos. Por conseguinte, ao postar qualquer conteúdo, o indivíduo deve estar atento para sua persistência dentro do espaço, mesmo que posteriormente o apague. Todo conteúdo do YouTube é passível de reprodução quando disponibilizado publicamente. Se o usuário produtor do conteúdo quiser apagá-lo de vez, esquecê-lo, poderá ter de iniciar uma batalha longa e para além do YouTube. Se antes existia a possibilidade de decidir quando e como jogar fora os diários, ou mesmo quando torná-los públicos e quando mantê-los privados, na plataforma do YouTube, uma vez aberto, o conteúdo se torna de domínio público, um ônus por não se ter mais as caixas empilhadas.

A plataforma do YouTube estimula o seu usuário a adentrar sua base de dados através de um sistema que produz e oferece links para vídeos correlatos, de modo a oferecer várias vias pelas quais o indivíduo pode construir sua busca – o que, por diversas vezes, traduz-se na consecução de um mosaico de informações. Informações estas que podem contribuir com o processo de identificação de cada indivíduo que se estende, na dinâmica impressa pelas novas tecnologias, para além das interações face a face, para além dos encontros presenciais diários (Thompson, 2011). Quando se fala de prática de *media*, dentro do universo de transformações tecnológicas, coloca-se a possibilidade de existir, a cada dia, um processo de autoformação cada vez mais reflexivo e aberto.

## 2.7. Produção de memória digital via vlog

Nas últimas décadas, o surgimento constante de novas tecnologias e ferramentas digitais tem trazido implicações epistemológicas e ontológicas, pondo em discussão, de igual maneira, os conceitos de memória e experiência. Como sugerido anteriormente, as tecnologias em rede, ao transformarem os conceitos de tempo e espaço, promovem novos conjuntos de possibilidades mnemônicas e experienciais, ao introduzirem outras formas de prática social. Essas tecnologias são capazes de entrelaçar os limites entre o externalizar da informação e os processos cognitivos, acrescentando a participação como um valor do sistema onde as partes formam um conteúdo bem maior (Jones, 1995). Por conseguinte, as novas tecnologias fazem surgir a necessidade de adaptação recorrente ao acessar de novas práticas que, inevitavelmente, sugerem novos artefatos de memória (Djick, 2007:46). Ao longo do tempo, os novos instrumentos digitais proporcionam, assim como a memória humana, um movimento cambiante da memória produzida, tendo a imaginação papel fundamental. As ferramentas tecnológicas corroboram a característica de fluidez dos dados de memória, possibilitando a sua constant manipulação temporal e constitutiva. Ao se acessar tecnologias para autoexpressão se estabelece uma relação com eventos, tempos e reflexões através da utilização de dispositivos, discursos e dados cifrados (Ibid.: 161). A capacidade de reformulação infinita de informações digitais repercute na decodificação do tempo apresentado e dos sentidos expressos aos olhos do produtor e/ou do espectador (Ibid.:47).

Enquanto os objetos analógicos de memória se apresentam como lembretes mediadores, de natureza estática, de experiências vividas, as camadas de código constituintes dos dados digitais podem ser entendidas, da mesma forma, como elementos materiais, embora mais sujeitas à modificação. Por conseguinte, a relação que o sujeito estabelece com os objetos analógicos, ainda que traga consigo a possibilidade de transformação, constitui o ato de memória naquele momento, através daquele objeto. No que tange aos objetos de natureza digital, a memória é produzida durante todo o processo, articulando as fronteiras estabelecidas

entre as ferramentas de produção da memória e do objeto em movimento constante. Os diários digitais, por exemplo, são capazes de transformar o modo de coleta, leitura, observação, escuta e armazenamento de itens de interesse pessoal (Ibid.: 48-49). O uso de vídeos, músicas, texto, a facilidade e rapidez na postagem, a possibilidade de divulgação global instantânea, as múltiplas formas de acessibilidade, aliadas à preservação no tempo, auxiliam na construção de novas práticas de expressão e armazenamento de memórias. Dentro dessa configuração, o corpo, a mente, a tecnologia e as práticas são elementos mediadores e multimodais. Sendo assim, a memória se apresenta como um ato criativo no qual a comunicação e a reflexão desempenham papel de igual importância (Ibid.: 51). Desse modo, se ainda há o desafio de compreender como os processos mentais influenciam as transformações, o certo é que toda nova tecnologia interfere com e revisa os métodos de recordação pessoal, influenciando a maneira pela qual relata-se, imagina-se e armazena-se as percepções de *self*, produzindo, assim, caminhos inovadores de autoexpressão e autoformação (Ibid.: 51-52)

Uma das características mais marcantes da memória humana, segundo Zerubavel (2012:8), está na nossa habilidade de transformar essencialmente uma série de eventos não estruturados em uma narrativa aparentemente coerente. Segundo o autor, quando se aborda o fenômeno da memória através de uma perspectiva narratológica estritamente formal, é possível perceber a existência de uma estrutura de relato, de um formato esquemático que permite examinar a estrutura de qualquer história ficcional. Os relatos de memórias pessoais dos indivíduos transexuais, nos canais do YouTube, se inserem um pouco dentro dessa perspectiva, deixando à mostra um formato esquemático na narrativa que dialoga com o universo trans. Esse relato complexo é capaz de gerar novas memórias com uma sequência de eventos, formatos e elementos diversos, apreendidos de modo singular pela mediação do *vlog*. Nos diários virtuais em vídeo, fala-se de autonarrativas que se transformam em memórias. O relatar de fatos, ou ainda, de versões, se alia ao preciso/impreciso, ao autêntico/ inautêntico, como parte de um fluxo não linear de experiência e compreensão, seja na vivência do presente ou mesmo do recordar.

Os *vlogs* singularizam e expandem a experiência oferecendo ao *vlogger* diversos recursos de edição, montagem e postagem dos seus vídeos. A integração entre os elementos tecnológicos materiais amplia a possibilidade de conteúdo a ser produzido. Os sujeitos que utilizam os *vlogs* como espaço para documentar o seu percurso definem o meio pelo qual suas memórias serão mediadas e, com isto, estabelecem uma via de autoconstituição. Dessa forma, ao acessar seu conteúdo em vídeo, o sujeito se coloca em uma posição de espectador capaz de estabelecer novas significações sobre o passado e o presente, bem como projeções futuras de si mesmo. Embora, através do exemplo que segue, seja possível ver o outro lado da característica ressaltada por Samantha no tópico 2.3, isto é, nem todos os sujeitos irão retornar ao seu conteúdo de coleção digital, como fala Djick (2007:168), citando um de seus sujeitos de pesquisa:

[...] “O engraçado é”, ele disse, “Eu não estou muito interessado em recuperar as experiências que eu gravei. O valor da minha coleção pessoal digital está situado, em primeiro lugar, no divertimento da gravação, da coleta, e, talvez, em segundo, em saber que esses arquivos estão armazenados de alguma forma, [...] mesmo que eu nunca vá recuperá-los”.

A utilização dos *vlogs* apresenta-se, portanto, como um componente que ressalta a natureza performativa da memória. As memórias são narrativas, são artefatos, são elementos cognitivos ou materiais que trabalham no cotidiano e cultura das pessoas (Ibid.: 169). As memórias não são reproduções infalíveis, como já foi dito, mas são reconstruções filtradas, interpretadas com base em projeções e desejos individuais. Sendo assim, o recordar de um determinado fato pode se transformar em outro, onde a imaginação se associa ao fato podendo expressar-se, em conjunto e sem reservas, coligada às ferramentas tecnológicas (Ibid.:163). Por conseguinte, fala-se de ferramentas responsáveis por imprimir mais tons aos relatos de experiências, ressignificando o material e tornando globais as coleções pessoais, gerando transformações nas práticas sociais. Ao trazer os *vlogs* do YouTube como um espaço onde a memória pode ser construída, coletada, armazenada,

divulgada – bem como, ela mesma, utilizada como veículo para divulgação –, pode-se ver que ele funciona como via de acesso às normas e às tradições compartilhadas, ao mesmo tempo em que é, potencialmente, instrumento de contestação.



### 3. Gênero, Sexo, Identificação e Trans Debate

*“Infelizmente, para o indivíduo transgênero, não importa o quanto desejemos não haver o binarismo de gênero; nós dependemos, absolutamente, dele. Então, temos essa estranha dicotomia: o que tem que existir para que nos sintamos normais é a causa de nos sentirmos anormais.”<sup>60</sup>*

Chase

Ao propor uma discussão sobre gênero e sexo, é preciso entender um pouco da associação analítica entre estas duas categorias. Com o debate realizado por Laqueur (1990), compreende-se que, ao final do século XVIII,

---

60 Tradução livre de trecho extraído do vídeo *“FTM-Chase - Life 2.0 - Transitional Regret”* [Chase – FTM – Vida 2.0 – Arrependimento Transicional] publicado por Chase. Texto original: “Unfortunately for the transgender individual as much as we wish there was no gender binary we absolutely depend on it. So it is kind of [...] this strange dichotomy between what has to exist in order for us to feel normal is the thing that causes us to feel abnormal.” Ver vídeo 1 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

instituiu-se a “invenção moderna de dois sexos distintos”, em substituição a um modelo de um sexo único. O autor explica a existência anterior de uma homologia entre as categorias de mulher e homem. Nesse momento, os órgãos sexuais eram compreendidos pelo mesmo nome, sendo o do homem exposto e o da mulher oculto, versões de um mesmo “pênis”, sendo o primeiro mais desenvolvido e o segundo menos desenvolvido. Contudo, essa indiferenciação sexual não significava simetria na dimensão social. As diferenças sociais entre homens e mulheres seriam evidentes. Desde *Da Geração dos Animais*, de Aristóteles, a mulher era percebida como uma versão subdesenvolvida, quase monstruosa, do homem, tomado como verdadeiro ser humano (Ferreira e Hamlin, 2010:817-818).

Com o surgimento da ideia de uma oposição entre os gêneros, passa-se a observar as diferenças anatômicas entre os corpos, em lugar de suas homologias: os ovários não eram mais vistos como testículos internos; a vagina não era mais percebida como um pênis invertido; uma mulher não poderia se converter em homem em circunstâncias especiais, como a realização de esforço físico incompatível com seu lugar de gênero.

Foucault (1980) mostra que, no período no qual a concepção de oposição entre os sexos surge, a noção de hermafroditismo é questionada, dando ensejo à ideia de “pseudo-hermafroditismo”. Sob a influência de teorias biológicas da sexualidade, de concepções jurídicas e formas de controle administrativo, as nações “modernas” rejeitaram a ideia da existência de dois sexos em um único corpo ou de uma continuidade entre os sexos, como percebemos nos casos de conversão sexual tratados por Laqueur. A partir de então, os indivíduos deveriam ter apenas um único sexo, portar uma “identidade sexual primária, profunda, determinada e determinante” (Foucault, 1980: VII). Dentro da ciência médica, o diagnóstico do “hermafrodita” não se apoiava mais no reconhecimento da presença de dois sexos ou ainda na descoberta de qual dos sexos prevaleceria sobre o outro. À ciência médica cabia, agora, decifrar o verdadeiro sexo escondido sob uma aparência ambígua. Referindo-se ao período que vai, grosso modo, de 1860 a 1870, Foucault relata as intensas investigações realizadas pelas ciências em torno da identidade sexual, investigações desenhadas para estabelecer o verdadeiro sexo de hermafroditas e que pretendiam, de igual modo, identificar,

classificar e caracterizar os diversos tipos de perversões sexuais. Neste contexto histórico, tem-se a história de Alexina (ou Herculine Barbin).

Criada como uma moça num meio quase exclusivamente de mulheres, numa sociedade fechada e imersa em religiosidade, Alexina tem, em determinado momento, a sua anatomia intersexo descoberta por um padre e por um médico. Como autoridades reconhecidamente legítimas, na época, ambos definem a hermafrodita Alexina como um “verdadeiro” rapaz, impondo a ela a obrigação de mudar o seu sexo, a sua identidade. Ela deveria, então, passar a se reconhecer e a ser reconhecida como Herculine Barbin, sua “verdadeira identidade normal”, que ela deveria ser naturalmente hábil para vivenciar. Entretanto, Alexina foi incapaz de adaptar-se a sua nova identidade, da mesma forma que escapou, nos relatos de memória por ela proferidos, a qualquer identificação normativa possível. Sem conseguir identificar seu corpo e seu “eu” a padrões inatingíveis, escreve suas memórias e suicida-se. A impossibilidade de retornar a um momento da sua história no qual a indefinição da sua identidade sexual não provocava a necessidade de definição, mas antes um fascínio pela diferença, tem o peso de uma condenação inescapável. Esse fascínio proporcionava a Alexina uma liberdade de experimentação, em contextos variados, de uma não identidade, agora aprisionada sob rótulos de normalidade. Se o poder regulador e disciplinar exerceu sua força sobre a vida de Alexina, em suas memórias é a impossibilidade de definição que se impõe, desarticulando a “verdade sobre o sexo” e desestabilizando a expressão de gênero imputada ao sexo biológico legitimado pela normatividade.

A presença de um sistema de gênero fundamentado em uma categorização dualista e de uma crença na existência de uma identidade de gênero a ser revelada faz com que os movimentos de transição ainda necessitem de um determinado controle médico-social. A perspectiva, traçada na epígrafe acima, nos remonta à análise de Garfinkel em *“Passing and the Managed Achievement of Sex Status in an “Intersexed” Person”*, quando ele propõe que as sociedades exercem um controle estreito sobre as possibilidades de alteração e composição do sexo, percebendo a existência rigorosa de uma dicotomia homem-mulher tida como natural ou mesmo moral. Aqui, todos os membros de uma sociedade, em especial os sujeitos trans, compartilham da

tarefa prática constante de tratar os outros e a si mesmos de acordo com as prerrogativas obrigatórias do *status* referente ao sexo naturalmente dado, para assim poderem ser partes da sociedade (Garfinkel, 1967/2006). Esse binarismo sexual tão “normalmente” percebido e moralmente defendido tem pouco espaço para alteração. Durante muito tempo, o único caminho possível e inteligível era o da coerência moral entre sexo e gênero, a qual permitia apenas a existência do homem-masculino e da mulher-feminina, remetendo estas categorias a uma decisão firmada pela natureza de forma incontestável. Garfinkel (1967/2006), ao analisar o caso da transexual Agnes, ressalta a existência de um controle social rigoroso quanto à realização da transição de um sexo a outro, pontuando uma proibição societária a alterações intencionais e aleatórias do sexo e expondo, mais uma vez, o poder normativo exercido pela instituição das ciências médicas sobre o corpo e sobre o sexo dos sujeitos.

Nessa análise, o autor (1967) percebe como a normatividade se impõe na classificação dos sujeitos a partir da crença numa dualidade sexual tida como obrigatória e normal. A posse dos órgãos sexuais (pênis = homem/ vagina = mulher) garante o sinal de distinção fundamental para cada sujeito que, a partir do momento de reconhecimento, dado antes mesmo do nascimento, deve se portar, sentir e agir de acordo com os padrões atribuídos – socialmente situados – aos sujeitos que possuem pênis e aos demais que possuem vagina. Dentro dessa conjuntura, diante de todas as exigências ambientais, a feminilidade de Agnes foi vista por ela como algo que precisava obter o *status* de normalidade; mais especificamente, em seus termos, ela deveria ser vista como uma “mulher natural”. Para tanto, ciente da normatividade do contexto no qual ela estava inserida, Agnes procura fundamentar a sua identidade de gênero nos princípios da “natureza”, interpretando a sua condição (mulher com um pênis) como um erro, um acidente do destino que deveria ser corrigido pelo ser humano (Ibid.: 181-182).

Antes de conseguir que os médicos aprovassem a sua cirurgia de redesignação sexual, Agnes já buscava obter conhecimento sobre as ações que seriam mais apropriadas para sua aparência feminina. Antes da cirurgia, tomou hormônios, fez dieta para ficar mais atraente e ensaiou formas de “agir como mulher”. Agnes manipulou seu corpo e desenvolveu suas habilidades

performativas de gênero para enfrentar demandas sociais na tentativa de obter um *status* feminino. Tentando alcançar, por si mesma, a realização de tarefas e obrigações atribuídas a uma mulher “comum”, ela buscou adquirir as habilidades, os maneirismos, a aparência, os sentimentos, os propósitos, em outros termos, as *performances* relativas ao sexo feminino, socialmente aprovadas como tais sem questionamentos. De posse de uma aparência feminina, lançou-se na busca por um reconhecimento legítimo, médico-institucional, para a sua feminilidade. Os sentimentos femininos autodescritos por Agnes, seu comportamento, “opção sexual”, juntamente com sua estrutura corporal compatível com o dito feminino pelas ciências médicas, foram analisados enquanto fatos naturais e não como uma “escolha”. Sendo assim, estava garantida a legitimidade da necessidade de possuir o que sempre deveria estar naturalmente lá: a vagina capaz de asseverar a coerência entre sexo-gênero.

Mesmo com a conquista da operação, seu *status* de mulher não era natural – era de uma mulher com uma vagina feita –, e este não deveria ser descoberto. Seu estado de vigilância era constante diante da necessidade de continuar o seu aprendizado, que, na sua imaginação, a levaria ao seu lugar de direito, ao *status* de uma mulher “natural”. Colocando-se deliberadamente em situações cotidianas corriqueiras e desconhecidas, Agnes procurou desenvolver habilidades que a permitissem “passar” continuamente como uma “mulher comum” – haja vista a existência do “segredo” que operava, nas suas interações, como pano de fundo. No decorrer do seu caminho, após a cirurgia, seu namorado Bill, juntamente com a mãe dele, foram figuras de destaque no desenvolvimento de habilidades caracterizadas como próprias da “mulher natural”. A performance de gênero exercida por Agnes se fundou na percepção, compreensão e treinamento do que era aceito e valorizado em sociedade como postura própria de uma mulher. O seu projeto contínuo de tornar-se uma mulher “normal” se deu através da sua capacidade de trazer à tona normas implícitas presentes em situações sociais ordinárias, produzindo uma aparência de sexualidade como indubitavelmente óbvia, testável e incontestável (Ibid.:180-181). Agnes, à medida que aprendeu, ensinou como é possível produzir uma aparência de normalidade diante de uma ficção normativa de gênero.

A experiência vivida e relatada por Agnes possibilita uma compreensão para além da influência do poder normativo. Quando ela decide realizar a sua transição, embarca numa jornada pela conquista de uma identidade de gênero cujos parâmetros estão dispersos no cotidiano das práticas sociais. A sua própria expressão de gênero vai se modificando de acordo com os espaçostempos de atuação, onde o sentido vai sendo apreendido, transformado e posto em prática via performance. Agnes vai modificando a sua compreensão sobre o que é necessário para se tornar uma mulher “de fato” dentro da sua conjuntura social. Ela investe na aparência, nos modos, na conquista da vagina e volta ao aprendizado constante, alerta e vigilante do que é ser mulher no cotidiano de interação das práticas sociais. Até mesmo em sua entrevista com Garfinkel (1967:147), Agnes deixa a impressão no autor de que ela está aprendendo com suas perguntas, moldando suas respostas a partir delas, o que, de certa forma, modifica a sua prática e sua percepção sobre si mesma. O seu processo, à medida que enfatiza a busca pelo reconhecimento de uma identidade de gênero natural, ressalta o gênero como algo socialmente construído e centrado no desejo.

Agnes é um bom exemplo de como a prática performativa de gênero se antecipa a redesignação do sexo. Ela reivindica seu *status* “natural” de mulher através, primeiramente, do desenvolvimento de uma prática performativa de gênero almejando a conquista da redesignação sexual, mas esta mudança não garante a conquista do *status* desejado. Agnes precisa, constantemente, transformar códigos e normas dispersas em práticas performativas, porque nenhuma modificação corporal ou atuação é completamente satisfatória, haja vista a inexistência de uma substância de gênero a ser apreendida ou revelada. Nesse processo, ela precisa lidar, da mesma forma, com a ausência de uma biografia feminina, reconhecida socialmente, nos dezesseis anos que antecederam sua mudança (Ibid.:129-130). Embora Agnes tivesse, desde a sua infância, desejado ser uma garota, anatomicamente reconhecia-se como garoto e era tratada por sua família e amigos como tal. Essa falta de vivência não a impediu de construir uma biografia feminina socialmente consistente e aceitável (Ibid.:178) através de uma narrativa articulada aos seus desejos e emoções. Agnes aciona a memória do desejo e de suas emoções para construir uma biografia feminina na sua narrativa; e,

mesmo sem uma memória da vivência em sociedade como mulher naquele momento, utiliza-se das suas experiências nos dois anos em que está inserida como mulher em sociedade para, assim, manipular o seu relato.

Sendo assim, vê-se que as memórias são constituídas por experiências vividas e processos mais reflexivos, expressas em uma narrativa de si onde a performance é via de declaração que pode transformar a prática na interação. A identificação de gênero de Agnes se dá em um processo contínuo, no qual a vigilância e o treinamento são necessários a todo momento na prática cotidiana. Os esforços de Agnes para a obtenção de uma identidade de gênero coerente dentro do contexto social, longe de uma aproximação com travestis, homossexuais ou pessoas em situação semelhante à sua (Garfinkel, 1967/2006: 67), reforça ainda mais a dicotomia que a percebe como uma anomalia a ser corrigida. E o seu, como dito por ela, “infortúnio” em possuir um pênis nada mais seria do que a expressão superficial desta dicotomia, capaz de aprisionar aqueles que buscam conquistar um lugar de “direito” na sociedade, através da obtenção da “legitimidade” do seu *status* sexual e de gênero, sem perceber a sua impossibilidade de origem.

Com cerca de mais ou menos um século de diferença, os exemplos de Alexina (1838) e Agnes (1939) ilustram o aspecto relacional do gênero e as negociações complexas envolvidas nos processos identitários. Alexina se vê incapaz de adequar-se aos ideais de masculinidade e feminilidade que a medicina, a igreja e a justiça, através da defesa de uma verdade sobre o sexo, tentam impor à sua anatomia incerta, que por muito tempo não foi sequer contestada pelos membros do seu internato (Foucault, 2007:16-17). Na história de Alexina, há, em um primeiro momento, a expressão de identidade(s) de gênero(s) sem a preocupação com uma coerência de gênero apoiada no sexo biológico, expressão na qual certa prática performativa era tida como elemento suficiente na vivência da interação social. Quando o sexo biológico torna-se insígnia máxima norteadora da expressão de gênero, Alexina, de identidade indefinível, não se faz inteligível à sua época, não alcança a habilidade normativa necessária ao sexo definido autoritariamente.

Agnes, por outro lado, já estava inserida dentro de uma lógica dual do sexo, tida como normal e moral, na qual a coerência inteligível entre sexo e gênero era representada apenas pela existência possível do

homem-masculino e mulher-feminina, com o poder normativo e regulador sendo exercido pelas ciências médicas. Nesse contexto, Agnes anseia por ser capaz de estar inscrita como mulher natural feminina dentro dessa dicotomia. Ela busca a expressão da conformidade à ficção aceita e (re)produzida pelo poder legitimador, apoiada, sobretudo, no desenvolvimento de uma prática performativa perita.

Inicialmente, o olhar do outro em Alexina não vê a anatomia incerta que impossibilita sua identificação; o eliminar da dubiedade é imposto pelo olhar institucionalizado. Em Agnes, esse enquadramento se dá pela sua própria inserção normatizada, que busca obter o *status* inteligível de mulher natural reconhecido no olhar do outro. Na interação social, vê-se que a inteligibilidade aparece como instrumento de um poder difuso, delimitando a compreensão e os modos de ser do sujeito, mas trazendo consigo uma dimensão contextual e fluída atuante no processo de autoidentificação.

Essas duas ilustrações levam a outros vários exemplos contemporâneos de sujeitos que chamam a atenção, através das suas dissonâncias, para os *scripts* normativos de gênero e sexo, assim como para o ininteligível, para a possibilidade do “fora da caixa” nas práticas sociais e de si, para a fomentação de processos em que o sujeito não possa apenas resistir, mas questionar e produzir novas formas de inteligibilidade. Sendo assim, partindo desses exemplos, pode-se perguntar: como se dá a conquista do *status* desejado de gênero para os trans em transição, a partir do que se pode inferir de seus relatos em *vlog*? E discutir, por conseguinte, como opera, atualmente, a influência do poder da normatividade no processo de transição trans realizado na prática de *vlogging*, diante de um sujeito que, através da narrativa, constrói uma ponte entre os aparatos tecnológicos, o corpo, a atuação e a produção de si. A narrativa trans, durante o processo de transição, expõe a ficcionalidade das categorias de gênero, seus arquétipos frágeis e provisórios, ao mesmo tempo em que ressalta, sobriamente, a existência de um poder fundacional disperso que atua na realização transitória, espacotemporalmente situada, do gênero. Nesse processo de produção de si, quais compreensões de gênero se manifestam durante a transição? Existe a perseguição de uma identificação – por fim – viável que persiste durante o movimento transitório?

### 3.1. (Auto)Identificações

Os processos de identificação vivenciados por Alexina e Agnes ilustram como a identidade relaciona-se com a localização do sujeito dentro de um determinado contexto. As identificações e seus significados inteligíveis se dão através da posição do sujeito dentro das relações que caracterizam os arranjos sociais dos quais é parte, do lugar do social onde surgem, dos modos de interação (Schatzki, 2002: 53-54) e da completa cadeia de ações que o sujeito performa e que é performada na sua direção (Idem, 2004: 119).

Os processos de identificação derivam das práticas, ou seja, os sujeitos estabelecem suas identificações através da participação nos nexos abertos das ações que compõem as práticas, isto é, pelo modo através do qual atuam no entendimento, no conhecimento tácito derivado das práticas ou mais reflexivo, através da forma como cumprem os projetos e tarefas, atuam pelos fins e lidam com as emoções que ajudam a compor as práticas específicas que indivíduos particulares realizam (Idem.:113). Esses processos envolvem constelações de condições mentais e ações que compõem a existência do sujeito de modo contínuo e contextual. O sujeito é uma entidade que tem um entendimento parcial de seu próprio significado, tornado inteligível através da interação social. A compreensão que o sujeito tem de si mesmo é constituída através de práticas que cruzam a sua existência (Ibid.:115), relaciona-se com a compreensão do outro, estando as identificações disponíveis nas práticas das quais os indivíduos participam. (Ibid.:113-114).

A compreensão do outro tende à regulação, simplificação e estabilização do sujeito (Idem.:109-110), ao passo que a sua autoidentificação pode afetar a relação que ele estabelece com os componentes da prática (Ibid.:114). A identificação que o sujeito adota tem a ver com o modo pelo qual ele se projeta e realiza as ações, entendimentos, regras, fins, projetos e emoções que compõem as práticas, dentro do contexto interativo. Sendo os processos de identificação parte das práticas humanas, tem-se que a autocompreensão e a compreensão dos outros derivam da mesma participação nas práticas (Ibid.:112). A tensão que surge da compreensão que o sujeito tem sobre si mesmo e da que o outro confere a ele traz fundamentalmente a possibilidade de divergência; e, na interação entre eles, surge como fonte

capaz de propiciar transformações nos processos de identificação do sujeito (Ibid.:110), através do questionamento dos pressupostos da inteligibilidade.

Diante disso, sabendo que os trans *vlogs* trazem consigo o compartilhar de um espaçotempo singular, onde elementos materiais e códigos particulares de inteligibilidade são compartilhados num espaço de interatividade no qual os sujeitos relatam suas jornadas de transição, é possível pensar em identificações contextuais durante a transição? Como se dá o processo de identificação trans nos relatos em *vlog*? Para tentar compreender esse processo no universo dos trans *vlogs*, é necessário iniciar a análise dos relatos feitos pelos sujeitos, percebendo-se os diversos elementos e possibilidades aventadas.

Dani, em um dos vídeos de sua série de duas partes intitulada *"My Journey and How I Realized I Am Trans"*<sup>61</sup>, conta que, inicialmente, não pensava sobre seu gênero, mas tinha dúvidas sobre sua sexualidade e chegou a pensar que assumir-se como gay poderia ser o fim de seus problemas, o que não aconteceu. Dani passou a usar maquiagem e perucas em privado, diante dos amigos mais próximos, até o dia em que surgiu a vontade de ir a público "vestida de mulher". Dani fala que, ao usar roupa e maquiagem feminina, ao ter coragem de ir a um "clube" para encontrar amigos com toda a sua produção feminina, vivenciou um momento bastante afirmativo. Com o passar do tempo, caracterizado pelo uso mais constante de uma produção feminina em público, Dani descobriu um lugar de "autenticidade e conforto" jamais experienciado. Dani diz:

[...] Quanto mais eu experimentava o meu gênero mais eu entendia que, quando eu entrava no processo de me transformar de homem para mulher com a maquiagem e a roupa, [...] eu chegava a um espaço onde eu me sentia muito mais confortável e autêntica do que eu jamais tinha sido como homem. [...] Então, naquele momento, eu sabia que eu tinha atração por homens, mas começava, realmente, a questionar

---

61 Tradução livre: "Minha Jornada e Como Eu Descobri que Sou Trans".

a minha identidade de gênero. [...] Eu comecei a perguntar a mim mesma se eu era feliz vivendo esta vida como homem ou se vivê-la como mulher poderia me fazer mais feliz.<sup>62</sup>

O caminho de identificação de Jessica também passou pelo momento de *crossdressing*, do experimentar o uso de roupas femininas em privado, mas, no caso dela, gerou culpa, depressão e negação; sentimentos que a levaram na juventude ao uso e ao vício em drogas. Jessica, no vídeo “05d -- Re-Introductions Part2 / A Little Bit About Myself”<sup>63</sup>, enviado em 08 de janeiro de 2012, conta:

Eu estava brincando bastante com o *crossdressing*...comprando roupas...me sentindo culpada...jogando-as fora...ficando deprimida. Eu estava bebendo muito e então, eventualmente, isto levou às drogas [...]<sup>64</sup>

Tiffany, em um vídeo chamado “Tiffany’s Vlog #9 Frequently Asked Questions”<sup>65</sup>, nos conta que começou a praticar cotidianamente o *crossdressing* quando foi morar sozinha:

Eu estava apenas explorando a mim mesma. [...] Eu não tinha certeza do que eu queria fazer. Não era tipo: “Oh, eu preciso fazer a transição!” [...] Eu não sabia que queria fazer a transição, eu estava apenas experimentando e... Eu gosto

---

62 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] the more I experiment with my gender the more I realized that when I went through that process of changing from male to female with the makeup and the dress [...] I got to a place where I felt a lot more comfortable and a lot more authentic that I ever had as being a man. [...] So, at that point I knew that I was attracted to men but I was really starting to question my gender identity. [...] I started asking myself if [...] I was happy living this life as a man or if living as a female would make me happier”.

63 Tradução livre: “05d - Re-Introduções Parte 2/ Um Pouco sobre mim”.

64 Tradução livre. Texto transcrito: “I was playing a lot with the crossdressing...buying clothes...felling guilt...throwing them away...getting depress. I was drinking a lot and then eventually it turns into drugs. [...]”.Ver vídeo 2 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

65 Tradução livre: “Vlog da Tiffany[número] #9 Perguntas Frequentes”.

realmente de me vestir como uma garota e eu não sabia o que eu queria fazer com isso.

[...] Eu comecei a ir para todo lugar vestida de mulher. E evoluiu naturalmente

[...] E... sim: agora eu meio que acabei aqui, onde estou indo para a transição.<sup>66</sup>

O que iniciou como *crossdressing* a levou ao desejo de seguir para o processo de transição transexual, provocando questionamentos:

tmjwong: Você é bonita e apresenta-se com perfeição. No entanto, sua biografia não é típica de uma transexual. Você parece ter começado como uma *crossdresser* que “acha a experiência de ser uma mulher” muito excitante. Você não está tendo a convicção de que você é “uma mulher no corpo de um homem” desde que era uma criança. Talvez, seja importante evitar que a emoção da transição lhe faça tomar decisões irreversíveis apressadamente (p.ex.: Orchiectomy ou CRS). Você passa tão bem que, de qualquer maneira, não precisa disto.

Jessica Tiffany: Eu acho que a frase “mulher num corpo de homem” é mais usada para explicar coisas a pessoas cisgênero do que é uma descrição adequada do que se sente. Como alguém pode saber como é sentir ser “uma mulher” quando você tem somente sua própria experiência e ponto de vista? Eu me sinto tão mais confortável e mais eu mesma

---

66 Tradução livre. Texto transcrito: “I was just exploring myself. [...] I wasn’t sure what I wanted to do. It wasn’t like ‘Oh, I need to transition!’ [...] I didn’t know that I wanna to transition I was just experimenting and...I really like dressing like a girl and...I didn’t know what I wanted to do with that. [...] I started to going anywhere dressed. And... just...sort of evolve naturally [...] And, yeah: Now I sort of end it up here, where I’m going to transition. [...]” Ver vídeo 3 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

agora do que quando eu costumava me apresentar como homem. Então, sentir como um homem ou uma mulher? Eu sou apenas eu, e acontece de me alinhar mais com uma visão típica de uma mulher.<sup>67</sup>

Ao responder, Tiffany reafirma sua identificação trans, recusando um estereótipo narrativo compartilhado por pessoas cisgênero. Por conseguinte, nos traz o *crossdressing*, em sua experiência, como uma fase, como parte constituinte do processo de transição, apontando-o como elemento de identificação compartilhado.

Jesslyn, em um vídeo chamado "*jesslyn transgender vlog 9 a little history on me*<sup>68</sup>", enviado em 05 de junho de 2010, diz:

Eu não sabia o que era ser transgênero. [...] Quando eu era pequeno [...] quando eu via outras meninas [...] Eu ficava quase com inveja [...] Tipo...Por que eu sou assim? Por que eu não sou daquele jeito? Porque eu deveria ser daquele jeito. Isto era o que eu pensava. Mas, aí, havia algo que inconscientemente me dizia: "Você não é! Então, não diga nada sobre isto". [...] E então, por volta da escola elementar... Eu basicamente me vestia o quanto eu podia [de mulher]. Eu não sabia o que

---

67 Tradução livre dos comentários de tmjwong e Jessica Tiffany. Textos originais dos comentários retirados do *vlog* de Tiffany: tmjwong: "You are very beautiful and presents flawlessly. However, your biography is not typical of that for a transsexual. You seemed to started off as a crossdresser who "finds the experience of being a woman" very exciting. You are not having the conviction that you are "a woman in a man's body" since you were a kid. Maybe, its important to avoid letting the excitement of transition make you rush into irreversible decision (eg orchidectomy or SRS). You passa so well that you don't need that anyway." Jessica Tiffany: " I think that "woman in a man's body" phrase is morer used to explain things to cisgender people than being an accurate description of what it feels like. How could anyone possibly know how it feels to be "a woman" when you only have your own experiences and point of view? I feel so much more comfortable and moer like I am myself now than when I used to present as male. So feeling like a man or woman? I'm just me and that happens to line up more with the typical view of a woman.

68 Tradução livre: "Transgênero Jesslyn vlog 9 uma pequena história sobre mim".

era isso, eu apenas sabia que eu queria ser uma garota. Eu só quero usar todas as coisas... você sabe.... ser uma garota.<sup>69</sup>

Dani, Jessica e Tiffany compartilham da experiência *crossdresser*, mas de formas distintas. Dani, primeiro, para assumir o seu desejo por homens, questionou a sua identidade sexual e, mais adiante, descoberto o seu fascínio por uso de indumentárias femininas, passou a questionar o seu gênero. Dani conseguiu acessar outras esferas de experimentação à medida que encontrou reconhecimento em cada uma delas, seja assumindo-se gay, seja através da prática do *crossdressing*. Entretanto, é preciso destacar que, embora em sua narrativa citada o questionar de uma identidade sexual preceda o questionar da identidade de gênero, Dani traz em suas memórias de infância, como se viu mais acima, o desenhar de uma desconformidade com o gênero instituído que vem desde os primeiros anos. Mesmo não tendo possibilidades de elaborar um reconhecimento, na época, deste destoar, fica nítida em sua história a precedência de identificações de gênero dissonantes em relação a um reconhecimento ou requerimento de outra identidade sexual.

Esse mesmo movimento ocorre com Jessica e Tiffany, embora, no caso de Jessica, o *crossdressing* tenha funcionado como válvula de escape à sua não aceitação, um caminho para vivenciar uma identificação que não cabia em seu contexto familiar e cultural. Em Tiffany, a prática *crossdressing* fez parte, desde a sua adolescência, do seu imaginário e vivência do prazer, apresentando-se, dessa forma, aos seus olhos, sob a aparência de um movimento natural que a conduziu a uma identificação trans.

---

69 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] I didn’t know what transgender was... [...] When I was little [...] when I would see other girls [...] I would be [...] almost jealous.[...] Like...Why am I like that... Why am I not like this cause I shouldn’t be like this. That was what I thought. But then there was also like a subconscious kinda thing there saying: “you are not!”. So don’t say anything about it.[...] And then [...] probably around[...] the elementary...I would basically dress as much as I possibly could. [...] I didn’t know what it was I just knew that I [...] want to be a girl. I just want to wear all the stuff..you know...be a girl”. Ver vídeo 4 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

A seguir, vê-se o exemplo de Jattera, que, mesmo tendo praticado o *cross-dressing*, diz nunca ter tido um fascínio por roupas femininas, como outras pessoas costumam dizer. Em um vídeo chamado “*MTF transexual COMING OUT STORY*”<sup>70</sup>, nos conta que, de vez em quando, provava as roupas de sua mãe, mas nunca se autointitulou mulher quando mais jovem ou mesmo se viu como alguém que nasceu em um corpo errado. A certeza que sempre teve foi de ser feminina, de querer estar entre meninas, dançar como menina, sem que jamais houvesse dito que “deveria” ser uma. Ao fazer tais afirmações, nos diz que talvez pensasse assim por não saber sobre a existência da transexualidade. Sem referências transexuais, Jattera se assumiu homossexual, ao mesmo tempo em que a sociedade o rotulou – tentando impor uma coerência inteligível – pela referência a ela como “garoto gay”. Nesse processo ativo de busca por identificação, depois disso, almejando ser tão bonita quanto uma amiga a quem tinha por padrão de beleza, Jattera começou a desejar vestir-se, cotidianamente, com roupas mais femininas. A partir de então, a vontade de vir a “ser uma mulher” surgiu. Ela conta que, à medida que o tempo foi passando, disse:

Ok, isto é algo que eu quero fazer (a transição). Todo mundo é diferente... [...] talvez daqui a dez anos eu diga que isto não é algo que eu queira mais, [...] mas no momento eu estou gostando. Eu amo isto!<sup>71</sup>

Dessa forma, dentro da transição, Jattera se coloca como “um vir a ser”; tem certeza quanto à sua identificação hoje, mas não garante que, daqui a dez anos, terá os mesmos desejos e certezas. Jattera, da mesma forma que Ellie – em exemplo mais adiante –, acredita que cada sujeito deva construir o seu próprio processo de transição, respeitando o seu tempo, seus desejos

---

70 Tradução livre: “*Transsexual MTF HISTÓRIA DO ASSUMIR*” [*do sair do armário*].

71 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] I said “ok, that is something that I want to do”. [...] Everybody is different...I mean... maybe in ten years I’ll say that isn’t something that I wanna do anymore. [...] But as right know I’m enjoying it. I love it!” Ver vídeo 5 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

e crenças eventuais. Com Jatterra, vê-se uma identificação em fluxo, construída num contínuo de espaço-tempo, onde os elementos de identificação categóricos são passíveis de reformulações - na prática, no desejo, na superfície do corpo e na expressão de si. Jatterra diz, por exemplo, que:

É diferente para todo mundo em transição. [...] Eu posso dizer que três ou quatro anos atrás eu queria uma vagina...agora eu nem mesmo quero uma. [...] Por hora, eu estou satisfeita em ter um pênis.<sup>72</sup>

Se antes a sua identidade estava ligada ao desejo de ter uma vagina, passou a não estar mais. A partir da sua contínua prática performativa, do seu atuar em-circunstância no diálogo com o outro, juntamente com o espaço-tempo em que a sua narrativa se dá, Jatterra pode compreender a não fixidez dos elementos tidos como parte da identificação trans. Através da forma pela qual Jatterra se constitui na prática cotidiana, através da compreensão que lança sobre si mesma e da compreensão do olhar do outro no movimento de interação e performance contínua, Jatterra pode transformar os elementos que constituíam a sua identificação.

Nos relatos em *vlogs*, há uma percepção privilegiada da prática narrativa constantemente utilizada no dia-a-dia. O contar rotineiro de histórias (p.ex.: memórias, planos, desejos) sobre nós mesmos se apresenta como uma forma de constituição contínua, como um recurso existencial, responsável por oferecer a possibilidade de autovalidação e autocompreensão (Eakin, 2008:86). A construção de um senso de reconhecimento e individualidade tem parte com a criação de uma identidade expressa em uma prática performativa corporificada, narrativa, de si. Embora haja um conjunto disperso de regras dando a aparência de um modelo normativo que se impõe na constituição da identidade do sujeito, a busca

---

72 Tradução livre. Texto transcrito: [...] Is different for everybody [...] on transition [...] I can say that [...] three or four year ago...I was saying that [...] I wanted a vagina...you know... now I don't even want a vagina... [...] I'm content with having a penis for now. [...] Ver vídeo 5 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

por inteligibilidade envolve um processo de identificação como prática, emergindo da afirmação, negociação e contestação dos sinais normativos abertos e difusos.

As normas da inteligibilidade mínima podem ser vistas como sendo, por sua natureza, móveis (Derrida 1988: 147); com isto, a instabilidade seria intrínseca a todos os mecanismos que tornam as coisas inteligíveis. A identidade situada se apresenta como momentaneamente e precariamente estabilizada na fala dos nossos sujeitos devido à existência de um fim. Entretanto, este *telos*, uma vez colocado pela prática diante de mudanças contingentes, significantes, pode solicitar novas práticas, em cujo âmbito um novo *telos* pode ser instituído, assim como afetado pelos outros elementos que compõem a prática. O reconhecimento da vulnerabilidade da identidade se dá na prática performativa, na compreensão de uma inteligibilidade prática onde a repetição ritualística de normas opera a articulação das significações quando permite o questionamento de seus pressupostos e possibilita a existência de domínios alternativos de inteligibilidade (Butler, 1990). A prática narrativa-performativa de si, na qual o sujeito atua e pode refletir sobre os elementos que compõem a sua compreensão sobre si e sobre a ação do social, possibilita a existência de diversas identificações ao longo do processo de transição.

A identificação de gênero, nos relatos em *vlog*, se apresenta como um projeto em fluxo contínuo, em que a inteligibilidade torna-se, para os sujeitos trans, um desafio diante da normatividade. Todavia, no exemplo de Chase mais adiante, ver-se-á que a transição é uma via através da qual as performances de códigos inteligíveis, a expressão acurada de repertórios corporais apreendidos com o desenvolvimento das suas habilidades, bem como a realização das transformações corporais aliadas às normas, podem fazer com que os sujeitos, na consecução constante da prática de si, se tornem temporalmente conformes e inteligíveis, mas jamais de forma fixa ou completa. Para Chase, a incompletude se justifica no ato de exposição, no ter que revelar-se, em algum momento, para alguém. Quase como um dilema moral onde o sonhado *passing* – ou “passar como” – pode ser conquistado na prática em um determinado contexto, mas confrontado em um seguinte, uma vez que a não completude e fluidez do sujeito, na relação

interativa, proporciona espaço para o questionamento dos significados compartilhados no momento da ação.

No vídeo *“FTM- Chase Update - Trans and other thoughts! - Part 2”*<sup>73</sup>, ainda no início da transição, Chase fala sobre a sua percepção e objetivo com a transição, em contraponto com o que é difundido pela comunidade trans. Segundo ele, é possível ouvir as pessoas falando na comunidade trans que “querem ser ou que são homens trans”, mas ele desconsidera esta identificação, e diz:

Meu objetivo final é ser apenas o homem que eu sou. Nada mais, nada menos. Eu não quero sair e ter as pessoas olhando para mim. Não mais. Eu estou cansado de ser olhado. Eu estou cansado de pessoas querendo saber sobre mim. Estou cansado de ser questionado. [...] Eu não quero ser chamado de homem trans. Eu quero apenas ser chamado de homem. [...] Depois da transição eu vou ser o homem que eu quero ser.<sup>74</sup>

Entretanto, depois de dois anos de transição, Chase, no vídeo *“FTM-Chase-Life 2.0 –Transitional Regret – Video”*<sup>75</sup>, diz:

É possível desaparecer dentro da sua transição e sentir-se perfeitamente confortável com seu novo eu, mas eu acho que você tem que estar preparado para aceitar o seu lugar, e ele nunca será totalmente masculino. Você não pode chegar

---

73 Tradução livre: “Atualização de Chase – FTM – Trans e outros pensamentos! Parte 2”.

74 Tradução livre. Texto transcrito: “My ultimate goal is just to be the man I am. Nothing more, nothing less. I don’t wanna go out and have people looking at me anymore. I’m tired to being look at. I’m tired to people wondering about me. I’m tired to being questioned [...] I don’t wanna be called a transman. I just wanna be called a man. [...] After transition I will be the man I intended to be”. Ver vídeo 6 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

75 Tradução livre: “Chase – FTM – Vida 2.0 – Arrependimento Transicional – Vídeo”.

lá. Todas as cirurgias no mundo e tudo mais não podem te levar até lá.<sup>76</sup>

O olhar do outro, para Chase, tanto no início quanto depois de dois anos de transição, funciona como o elemento motivador e paralisador que imprime nele rótulos compatíveis com uma fórmula de inteligibilidade, comum e contingente, que ele mais tarde descobre como sendo inatingível. Durante o processo de transição, percebe-se que a concepção de um ideal de identificação de gênero se transforma. O processo de transição, sobretudo no primeiro ano, focado em transformações corporais, oferece a possibilidade de construção de um ideal, onde a obtenção de uma superfície material (aparência física) em conformidade com o sentimento de gênero é imaginada como suficiente na aquisição de conformidade, uma superfície que permita ao sujeito reconhecer-se e ser reconhecido como parte do gênero desejado (p.ex.: para alguns, cirurgias são necessárias; para outros, o passar sem nenhuma cirurgia é suficiente).

Entretanto, Chase, vivendo um momento de satisfação com as conquistas realizadas e desfrutadas com a transição, se dá conta da permanência do seu *status trans*, mesmo que ele e as pessoas o reconheçam como um sujeito normativamente/adequadamente generizado. É na afirmação da ideia de que ele “sempre terá que se explicar para alguém em algum momento” que Chase confere à narrativa a possibilidade de auxiliar no processo de identificação. Nesse mesmo vídeo, Chase dialoga<sup>77</sup> com um de seus comentadores, tendo que explicar a si mesmo:

---

76 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] it is possible to disappear into your transition and feel perfectly comfortable with the new you but I think that you have to be ready to except your place and it is not ever gonna be totally male. You can’t get there. All the surgeries in the world and everything else can’t take you there.” Ver vídeo 1 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

77 Tradução livre do diálogo entre o comentador jadeoflite e Chase. Textos originais dos comentários retirados do *vlog* de Chase: jadeoflite: “So do you feel like a man or a woman or in-between? Is it because only of the fact that it is hard for you to get a job or maybe being a man isn’t right for you?” lydcd: “I am a man, yes and I am happier now that I have ever been. My point in this video was to help people understand that regret can be a temporary thing that we feel sometimes as a result of various events and we shouldn’t be quick to decide the entire endeavor was a mistake because of momentary led downs and difficulties. Regards. Chase.”

Jadeoflite: Então, você se sente um homem ou uma mulher ou entre os dois? Isto é só pelo fato de ser difícil para você arranjar um emprego ou talvez porque ser um homem não seja o certo pra você?

Lydcd: Eu sou um homem, sim, e estou mais feliz do que nunca. Minha intenção nesse vídeo foi ajudar as pessoas a compreenderem que o arrependimento pode ser uma coisa temporária que sentimos algumas vezes como resultado de vários eventos; e não devemos decidir rapidamente que todo o esforço foi um engano por causa de dificuldades e mazelas momentâneas.

Viu-se o limite da identidade trans questionada no “pós-transição” por Chase, mas também é possível vê-la questionada por Kaden após o seu primeiro ano de transição. Kaden, durante todo o primeiro ano, foi ativo no movimento LGBTQTT, participando de encontros, conferências, frequentemente se identificando como trans e defendendo este conceito. No entanto, ao final do vídeo “2 years on T!”<sup>78</sup>, Kaden diz:

[...] Eu realmente não me identifico mais como trans. [...] Eu não vejo mais o meu corpo como trans. Eu o vejo apenas como masculino. [...] Eu apenas sinto que minha transição é algo que aconteceu há três anos e eu realizei a transição socialmente. [...] Então, eu não me identifico com o uso da palavra trans sendo aplicada a mim. Eu apenas me identifico como homem [...]<sup>79</sup>

---

78 Tradução livre: “Dois anos em testosterona”.

79 Tradução livre. Texto transcrito: [...] I don't really identify as trans anymore. [...] I don't see my body as trans anymore. I just see it as male. [...] I just feel like my transition is something that happened three years ago and I socially transitioned. [...] So I don't really identify with applying the word trans to myself. I just identify as a male [...]. Ver vídeo 7 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

Kaden segue em terapia hormonal, tendo realizado uma mastectomia. A partir da sua fala, vê-se que, mais do que uma problematização da existência de uma identidade política trans, a utilização da autonarrativa a erige como um instrumento importante no processo de identificação. Ao se auto-identificar nos seus relatos como um garoto, Kaden recebe comentários que questionam ou afirmam a sua identidade de gênero dentro do padrão binário (feminino/masculino) sem referências a uma identidade trans.

DrawingIsForFun: Você já foi do sexo feminino uau você conseguiu ser um homem e você é gato.

SEH971: O quê? Isso é uma garota!!!

gairljew: Uau você parece que sempre foi um garoto.<sup>80</sup>

No percurso da transição, vê-se que a competência performativa se torna habitual e a inteligibilidade comum compartilhada passa a ser questionada diante da insuficiência de seu significado. Os sujeitos, ao desenvolverem uma habilidade cotidiana de performance do gênero desejado, reconhecem os elementos relevantes que compõem esta prática através de um conhecimento que tem gradações entre o tácito e o mais reflexivo. Antes de obter tal habilidade, o sujeito atua através de uma fantasia incorporada, articulada à imposição de um ideal categórico. Ao iniciar a transição, o sujeito busca diferenciar o seu “atuar” em transição de antigos modos de implementação. Ao dar início à transição, sobretudo, há uma busca por formas de agir no passado que auxiliem a identificação no presente, seja por associação ou por dissociação – aqui, esferas como a física, a emocional, a moral e a institucional se inter-relacionam, oferecendo novos significados.

---

80 Tradução livre dos comentários de DrawingIsForFun, de SEH971 e gairljew no vídeo “5.5 months!” [5.5 meses] de Kaden. Textos originais dos comentários retirados do *vlog* de Kaden: DrawingIsForFun: “u were once female wow u pull being a male off and ur hot xD.” SEH971: “wat this is a GIRL!!!” gairljew: “Wow you look like you’ve Always been a boy.”

Dani, por exemplo, volta ao seu passado, em um de seus primeiros vídeos do processo de transição, para relatar os traços de feminilidade que trazia na infância, realizando um movimento de aproximação com sua identidade de gênero feminina desejada e um distanciamento frente à identificação masculina. Ao começar o processo de transição, Dani dá partida a um processo de aprendizado no qual (1) o saber (o conhecimento) informa o corpo, (2) o corpo, através do treino, fica atento (monitora, sente, observa) e (3) o corpo treinado domina a técnica, informando saber através da liberação da criatividade. Entretanto, a relação com o outro, dentro desse processo, faz com que essas etapas estejam interligadas, sendo as duas primeiras parte do mesmo ciclo normativo impositivo que só pode vir a ser quebrado pela intervenção da terceira etapa. Da mesma forma, esse processo não pode ser visto como parte de um desenvolvimento único, mas precisa ser compreendido particularmente em cada contexto de atuação do sujeito. Assim, vê-se que o sujeito, quando confessa sua experiência na prática narrativa-performativa em *vlog*, interage com o outro de formas diversas e em momentos distintos da sua transição. Em muitos deles, há a necessidade de defesa da sua identificação, possibilitando um questionamento dos pressupostos que fundamentam as categorias binárias.

Dani, mobilizada como exemplo mais uma vez, relatou um episódio negativo no qual ela foi assediada de forma degradante. Nesse episódio, os seus pelos faciais foram utilizados como álibi para interrogar a sua identidade de gênero. Um comentário em sua página reforçou o argumento utilizado, e, em resposta, Dani disse:

Quem é você pra me dizer que o modo como vivo a minha vida é errado? Você não tem ideia de como é esta experiência de habitar um corpo que, pra começar, nem é totalmente seu. Eu altamente recomendo uma dose pesada de pesquisa, misturada com uma mente aberta e um coração humilde, antes de você decidir fazer observações grosseiras no Youtube

odiando as minorias que você não entende. Obrigada e adeus.<sup>81</sup>

Da mesma forma que recebeu um comentário contra, outros surgiram a favor, como este citado logo abaixo, exemplificando como a dinâmica interativa do *vlog*, associada às narrativas-performativas, podem discutir e possibilitar outras formas de identificação.

Anínesah Rodriguez: Mulher tem pelo facial...Diabos eu luto com isto e eu tenho um útero. Aqueles caras eram uns idiotas.

Dani: Sim, eles eram, mas posso dizer que desde este vídeo eu não tive nenhum incidente similar. Agradecida.<sup>82</sup>

Sendo assim, vê-se que, em formas instituídas como o sistema sexo/gênero, a prática performativa continuamente realizada pelos trans em transição pode questionar a dinâmica estabelecida, produzindo novas articulações e admitindo a pergunta a respeito de como se dá a conquista do *status* desejado de gênero para os trans em transição em seus relatos em *vlog*.

---

81 Tradução livre da resposta de Dani, no vídeo que relata seus cinco meses em terapia hormonal, ao comentário de Altered Validiction. Textos originais dos comentários retirados do *vlog* de Dani: Altered Validiction: “Esse comentário recebeu votos negativos demais.” Becoming Dani (em resposta a Altered Validiction): “Who are you to tell me the way I’m living my life is wrong? You have no clue what this experience feels like to inhabit a body that wasn’t really even fully yours to begin with. I highly recommend a heavy dose of research mixed with an open mind and humble heart before you decide to go trolling around on youtube hating the minorities you don’t understand. Thank you and goodbye.”

82 Tradução livre dos comentários de Anínesah Rodriguez e Dani. Textos originais dos comentários retirados do *vlog* de Dani: Anínesah Rodriguez: “Women have facial hair...Hell I struggle with it and I have a uterus. Those guys were pricks”. Becoming Dani (Em resposta a Anínesah Rodriguez): “Yeah they were, but I can say since this vídeo I have no had any similar incidentes. Thankfully lol.”

### 3.2. Gênero-Sexo

Como será visto a seguir, o gênero tem caráter performativo e se funda na prática, como uma consecução precária e contingente, na articulação de ações, linguagem e significados que a performatividade de gênero produz, modificando o que foi fragilmente estabelecido, construindo e desconstruindo a ficção de uma substância de gênero quando os códigos compartilhados de uma inteligibilidade comum são questionados pela prática. Essa performatividade tem em si o rastro de uma história onde os significantes “homem”, “masculino”, “trans”, “feminino”, “mulher” não são vazios, mas contraditórios, tensos e irrealizáveis na sua totalidade. E aqui não há um interesse pelos conjuntos inconscientes de compreensão limitada na prática performativa, mas antes uma tentativa de compreender a expressão da narrativa-performativa de gênero na prática de *vlogging*. Para tanto, a análise das narrativas dos sujeitos em transição nos *vlogs* se torna fundamental para entender a atuação do gênero na prática social.

Em um vídeo para o canal colaborativo com o tema: “*staying true to yourself*”<sup>83</sup>, enviado em 14 de dezembro de 2009, Ellie faz uma crítica aos processos de transição que tem visto no YouTube, chamando atenção para a construção e perseguição de um ideal de gênero que, muitas vezes, não corresponde ao que se deseja. Segundo Ellie, nessa tentativa de adequação, são desenvolvidas expectativas irrealistas sobre si mesmo e sobre o que “é uma mulher comum”:

Você faz a transição e quer fazer toneladas de cirurgia de feminização facial e milhões de outras cirurgias para então conseguir se enquadrar neste padrão ideal que você tem sobre o que uma mulher deveria ser. Mas, ao final, você não ficará satisfeita, porque você tentou alcançar algo que não era você desde o início.<sup>84</sup>

---

83 Tradução livre: “permanecendo fiel a si mesmo”.

84 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] you transition and you really want to get like tonnes of FFS done and tonnes of others sorts of surgeries done. So, just you can match this ideal standard that

Com isso, Ellie também alerta para a divulgação desses estereótipos, para a imposição da necessidade de se excluir qualquer característica tida como masculina para se encaixar em um ideal de feminilidade compartilhado por MTFs. Ellie questiona a imposição da norma, defendendo uma possibilidade de não submissão que permita ao sujeito ser agente na busca por identificação, permitindo o ganho de “autenticidade”. Em outro vídeo, chamado “vlog 12.04.10- Hormones and such trans advice”<sup>85</sup>, Ellie diz:

[...] Eu não ajo de modo mais feminino quando estou vestida de mulher. Eu estou sempre agindo como eu mesma cem por cento do tempo e isto não muda. [...] A única coisa que muda é o papel social que eu desempenho. O que é [...] tudo que, subitamente, [...] se torna mais aceitável na mente das pessoas...

Tipo: “Ah, este é um cara feminino.... ou quando eu estou vestida de mulher: “Ah, esta é apenas uma garota normal”...[...] Então, [...] eu não estou realmente mudando; é a percepção que as pessoas têm de mim que está mudando.”<sup>86</sup>

Dessa forma, ao mesmo tempo em que defende uma autoidentidade do sujeito, ela ressalta o papel do outro nesse processo. Ellie observa que a sua identidade de gênero é (re)significada pelo outro no momento em que ela apenas muda de roupa. A sua identidade de gênero é normatizada pelo

---

you have of what a woman should be like, but in the end you'll not gonna be satisfied because you tried to reach something that is not you in the begin with.” Ver vídeo 8 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

85 Tradução livre: “vlog 04.12.10 – Hormônios e ótimo conselho trans”.

86 Tradução livre. Texto transcrito: [...] I’m not acting more femininely when I’m like girl up. I’m always acting like myself one hundred percent of the time and it doesn’t change. [...] The only real thing that changes is like the social role that I’m playing. Which is [...]all that sudden [...] gets a little more accepted on the people’s mind...like...“ow that is a feminine guy”... you know...or when I’m girl up is like...“ow that is just a normal girl” [...] So [...] I’m not really changing it is people’s perception of me that is changing. Ver vídeo 9 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

olhar do outro que, através da imagem dos elementos dados na superfície do corpo de Ellie, procura enquadrá-la em algum rótulo inteligível (cara feminino ou garota normal). O processo de identificação ocorre através do contexto no qual o sujeito está inserido e da sua atuação dentro dele. Entre os sujeitos analisados, Ellie é a única que, na sua busca por uma identidade de gênero feminina, recusa o desejo imediato por transformações corporais e valoriza o seu sentimento e performance de gênero – embora ela siga o seu processo tendo objetivos de transformações corporais bastante claros –, chamando a atenção para a impossibilidade de um ideal. Nessa discussão, é possível ver que os sujeitos trans, ao procurarem conquistar um modelo ideal de si, construído ficticiamente através dos mecanismos ilusórios da norma, esbarram na impossibilidade de materializar a totalidade do legitimado, mas se nutrem dele ao buscar um espaço de adequação onde a existência de si seja inteligível.

Dentro dessa procura, vê-se como os FTMs vivenciam, mesmo que de modo distinto, as mesmas questões. Sky, por exemplo, durante o primeiro ano de HRT, tem os seus relatos focados no anúncio de suas transformações corporais, discorrendo pouco sobre outros assuntos. Um ano e oito meses depois de estar em terapia hormonal, fez um vídeo chamado *“how i knew i was transgender [and some advice on coming out]”*<sup>87</sup> no qual faz um resumo sobre seu processo de descoberta. Nesse vídeo, Sky conta que sempre soube que era diferente:

Eu cresci como uma garota com modos de menino. Eu me sentia mais confortável em roupas largas. Eu nunca, realmente, me vesti como uma garota. Eu era confundido com um garoto mesmo com cabelo longo. [...] Eu me sentia bem...  
[...]<sup>88</sup>

---

87 Tradução livre: “como eu soube que era trans [e algum conselho no assumir-se]”.

88 Tradução livre. Texto transcrito: “I grew up as a tomboy...I felt more comfortable in baggy clothes...I never really dressed as a girl. I got misinterpreted as guy even with a long hair. [...] I felt good about things....” Ver vídeo 10 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

James, corroborando as conclusões de Sky, relata sua identificação desde muito cedo com um “espectro” masculino de gênero. Quando James afirma, no vídeo “*Week 1: Coming out, changes and such* :)”<sup>89</sup>, que “qualquer gênero é muito, muito estranho para mim”<sup>90</sup>, realiza um movimento de distanciamento de um estereótipo de gênero feminino e se aproxima do masculino - da mesma forma que Sky. Quando James fala, por exemplo:

[...] Durante a minha vida inteira eu sempre me identifiquei com o espectro masculino de gênero e eu não tive muito problemas com isso até eu entender as diferenças físicas e sociais entre homem e mulher.<sup>91</sup>

Sendo assim, ele realiza uma síntese das experiências nas quais as diferenças físicas e sociais só passam a ser questionadas quando são significadas na interação social e reconhecidas como incoerentes diante do gênero apresentado. A fase de *crossdressing* narrada pelas MTFs e a fase “*tomboy*”, de “garota com modos de menino”, anunciada pelos FTMs, constituem práticas comuns, em caminhos distintos, com experiências particulares, mas significadas com base em uma mesma normatividade. O reconhecimento de si dado diante do material exterior nos leva, dentro do universo trans, a um desencaixe conceitual onde não se elimina as categorias de gênero e sexo, mas se questiona seus elementos e se desafia suas bases/barreiras conceituais. Da mesma forma, o processo de transição questiona a relação sexo/gênero, sugerindo uma nova disposição para as categorias no processo de transição.

---

89 Tradução livre: “Semana 1: O se assumir, mudanças e tal :)”

90 Tradução livre. Texto transcrito: “any gender is really, really odd to me”. Ver vídeo 11 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

91 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] Throughout my whole life [...] I always identify with the male spectrum of gender and I didn’t really have too much of an issue with it until I sort of realize the social and physical differences between man and woman”. Ver vídeo 11 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

Butler (2003:25) afirmou que o sexo seria “tão culturalmente construído quanto o gênero” ou, dito de modo mais radical, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. O gênero seria o meio discursivo/cultural pelo qual o sexo seria produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, constituindo-se como uma superfície politicamente neutra sobre a qual agiria a cultura. Assim, Butler (Ibid.: 27) desassocia o gênero do sexo ampliando as possibilidades de identificação para além dos seus ditos correspondentes binários, questionando a máxima de Beauvoir (1973) – “A gente não nasce mulher, torna-se mulher” – ao dizer que não há nada nesta afirmação que seja capaz de garantir que o sujeito que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Desta forma, tem-se sexo como pré-discursivo, podendo ser compreendido como um efeito do gênero.

Na experiência trans dos sujeitos desta pesquisa, sobretudo no primeiro ano de transição, o que se vê é que o gênero antecede o sexo no processo transicional de identificação dos sujeitos, porque antes se almeja a conquista de elementos que auxiliem o sujeito na obtenção de um *know how* perito na vivência performática do gênero desejado/imaginado. Fato que se conjuga com o sexo, mas não necessariamente se limita a ele, prioriza sua alteração ou mesmo o compreende a partir de uma heteronormatividade compulsória.

Entretanto, é preciso entender as bases do conceito de gênero. Na concepção butleriana (1993), o gênero tem caráter performativo, isto é, pode ser entendido como uma repetição regulada e limitada de normas, de um repertório particular de gestos e atos corporais que geram o efeito de identidade de gênero, onde a performance é também sempre uma abertura, uma indeterminação formada pela repetição.

O ato que se faz, o ato que se performa, é, em certo sentido, um ato que vem acontecendo antes da chegada em cena. Desta forma, gênero é um ato que foi ensaiado, como um *script* que sobrevive aos atores particulares que fazem uso deste, mas que requer atores individuais para

ser atualizado e reproduzido como realidade uma vez mais.<sup>92</sup> (Butler, 2004)

Desse modo, observando a conjuntura social, percebe-se que apenas certas normas são citadas, ou forçadamente citadas e repetidas, num movimento comprometido com as relações de poder, controle e repressão. Assim, as normas, através do reforço aos riscos do não cumprimento das repetições “generizadas”, imprimem a aparência de inescapáveis. Como consequência, o seu cumprimento oferece credibilidade e coloca o sujeito, na vida social, como devidamente “generizado”, coerente com a heterossexualidade compulsória.

Para entender melhor esse processo, alguns exemplos são necessários: Ao deparar com uma intimidadora “caixa de normas” que deveria ser seguida por uma mulher no sétimo ano da sua escola, Sky, no vídeo chamado *“how i new i was transgender [and some advice on coming out]”*<sup>93</sup>, conta da sua tentativa de se encaixar dentro dela:

[...] Eu comecei a esticar o meu cabelo e a fazer rabos de cavalo...todo esse tipo de coisa. Eu comecei a vestir calça jeans colada, tentando ser toda glamourosa e feminina... Não estava funcionando. Foi estranho.<sup>94</sup>

Depois disso, veio o nono ano e, nele, Sky ficou atraído por uma menina (algo que nunca havia acontecido antes) homossexual e bem resolvida quanto a sua orientação sexual. Ele relacionou-se com ela e acabou sentindo-se ligado a ela como um homem, não como uma mulher. Cortou o

---

92 Texto original: “The act that one does, the act that one performs, is, in a sense, an act that has been going on before one arrived on the scene. Hence, gender is an act which has been rehearsed, much as a script survives the particular actors who make use of it, but which requires individual actors in order to be actualized and reproduced as reality once again.”

93 Tradução livre: “como eu soube que era trans [e algum conselho sobre assumir-se]”

94 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] I started to straitening my hair and put it up in ponytails and all that sort of stuff... [I started to] wearing skinny jeans and trying to be all flirty and girly and just...It wasn’t working. [...] It was weird”. Ver vídeo 11 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

cabelo, começou a se vestir de forma mais andrógena e se sentiu melhor ao ser “confundido” com um homem. Ainda sim, não se sentiu totalmente confortável.

Assim como Sky, Dani, em dois vídeos intitulados “*My Journey and How I Realized I Am Trans - Pt.1*” e “*My Journey and How I Realized I Am Trans - Pt.2*”<sup>95</sup>, nos conta da pressão que sentiu, durante a vida toda, tentando ser algo que não era para tentar manter-se dentro de uma “normalidade”, de uma identidade de gênero facilmente identificável. Contudo, Dani recorda que jamais se encaixou na conformidade de gênero requerida a um menino. Dani diz:

[...] Eu brincava com bonecas e eu nunca ficava com os garotos na vizinhança. Eu sempre ficava com as meninas e sempre ajudava minha mãe e era muito caseiro, [...] sensível e afeminado [...].<sup>96</sup>

Dani tornou-se então, como Sky, um adolescente andrógeno e assumiu-se gay aos 25 anos, tentando assim, mais uma vez, se encaixar dentro de algum padrão normativo. Essa nova caixa não o comportou, e a necessidade de expressar os seus desejos, advinda do questionamento dos pressupostos da norma que já não ofereciam sentido inteligível ao seu entendimento da prática, o levou a descobrir a maquiagem, as perucas, as roupas femininas como elementos de uso possível. Como consequência, Dani descobriu o sentimento de orgulho na sua própria imagem, ao transformar a sua compreensão sobre os pressupostos que regem a prática de gênero, ao conceber a possibilidade dele, reconhecido socialmente como homem e assumidamente gay, ser um trans ou mesmo construir uma identidade feminina ao questionar sua identidade de gênero. No vídeo “*My Journey and How I Realized I Am Trans - Pt.2*”, enviado em 07/01/2013, Dani diz:

---

95 Tradução livre: “Minha Jornada e Como Eu Descobri que Sou Trans – Parte 1” e “Minha Jornada e Como eu Descobri que Sou Trans – Parte 2”.

96 Tradução livre. Texto transcrito: “I [...] played with dolls and... I... never hang out with the boys in the neighborhood I always hang out with the girls and I always helped my mom with stuffs and I was really homey and [...] sensitive and effeminate [...]”.

Eu me dei conta de que, quando eu entrava no processo de mudança de homem para mulher com a maquiagem e o vestido [...], eu chegava a um lugar onde eu me sentia muito mais confortável e autêntico do que nunca fui sendo um homem. Então, neste momento, eu sabia que sentia atração por homens, mas eu estava começando a questionar a minha identidade de gênero. [...] Eu comecei a me perguntar se eu era [...] feliz vivendo esta vida como um homem ou se, como mulher, eu seria mais feliz.<sup>97</sup>

Essa falta de conformidade com o ideal social de gênero difundido no meio social, aliada à busca por elementos que componham e justifiquem a identificação com o gênero desejado, está presente em todos os nossos sujeitos, de formas distintas, como diz Chase<sup>98</sup>, porque todos são diferentes: todos vêm de lugares distintos, têm vidas diversas, passam por experiências e têm recursos diferentes. Entretanto, é visível o diálogo, bem como a luta constante com os padrões vivenciados de feminilidade e masculinidade por todos os sujeitos de pesquisa.

No vídeo *“FTM-Chase - Update life 2.0 - Inherent Gender Knowledge”*<sup>99</sup>, Chase questiona uma pergunta lançada por outro *vlogger*, qual seja: “O que quero dizer com mulheres só sabem ser mulheres”? Ao fazê-lo, relembra o quanto a sua ligação com os garotos era “naturalmente” forte desde a sua infância. Uma conexão que ele não questionava, mas o fazia refletir sobre o seu gênero, levando-o a perceber a sua não conformidade com as regras do gênero binário normativo. Segundo Chase, é possível falar do que

---

97 Tradução livre. Texto transcrito: “I realized that when I [...] went through that process of changing from male to female with the makeup and the dress [...] I got to a place where I felt a lot more comfortable and a lot more authentic than I ever had as being a man. So at that point I knew that I was attracted to men but I was really starting to question my gender identity. [...] I started asking myself if was [...] happy living this life as a man or if living as a female would make me happier”. Ver anexo C, Dani, vídeo 17 em Rojas (2015).

98 Ver vídeo “Re Standards of Care; Bottom Surgery; Why do you transition the way you do [Re Padrões de cuidado; Cirurgia de Redesignação Sexual; Porque você realiza a transição desta forma]”. Ver vídeo 12 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

99 Tradução livre: “Chase – FTM – Atualização da vida 2.0 – Conhecimento inerente de gênero”.

aconteceu na sua infância e adolescência, da sua preferência por carrinhos e não por bonecas, por exemplo, mas não são as descrições que o diferenciam; é o seu modo de pensar. Ele diz ainda:

[...] Eu não tive que aprender como ser um homem porque isto é natural e normal para mim [...]

[...] Eu nunca soube como ser uma mulher, apesar do que o meu corpo dizia, porque na minha cabeça eu não era uma. Viver autenticamente como eu vivo hoje tem me ajudado a aprender a ser, tão somente, eu mesmo. Ser real e autêntico [...] requer que a gente aprenda quem é, e faça mudanças difíceis para alcançar o nosso objetivo.<sup>100</sup>

Chase traz, assim, a ideia de que a sua identidade de gênero precisa encontrar caminhos para se expressar no corpo. A falta de identificação relatada por ele ao ver uma antiga fotografia sua mostra um reflexo perturbador de si mesmo. Ao se deparar com o espelho antes da transição, Chase via “uma mulher desconfortável consigo mesma”, a vislumbrar algo de errado no espelho. Hoje, com a transição, se vê como um “eu” capaz de se reconhecer e sentir-se bem com o seu reflexo. Para Chase, a sua capacidade em expressar a sua identificação de gênero define a sua habilidade em existir. No caso dele, na sua busca por conformidade, percebe-se que os padrões normativos atuam na construção da sua concepção de feminino e masculino. No entanto, ao buscar encaixar-se dentro de uma determinada fórmula de inteligibilidade, Chase reforça a precariedade das normas regulatórias que tentam sustentar uma coerência de gênero: ao mesmo tempo em que ele procura mostrar-se de acordo com uma identificação de gênero

---

100 Tradução livre. Texto transcrito: “I didn’t have to learn how to be a man because it is natural and normal to me. [...] I never knew how to be a woman, in spite of what my body said because in my head I wasn’t one and living authentically, as I do today, has helped me learn just to be myself. Being true and authentic [...] it requires that we learn who we are and we make difficult changes to reach that goal. [...]”. Ver vídeo 13 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

desejada, esbarra na instabilidade e contingência das normas ao criar um ideal categórico precário, impossível de ser plenamente performado. Ao questionar a pergunta, Chase não se dá conta que nem mesmo as mulheres, nem mesmo aquela mais adequada ao que se espera de uma performance feminina, sabe ser mulher diante da ausência de substância do gênero e da impossibilidade performativa da norma. E aqui, então, problematiza-se a habilidade em existir [do gênero] manifesta no corpo que o sujeito tem e que o outro vê, através da discussão realizada por Butler (1990) sobre a constituição do gênero e a realização de performances corporais.

Para Butler (2003), a coerência da identidade de gênero se dá através da combinação performativa de sexo, gênero, prática sexual e desejo. Nessa perspectiva, o sexo refere-se a uma anatomia significativa, mas para além da possibilidade binária. O gênero, como se viu anteriormente, configura-se como um comportamento orientado no mundo, para o mundo, por meio da crença fantástica em um ideal de gênero. Ancorados também nessas normas, as práticas sexuais dizem respeito aos comportamentos e atos performados pelo corpo, ao passo que o desejo se apresenta como um querer positivo por objetos e/ou pessoas particulares (Schatzki, 2006: 58-59). Ademais, em síntese, vê-se estes elementos serem expressos no corpo, num “estilo corporal” (Butler, 1990: 140), uma forma de ser corporal particular – embora estilizada pela repetição de atos normativos –, onde o gênero passa a ser um tornar-se, um devir próprio do “como ser” e “como fazer” em determinadas circunstâncias, e não um ser tal e qual (Schatzki, 1996: 59-60).

Dessa maneira, a repetição de atos estilizados que constituem um determinado gênero em determinada sociedade, uma realização de performances corporais, não sustenta a existência de uma substância por trás da síntese expressa na superfície do corpo. Butler (1990:136) diz:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo interno ou substância, mas produzem este efeito sobre a superfície do corpo, através do jogo de ausências significantes que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como uma causa. Tais atos, gestos, encenações geralmente interpretados, no sentido de

que a essência ou a identidade que pretendem expressar de outra forma são fabricações manufaturadas e sustentadas através de sinais corporais e outros meios discursivos. Que o corpo generizado é performativo sugere que ele não tem *status* ontológico para além dos vários atos que constituem sua realidade. (Butler, 1990: 136)<sup>101</sup>.

Por conseguinte, o gênero, ao invés de ser um atributo de um eu substancial, é, antes, uma significação corporal, um estado de coisas instituídas/significadas pela atividade corporal (Schatzki, 1996). Em Butler (1990), a figura de uma alma ou de um espaço interior, como o de substância de gênero, é significada pela performance corporal.

A figura da alma interior, compreendida como “dentro” do corpo, é significada por meio de sua inscrição sobre o corpo; mesmo que seu modo primário de significação seja por sua própria ausência, por sua poderosa invisibilidade. [...] A alma é precisamente o que falta ao corpo; conseqüentemente, o corpo se apresenta como uma falta significante. Essa falta, que o corpo é, significa a alma como o que não pode ser mostrado. Neste sentido, a alma é uma superfície de significação que contesta e desloca a própria distinção interno/externo, a imagem de um espaço psíquico interno inscrito sobre o corpo como significação social [...] (Butler, 1990: 135)<sup>102</sup>.

---

101 Texto original: “In other words, acts, gestures, and desire produce the effect of an internal core or substance, but produce this on the surface of the body, through the play of signifying absences that suggest, but never reveal, the organizing principle of identity as a cause. Such acts, gestures, enactments generally construed, in the sense that the essence or identity that they otherwise purport to express are fabrications manufactured and sustained through corporeal signs and other discursive means. That the gendered body is performative suggests that it has no ontological status apart from the various acts which constitute its reality”.

102 Texto original: “The figure of the interior soul understood as “within’ the body is signified through its inscription on the body, even though its primary mode of signification is through its very absence, its potent invisibility. [...] The soul is precisely what the body lacks; hence, the body presents itself as a signifying lack. That lack which is the body signifies the soul as that which cannot show. In this sense, then, the soul is a surface signification that contest and displaces the

O argumento aqui se volta um tanto para a ideia de que o sujeito seria constituído por ações e performances, ao invés de ser um fundamento e pressuposição destas (Foucault, 1979). Por conseguinte, vê-se as práticas atuando na constituição do ser, através do diálogo com a existência corporal não fixa que percebe e pensa a si mesma, ao mesmo tempo em que posiciona o corpo em condições particulares de espaço-tempo, matéria, regras, estruturas teleoafetivas e discursos. Tal constituição performativa do ser promove a possibilidade de alteração do instituído através do fomento da inovação conceitual pelo indivíduo inserido no mundo, em uma troca constante com elementos múltiplos e distintos (Schatzki, 1996:55).

Ademais, Butler (1993; 2004) explica o papel das construções linguísticas que, por diversos caminhos, criam a realidade através de atos de fala realizados no cotidiano. A “realidade”, tida como uma construção social nessa perspectiva, vem a ser instituída por atos de fala performativos, se estabelecendo e sendo legitimada nos corpos. As percepções de realidade são permeadas por citações performativas de convenções, fazendo com que a instituição das normas de gênero tenha consequências reais, incluindo a criação de um senso de *self*. Todavia, signos são instáveis, reiteráveis e nunca completamente determinados pelo contexto ou convenção. Sendo assim, o resignificar e o recontextualizar de representações torna-se possível. Dentro dessa perspectiva, pode-se analisar como as performances alternativas à norma são capazes de alterar a ordem de gênero dominante, a compreensão binária de masculinidade e feminilidade. Analisando-se o universo transexual, é possível inferir que o gênero não “consiste apenas em práticas de “acomodação” ou “resistência”, mas surge como um processo muito mais indefinido, complexo e paradoxal” (Poggio, 2006:227) em busca de outras significações, experiências, experimentações e identificações.

---

inner/outer distinction itself, a figure of interior psychic space inscribed on the body as a social signification”.

### 3.3. Identificando um modelo

Já foi visto, a experiência da transição publicada no universo dos *vlogs* possibilita a vivência de novas experimentações, do uso de novos mecanismos nos processos de identificação. Com os *vlogs*, há o surgimento de um modelo de transição que interroga não só o processo em si, como a própria concepção do que vem a ser trans. Como também foi apontado anteriormente, o conceito de transexualidade se estabeleceu, principalmente, sobre um modelo concreto de transição impresso por uma série de orientações médico-burocráticas. Fazer terapia clínica, iniciar o tratamento hormonal, passar pelo teste da vida real e conseguir ser considerado apto para realizar a cirurgia de redesignação sexual são os passos de uma transição que procura tratar um diagnóstico de disforia de gênero – diagnóstico constituído principalmente através da narrativa do sujeito (Prosser, 1998:104). Este sujeito, após todos os procedimentos citados anteriormente, recebe ao final a marca de identificação transexual. Antes disso, tem-se a marca de identificação do ser transgênero – expressão derivada do termo “*transgenderist*”<sup>103</sup> – que, inicialmente, como diz Prosser (1998:176), ultrapassa as barreiras do gênero, mas não as do sexo. Hoje, mesmo com o saber médico atuando ainda como pano de fundo dessas identificações, sabe-se que o termo transgênero, ou mesmo transexual, vem sendo substituído, em diversos contextos, sobretudo nos *vlogs*, por uma identificação que remete apenas ao elemento “trans” e que pode vir a ultrapassar tanto as barreiras do gênero quanto as do sexo. Embora, ainda dentro do universo trans, em linhas médicas superficiais, a identidade trans ainda remonte ao diagnóstico de “Desordem da Identidade de Gênero (*Gender Identity Disorder* [GID])” – hoje substituído no DSM-V por “Disforia [mal-estar] de gênero”.

---

103 O termo “*Transgenderist*” pode ser compreendido como a fonte da qual a palavra transgênero derivou. Ele foi cunhado, ao final dos anos 80, para descrever um sujeito masculino comprometido em viver como uma mulher de forma mais substancial do que a denominada “travesti” ou *crossdresser* (Prosser, 1998: 176).

Para alguns, Chase<sup>104</sup> por exemplo, a ideia principal em realizar a transição é se livrar do diagnóstico de GID. Para ele: *“se você for bem-sucedido na sua transição, você não terá GID. [...]Porque você terá uma GI [Identidade de gênero] que funciona pra você”*.

No entanto, essa diligência implícita por uma identidade conforme, ou mesmo o questionamento sobre a necessidade de uma definição, permeia os relatos trans há muito tempo. No universo dos *vlogs* analisados, percebe-se uma busca por conformidade que promove um questionamento dos pressupostos das categorias de gênero e sexo por não conseguir atingir este ideal, em um processo que pode principiar apenas como uma contradição performativa entre o ideal e o efetivo, mas evoluir para uma insubordinação consciente. A emergência de uma não conformidade com o ideal de gênero se expressa em uma desidentificação com os conceitos “transgênero” e “transexual” pela eliminação dos sufixos. A adoção do uso, tão somente, do prefixo “trans” deixa clara a necessidade de abertura dos significados e identificações pela busca de significações para além do ordinário, através de um percurso de transição onde novas identificações sejam possíveis.

Ao longo do processo de transição, várias mudanças de concepção quanto ao que vem a ser trans acontecem. Por conseguinte, interessa saber, aqui, como os sujeitos trans se identificam dentro do universo dos *vlogs* do YouTube. No caso de Mark, um dos sujeitos FTMs, por exemplo, percebe-se, desde os primeiros vídeos, a sua dificuldade em conceituar a própria identidade, bem como em encontrar uma definição “não problemática” para a categoria “trans”. Dentro da sua busca, é possível ver o tecer de um modelo de transição compartilhado dentro do Youtube entre os trans vloggers.

Mark é um jovem bem humorado, comunicativo e gesticulador. No vídeo *“FIRST MIGHTMEn Video!(MTM:1)”*<sup>105</sup> Mark aparece cheio de dúvidas. Ainda muito jovem, sua voz é infantil, suas roupas são largas e seu cabelo curto. No vídeo, ele se identifica como:

---

104 Ver vídeo 12 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

105 Tradução livre: “Primeiro MighTMEn [Nome do canal que pode ser entendido como “homem trans valente” Vídeo (MTM:1)”

Eu sou pré-tudo. Eu não tenho certeza se vou começar a usar T (testosterona). Não porque eu tenha medo de agulhas ou qualquer outra coisa... isso é só estranho. Eu não sei se eu realmente me consideraria como sendo trans [...] Eu poderia provavelmente dizer que eu estou no meio de trans e gênero *queer*, algum lugar no meio disso.<sup>106</sup>

Em seu segundo vídeo publicado, “*OLD (MTM-2-Coming out!)*”<sup>107</sup>, as suas dúvidas continuam e se ampliam diante de suas pesquisas e visualizações de outros *vlogs* trans com relatos da transição. Mark diz:

[...] Eu pensei que eu era trans, então eu não era, depois eu era, e então eu parei de pensar sobre isso porque eu não queria pensar nisso. Eu não quero ter que lidar com isso. E agora eu não consigo tirar isso da minha cabeça. Eu tenho um colete compressor, um dispositivo para fazer xixi em pé, eu tenho tudo. Eu não quero usar isso lá fora. Eu não sou corajoso o bastante. Eu tenho medo de levar uma surra ou algo assim; ou de não *passar*. Então, talvez um dia eu tenha coragem.<sup>108</sup>

Em confronto com as categorias disponíveis para obter uma determinada adequação, Mark passa a acreditar que iniciar a terapia hormonal pode ajudá-lo no seu processo de identificação. Se antes a terapia

---

106 Tradução livre. Texto transcrito: “I’m pre-everything. I’m not sure if I’m gonna start on T. Not because I’m scared of needles or anything... it’s just [...] weird. [...] I don’t know if I would really, really consider myself being trans [...] I would probably say that I’m in the middle of [...] trans and gender queer, somewhere in the middle of that. [...]”. Ver vídeo 14 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

107 Tradução livre: “Antigo ([canal] MTM [Homem trans valente] – 2 – Assumir-se!)

108 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] I thought that I was trans, then I wasn’t, then I was, and then I stopped thinking about it because I didn’t wanna think about it. I don’t wanna have to deal with it...you know. And then...now is...I can’t get it out of my mind. I have a binder, I have a STP, I have everything. I don’t wear it outside. I’m not brave enough to do it. [...] I’m scare that I’ll get bit up or something, or that I won’t pass [...] So, maybe one day I get the courage. [...] Then I was [...] gender queer...which is like...I don’t know...any gender, any time...whatever...or trans.” Ver vídeo 15 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

hormonal soava estranha, o contato com a história de outros trans *vloggers* que já desfrutam os efeitos da terapia o faz vê-la como “o momento mais emocionante na vida de alguém”<sup>109</sup>. Mark, agora, deseja avidamente a experiência de tomar testosterona. Nesse vídeo, vê-se que outros *vlogs* com relatos sobre a transição foram fundamentais para a identificação de Mark como transgênero. A partir dos vídeos, ele, através da visualização da vivência de outros sujeitos, foi percebendo o que vinha a ser transgênero e construindo sua própria perspectiva sobre o assunto. O exemplo de Mark deixa clara a necessidade dos sujeitos trans em encontrar uma categoria identitária capaz de tornar seus desejos e comportamentos inteligíveis diante da sua relação com o outro.

No processo de identificação FTM, mais do que na MTF (em que ocorre uma negociação que vai um pouco além da autoridade médica, como se verá a seguir), a medicina e seus instrumentos são buscados como um sistema capaz de auxiliar na conquista de sentido à identificação do sujeito. No entanto, é preciso compreender que, desde começos do século XX, a sexualidade, o comportamento sexual, os desvios ou anomalias sexuais, tudo isso passa a dizer respeito à intervenção médica (Foucault, 2010: 181). Em muitos casos, a intervenção sistemática da ciência médica se impõe ao sujeito, doente ou não, como ato de autoridade que procura normalizar os sujeitos e as práticas sociais.

No vídeo seguinte, Mark conta que já obteve a prescrição da sua terapeuta que o tornava apto para iniciar a terapia hormonal. Ele explica o processo e diz estar ansioso para começar o seu tratamento “porque eu preciso que a minha voz mude rápido antes da escola começar, porque estou cansado de ser chamado de “ela” e coisas do tipo”<sup>110</sup>. Assim, nesse momento,

---

109 Tradução livre. Texto transcrito: “So, I think that taking T would be the most [...] moving moment in someone’s life and I wish I could experience that. [...] And I think that T would be a good experience for myself to find out who I really am. [...]”. Ver vídeo 15 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

110 Tradução livre. Texto transcrito: “cause I need my voice to change fast before school starts, because I’m sick of being called she and stuff like that. [...]”. Ver vídeo 16 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

ele recorre à intervenção médica na crença de que a terapia hormonal possa ajudar a alterar a forma como as pessoas o identificam.

O mesmo Mark, depois de um ano em terapia hormonal, publica um vídeo em que reafirma suas dúvidas quanto à necessidade de realizar a cirurgia de remoção das mamas, e mais uma vez nos conta sobre a existência de um modelo de transição, do conceito em volta do ser “trans”. Diz ele:

Enquanto eu estava procurando por informação sobre pessoas trans, eu vi que você tem que fazer a mastectomia, e isso foi na época passada. Todos os vídeos do YouTube eram tipo... dois caras trans no YouTube e eles tinham exatamente a mesma narrativa e eu pensei que você tinha que fazer a mastectomia e isso me enlouqueceu e eu estava tipo: “Eu amo tocar meu peito por alguma razão estranha. Eu não sei o porquê e isso me enlouquece...tipo...Eu não quero fazer a mastectomia então [...] Eu pensei que eu não era trans e tudo mais...[...] Mas agora todos nós sabemos que não há, absolutamente, nenhum *check list* trans.”<sup>111</sup>

É um desabafo que revela a existência de um modelo de transição que supostamente deveria ser seguido. Ao relatar que esse “*check list*”, contendo os passos devidos da transição, não existe, ele o combate no mesmo passo em que revela a força do seu conteúdo. Nos diários virtuais, vê-se claramente a existência de passos a serem tomados e relatos a serem feitos: tomar hormônios (contar sobre os efeitos conquistados), mudar a voz (aparecer diante da câmera com voz e postura reconhecidamente masculinas), eliminar os

---

111 Tradução livre. Texto transcrito: “While I was looking for information about trans people I saw that you had to get chest surgery and this was in the age before. All this YouTube videos was like...two trans guys in YouTube and they had the exact same narrative [laugh] and I thought that you have to had chest surgery and that kind freaks me out like crazy and I was like: I love touching my chest for some weird reason. I don’t know why and its freaks me out like... I don’t, I don’t want get chest surgery so [...] I didn’t think I was trans and all that stuff... [...] But know we all know there aren’t absolutely no such thing as a trans check list.” Ver vídeo 17 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

traços corporais de uma feminilidade presumida, esconder os seios, usar uma prótese genital (falar sobre a existência dela), deixar de ser chamada por expressões no feminino (relatar seu incômodo), “passar” no dia-a-dia como “homem”, querer (dizer e contar sobre) realizar a cirurgia de remoção das mamas e pensar na cirurgia de redesignação - estes são elementos corroborados em narrativas comuns “construídas nos” e “através dos” *vlogs*. O compartilhamento desses elementos torna-se patente quando se percebe também, nas falas dos sujeitos, que todos iniciaram esse processo já esperando as mudanças anunciadas e vistas em outros FTMs no YouTube.

Por exemplo, quando Chase percebe a existência real da possibilidade de vir a se tornar “ele mesmo” depois de observar *vlogs* com relatos da transição, ele diz, como se viu anteriormente, que: “Eu sei onde eu preciso estar. Eu sei quem eu sou. Eu sei como eu quero ficar e agora eu sei como chegar lá.” Ele reconhece quem ele é ao se identificar com os outros pares no YouTube. Ele sabe como e o que deve fazer para chegar onde quer, porque obteve informações através dos *vlogs*. Quando ele anuncia que vai iniciar a terapia clínica, elenca o que deseja, dizendo querer iniciar a terapia hormonal e realizar a cirurgia de remoção das mamas, mas confessa dúvidas sobre a cirurgia de redesignação sexual. Ele enumera etapas a serem cumpridas, sendo capaz de reconhecê-las como resultado do que apreendeu ao assistir outros *vlogs*. Fala-se aqui, portanto, da existência de uma maneira de realizar a transição e de um modo de narrar essa transição<sup>112</sup>.

Kaden iniciou a sua transição muito jovem, assim como Mark e Sky. Entretanto, mesmo estando dentro de um modelo médico necessário para evoluir no processo de transição, os três tiveram experiências diferentes, embora tenham iniciado o processo institucional, médico, da mesma forma, isto é, através de terapia clínica. Kaden iniciou a sua terapia hormonal com AndroGel e testosterona em creme, experienciando as transformações físicas mais lentamente do que Sky e Mark, que começaram com injeções. Kaden e Sky seguem em transição sem questionar as etapas. Durante o primeiro ano de terapia hormonal, os dois postam sobre os efeitos da terapia

---

112 Ver anexo B – Tabelas com os vídeos analisados até o primeiro ano de transição.

periodicamente, com foco sobre as transformações físicas: voz, pelos, músculos, formas corporais. Ainda no primeiro ano, os dois seguem no intuito de realizar a *“top surgery”* (cirurgia de remoção das mamas). Mark, assim como Kaden e Sky, ficou bastante excitado com o início da terapia hormonal, fazendo relatos periódicos sobre as transformações ocasionadas por essa terapia; desde o início, porém, não se mostrou completamente decidido a seguir as etapas “propostas” ao assumir-se como trans.

Os seis diários FTMs vistos seguem o mesmo tipo de relato, embora as experiências sejam vivenciadas de modo singular. No intervalo do primeiro ano de HRT, há um processo de transição iniciado depois que esses sujeitos se assumem como trans (FTMs). Como foi visto no primeiro relato de Chase, esse movimento gera uma “identificação com” e “a construção de” uma ideia do que é ser trans (FTMs). Chase descobriu e reconheceu a possibilidade de ser trans através de um noticiário; entretanto, entendeu, de fato, o que vinha a ser “transgênero” por intermédio de uma ideia compartilhada nos *vlogs* de FTMs no YouTube.

Dentre todos os sujeitos FTMs aqui observados, o diário de transição de Taylor pode ser tomado como um modelo onde se encontram, reunidos em um mesmo lugar, desde títulos e conteúdos dos vídeos até temas e elementos identificatórios constantes e presentes na maioria dos diários de transição FTM no YouTube. Taylor segue à risca os passos desse modelo sem contestá-los ou contestar a si mesmo enquanto transexual, além de se identificar por completo com a construção identitária FTM que circula no universo FTM do YouTube. Taylor fala, em vários dos seus vídeos, sobre os aparatos usados por um FTM, tais como coletes de compressão para os seios, dispositivos para urinar em pé e próteses penianas - fato observável até mesmo através dos títulos dos vídeos postados por ele (p.ex.: *“FTM Gear: Binders”, “Packers, e STP devices Cheap Easy Packer Harness”, “Binding Injury, BAD NEWS”*)<sup>113</sup>. Em um deles, ele diz:

---

113 Tradução livre: “Aparato FTM: Ataduras”, “Próteses penianas, e dispositivos para fazer xixi em pé. Prótese peniana com cinta, barata e fácil”, “Má notícia, lesão da atadura”. Ver anexo B – Tabelas com os vídeos analisados até o primeiro ano de transição.

Eu estava me preparando essa manhã e me ocorreu que ser um homem trans requer muitos apetrechos. Então, eu decidi ir adiante e fazer um vídeo [...] discutindo algum destes equipamentos: [...] coletes de compressão (ataduras para os seios), prótese peniana (*packs*)... [...]<sup>114</sup>

Desta forma, ele reforça o imaginário – a norma – compartilhado e construído do que é ser trans (FTM) no e através do YouTube. Sua identificação com essa imagem identitária presente no YouTube é notável. Entretanto, dentre os nossos sujeitos, ele é aquele que mais fala sobre acontecimentos diários, sentimentos e vivências – problemas familiares, namorada, trabalho, questões financeiras – que um trans pode vir a experienciar seguindo um “padrão comum” de transição.

Este padrão também pode ser encontrado entre as MTFs. Sendo assim, é importante perceber que os FTMs e as MTFs se assemelham, principalmente, na abertura e utilização do *vlog* como uma etapa a ser cumprida nos primeiros momentos do processo da transição. Dani, Jessica, Tiffany, Jesslyn, Jattera e Ellie – as seis MTFs -, mesmo estando em estágios diferentes da transição, narram nos seus *vlogs* temas comuns. Todas narram suas histórias de “*coming out*”, seus momentos de identificação com o ser transgênero. Todas têm uma grande preocupação com a beleza (cabelos, pele, unhas, roupas, retirada dos pelos), dão dicas e contam truques estéticos, valorizam a sensualidade, se esforçam para alcançar uma voz mais feminina e relatam seu treinamento para conseguí-la.

Quando se observam os títulos dados aos vídeos - por exemplo, alguns colocados por Jessica: “01-First Day Of Estrogen/ HRT – Transgendered M2F”, “01b- Two Week update on Estrogen/HRT – therapist comes in handy”, “02-Transgender M2F HRT – My First 30 Days of Estrogen”, “03-My Life After 2

---

114 Tradução livre. Texto transcrito: “Hey guys! What’s going on? So, I was getting read this morning and it occurred to me that being a trans man requires a lot of gear. So, I’ve decided I’ll go ahead and make a video [...] discussing some of that gear... [...] binders, packers [...].” Ver vídeo 18 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

*Months of Estrogen/HRT (transgender)*<sup>115</sup>, vê-se a terapia hormonal como um *background* norteador das publicações, mas a periodicidade dos relatos sobre as mudanças advindas da terapia hormonal difere de sujeito para sujeito. Se, em Dani e Jessica, há um relato mais constante, no caso das demais os relatos são mais espaçados. A narrativa MTF, em *vlogs* do YouTube, gira em torno da conquista de formas e características tidas como femininas. Eliminar os traços de masculinidade se apresenta fundamental: um MTF deve trabalhar sua voz; eliminar os pelos – sobretudo do rosto (de preferência com eletrólise); se vestir de forma mais feminina possível – o uso de roupas justas, decotadas, vestidos, saias e salto alto é encorajado; conquistar um corpo pequeno, com curvas femininas e sem músculos proeminentes; conseguir deixar seu rosto com contornos mais femininos (cirurgia de feminização facial); realizar o implante de silicone; pensar sobre a cirurgia de redesignação sexual; e “passar” no dia-a-dia como uma mulher. Entretanto, esse passo-a-passo não se apresenta rígido; o mais importante no relato é “passar” como uma mulher, “se sentir” como uma mulher e deixar isso transparecer na narrativa por meio do ressaltar de características estereotipicamente femininas.

O comportar-se como uma “mulher” demanda e expressa condições específicas, uma vez que sua inteligibilidade está ancorada em contextos particulares que se comunicam através da compreensão de padrões de inteligibilidade do comportamento passado, presente e futuro (Schatzki, 1996:72). O entendimento do que vem a ser “comportar-se como uma mulher”, “sentir-se uma mulher” ou ainda “passar como mulher” tem como pano de fundo a compreensão do conceito do que vem a ser uma “mulher” e de como este entendimento deve ser mostrado e narrado através da prática de *vlogging* por MTFs. Essa compreensão nomeia, significa e reage ao conceito através do entendimento prático, se estabelecendo na vivência da prática, no comportamento-em-circunstância que faz uso de

---

115 Tradução livre: “01- Primeiro Dia De Estrógeno / Terapia Hormonal – Transgênero MTF”, “01b- Atualização Duas Semanas em Estrógeno / Terapia hormonal – terapeuta veio a calhar”, “02-Transgênero MTF Terapia Hormonal – Meus Primeiros 30 Dias de Estrógeno”, “03- Minha Vida depois de 2 Meses de Estrógeno / Terapia Hormonal (transgênero)”. Ver Anexo B e o Anexo C em Rojas (2015).

uma linguagem, corpo, performance e narrativa de *self* - aqui apreendida e expressa na prática de *vlogging*, mas multi-modalmente- mediada por uma infinidade de outras vivências experienciadas pelo sujeito, que está inserido dentro de circunstâncias imediatas, na mesma medida em que sofre influência de circunstâncias mais amplas.

Com o surgimento dos *vlogs*, a narrativa do processo de transição, através deste veículo, se estabelece como uma etapa incorporada à transição mesma. Da mesma forma que os *vlogs* se instituem enquanto via de acesso e produção de informação, onde a autoridade e o poder normativo estão dispersos, onde a atuação dos sujeitos tem um impacto mais significativo na construção e desconstrução de significados, onde a experiência singular dos sujeitos tem papel de destaque, junto a uma narrativa de si protagonista. Os *vlogs* constituem um universo no qual a prática de interação social tem caráter ubíquo, transcultural, transgeracional, permitindo aos sujeitos o navegar entre espaçostempos, capaz de vivenciar a prática como sujeito produtor e espectador partícipe. Dentro desse universo, os sujeitos trans obtêm uma proximidade maior com a experiência da transição, o que os habilita a (re)negociar etapas, processos e conceituações normatizadas. Por conseguinte, a própria compreensão do que vêm a ser trans/sexual/gênero feminino/masculino é discutida, produzida, desconstruída a cada nova narrativa postada.

#### **3.4. “Sou trans o bastante?” Discussão sobre o conceito trans no YouTube**

É possível falar da existência de um padrão conforme o qual trans femininas e masculinos estão frequentemente buscando alcançar o ideal do gênero desejado, lidando com as regras de um discurso de herança biomédica que demanda a necessidade de diagnóstico terapêutico, realização de terapia hormonal, cirurgias eletivas de adequação anatômica (p.ex.: mastectomia [FTMs], mamoplastia [MTFs]) e de redesignação sexual, ao mesmo tempo em que precisam negociar constantemente suas identidades em um fluxo contínuo de compreensão desses padrões compartilhados por eles dentro

do universo do YouTube. Na experiência dos doze trans *vloggers* aqui analisados, é possível perceber um modelo de transição feminina fundamentalmente calcado no “passar como” mulher, um modelo que percebe a importância da terapia hormonal, mas, independentemente das cirurgias, ressalta o processo de treinamento da prática performativa e o uso de adereços que atuam, muitas vezes, como elementos fundamentais na construção do “*passing*”. Em contraste, o modelo de transição masculino é, como um todo, mais fundado na importância da transformação corporal, na obtenção de formas masculinas conquistadas pela terapia hormonal e pela cirurgia de remoção das mamas, com os acessórios como coadjuvantes, ao invés de atuarem como elementos principais do processo de construção identitária. Para além da simples percepção destes modelos, é necessário também falar sobre o seu impacto em alguns sujeitos que não se encaixam nele. A partir de Mark, um dos principais sujeitos que questionam o modelo, bem como a concepção implicada do que é ser trans, é possível estabelecer as primeiras percepções e desdobramentos deste questionar.

Depois de um ano de transição em terapia hormonal, Mark resolveu parar de tomar testosterona. Ao contar sobre o fato em um de seus vídeos, recebeu inúmeros comentários adversos que desaprovavam sua atitude e suas justificativas. Como resposta, ele iniciou um movimento chamado “*trans enough*”<sup>116</sup>. Pediu para várias pessoas enviarem vídeos onde diziam o porquê de não se sentirem “trans o bastante”. Um vídeo contendo um relato assim, postado por Mark, inicia com a pergunta “*Not trans enough?*”<sup>117</sup>. Aqui seguem algumas respostas:

---

116 Tradução livre: “Trans o bastante”.

117 Tradução livre. Texto transcrito: “I’m not on testosterone. I don’t have lower dysphoria. Therefore, I don’t pack. I don’t have the traditional trans narrative. I didn’t come out as trans until I was 24. I was never a butch lesbian. Before I came out I looked like a pretty typical housewife with a husband and a kid. I gave birth. I chest fed. I don’t identify as male. I always felt like a boy inside but I never felt like I was born in the wrong body. I sleep with men and I use the front hole. I bind but not all the time. I don’t limit the color is my closet to brown blue and green. And although my body isn’t exactly the way I would like to be I’m more or less ok with most of it”. “For people who are out there and...you know... who are just starting the transitioning...you go on YouTube and you...you type it in: “Ways to transition’ or “how to transition’, “how to go about transitioning”... you’ll gonna get a lot of videos that will say: you have to go on t, you have to have chest surgery, you have to have bottom surgery, you have to pack, you have to bind, you have to buy one of

Eu não estou usando testosterona. Eu não tenho disforia. Eu não uso uma prótese peniana (*pack*). Eu não tenho a tradicional narrativa trans. Eu não me assumi trans até ter 24 anos. Eu nunca fui uma lésbica *butch* (macho). Antes de me assumir, eu parecia uma típica dona de casa com um marido e um filho. Eu dei à luz. Eu amamentei. Eu não me identifico como masculino. Eu sempre me senti como um garoto dentro de mim, mas eu nunca me senti tendo nascido em um corpo errado. Eu durmo com homens e costumo usar o buraco da frente. Eu uso ataduras, mas não o tempo todo. Eu não limito as cores do meu guarda-roupa a marrom, azul e verde. E, embora meu corpo não seja exatamente do jeito que eu gostaria, eu estou mais ou menos satisfeita com a maior parte dele. Para aquelas pessoas que estão começando a transição, você vai ao YouTube e você digita: “Formas de realizar a transição”, “Como realizar a transição”; você vai encontrar um monte de vídeos que vão dizer: “você tem que usar testosterona, você tem que fazer a mastectomia, você tem que fazer a cirurgia de redesignação sexual, você tem que usar uma prótese peniana, você tem q usar ataduras, você tem que comprar um daqueles dispositivos para fazer xixi em pé (*STP device*), porque, você sabe, homens não sentam para fazer xixi”. Não dê ouvido a eles. Você não tem que ter ou fazer todas estas coisas para ser trans.

A partir deste movimento, o sujeito que questiona as imposições normativas as percebe e desloca, em uma prática de interpelação, o lugar de autoridade do poder normativo. O sujeito se apropria do discurso, se coloca no lugar de autoridade e opõe-se a ele, reformulando/atualizando

---

those standing pi devices...because ...you know... men don't sit down in the bathroom to pi...uh... don't listen to them". You don't have to have all this things to be trans." Vídeo intitulado “Não sou trans o bastante?”, em tradução livre. Ver vídeo 19 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

os elementos que o compõem através da prática performativa. O sujeito domina um conjunto de habilidades compartilhadas e valorizadas, através da apreensão e reprodução destas habilidades, em um movimento de repetição que se manifesta de modo próprio por cada sujeito. Nessa ritualização, a prática performativa perita tem uma atuação particular por cada sujeito, o que permite o surgimento de um novo elemento a ser incorporado em ações subsequentes. Nesse contexto, o elemento transformador da prática performativa não é a ação de repressão (Cf. Butler, 1997), mas a possibilidade de questionamento advindo da incapacidade de oferecer sentido a determinada ação por meio da inteligibilidade compartilhada, promovendo a interrupção do ciclo normativo.

Esse questionamento experienciado na prática de *vlogging* FTM e MTF tem características e motivações distintas, da mesma forma que a prática performativa perita FTM e MTF passa pelo desenvolvimento de habilidades diferentes e de experimentações diversas. Os passos necessários para ser um trans feminino não se apresentam tanto em procedimentos ou na utilização de aparatos específicos como destacado na transição do trans masculino. É possível perceber isto na fala a seguir, postada em vídeo como resposta ao movimento “*trans-enough*” FTM:

Dentro da comunidade trans (MTF) [...], se você não sente que é completamente feminina isso significa que você é gênero *queer*, mas, se você sente que é completamente feminina, mas não quer passar pela cirurgia (CRS) e não quer passar pelos hormônios ou qualquer coisa do tipo, você continua podendo se identificar como transexual.<sup>118</sup>

---

118 Tradução livre. Texto transcrito: “Inside of the trans community [...] If you don’t feel that you are completely feminine that means you are a gender queer but if you feel like that you are completely feminine but you don’t want to go through a surgery and you don’t want to go through hormones or anything like that you still can identity as a transsexual.” Ver vídeo 20 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo III em Rojas (2015).

Em outras palavras, o sentir-se completamente feminina, sendo capaz de performar inteligivelmente esta identidade de gênero, se sobrepõe a qualquer transformação corporal advinda de procedimentos cirúrgicos ou hormonais dentro da comunidade trans do YouTube. As transformações hormonais experienciadas por FTMs são corporalmente diferentes das MTFs. Em FTMs, a voz e estrutura muscular obtidas com auxílio da terapia hormonal são percebidas como oferecendo um corpo cuja performance corporal se torna mais “simples”, enquanto MTFs realizam um esforço de prática constante para alcançar uma performance mais contundente, tendo a busca pela beleza feminina como elemento-chave, unificador, para a compreensão dos diversos caminhos de transição MTF<sup>119</sup>. Quando Jaterra conta que nunca se identificou como mulher na infância, chama atenção para um tipo ideal difundido, assim como faz Jessica ao se preocupar com a sua voz, Dani com sua aparência frente à câmera e Ellie quando traz à tona a urgência de muitos transexuais em realizar cirurgias que eliminem (ou suavizem) os traços masculinos ou mesmo quando ressalta a necessidade de muitos em eliminar gostos tidos como “masculinos”. Por conseguinte, existe a confirmação e o compartilhar de um modelo que impõe um tipo ideal de performance feminina, de alcance impossível, mas de busca e alteração/atualização contínua. Embora as identificações não sejam estáveis, as respostas vistas corroboram a existência de uma identidade FTM e MTF compartilhada no YouTube ou, pelo menos, de elementos e modelos norteadores, sem que estes sejam fixos ou inegociáveis, pois carregam consigo, no prefixo trans, as características de transitoriedade e transcendência em relação a uma identidade de gênero.

A inserção dos sujeitos trans dentro da prática de *vlogging* que relata o processo de transição se realiza em um espaçotempo estendido, onde a aquisição de compreensão da prática (de um *set* aberto de dizeres e fazeres apropriados) se dá inicialmente na apropriação de uma linguagem.

---

119 Ver comentário deixado no canal de James no vídeo “One Year on T” [Um Ano em Testosterona]. Tradução livre: Homen trans pode alcançar o “se misturar” tão mais facilmente do que a experiência da mulher trans”. Texto original do comentário: Dana Taylor: “Trans men can reach “blending in” so much easier than trans women experience.”

Essa apropriação permite a conexão com outros participantes, possibilitando o compartilhar de entendimentos sobre “o que dizer”, “o que fazer” e “como prosseguir” em transição, permitindo aos sujeitos a prática de performances inteligíveis a outros usuários dentro de uma multiplicidade de circunstâncias (Schatzki, 1996: 70). A realização dessa prática, a existência de um *set* de entendimentos que confere aos sujeitos inteligibilidade, surge fazendo referência à continuidade de um modelo, mas esse mesmo *set* é dotado de uma flexibilidade que, através das ações performadas (Idem, 2010: 170), habilita o sujeito a construir novas significações e identificações. Quando, no compartilhar de um modelo de identificação onde há narrativas e performances dissonantes, o processo de questionamento da normatização já gerou subversões, abre-se espaço para novas possibilidades inteligíveis de identificação.

## 4. Trans Corpos

*[..]Porque algumas pessoas estão contentes com algumas coisas. Eu estou contente em ter um pênis, por ora. Depois que eu realizar a minha cirurgia de feminilização facial, eu vou ficar feliz, mas isso é algo que eu definitivamente quero fazer. Eu quero ter minhas bochechas feitas, eu quero meu nariz feito, eu quero minha boca feita e eu quero minhas sobrancelhas feitas. [...] Saiba o que você quer, o que é certo para você e vá buscá-lo.<sup>120</sup>*

*Jaterra*

---

120 aterra, em vídeo intitulado “MTF transexual COMING OUT STORY” [Transexual MTF HISTÓRIA DO ASSUMIR-SE], publicado em 05 de setembro 2012. Tradução livre. Texto transcrito: “Cause some people are content with some things. I am content with having a penis for now. After I get my FSS I feel like I will be happy but that is something that I definitely wanna do. I wanna get my checks done, I wanna get my nose done, I wanna get my chin done, I wanna get my lips done, and I wanna get my eyebrows done. You know what I am saying...Know what you want, know what is right for you and go for it. Ver vídeo 1 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

Através da epígrafe acima, pode-se questionar os pressupostos do que é um corpo “trans” e o “como” e “para quê” se forma esse corpo. Estas perguntas dão a tônica deste capítulo, remetendo inicialmente à existência impositiva de um poder normativo, como discutido no capítulo anterior, mas vistas aqui em sua influência na constituição, adequação e nas formas dos corpos trans.

Nos discursos médico, psiquiátrico, psicanalítico e social, o corpo trans é, por vezes, entendido como patologia, desconformidade, transtorno de identidade, disforia de gênero, todas estas classificações baseadas em um sistema de sexo/gênero heteronormativo. Até hoje, o diagnóstico e o tratamento está sob domínio das ciências médicas, as quais, com o avanço da tecnologia, aprimoraram as técnicas cirúrgicas, desenvolveram a terapia hormonal e tornaram a “adequação” sexual uma possibilidade concreta (Arán, 2006). Os sujeitos trans, ainda atualmente, dependem do acompanhamento médico para legitimar a sua identificação, submetendo-se a inúmeras avaliações físicas e psicológicas para se qualificar ao processo de transição, para tornar viável seu tratamento e assegurar a sua possibilidade de ser reconhecido judicialmente como membro da identidade de gênero desejada. No Brasil, para ter o registro civil alterado, por exemplo, a identificação do sujeito precisa ser legitimada pelo corpo, pelo teste da vida real<sup>121</sup>, pela terapia hormonal, pela cirurgia de redesignação sexual, em outros termos, pelo diagnóstico e finalização do tratamento médico, com vistas à apresentação de um corpo de acordo com as normas de sexo/gênero circundantes.

Hoje, contudo, a discussão sobre a necessidade da cirurgia de redesignação sexual para alteração do registro civil, que tem adentrado a esfera do judiciário em casos pontuais, até então analisados de forma particular por juízes da primeira instância, poderá contar com nova determinação do Supremo Tribunal Federal (STF). A imprensa noticiou, em 05 de setembro

---

121 O teste da vida real diz respeito ao período de um até dois anos que o sujeito diagnosticado como trans/gênero/sexual deve passar vivendo em sociedade de acordo com o gênero desejado antes de começar a terapia hormonal.

de 2014<sup>122</sup>, que o STF julgará o recurso extraordinário de um processo que pleiteia a alteração do nome no registro civil sem a realização da cirurgia de redesignação sexual. Tal caso coloca em jogo, além dos princípios constitucionais do Direito (p.ex.: o princípio da dignidade da pessoa humana ou o princípio da intimidade em convivência com o da publicidade e veracidade dos registros públicos), a autoridade médica e a possibilidade de reconhecimento jurídico de uma autoidentificação do sujeito. No universo dos trans *vlogs*, há a emergência de uma capacidade de reflexão que permite a negociação dos elementos de identificação e da construção do corpo trans de forma mais horizontal na interação, permitindo ao sujeito a constituição de uma identidade que se relaciona com a norma, mas é capaz de questioná-la.

Ao longo da história, entretanto, essa dependência da identificação do sujeito trans ao parecer das ciências médicas ocasionou várias discussões sobre esta relação e sobre os processos normativamente fundados de constituição do sujeito. Bernice Hausman (1995) foi uma das teóricas a discutir esta problemática. Ao apresentar uma análise histórica sobre o fenômeno transexual, ela percebeu que a relação entre a reivindicação transexual e as possibilidades tecnológicas médicas era fundada em um discurso padronizado. Segundo a autora, os transexuais ofereciam aos médicos uma imagem exata do que estes compreendiam como “transexualismo” para garantir o diagnóstico e a conquista da redesignação sexual. Sendo assim, as declarações autobiográficas asseguravam a anuência dos médicos, cirurgiões e psiquiatras em uma prática que, para ela, seria eticamente suspeita por violar a integridade do corpo. Hausman partiu da premissa de que os transexuais reproduziam estereótipos de gênero e procurou construir um argumento que acabasse com os procedimentos médicos relativos à redesignação sexual a partir da narrativa do sujeito. Neste movimento Hausman (*Ibid.*) afirmou que ela, enquanto uma estudiosa feminista, deveria ter maior autoridade sobre o processo de transformação sexual que os próprios

---

122 Notícia publicada às 8h40 do dia 05 de setembro de 2014, no site do Jornal do Comércio, caderno Mundo. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2014/09/05/identidade-de-transexuais-sera-julgada-no-stf-144122.php>

transexuais, já que a relação entre transexuais e médicos se baseava em narrativas oportunistas usadas para justificar, tão somente, uma busca por aceitação social capaz de legitimar as mudanças corporais drásticas desejadas. Desta forma, Hausman, ao deslegitimar a relação médico-paciente transexual, retira do sujeito a possibilidade de agência, vê como desnecessária a cirurgia de redesignação sexual.

Devor (1997: 571-573), ao invés de desconsiderar a relação entre os sujeitos transexuais e o tratamento médico, procurou vê-la como uma realidade que deveria ser seriamente levada em conta, pois trazia, na fala de alguns sujeitos, a necessidade de ter certeza quanto à sua transexualidade e estar pronto para defendê-la diante dos profissionais que vão habilitar o processo de transição. A autora recomenda a manutenção do atual teste da vida real, ao mesmo tempo em que afirma que o sucesso destes testes deveria ser determinado pelas pessoas que os vivenciam, ao invés de serem avaliados por profissionais das ciências médicas. Entretanto, ela contradiz seu argumento ao entregar a médicos e profissionais da psicologia a capacidade de habilitar a autoavaliação ou não do sujeito a partir da análise de suas condições psicológicas, patológicas ou médicas (Ibid.: 605).

Prosser (1998), por seu turno, embora reconheça que os profissionais médicos exercem um poder enorme sobre as inúmeras maneiras pelas quais os sujeitos de gênero “desviantes” deveriam expressar suas identidades, foca sua abordagem sobre a importância das cirurgias transexuais e dos tratamentos hormonais. Para ele, estas ferramentas são essenciais à criação de um corpo que traga, para dentro da pele dos sujeitos que têm negada a possibilidade de representar seu gênero verdadeiro pelo seu sexo original, a sensação de “ser casa”. Para os transexuais, segundo o autor, a cirurgia de redesignação seria uma fantasia de restauração do corpo ao *self* concebida na superfície do corpo. Na verdade, não só a cirurgia de redesignação, mas até mesmo as cirurgias plásticas eletivas, tidas como cosméticas, teriam impacto importante na constituição identitária do sujeito (Ibid.: 81-82). A realização de uma identidade esperada, vinculada ao resultado de manipulações do corpo, se constituiria como substancial. Segundo Prosser (Ibid.: 85), a cirurgia de redesignação sexual poderia ser compreendida como tendo ação de cura e transformação do sujeito transexual, agindo

como antídoto às distorções de imagem corporal ao efetuar a retirada dos órgãos renegados e tornar efetivas as partes sexuais já imaginadas (1998: 85). Prosser (1997;1998) analisa a construção identitária trans vendo-a a partir das trajetórias corporais que se deslocam para uma zona entre o feminino e o masculino, sendo performativas e narrativas. Dentro desta perspectiva, pode-se dizer que, na base da configuração transexual, não haveria uma prática de resistência, mas de reivindicação. O trânsito de um gênero a outro dependeria da transição e não se realizaria através da negação de um lugar precedente, mas do seu reconhecimento e negociação. Aqui, não existiria uma pretensão de desconstruir as categorias normativas de feminilidade e masculinidade e sim uma busca por refúgio nelas. Como uma transformação do corpo material, a transexualidade está indissoluvelmente ligada ao registro do real. Segundo Prosser (1998: 208-209), no entanto, embora esta reconstrução corporal seja possível apesar da narrativa e, de fato, como o *self* transexual deve ser representado antes de ser realizado na carne, a transexualidade estaria igualmente vinculada à representação, dependendo de sua simbolização para ser real. Para o autor (Ibid.: 211), o propósito imediato da transexualidade seria “tornar real o verdadeiro gênero do sujeito no corpo”. Neste processo, o autor reconhece a importância da mídia visual, a qual traz consigo a promessa de tornar visível a imagem do verdadeiro eu, que seria originalmente apenas aparição.

Embora as concepções destes autores quanto à construção do corpo transexual sejam diferentes, elas se fundam no mesmo princípio dicotômico das categorias de sexo e gênero, vendo-as como dotadas de algum tipo de substância, realidade originária e/ou de destino. Susan Stryke (2011:86) diz:

O corpo transexual é um corpo não natural. É um produto da ciência médica. É uma construção tecnológica. É carne dilacerada e costurada novamente em uma forma diferente daquela em que se nasceu. Eu, que residi em uma forma incompatível com o meu desejo, eu, cuja carne tornou-se um conjunto de partes anatômicas incongruentes, eu, que alcanço a semelhança de um corpo natural apenas através de um processo não natural, ofereço-lhe este aviso: a natureza

com a qual você me admoesta é uma mentira. Não confie nela para protegê-lo do que eu represento, pois é uma invenção que encobre a falta de fundamento do privilégio que você procura manter para si mesmo às minhas custas. Você é tão construída quanto eu; o mesmo útero anárquico gerou nós dois. Peço-lhe para investigar a sua natureza como eu tenho sido obrigada a enfrentar a minha. Eu lhe desafio a arriscar abjeção e florescer, bem como eu tenho feito. Preste atenção às minhas palavras, e você pode muito bem descobrir as costuras e suturas em si mesmo.<sup>123</sup>

Entretanto, parte-se aqui da compreensão segundo a qual tanto o sujeito quanto a norma não têm uma substância única. Desta forma, o corpo não pode ser constituído ou entendido tão somente segundo uma lógica heteronormativa de enquadramentos requeridos, dentro de uma lógica natural ou oposta a ela. É preciso ver a normatividade como uma orientação interativa, mutável, moldada na prática contínua através de diferentes espaços-tempos e atuando na constituição do corpo dos sujeitos de modos distintos. Atividades corporais estão interligadas às condições de vida existentes no mundo em um determinado espaço-tempo, manifestando-se de forma diversa em contextos específicos (Schatzki, 1996a: 66).

Agnes, por exemplo, teve a sua trajetória marcada pelo espaço-tempo, pela circunstância na qual estava inserida, pelo compartilhar de valores, regras, compromissos, materialidades e preferências específicas. As

---

123 Tradução livre. Texto original: "The transsexual body is an unnatural body. It is the product of medical science. It is a technological construction. It is flesh torn apart and sewn together again in a shape other than that in which it was born. I who have dwelt in a form unmatched with my desire, I whose flesh has become an assemblage of incongruous anatomical parts, I who achieve the similitude of a natural body only through an unnatural process, I offer you this warning: the Nature you bedevil me with is a lie. Do not trust it to protect you from what I represent, for it is a fabrication that cloaks the groundlessness of the privilege you seek to maintain for yourself at my expense. You are as constructed as me; the same anarchic womb has birthed us both. I call upon you to investigate your nature as I have been compelled to confront mine. I challenge you to risk abjection and flourish as well as have I. Heed my words, and you may well discover the seams and sutures in yourself" (Stryke, 2011:86).

performances de Agnes se desenvolveram no treinamento dentro da interação social, onde cada sujeito pode intervir na prática do outro, corrigindo-a, reafirmando-a, transformando-a.

O entendimento compartilhado e a incorporação são conceitos fundamentais para se entender a prática, compreendida, em sentido amplo, como conjuntos materialmente mediados de atividade humana centradamente organizada em torno do entendimento compartilhado. O ponto que qualifica a incorporação é que as formas de atividade humana estão entrelaçadas com o caráter do corpo humano, sendo os corpos e as atividades constituídos dentro das práticas (Rouse, 2005). Nesta perspectiva, as práticas são o contexto principal e imediato no qual são formadas as propriedades do corpo fundamentais para a vida social, tais como as habilidades e atividades, as experiências corporais, as superfícies de apresentação e até mesmo as estruturas físicas. O sujeito, concomitantemente, pode “ser um corpo”, “ter um corpo” e utilizar este “corpo como instrumento”. Sendo assim, o processo de incorporação surge como uma condição humana fundamental, podendo ser o corpo um limitador (doenças, por exemplo, podem não torná-lo apto para algumas ações) ou, da mesma forma, uma fonte de possibilidades de ação. Deste modo, pode-se ver o processo de incorporação como uma propriedade do engajamento do sujeito no mundo que auxilia na sua significação (Antonacopoulou, 2008).

O processo de transformação corporal ligado à constituição identitária do sujeito deve ser visto dentro de uma construção contínua e prática diária, respeitando-se a singularidade dos espaços de atuação e observando-se a capacidade de agência do sujeito. No caso dos trans *vlogs*, os sujeitos estão inseridos dentro de uma nova dimensão interativa, na qual é possível observar a transição, o seu treinamento performativo, a partir de um olhar objetivo. Ao voltar a um vídeo produzido, o sujeito pode se ver de fora, do lugar a partir do qual o olhar do outro se instaura. Este mecanismo permite ao sujeito negociar de forma diferente os elementos presentes no seu processo de identificação, modificação e performance corporal, reverberando na constituição do *self*. Sendo assim, é possível perguntar: como o corpo em transição nos trans *vlogs* se constitui? Como os trans *vloggers* se relacionam com a norma na construção de seus corpos?

## 4.1. Corpo desejado

Para iniciar o debate sobre a influência da norma na constituição dos corpos dos trans *vloggers*, faz-se necessário compreender como o corpo se apresenta na prática social. A atividade corporal, os movimentos, gestos, atos, posturas e hábitos, as formas corporais, o tamanho, a decoração e a ornamentação são todos ensinados, reforçados, transmitidos, exemplificados, imitados, desenvolvidos no interior de um contexto social, na experiência e experimentação do sujeito. Através do disciplinamento, do estabelecido, do inscrito e normatizado, os corpos assumem significados específicos de fisicalidade, atividade, superfície e experiência, e é este pressuposto que permite o surgimento de sujeitos individuais com determinadas condições mentais, sentidos de si e assim por diante (Schatzki, 1996a: 6). A corporeidade tem sua dimensão física, mas também está imersa na dimensão socio-cultural, e essa imersão atua na moldagem dos corpos, na forma como são percebidos e compreendidos, fazendo parte da construção dos indivíduos, modificando-se com o tempo e divergindo no espaço. Sendo assim, temos o corpo como:

Naturalmente expressivo, socialmente investido, biofísica-mente formado e como uma entidade operante, cujas atividades manifestam e significam os diversos componentes da individualidade, tais como “personalidade” e “subjetividade”, gênero e mente/ação (Ibid.: 16)<sup>124</sup>.

As práticas sociais se apresentam “como uma coleção de ditos e feitos ligados por regras/ proposições e entendimentos não propositivos” (Ibid.:16). Desta forma, o sujeito aparece como um investimento multidimensional dos corpos entre nexos de atividades. A prática é organizada por uma série

---

124 Tradução livre. Texto original: “Emerges a conception of the human body as a naturally expressive, socially invested, and biophysically formed and operative entity whose activities manifest and signify the various components of individuality such as personhood and subjecthood, gender, and mind/action”.

de inteligibilidades, regras, fins, projetos e significados. Estes elementos que a compõem são distintos e incorporados de modo diferente nas mentes dos participantes, através de observação, reação e treinamento (Ibid.: 58-69). Cada sujeito, apesar de reconhecer a norma dominante, processa seus pressupostos e regras de modo diferente - por exemplo, em expressões diversas de masculinidade e feminilidade. Os fenômenos que organizam as práticas são incorporados pelos indivíduos até estarem contidos em seus estados mentais das pessoas, expressando-se sob a forma de entendimentos, desejos, crenças e emoções. Todavia, os elementos que compõem uma prática não são incorporados pelos indivíduos de modo único, mas de forma distinta. Pode-se pensar, por exemplo, que, mesmo havendo, na comunidade trans do YouTube, um ideal de masculinidade compartilhado que estabelece os elementos que constituem a prática do masculino, existe uma diversidade de apropriações de tal ideal.

A diversidade de estilos exibidos pelos transexuais masculinos em canais do Youtube remete a alguns exemplos: Kaden e Taylor têm na obtenção de músculos um elemento importante do seu ideal de masculinidade; outros, como Mark, não estão preocupados com a forma musculosa do corpo masculino. Corporeidade e individualidade ao longo do campo social, e os corpos - tal qual sua prática performativa - têm impacto na constituição da identidade do sujeito, bem como influenciam e são influenciados pelo contexto onde estão inseridos (Schatzki, 1996a).

A esfera do *vlog* auxilia na propagação e no compartilhamento de algumas regras implícitas à transição, de códigos de conduta, de estilos de carne (Butler, 1990) e normatividade de gênero, que se manifestam, sobretudo, nos primeiros relatos da transição. O corpo desejado é transformado aos poucos. Em um primeiro momento, a norma compartilhada dá forma à fantasia, em um ensaio mental que antecipa o esperado das transformações que o sujeito pretende realizar. O sujeito constrói a fantasia através do que é compartilhado por outros sujeitos, que informam como ocorre a utilização das tecnologias, demonstrando no corpo as possibilidades de transformação. Quando o sujeito dá início à transição, a sua fantasia começa a ser incorporada. Em um primeiro instante, ela é apresentada nos vídeos, confessada como um projeto. A terapia hormonal surge, então, como uma técnica que

fundamenta as primeiras expectativas. É através do início da terapia hormonal que o sujeito vê o início da sua transição, e é nela que se vê o delinear da consecução – e modificação – do(s) projeto(s) corporal(ais).

Nos relatos em vídeo, pode-se ver que a terapia hormonal traz consigo uma infinidade de expectativas que são narradas, performadas e trazidas a público como parte das primeiras linhas do mapa a ser desenhado pelo sujeito durante o seu processo de transição. O sujeito, neste primeiro movimento, tem a urgência de tornar o seu sentimento de gênero algo público e manifesto na carne. A terapia hormonal surge como um meio comprovado pela medicina, como uma etapa institucionalizada da transição, mas é escolhida sobretudo como o caminho para obter a conquista do corpo desejado, pela visualização das experiências atestadas e relatadas em *vlogs*. Sky, no vídeo *“Day one – january twentyfirst”*<sup>125</sup>, conta um pouco sobre suas emoções no início da terapia hormonal:

Esta manhã eu fui ao endocrinologista, e ele escreveu toda minha prescrição para testosterona em cerca de duas horas. [...] Minha mãe ficou toda: “Uau, eu não sabia que isso iria acontecer tão rápido! [...] Eu estava: “UAU! Eu não sabia que isto iria acontecer tão rápido! [...] Então ela estava toda: “Eu quero ver como ele aplica a injeção porque eu não quero você fazendo isto sozinho”. E eu estava: “Ok, eu não me importo, desde que eu possa me aplicar uma dose de homem hoje!”. [...] Então, por volta das onze horas, eu injetei testosterona no meu corpo. [...] Obviamente, eu não notei nenhuma mudança ainda, isso é basicamente, eu acho, só o começo [...] e eu me sinto muito bem. Eu sinto como se houvesse este enorme peso que acaba de ser levado de toda minha alma [...] e eu estou pronto para encarar a vida, agora, como a pessoa que eu deveria ser. [...]”<sup>126</sup>

---

125 Tradução livre: “Dia um – vinte um de janeiro”.

126 Tradução livre. Texto transcrito: “This morning I went to an endocrinologist. [...] He wrote all my prescription for testosterone within two hours. [...] My mom was all like ‘wow I didn’t know that

Sky faz uma síntese do que significa tomar testosterona para alguns FTMs ao definí-la como uma injeção de masculinidade. Ao mesmo tempo, Sky também acredita que a terapia hormonal seja um elemento capaz de ajudá-lo a “transformar-se” na pessoa que deseja ser. Seguindo a mesma excitação e urgência, James fala sobre as primeiras mudanças no tom da sua voz e sobre o aparecimento de alguns pelos no queixo e no buço, dizendo: *“Eu estou apenas antecipando...estas mudanças não vêm rápido o bastante. Eu estou tentando meu melhor para ficar paciente, mas, ao mesmo tempo, estou examinando meu corpo incansavelmente, procurando pela menor mudança”*<sup>127</sup>. A terapia hormonal para os FTMs significa transformações corporais, e essas, por menores que sejam, precisam vir depressa, para serem valorizadas e compartilhadas.

As MTFs seguem a mesma excitação, esperando ansiosamente por alterações nas formas do corpo, mas valorizando também as emoções proporcionadas pelo início da terapia. Dani, no vídeo *“Beginning HRT”*<sup>128</sup>, enviado em 09 de setembro de 2012, deposita no estrogênio suas esperanças de transformação corporal, tanto quanto quer responsabilizar o estrogênio pelas suas emoções. Ela diz:

[...] Este é o início da minha transição de homem para mulher.  
[...] E eu mal posso esperar para ver os efeitos e o que vai acontecer e ver como vou me sentir... [...] E começar esse movimento para a sociedade como uma mulher [...] Eu estou

---

was happening so fast...’ and I was ‘WOW! I didn’t know that it was happening so fast!’ [...] So, she was all like: ‘I wanna see how he does the shot, because I don’t want you doing it by yourself’. And I was: ‘Ok...whatever...I don’t care as long as I can shoot myself with “men” today’. [...] So, I guess around eleven I injected testosterone in my body. [...] Obviously, I don’t notice any changes yet...that is basically I guess just the beginning... [...] and I feel really good. I feel like... there is that huge weight...that has just been lifted from my whole soul [...] and I’m ready to embrace life now as a person I supposed to be. [...]. Ver vídeo 2 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

127 Tradução livre. Texto Transcrito: “I’m just anticipating...these changes can’t come soon enough. I’m trying my best to stay patient... but at the same time examining my body hardcore...Just looking for the slightest change”. Ver vídeo 3 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

128 Tradução livre: “Iniciando a Terapia Hormonal”.

ansiosa para ver o que vai acontecer em uma semana, em duas semanas, em um mês, dois meses, muitos meses... [...] Eu sei que agora eu não estou notando nenhuma mudança [...] mas eu me sinto ok. Eu me sinto tão confortável. [...] Eu me sinto em paz e calma. [...] Isto pode ser o efeito da testosterona tomando conta do meu corpo. [...] Eu certamente espero que sim [...] <sup>129</sup>

Tiffany, no vídeo “[Tiffany’s Vlog #6 Started Hormones Yay!!]”<sup>130</sup> diz:

Eu quero fazer um vídeo porque eu comecei a tomar hormônios, e isto é um grande passo. É bom estar no caminho certo. [...] Eu não tenho certeza quanto efeito eu vou ter nos próximos três meses porque é uma dose baixa [...] Mas disseram que eu vou sentir, provavelmente, alguns efeitos. Então, eu estou ansiosa para senti-los. [...] <sup>131</sup>

Diante dessas falas, vale ressaltar que a vida social acontece segundo alguma combinação de mudanças, estabilidades, fluidez e continuidade. A atividade humana não é apenas um evento, é um evento indeterminado (Schatzki, 2010; 2011). O que o sujeito faz é determinado pelos fins a partir dos quais ele age (teleologia) e em resposta ou à luz do que o motiva, sendo estes elementos apenas determinados com a ocorrência da atividade. O

---

129 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] This is the beginning of my transition from a man to a woman. [...] And I can’t wait to see all the effects and what is gonna happen and just to see how I feel... [...] And to start that move to society as a woman. [...] I’m exciting to see what is gonna happen in like a week, 2 weeks, a month, 2 months, several months... [...] I do know, like right now, I’m not noticing any physical changes obviously [...] but I feel ok... [...] I just feel so comfortable. [...] I feel at peace and I feel calm. [...] That could be the effects of the estrogen taking hold of my body. [...] I certainly hope so.

130 Tradução livre: “Vlog da Tiffany [número] # 6 Terapia Hormonal Iniciada Viva!!”

131 Tradução livre. Texto transcrito: “I just want to make a video because I started on hormones and it is a pretty big step. Feels good to be on the right track. [...] I not really sure how much of an effect I’m gonna have over the next three months cause is a lower dose [...] but they said that I would feel some effects probably. So, I’m looking for to feeling those [...] Ver vídeo 4 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

passado não determina de modo absoluto a atividade presente; em vez disso, a atividade presente se relaciona com o passado e pode oferecer novo sentido ao que, no passado, a determinou. Cada presente é auto-organizado, constituindo, desta forma, a possibilidade de um novo começo (Schatzki, 2011:4-5).

Os relatos em *vlogs* oferecem ao sujeito um olhar objetivo sobre as suas memórias, que podem ser vistas de fora – como se o olhar pudesse ser olhado – num espaço que dialoga com um tempo passado, percebe o presente – o quanto foi conquistado – e projeta o futuro. Quando o sujeito olha de fora, não anula a sua dimensão anterior, mas modifica a forma como a memória o atinge. Utilizando esse outro instrumento, o sujeito se depara com uma outra lente que pode transformar a sua visão sobre si.

Em um vídeo seguinte, chamado “[Tiffany’s Vlog #8 Seven Weeks on Hormones]”<sup>132</sup>, Tiffany nos conta sobre as alterações percebidas em sete semanas de HRT:

Eu estou realmente gostando dos resultados que estou tendo. Eu me sinto, em geral, mais feliz, mais falante perto de outras pessoas e mais social. [...] Também notei que meus seios devem ter crescido um pouco, o que é bem legal. Eles parecem estar... se eu os olhar de perfil, posso ver um pouco mais, e eu estou bem certa de que eles cresceram. [...] Eu também tenho alguns dias de sensibilidade no mamilo. [...] Minha pele parece estar mais macia e eu acho que o meu cabelo deve estar crescendo um pouco mais lentamente. [...] Mas [...] todas essas coisas são realmente difíceis de julgar porque, como eu estou tomando hormônios, eu meio que estou esperando obter esse tipo de resultados.<sup>133</sup>

---

132 Tradução livre: “Vlog da Tiffany [número] # 8 Sete Semanas em Terapia Hormonal!”

133 Tradução Livre. Texto transcrito: “[...] I am really liking the results that I’m getting. I just feel generally happier and I fell chattier around another people and I fell more social. [...] Also I notice I might have a little bit breast growth which is kinda cool. They seem to be... if a look them on profile view I can kinda see a little bit more and I’m pretty sure they have grown. [...] I have some days of nipple sensitivity with them too. [...] My skin seems to be a little bit softer and I think my

As expectativas e a valorização da terapia hormonal dão a dimensão da fantasia incorporada pelos sujeitos na construção de um corpo ideal masculino/feminino. Nesse estágio, vê-se que as emoções e as transformações corporais também se articulam aos objetos. James, quando relata o início da sua terapia hormonal, no vídeo *“Week 1: Comming out, changes and such :)”*<sup>134</sup>, narra o que sente e as mudanças que tem percebido com o tratamento, dando destaque ao frasco de testosterona:

Vamos ver...mudanças que eu notei na primeira semana... Não houve muitas. Eu me sinto bastante diferente. Eu me senti diferente imediatamente depois da minha primeira injeção. Não tenho certeza se foi meu corpo reagindo fisicamente ao tubo de testoterona ou se minha excitação se transformou em testosterona. [...] Eu estou muito feliz com isto. Eu vou mostrar para vocês meu maravilhoso frasco de testoterona [segura o frasco diante da câmera]. Eu me sinto tão bem tendo isto [olha o frasco, em sua mão, como se estivesse hipinotizado] em minha posse agora. Eu esperei a minha vida inteira, e saber que isto está se tornando uma realidade... [...] Eu ainda estou em choque, na verdade... [...] E até agora eu realmente estou me sentindo ótimo!<sup>135</sup>

Os elementos corporais e mentais necessários à prática social se conjugam aos objetos na performance, sendo articulados, utilizados e associados

---

hair might be growing a little bit slower.[...] But [...] this is all things that...they are really hard to judge because I am on hormones, so I'm kinda expecting to get this kinda of results". Ver vídeo 5 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

134 Tradução livre: "Semana 1: O se assumir, mudanças e tal".

135 Tradução livre. Texto transcrito: Let's see... changes I have notice in the first week... There hasn't been too many. I do feel a lot different. [...] I felt different immediately after I got my injection. I'm not sure if was my body reacting physically on tube testosterone or my excitement turns to testosterone. [...] So I'm very, very happy about this. I'll show you my amazing little bottle of testosterone. I feel so amazing having this in my possession right now. I've been waiting my whole life...and know that is becoming a reality...[...] I'm in shock actually still [...] And so far I'm feeling great actually! Ver vídeo 6 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015)

a respostas relacionadas com as condições de vida<sup>136</sup> de cada sujeito. Os aparatos materiais, os objetos utilizados pelos sujeitos trans, sobretudo no primeiro ano de transição, são uma parte fundamental na conquista da habilidade performativa de gênero. A relação de uso desenvolvida pelos sujeitos trans com objetos como o frasco de testosterona (FTM), os comprimidos de estrogênio (MTF), a atadura (FTM), a maquiagem (MTF) e as roupas (FTM/MTF) surge como particularmente importante quando se percebe que a utilização destes elementos, para ser eficaz, necessita que o sujeito os conheça, os compreenda e os mobilize na prática (Reckwitz, 2002b). As formas pelas quais o uso é feito e comunicado podem influenciar a prática, gerando mudanças que limitam ou possibilitam certas atividades corporais e mentais, apoiadas em uma determinada compreensão (conhecimento) do mundo. Este conhecimento pode ser histórico, implícito, coletivamente compartilhado e individualmente significado. Dessa forma, tem-se uma prática incorporada, tempoespacialmente situada e moldada também pelas circunstâncias físicas e materiais (Kemmis, 2009).

Entretanto, para além da terapia hormonal e dos aparatos físicos, o que mais pode ser necessário para a conquista do corpo desejado? Jessica, no vídeo *"00 - Transgender My first V-Log about HRT - coming to self realization"*<sup>137</sup>, produzido em 26 de julho de 2011 e publicado em 05 de novembro de 2011<sup>138</sup>, fala:

---

136 Segundo Schatzki, "as condições de vida são uma condição necessária de todas as outras características essenciais da personalidade" (1996b: 34). "Estados psicológicos como estar em dor, duvidando, alegre, crente, esperançoso, e assim por diante, são condições de vida ou modos de ser. São aspectos de como as coisas são [em determinado momento] e estão indo para alguém em sua existência, em vez de elementos ou configurações estruturais de uma substância ou reino" (Ibid: 31).

137 Tradução livre: "00 – Transgênero Meu primeiro V-log sobre Terapia Hormonal – chegando a auto realização"

138 Jessica deixa o seguinte comentário escrito abaixo do vídeo publicado: "Video taken July 26th, 2011 – I figured it was a good idea to log my own feelings about the steps i was about to take. I know that i am transgendered, but this day marks the first day i actually committed to doing something about it". "Its kinda neat to see how "UPTIGHT" i was in this video, and though my road has allot of challenges yet to come, its neat to go back into time where it all started"

[...] Como eu disse, hormônios não vão fazer muito. Eles não vão mudar minha voz. Eles não vão me fazer ter seios super grandes. [...] Eu sei que transição são uns bons três ou quatro anos de estrada, no mínimo. E, durante este tempo, eu vou praticar a minha voz, eu devo ser capaz de manter o meu emprego por um ano [...]<sup>139</sup>

Se, entre os FTMs, o uso de testosterona auxilia no ganho de massa muscular, na modificação da voz e no crescimento de pelos, características normativamente tidas como masculinas, o estrogênio age, por sua vez, na suavização da pele, no crescimento dos seios, no ganho de contornos tidos como mais femininos no contexto onde estão situados nossos sujeitos. Entretanto, a terapia hormonal age de modo diferente em cada organismo. As alterações corporais podem vir de forma mais rápida, mais lenta ou simplesmente não vir. A voz dos MTFs é um dos fatores que independe da terapia hormonal; sua modificação dá-se, realmente, através do treino (p.ex.: Tiffany mostra um pouco de como funciona o treinamento da voz no vídeo chamado "*Tiffany's Vlog #9 Frequently Asked Questions*"<sup>140</sup>). Ademais, Natalie, no vídeo "*Transsexual How to Pass as a Woman*"<sup>141</sup>, ressalta a importância da esfera afetiva, emocional, durante o processo de transição, e conjuga estas esferas à prática performativa. Para Natalie, à trans feminina é necessário, para passar, mais do que ostentar um corpo transformado, apresentar habilidade na prática performativa, ou seja, é preciso saber usar este corpo no contexto da sua ação. Natalie diz:

---

139 Tradução livre. Texto transcrito: [...] Like I said, [...] hormones ain't gonna do a lot. They ain't gonna change my voice. They ain't gonna make me have super big "tatas" (tits). [...] I know that transition it's a good three-four year road, minimal, and during this time I'll practice my voice, I should be able to keep my job for a year...[...] Ver vídeo 7 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

140 Tradução livre: "Vlog da Tiffany[número] #9 Perguntas Frequentes". Ver vídeo 8 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

141 Tradução livre: "Transsexual Como Passar como uma Mulher"

O primeiro conselho que eu tenho é: seja confiante. As pessoas definitivamente respeitam confiança. Pense em quando você vê alguém andando e sua cabeça está erguida, sua postura está perfeita e ele está apenas seguindo em frente. Eles sabem para onde estão indo, não estão preocupados com a opinião dos outros. [...] Mesmo que as pessoas possam dizer, por alguma de suas características, que você é transexual, elas definitivamente vão respeitar você se você andar confiante. [...] Meu segundo conselho é: não pense que o mundo todo gira em torno de você. Eu digo isto não só para as pessoas que são muito arrogantes, mas digo também para as pessoas que se menosprezam. Se você está andando e alguém está olhando para você, isso não quer dizer que eles sabem que você é transexual, não quer dizer que acham você feia [...] ou qualquer coisa do tipo. Minha última dica para passar é: F\* todo mundo. [...] Tudo bem se sentir triste ou magoado de vez em quando com o que alguém diz [...], mas [...] o que as pessoas pensam sobre mim não é, absolutamente, da minha conta.<sup>142</sup>

No exemplo de Natalie, a existência de uma relação tensa com a norma se coloca em evidência. Ao mesmo tempo em que o *passing* (o passar) está relacionado a atender e se adequar a norma, também necessita de um certo distanciamento do olhar do outro. Isto significa que Natalie, nas estrelinhas,

---

142 Tradução livre. Texto transcrito: "The first piece of advice that I have is: be confident. People definitely respect confidence. Think about when [...] you see somebody walking and their head is up straight, their posture is perfect and they're just walking straight ahead. They know where they are going, they aren't worry about anybody else's shit. [...] Even if people can tell from some of your features that you are transsexual, they definitely will respect you if walk confident. [...] My second piece of advice is: don't think that the whole world revolves around you. I say that not only for people who are too cocky, but I also say that for people who think badly about themselves. If you're walking and somebody is looking at you that does not mean that they know you are transsexual, that doesn't mean that they think you are ugly or [...] anything like that. People just stare at people. [...] My last tip for passing is: F\* everyone. [...] It is ok to be sad or to feel hurt sometimes over what somebody says [...], but [...] "what other people think of me it is absolutely none of my business". Ver vídeo 9 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

deixa escapar a suspeita da impossibilidade de alcance, por mais esforço que se faça, dos padrões de uma feminilidade (ou masculinidade) normativa imposta no olhar do outro. Consequentemente, o desenvolvimento de uma habilidade performativa se torna fundamental e pode ser visto como ocorrendo por meio da vivência de algumas etapas (não consecutivas e intercambiáveis) que levam o sujeito, através da reflexividade crítica, a interrogar a norma, imergindo em um processo constante de aprendizado no qual o saber informa o corpo e, por conseguinte, desenvolve-se um corpo que informa o saber.

Por meio de um ensaio mental, bem como da utilização de suas memórias, o sujeito projeta, experiencia e incorpora a sua fantasia com base no que acredita ter de capacidade corporal. Nesse processo, o projeto do sujeito desenvolve-se continuamente, pelo reconhecimento dos elementos afetivos motivadores e das técnicas disponíveis para consecução do seu objetivo, constantemente atualizado e contextualizado. O treinamento do corpo para obter domínio sobre a técnica proporciona o surgimento de um corpo atento. Nesse momento, o corpo passa a vivenciar um estado de atenção, no qual o sujeito monitora, observa e sente, procurando antecipar a sua ação para a atividade por vir. Por conseguinte, o corpo consegue informar o saber por meio do domínio da técnica e da liberação do desejo, através da contínua prática performativa de si (Noble e Watkins, 2003), que pode gerar, no seu movimento de repetição não mecânico (Butler:1990), o questionamento da normatividade. Discutir-se-á melhor a prática performativa de si em um tópico a seguir, mas, antes, para compreender os elementos que compõem esta prática no processo de transição dos sujeitos trans inseridos na plataforma do YouTube, é necessário entender como a dimensão material do *vlog* se relaciona com a prática de corpo do trans *vlogger*.

#### **4.2. Corpo na prática e no contexto do *vlog***

Quando se fala de prática social, deve-se falar também de uma dimensão que a compõe, qual seja, a dos arranjos materiais, dos artefatos, organismos e coisas no espaço das conexões físicas (Schatzki, 2003). Sendo assim,

presume-se que qualquer aspecto da vida social combina práticas humanas e arranjos materiais, fato que se dá através de uma diversidade de redes responsáveis por formar um imenso nexo complexo da coexistência humana, postas em qualquer momento ou com qualquer duração no tempo. Para Schatzki (2003), os nexos de atividade, os momentos nos quais as ações individuais transparecem, são casos complexos, intrinsecamente ordenados normativa e teleoafetivamente (Reckwitz, 2002a).

Na documentação tecnológica do processo de transição, existe a construção de um conjunto de memórias que permite ao sujeito acessá-lo na posição de espectador diante de si mesmo. Ver-se diante da câmera é presenciar a sua produção performativa sendo crítico de si mesmo, visualizar o seu “reflexo” sem desprezar a perspectiva do outro ou estar alheio ao poder normativo circundante, colocando-se no lugar do outro. A busca por transformações corporais e por performances habilidosas que possam expressar um “sentimento de gênero” não se resume à conquista de um *status* social de uma determinada identidade de gênero legitimada pela heteronormatividade. Como se viu anteriormente, o corpo do sujeito é construído, continuamente, nas diversas etapas da vida, em espaçostempos específicos, através do entendimento do que dizer e do que fazer, não apenas das regras explícitas vigentes, mas dos propósitos, projetos, crenças e emoções individuais presentes no determinado momento da ação. A ferramenta do *vlog age*, então, como um diário aberto sobre a construção contínua de si mesmo, onde as transformações corporais são o “lastro” social mais visível, exposto e esperado, sobretudo no início da transição.

A narração do movimento de modificação corporal é parte relacionada à performance de si, fortalecendo a construção de significados, oferecendo uma “coerência” precária de *self*. A transformação corporal apresenta-se de diferentes formas, nos mais diversos sujeitos, sem alcançar uma fixidez, ter origem, processo ou fim único definido. O que existe é uma negociação constante com as experiências de outros sujeitos em situação semelhante ou relevante, fazendo com que o corpo que tenho, o corpo que desejo e o que posso ter, sejam significados e (re)negociados em todos os momentos da transição. Os desejos, as respostas e os limites orgânicos são testados, não em uma busca por naturalização, mas por uma experimentação guiada

pelo ato de interpelar, pelo ato de interromper, através da prática performativa, a “força impositiva” do comando normativo, ao questionar seus pressupostos a partir do potencial reflexivo presente na prática de *vlogging*.

A prática de *vlogging* permite ao sujeito trans confessar o(s) seu(s) projeto(s) através do *vlog*, aqui compreendido como uma ferramenta de constituição do *self*, utilizada também como um veículo confessional. Nele, o sujeito trans narra um projeto que já está em curso, no qual reivindica sua identidade dentro de um vir-a-ser incessante, visualizado e experienciado através da prática performativa. Os *vlogs* funcionam como um mapa das narrativas que são parte da constituição do *self*, sem que haja um sujeito a ser revelado ou renascido diante das câmeras (Raun, 2012). O que se torna visível é o projeto – ou os projetos – do sujeito confessado(s) na esfera pública, onde o sujeito assume formas, desejos, estilos de carne e sentimentos em transformação constante. O mapa de projetos produzido por meio dos *vlogs* torna possível a visualização destas transformações, permitindo aos sujeitos a constituição de um senso de *self* imerso em uma escala ampliada de interatividade, onde os tempos e espaços comunicam-se ininterruptamente sem a imposição de uma temporalidade linear. Da mesma forma, aos sujeitos é dada a possibilidade de construir, armazenar e vivenciar as memórias do seu projeto de si, do seu processo de autotransformação, visto através do reflexo da sua própria lente.

No início da transição, os sujeitos interrogam o que é ser trans, que corpo deve ter o trans e quais os caminhos para conquistá-lo, assim como são informados e apreendem as normas que circulam no contexto onde estão inseridos. O sujeito agente, tendo a capacidade de refletir sobre o seu corpo, começa a compreender, em circunstância, o funcionamento da tecnologia dos *vlogs* e das técnicas empregadas no processo de transição, bem como dos seus resultados possíveis/esperados. Nos *vlogs*, compreendem inicialmente o que são trans *vloggers*, como se começa a produção dos vídeos, como apresentar-se diante da câmera, ou seja, neste momento, compartilham da compreensão dos preceitos, códigos e signos presentes na esfera dos trans *vlogs*. Inseridos na prática de *vlogging*, informados sobre as técnicas e tecnologias, monitoram, sentem e observam, desenvolvem um corpo atento que busca exercer domínio sobre elas, sobre seus

empregos e resultados esperados, cientes da sua relação com o contexto da ação.

Uma vez que o corpo do sujeito é treinado o suficiente, a sua *expertise* possibilita uma atuação mais concentrada no resultado que se pretende com a ação do que nos fundamentos técnicos da ação. Porém, com a modificação dos contextos, o sujeito pode se deparar com a impossibilidade de fluxo contínuo da prática. Desta forma, diante da interrupção do ciclo normativo, o sujeito torna-se capaz de interrogar a norma, desenvolvendo uma relação ativa e criativa com o seu contexto, transformando-se em produtor, difusor e fonte do saber.

O questionamento realizado por Mark, no projeto "*Trans Enough*", visto no capítulo anterior, só foi possível porque ele, através do seu processo de transição relatado no *vlog*, consegue desenvolver, a partir de uma agência reflexiva, um corpo atento, um corpo treinado e um corpo que informa saber. Mark, ciente dos elementos e do funcionamento dos mecanismos normativos presentes na afirmação do que é ser trans e difundidos na esfera dos trans *vloggers*, pode, a partir da identificação dos seus pressupostos, questionar sua legitimidade, não os reconhecendo como necessários para a validação do seu *status* identificatório, declarado como trans. Sendo assim, Mark interrogou a norma, liberou seus desejos e, através da criatividade, produziu saber, ressignificando o conceito normatizado.

Entretanto, a produção deste saber pode atuar e ser apropriada por meio das mais diversas formas. O próprio sujeito produtor pode ressignificá-lo ou deparar-se com seus efeitos e interpretações de modos inesperados. É possível ver, através dos relatos em *vlog*, que os sujeitos passam por inúmeras transformações nas quais os entendimentos das regras explícitas, os projetos, emoções e arranjos materiais, vão moldando e modificando o corpo imaginado, o corpo desejado e conquistado durante o processo de transição.

### **4.3. Corpo na transição**

A fantasia de inadequação é a primeira a destacar-se no processo. A imagem do sujeito trans preso em um corpo errado ainda povoa o imaginário

social. Na prática de *vlogging*, porém, pode-se ver uma transitoriedade na significação e entendimento do que são ou deveriam ser corpos gendrados. Neste universo, as características flutuam em negociação com a alteridade, fazendo surgir a possibilidade de ver os contornos orgânicos do corpo dos FTMs como não femininos ou das MTFs como não masculinos. O embate com a coerência heteronormativa e o questionamento dos seus pressupostos de inteligibilidade tornam a acusação de não ser uma pessoa “verdadeira”, “real”, sem efeito (Cromwell, 1999). O que acontece é uma ampliação do horizonte de identificações possíveis, dando mobilidade às características tidas inicialmente como próprias (fixas) de um determinado gênero.

Sabe-se que, ainda hoje, a construção de um ideal de gênero é proposta ao sujeito desde a sua gestação (Chodorow, 1990; Butler, 1990), formando um legado de memórias que o sujeito evoca no momento da sua decisão por seguir o processo de transição. Inadequado ao corpo normativo, o sujeito vê o seu corpo como errado, quando este corpo é apenas, neste momento, limitado, como qualquer outro, na tarefa de consecução do ideal generizado da perspectiva binária (Butler, 1990). Quando os sujeitos perguntam-se, durante o processo de transição, quais as modificações corporais que querem fazer, vê-se que os desejos mudam de acordo com o contexto no qual estão inseridos. O corpo, a sua performance, é um veículo de identificação do Ser, manifesto na superfície. O sexo de nascimento do sujeito, por exemplo, não garante que este construa memórias ou um corpo alinhado com ele. Nascer com um determinado sexo não garante que o sujeito saiba o que é ser de acordo com o seu “registro” – dentro do contexto normativo compartilhado. O corpo se desenvolve e é significado na prática social. Muitos dos sujeitos trans (FTMs/MTFs) alegam, no início da transição, nunca terem tido habilidade para “ser mulher” ou “ser homem”.

Por exemplo, Dani diz: “[...] *ser um garoto era muito desconfortável para mim e [...] eu nunca fui boa nisto.*”<sup>143</sup>. Corroborando Dani, há o caso de Chase, que também confessa a sua falta de habilidade em ser de acordo com o

---

143 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] because being a guy was really uncomfortable for me and [...] I never was good at it.” Vídeo chamado “Beginning HRT” [Iniciando a Terapia Hormonal], enviado em 09 de setembro de 2012.

feminino esperado, mas o faz nas estrelinhas da afirmação de sua certeza em “ser um homem”<sup>144</sup>. Dessa forma, ele fundamenta a sua convicção em iniciar o processo de transição. Ele começa munido de uma certeza quanto ao corpo que deseja obter, ao mesmo tempo em que desconhece os efeitos que a transição pode causar. O corpo que Chase deseja ter é o corpo que está de acordo com o que viu em outros *vlogs* no YouTube, sendo constantemente negociado na interação. A sua prática contínua no *vlog* e fora dele molda e transforma seu projeto corporal, articulando-o a uma adequação aos desejos, possibilidades emocionais, físicas e materiais, circundadas por normatividade, dentro de um determinado espaçotempo. Assim, os desejos e os corpos dos sujeitos não podem ser reduzidos às formas encontradas no *vlogs*, nem aos padrões de gênero ditados pela heteronormatividade, estando em constante transição.

Em sua fala no vídeo “FTM Chase Intro - Lawd What Now!”<sup>145</sup>, feito no início de sua transição, Chase diz:

Eu decidi seguir esta jornada. Eu não sei como isto irá funcionar com os meus filhos...[...] Eu vou iniciar terapia em junho e vou ter uma ideia melhor de onde eu devo ir com tudo isso. [...] Eu tenho pensado muito sobre aonde eu quero ir... Definitivamente hormônios, definitivamente mastectomia. De fato, mastectomia deve vir primeiro, porque eu acho que nunca estive tão cansado de uma parte do corpo na minha vida. [...] Cirurgia de redesignação sexual eu não sei ainda. Eu assisti a muitos vídeos, as pessoas me falam...É uma daquelas coisas que eu acho que você chega a um ponto, eventualmente, no qual você decide [...]<sup>146</sup>

---

144 “I didn’t have to learn how to be a man because it is natural and normal to me” – Fala de Chase no vídeo “FTM-Chase - Update life 2.0 - Inherent Gender Knowledge” [Chase – FTM – Atualização da vida 2.0 – Conhecimento inerente de gênero]. Ver vídeo 10 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

145 Tradução livre: “Introdução de Chase FTM – Deus o que agora!”

146 Tradução livre. Texto transcrito: I’ve decided to follow this journey. I don’t know how it is gonna work with my kids...[...] I’ll start with the counseling in June and I’ll get a better idea where I’m

O conhecimento compartilhado do corpo que pode ser obtido através da transição, que para Chase funcionou como impulso motivador, também pode gerar, sob os preceitos da normatividade, o medo do fracasso na transição. O FTM Taylor é um destes casos. Quatro dias após ter postado um vídeo com relatos sobre os efeitos de dezenove semanas em HRT, ele envia, em 01 de março de 2009, um vídeo chamado *"I fear..."*<sup>147</sup>. Nele, Taylor compartilha seus sentimentos escrevendo:

Eu temo dizer estas coisas em voz alta...Eu temo...nunca estar completamente seguro da minha própria masculinidade. [...] Eu temo não gostar do meu corpo pós-operado. Eu temo não ter uma boa aparência depois da transição. Eu temo...que ser trans possa afetar minha carreira. Eu temo a reação dos meus avós. Eu posso perdê-los. Eu temo o efeito que minha transição possa ter na minha irmã. Minha irmã se ressentida de mim...Eu temo o efeito que isto terá na vida dela. Eu temo nunca ser aceito como um dos garotos. Eu temo ser um estranho dentro da minha própria família. Eu posso não voltar para a escola. Eu temo... me ver como um fracasso.<sup>148</sup>

---

supposed to go with all this. [...] I have given a lot of thoughts about where I wanna go... Definitely hormones, definitely top surgery. As matter, in fact top surgery may come first, because I don't think that I ever being more tired of a body part in my life. [...] Bottom I don't know yet. I've watch a lot of videos, people tell me...It is just one of those things I guess you get to a point eventually that you've decide [...]. Ver vídeo 11 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

147 Tradução livre: "Eu temo..."

148 Tradução livre. Texto transcrito: "I fear saying these things aloud... I fear ...I'll never be completely secure in my own manhood. [...] I fear... Sam [girlfriend] may not like my body post op. I fear I may not like my body post op. I fear I may not look good after transition. I fear... being trans may affect my career. I fear my grandparents ' reactions. I may lose my grandparents. I fear the effect my transition has on my sister. My sister resents me...I fear for the effect this will have on her life. I fear I will never be accepted as one of the guys. I fear...being an outsider...in my own family. I may not go back to school. I fear...seeing myself as a failure." Ver vídeo 12 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

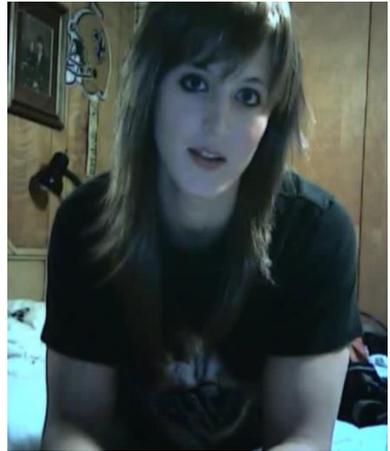
Os medos de Taylor estão na sua fantasia emocional, na imagem projetada de si que traz, nas entrelinhas, a força impositiva da normatividade. Taylor ainda não domina a técnica, está no momento de aprendizagem, o qual é responsável por deixar em primeiro plano a sua fantasia do dever-ser, ainda não incorporada. Sendo assim, em sua fala se evidencia a dificuldade de negociação social do seu corpo que não se adequa à normatividade, ou ainda, não se tornou inteligível. Os ditos, feitos, as sensações e as imagens trazidas através desse vídeo expressam as condições de vida do sujeito, mas não a determinam, são antes manifestações das condições normativas presentes no mundo. Taylor busca um padrão imaginado de masculinidade, vendo no seu corpo, no esforço de transformação, o caminho para chegar a uma coerência de gênero, ao mesmo tempo em que percebe com temor a possibilidade de não obter sucesso. Como se viu no capítulo anterior, esse temor de Taylor ressalta a impossibilidade de obtenção desse ideal. Por não existir uma verdade ou substância de gênero (Foucault, 2006), essa ficção reguladora não pode ser materializada por completo pelos corpos (Butler, 1990). Existe uma tensão na negociação que esse corpo ideal realiza todo o tempo com as intervenções normativas do(s) outro(s). Esse corpo que ele é está investido em normatividade e pode nutrir-se do “olhar” do outro para significar, mas o sucesso da prática corporal de Taylor está relacionado à sua capacidade de desenvolver uma habilidade performativa que se manifeste de modo adequado em um contexto determinado. Taylor pode ser agente ativo ao questionar o funcionamento da norma, transformando-a em um elemento presente na prática social, e não em um fator único de causalidade. Nesse sentido, a instabilidade das normas de gênero e seu ciclo normativo podem ir além da compreensão que apenas abre espaço para a resistência. Ela pode permitir o questionamento e interrupção do ciclo normativo, gerando novas formas de inteligibilidade na produção de novos ciclos.

Jesslyn, no entanto, enfrenta outros temores. Do ponto de vista dos padrões corporais difundidos de gênero, ela experimentou de um extremo a outro da masculinidade e da feminilidade. Antes de iniciar o processo, Jessly tinha um corpo masculino de um fisiculturista. Nos seis primeiros meses de transição, duvida que algum dia consiga “passar como mulher”.

**Jesslyn antes da transição:**



**Jesslyn com seis meses de transição:**



Para ela, o medo do fracasso está na dificuldade que ela encontra, na prática cotidiana, em transformar a materialidade do seu corpo já modificado na prática do fisiculturismo. Em sua narrativa, Jesslyn traz um corpo com memórias e práticas que se encontram em mais um investimento de modificação corporal, investimento que amedronta pela possibilidade do fracasso, mas motiva pelo desejo. Os dois movimentos de transformação surgem como formas distintas por uma busca de adequação às normas. O fisiculturismo ajudou Jesslyn, que desde a infância se identificava como garota, a circular no meio social de modo coerente com uma normatividade masculina, reservando as suas tentativas de explorar sua feminilidade ao espaço do seu quarto. O processo de transição deu a Jesslyn a possibilidade de transformar o seu corpo, nutrindo a fantasia de conseguir que o gênero desejado por ela, através de estados de coisas – atividades feitas com determinado propósito –, fosse instituído e significado pela atividade corporal (Schatzki, 1996a:63), tornando-se coerente, inteligível. Jesslyn fracassou na sua tentativa de identificar-se com o masculino através do corpo esculpido, e teme não conseguir transformar este corpo de modo a *passar* como mulher, a ser reconhecida como membro deste gênero.

Ela diz:

Nos últimos dias eu tenho estado bem deprimida por causa dessa coisa toda. Parece que eu não estou indo a lugar algum. Você pode ver, eu continuo... [mostra seu braço forte com músculos ainda definidos]...nada pequena. [...] Será que algum dia eu vou passar? Eu não quero ser aquela pessoa que está andando por aí e um cara diz: "ô,ei, é um cara!" Eu não quero isso, sabe? São só seis meses e [...] não parece que nada está ficando mais fácil, só fica mais difícil. Eu estou sempre me sentindo mal comigo mesmo. [...] Eu estou tendo tantas dúvidas sobre o que estou fazendo...Eu quero tanto isto. [...] Eu quero tanto viver como uma garota [...] Eu sei que a maior parte disso é minha culpa porque fiz todo o caminho levantando peso. Eu fiz tudo isto porque eu estava tentando fazer isso passar, mas não passou. Agora eu tenho que lidar com isto.<sup>149</sup>

A síntese identitária de elementos como desejo, gênero e sexo é um efeito da materialização das normas de gênero – contraditórias – construída nas práticas sociais. As sínteses que os corpos performam são disponibilizadas pelas mesmas práticas que, por meio da sanção normativa, exercem sobre elas certo direcionamento e disciplinamento (Schatzki, 1996a:64-65). Assim, as atividades corporais (p.ex.: comportamentos, sensações) tornam manifestas no mundo como as coisas são ou estão sendo para as pessoas dentro de um determinado espaço-tempo. Dessa forma, a identificação, o gênero, aqui socialmente constituído, fluido e em processo, são dimensões

---

149 Tradução livre. Texto transcrito: In the last couple days, I've been really depressed just about this whole thing. Seems like I'm going nowhere. [...] You can see, I'm still [mostra seu braço forte com músculos ainda definidos]...not little...[...] Am I ever gonna pass? I don't wanna be like the person who are walking around and a guy (says): "oh, hey, it is a guy!" I don't want that, you know? [...] I mean it's only six months and [...] it doesn't seem like anything is getting easier, it is just getting harder. [...] I'm always disgusting myself. [...] I'm having so many doubts about what I'm doing... I wanna do this so bad. [...]I wanna live as a girl so bad [...] I know most of it are my fault because I did all the way lifting. I did all that stuff because I was trying to make it go away, but it didn't go way. Now I got to deal with it [...].Ver vídeo 13 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

do sujeito que podem ser compreendidas como dimensões da existência expressas pela atividade corporal (Ibid.: 66-67).

O exemplo de Jesslyn, trazendo o desejo e o investimento em dois polos opostos de gênero, coloca os limites e possibilidades da transformação corporal sob a influência da força da heteronormatividade. Jesslyn fala que, antes de iniciar a transição, por fora ela parecia ótima, pensava que tudo estava indo bem, mas por dentro ela estava realmente infeliz<sup>150</sup>. Seu primeiro investimento parecia a ela, inicialmente, coerente e correto, mas não foi capaz de permitir a vivência de sua feminilidade, ou seja, não possibilitou a prática. Em outro vídeo ela diz:

Quando eu era um garoto e era fisiculturista, se tivesse um jeito “deu” tomar uma pílula e fazer com que meus sentimentos femininos e essa...luta de mim comigo mesmo fossem embora, eu teria tomado. [...] Mas não há.<sup>151</sup>

Então, Jesslyn passa a acreditar que, ao transformar o seu corpo para o polo oposto, a vivência da sua feminilidade se tornaria possível. Neste movimento, sob influência do poder normativo, ela se culpa por incorrência e procura alternativas para corresponder ao ideal de gênero imposto. A dificuldade de Jesslyn em construir uma identificação de gênero feminina coerente com o ideal desejado, em determinado momento da transição, passa antes pela consecução de uma performance corporal perita do que por uma transformação corporal que prioriza as mudanças hormonais e/ou cirúrgicas. Alguns dos comentários que ela recebe chamam atenção para concepções de feminilidade que ressaltam a importância da performance,

---

150 Texto transcrito: “In the outside I looked great. I thought everything was going great but on the inside I was so not happy.” Extraído do vídeo “ Jesslyn transgender vlogs coming out tips for early transition” publicado aos 10 meses de terapia hormonal. Ver vídeo 14 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

151 Texto transcrito: “When I was a guy and I was bodybuilding if there was a way for me to just take a pill and the feminine feelings and this... myself fighting myself basically went away then I would took it. [...] But there isn’t one”. Extraído do vídeo “Jesslyn transgender vlogs haters need love too”. Ver vídeo 15 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

do uso correto dos aparatos e da expressão do sentimento de gênero posto em performance. Num comentário:

Deixado por “KatiePhongh”:

Quando você diz “Eu não preciso ser muito pequena, eu não preciso ser a garota mais bonita. Eu só quero ser vista como uma garota”, você mostrou o quanto você realmente é uma garota. Não há uma mulher viva que não tenha inseguranças sobre o seu corpo (outro sinal do quão garota você é). [...] Anime-se! E você está fabulosa.<sup>152</sup>

Comentário deixado por “chrishellmax”:

Ok, algumas dicas. Não estresse com seu corpo, ele irá mudar com hormônios. Segundo, pense em enchimento para os quadris, quando você começar a usar vestidos, e você vai, poste no *website*, então poderemos ver. Terceiro, você já tem um rosto de garota e seu sorriso é ótimo, então você já passa nisso. Deixe seu cabelo crescer e use uma peruca que seja da mesma cor que o seu próprio cabelo.<sup>153</sup>

Estes comentários reforçam alguns elementos de um ideal de gênero inatingível, mas também trazem seu caráter performativo, que não é único ou fixo, mas antes situado e em constante transformação.

---

152 Tradução livre. Texto transcrito: “When you said, “I don’t need to be tiny, I don’t need to be the prettiest girl out there. I just want to be seen as a girl”, you showed how much of a girl you really are. There isn’t a woman alive who doesn’t have insecurities about their bodies, (another sign of how much of a girl you are). Be happy that you had the courage to step forth and declare that this is the real you. A life in hiding and in secret is no life at all. Cheers on, and you look fabulous”.

153 Tradução livre. Texto transcrito: Ok, few tips. Don’t stress about the body, it will change with hormones. Secondly, think of padding for hips, when you start wearing dresses, and when you do, post it on the website so we can see. Thirdly, you have a girls face already and your smile is great, so you pass in that regard already. Grow your own hair out and use a wig that is the same color as your own”.

Aos treze meses de terapia hormonal, Jesslyn mostra, a pedido de seus seguidores, seu corpo por inteiro no vídeo, fazendo uma comparação com o seu corpo antes da transição (em foto mais acima).

**Jesslyn, com 13 meses de terapia hormonal:**



Ela diz: “[O corpo] É largo. Comparado ao que era antes, não está ruim. Então, eu consegui!”<sup>154</sup> Neste momento, nem todas as pessoas a reconhecem como uma mulher; entretanto, seu sentimento de conquista existe e vem agora desacompanhado da necessidade de ser chamado pelo feminino ou da mostra de um corpo pequeno imaginado no início da transição. Em sua fala, há a construção de uma autoidentidade que passa a ser possível e suficiente, independentemente de como boa parte das pessoas a rotulam. Todavia, é preciso compreender que o seu processo de identificação só se tornou possível na interação com as outras pessoas, na prática contínua de si.

---

154 Texto transcrito: “Compared to what it was, is not bad. So, I did!” Extraído do vídeo: “My body 13 months in after bodybuilding” [Meu corpo 13 meses em (terapia hormonal) depois do fisiculturismo]. Ver vídeo 16 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

O papel dos comentários tem extrema importância, porque estes podem oferecer significado para as práticas, assim como podem questionar os pressupostos destas práticas. Dentro do espaço dos *vlogs*, ocorrem práticas interativas que produzem e difundem conteúdo onde há colaboração, abertura e relação entre pares (Levy e Lemos, 2010:59). Na interação, há uma incorporação prática de valores e disposições sociais, corroborando a existência de normas na identificação e expressão do gênero. Essas normas são inicialmente apreendidas quase como leis naturais, seguidas através de uma prática corporal capaz de manter sua coerência. Quando o comportamento do sujeito difere dessas normas, pode haver uma intervenção visando à correção delas, uma intervenção que não questiona seus pressupostos ou sua aplicação, mas apenas preza pela sua continuidade (Wittgenstein, 1979). Entretanto, quando há a impossibilidade de sua aplicação, uma interrupção no seu fluxo, surge a possibilidade de observação e questionamento da norma. Mesmo existindo conteúdos pré-reflexivos, frutos de uma incorporação sistemática, é possível falar de uma reflexividade advinda do engajamento na prática cotidiana e domínio da prática narrativa-performativa, onde os comportamentos e seus pressupostos são considerados, envolvendo um monitoramento de conduta do que se faz e do que se pode fazer (Noble e Watkins, 2003), tornando possível a interrupção do ciclo normativo. Jesslyn, sem dúvida, é um exemplo disso, mostrando sua capacidade de reflexão e objetivação quando retira o seu *vlog* do ar, depois de mais de dois anos de transição, deixando implícito, através dos seus últimos comentários em vídeo, que a razão da sua saída teria a ver com a impossibilidade da prática, da vivência da sua feminilidade para além do rótulo trans impresso a ela no universo dos *vlogs*.

Na esfera dos *vlogs*, os sujeitos têm a performatividade como base da interação. A possibilidade de refletir sobre a prática, a partir de um olhar que se vê atuando, surge quando a inteligibilidade comum impossibilita sua continuidade, podendo produzir um questionamento daquela. Como se viu no capítulo dois, através de Schatzki (1996b:91-93), existe uma diferença entre ter um entendimento baseado no domínio explícito das normas como observador e uma compreensão que se funda na prática. É possível se tornar competente em determinada prática ao se iniciar o treino tentando

aprender instruções explícitas sobre a técnica e depois desenvolvendo a habilidade de articular a compreensão de elementos que compõem esta prática. O sujeito, enquanto inserido na prática, pode desenvolver um ritmo que o permita se concentrar no resultado da ação, e não na própria ação; ao conquistar um nível de habilidade alto, todos os aspectos da prática podem ser coordenados. Então, a partir do lugar de produtor e audiência, desenvolve-se uma capacidade de refletir sobre a prática na interação social. Por conseguinte, ao surgirem momentos de crise onde os elementos apreendidos não são suficientes para expressar e compreender a prática, o questionamento emerge, possibilitando a transformação da norma.

No caso de Jesslyn, ainda iniciando o seu processo de transição e prática de *vlogging*, a intervenção dos comentadores destaca os pressupostos normativos da sociedade e da comunidade trans no YouTube, fundamentando uma inteligibilidade compartilhada na qual a vida social pode ser construída por cadeias de ação responsáveis por interligar os atos de pessoas diferentes - as comunalidades, as divergências, os fins, os projetos e as emoções geram uma permanência conjunta dos sujeitos inseridos naquela prática. Cada vez que se dá sentido ao mundo, conta-se com as instruções explícitas dos impactos feitos pelo mundo no corpo e com as respostas complexas deste para esses impactos (Polanyi, 1962:606). Entretanto, o sentido de si e do mundo só é possível através da interação, do olhar do outro. No caso de Jesslyn, o outro, através dos comentários, demanda mudanças e aponta sua estrutura corporal e habilidade na identificação de gênero.

Dentro do universo dos *vlogs*, tem-se um corpo que traz em si a possibilidade de compreensão dos gestos, estabelecendo uma interligação destes com as palavras, dando dimensão física à significação apreendida na interação, na prática social. A fala emerge constituindo sentido em conjunto com o movimento e/ou expressão do corpo inserido no mundo. Na interação com o outro, a fala e o gestual de “um” só são compreendidos quando o “outro” vê a prática produzida como passível de realização diante dos limites físicos e contextuais da ação nos quais o sujeito agente encontra-se (Merleau-Ponty, 2005).

Os atos de fala e o “manejo” corporal são partes constituintes da prática performativa adequada ao espaçotempo da ação, onde o outro é baliza

importante para a prática inteligível do feminino e/ou masculino, de caráter contingente e específico. Em outros termos, o ser masculino ou o ser feminino apresenta-se comprometido com as condições de vida expressas em atividades corporais particulares, relacionadas às circunstâncias específicas de uma inteligibilidade compartilhada. Entretanto é preciso observar que as concepções de masculino e feminino idealizadas pelos trans se orienta pelo desejo, por um *telos* que orienta o indivíduo dentro da contingência e o permite projetar minimamente este modelo, mesmo que ele não permaneça inalterado diante das práticas cotidianas. A maneira como o sujeito faz uso do seu corpo pode partir de uma compreensão normativa, mas a sua expressão pode exceder esta significação por estar imersa em prática. A performance realizada pelo sujeito pode ser assimilada pelo espectador de formas completamente diferentes. O sentido dado à ação se dá em um movimento de interação entre os dois agentes inseridos em um determinado espaço-tempo, sob o manto de uma inteligibilidade comum. Nos trans *vlogs*, por exemplo, em vídeos de celebração dos aniversários da terapia hormonal nos quais mostra-se, em fotos e trechos de vídeo, as transformações obtidas na busca pelo *status* de gênero desejado, surgem, em alguns casos, entendimentos diversos expressos em comentários que vão na contramão da proposta do vídeo – ou mesmo do entendimento de outros comentaristas. Veja-se o exemplo de Mark, no vídeo publicado por ele em 16 de junho de 2011 que se chama *"Picture everyday for a year (ftm transgender)"*<sup>155</sup>. Enquanto muitos ressaltam suas conquistas (p.ex.: Comentário de Taysha Coughlin), outros questionam a sua masculinidade (p.ex.: Comentário de Mariya Cigir):

---

155 Tradução livre: "Fotos todo dia por um ano (transgênero ftm)". Ver vídeo 17 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015). Textos originais dos comentários: Taysha Coughlin: "There wasn't much of a change, other than it looks like the T gave you a few break outs XD. But I saw a slight change in the neck and jawline and it made you change from looking like a boy to a man. Simply it looks like a puberty vid XD". Mariya Cigir: "I don't see any difference. Just a mixture of photos of me and the same female. It's like your gender transition is hidden in your face expression which changes momentarily. Your rich personality is here and there and everywhere. No matter boy or girl".

Taysha Coughlin: Não houve muita mudança, a não ser a testosterona que parece ter lhe dado algumas conquistas. Mas eu vi uma pequena mudança no pescoço e queixo e isso fez você mudar a aparência de menino para homem. Simplesmente parece um vídeo sobre puberdade.<sup>156</sup>

Mariya Cigir: Eu não vejo diferença nenhuma, apenas uma mistura de fotos de uma única e mesma mulher. É como se a sua transição de gênero estivesse escondida na sua expressão facial que muda momentaneamente. Sua personalidade está aqui e ali e em todo lugar, não importa se menino ou menina.<sup>157</sup>

A inteligibilidade das categorias de gênero, neste exemplo, só se torna possível quando os sujeitos alcançam o entendimento através dos pressupostos que compõem a prática performativa. Quando há o questionamento, a interrupção do inteligível, há uma divergência na fantasia incorporada, tanto quanto no entendimento da expressão da capacidade corporal, pelos sujeitos da ação. Para a segunda comentadora, a habilidade performativa de Mark é posta em xeque, já que ela denomina de “feminino” o que ele anuncia como “masculino”. Contudo, não há com isto o fracasso da performance de Mark, mas uma prática que habilita o questionamento, tornando possível interromper o ciclo normativo e interferir nos elementos que compõem a inteligibilidade que se impõe aos dois sujeitos. Se em Mark existe, inicialmente, a certeza da sua masculinidade compartilhada com seus espectadores, o pronunciamento da segunda comentadora quebra

---

156 Tradução livre. Textos original do comentário: Taysha Coughlin: “There wasnt much of a change, other than it looks like the T gave you a few break outs XD. But I saw a sight change in the necl and jawlne and it made you change from looking like a boy to a man. Simply it looks like a puberty vid XD”.

157 Tradução livre. Texto original do comentário: Mariya Cigir: “I don’t see any difference. Just a mixture of fotos o fone and the same female. Its like your gender transition is hidden in your face expression which changes momentary. Your rich personality is here and there and everywhere. No matter boy of girl”.

esta corrente de compreensão compartilhada. Da mesma forma, a segunda comentadora depara-se, no exemplo de Mark, com o compartilhar de um entendimento de masculinidade, manifesto na performatividade, que não se relaciona com o seu. Ainda que ambos ignorem as perspectivas divergentes, o questionamento já existiu no momento em que se afirmou uma oposição de entendimento. Desse modo, a possibilidade de interrupção do ciclo normativo através da prática se apresenta, podendo modificar os elementos presentes na construção da inteligibilidade compartilhada por cada um, podendo assumir formas diferentes para construir novos significados, utilizando-se de uma prática corporal performativa que apreende normatividade, libera criatividade e produz saber na interação.

Entretanto, antes do embate entre entendimentos, é preciso compreender que a prática de um gênero traz, em si, a necessidade de um conjunto de performances corporais, exigindo do sujeito a utilização de um conhecimento prévio – um saber-como<sup>158</sup> (Schatzki, 2005:63-64) – que o auxilie na interpretação de contextos e ações particulares, assim como precisa de projetos – objetivos –, ainda que contextuais, motivados por determinadas emoções manifestas e produzidas no decorrer da prática. É preciso entender a prática social como sendo, em parte, formada por um conjunto de atos comportamentais conduzido e realizado “no” e “através do” corpo (com o ato de fala como fenômeno relacional da prática corporal). Neste universo de análise no qual atividades emocionais e físicas espaçotemporalmente situadas produzem significados contextuais e provisórios, Mark surge como um bom exemplo das mudanças ocorridas durante a transição e da capacidade de articulação dos elementos presentes na prática social. No seu vídeo de estreia, publicado pela primeira vez em 27 de outubro

---

158 O saber-como ou *know-how* segundo Schatzki (1997), pode ser compreendido como uma habilidade ou capacidade que está por trás das atividades humanas dando suporte às práticas, executando ações sob comando da inteligibilidade prática. O autor compreende o conhecimento prático relativo à ação como *know-how* pertencente à realização de ações (p.ex.: descrever algo, fazer uma pergunta) ou à compreensão das coisas - por exemplo, ao entendimento do que são determinados eventos, objetos e pessoas. Em outros termos, são habilidades que “ou são exercidas na performance da ação ou ajudam a corrigir o significado das circunstâncias nas quais os atores prosseguem”.

de 2008, chamado “FIRST MightMen Video!(MTM:1)”<sup>159</sup>, ele diz: “[...] *Eu sou pré-tudo. Eu não tenho certeza se eu vou começar a tomar testosterona. Isto é meio estranho. [...] Eu não sei se eu realmente me considero como sendo trans. [...]*”<sup>160</sup>. Com este vídeo, Mark confessa suas dúvidas, suas fantasias, mostra o seu corpo, conta sobre seu estágio “pré-tudo” (pré-hormônios, pré-operações), identificando-se não como trans, mas como “*queer*”. Em 12 de abril de 2010, já identificando-se como trans, fazendo terapia clínica e com indicação de um endocrinologista para realizar a terapia hormonal, Mark publica o vídeo “NEW CHANNELL! (again!)”<sup>161</sup>, no qual relata a sua urgência em iniciá-la, dizendo:

[...] Eu tive que marcar uma consulta com um endocrinologista, que é em 25 de maio. O que eu acho muito longe pra mim, porque eu preciso que minha voz mude rápido, antes da minha escola começar, porque eu estou cansado de ser chamado “ela” e coisas do tipo [...] <sup>162</sup>

Este vídeo marca a sua crença na terapia hormonal como capaz de modificar o seu corpo e lhe auferir o *status* de gênero desejado. Aqui, é preciso observar que a testosterona, parte da terapia hormonal, deve ser vista em sua materialidade e manipulação, como um objeto que pode fazer parte da prática e, assim, funcionar como um recurso capaz de possibilitar, restringir e moldar a prática (Reckwitz, 2002b). Entretanto, os artefatos só têm um efeito na medida em que eles são utilizados pelos sujeitos, isto é, na medida

---

159 Tradução livre: “Primeiro MightMen [Nome do canal que pode ser entendido como “homem trans valente” Vídeo (MTM:1)”.

160 Tradução livre da autora. Texto transcrito: “[...] I’m pre-everything. I’m not sure if I’m gonna start on T [...] It’s just [...] kinda weird. [...] I don’t know if I would really, really consider myself being trans... [...]”. Ver vídeo 18 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4.

161 Tradução livre: “NOVO CANAL (de novo!)”

162 Tradução livre. Texto transcrito: “[...] I had to make an appointment with an endocrinologist, which is May 25. Which I think is far away for me, “cause I need my voice to change fast before school starts, because I’m sick of being called she and stuff like that [...]”. Ver vídeo 19 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4.

em que estes aprendem a conhecê-los e utilizá-los através de uma prática que se modifica constantemente. Em 05 de julho de 2011, no vídeo “*Why I stopped t.*”<sup>163</sup>, depois de um ano de terapia hormonal, Mark para de tomar testosterona e questiona os seus efeitos, assim como questiona os pressupostos do gênero desejado. Ele diz:

[...] Eu sinto que eu me relaciono mais com a minha socialização feminina. Eu fui socializado como mulher durante dezoito anos da minha vida; sendo assim, eu não posso mudar num estalar de dedos para o masculino. [...] Eu estou apenas dizendo que [...] estou abraçando meu *background* de socialização feminina e sinto que eu não consigo me conectar com a minha socialização masculina de jeito nenhum. Eu tentei e não funcionou para mim. [...]<sup>164</sup>

Aqui, Mark está parando de tomar testosterona e, com isto, optando por interromper algumas mudanças corporais que o aproximavam de um *status* mais reconhecido como masculino (como calvície, voz mais grave, rosto mais “quadrado”). Deste modo, ele questiona sua identificação constituída através da sua produção corporal e a contextualiza. Através do seu exemplo, tem-se a produção e a significação do corpo dada constantemente na prática social. Se antes, para Mark, a voz grossa era fundamental, agora ela é questionada quando ele percebe o embate entre a sua socialização feminina e masculina. Aqui, corpo, performance e materialidade conjugam-se, auxiliando na constituição de um *self* ativo, detentor de um sentido, constantemente provisório. Sendo assim, de que forma a agência do corpo manifesta-se na sua construção?

---

163 Tradução livre: “Porque eu parei de tomar testosterona”.

164 Tradução livre. Texto transcrito: [...] I do feel like I queue into more of my female socialization. Hello, I was socialized as a female for like eighteen years of my life and then I can't just switch like that to male. [...] I'm just saying that [...] I'm embracing my female socialization background and I feel that I can't connect to my male socialization at all. I tried and it didn't work out for me [...]. Ver vídeo 20 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

#### 4.4. Corpo agente

Ellie, em um vídeo intitulado “*Transgender Surgery Approved! Bigger breasts on Progesterone!*”<sup>165</sup>, pergunta-se:

Eu estava olhando algumas fotos antigas minhas, outro dia, [...] nas quais eu estava [...] deixando de ser um cara para ser a mulher [...] Eu mal estava conseguindo ser feminina. [...] Como eu consegui continuar apesar das dificuldades?<sup>166</sup>

O questionamento de Ellie permite pensar no corpo do sujeito trans como um lugar da agência, como uma resposta afetiva e imersa em um contexto compartilhado, tanto quanto um lugar de atuação do poder e de normalização (Rouse, 2006). Mais do que isto, aceitando o paradoxo, Ellie desafia o desvendar da atuação da agência: “Como consegui superar apesar das dificuldades?” Para responder tal pergunta, duas fotos tiradas, uma (foto 1) do primeiro vídeo postado por Ellie em 30 de julho de 2009 e outra (Foto 2) do vídeo citado acima, postado em 14 de fevereiro de 2013, mostram um pouco do que se trata o seu estranhamento:

**Foto 1:**



**Foto 2:**



165 Tradução livre: “Cirurgia Transgênero Aprovada! Mamas maiores com Progesterona”.

166 Tradução livre. Texto transcrito: “I was looking at some old photos of myself the other day, where I was [...] going from being a guy to being a woman [...] and [...] I was [...] barely pulling it off feminine. [...] How did I manage to power through?”. Ver vídeo 21 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

No primeiro vídeo, de onde foi tirada a foto 1<sup>167</sup>, Ellie ainda não está tomando hormônios nem realizou procedimento cirúrgico algum de transformação corporal. É possível perceber no vídeo que esse posicionamento lateral, presente na foto, permanece durante toda a sua exibição. Ellie usa peruca, apresenta um rosto com ângulos mais marcados, seus gestos são poucos, contidos, mantendo uma postura de ombros curvados, quase se escondendo da câmera. Cerca de quatro anos depois, no vídeo da foto 2, Ellie, neste momento com cerca de três anos em terapia hormonal<sup>168</sup>, tem um rosto mais arredondado, não usa mais perucas, posiciona-se em frente e próxima à câmera de forma extrovertida e solta. Ellie chama atenção para a transformação que ela realizou em si mesma. Ressalta a transformação observando as fotos que mostram a performance como um todo e, em vídeo, exhibe o resultado do treinamento do seu corpo em gestos, atos de fala, comportamento, utilização dos arranjos materiais e compartilhamento de novos projetos – no caso, o anúncio da cirurgia de redesignação sexual.

Através da performance corporal, podemos conciliar as dimensões da normatividade social e da agência humana. O corpo traz em si a capacidade de autodireção do sujeito (Rouse, 2006:511-512). No corpo, é possível ver, concomitantemente, os registros emocionais, os efeitos dos arranjos materiais, a influência das regras e a atuação do sujeito. O sujeito realiza uma performance contínua que conjuga todos esses elementos, em contextos particulares da ação. O corpo se coloca como *locus* do conhecimento prático. O conhecimento que surge da prática pode integrar a normatividade, mas não se resume a ela. A performance hábil relaciona-se com a coordenação do movimento corporal e a capacidade de resposta ao contexto da ação. A conquista de uma performance hábil não está, tão somente, na repetição, ou ainda, na realização contínua de uma mesma resposta esperada para um determinado contexto dado, como sugere Butler (1997:16).

---

167 Ver vídeo 21 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

168 Ellie começou a tomar hormônios em maio de 2010. A sua primeira dose pode ser vista no vídeo "05.08.10 - Hormones - It began with a pill and a patch". Ver vídeo 23 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

A prática social permite aos sujeitos a construção de respostas distintas a circunstâncias dadas. Mesmo que uma performance já funcione de forma satisfatória para uma determinada ação, isso não garante que ela funcione em outra circunstância. Diante disto, da interrupção da prática, o sujeito tem a possibilidade de dar novo direcionamento à performance, trazendo novos elementos, novos objetivos, novos meios, através da sua capacidade de questionar os pressupostos da ação e, conseqüentemente, de interrogar e dar seguimento à prática. O corpo pode aprender uma determinada performance, moldar-se conforme seus requisitos, orientar-se para uma determinada ação, apreender uma determinada habilidade, mas a interrupção do ciclo normativo pode dar ao sujeito a possibilidade de transformá-lo, propondo novos significados e/ou performances a serem compartilhadas na interação social.

Como uma síntese do que se viu neste capítulo, o exemplo de transição de Mark, mostra, passo a passo, como a construção do corpo do sujeito em transição envolve a constituição performativa do *self*. Inicialmente, Mark percebe a existência das regras implícitas que estão presentes no universo trans, em particular a partir dos trans *vlogs*, procurando entender a sua identidade em relação a este universo, como se viu no tópico 4.3. No vídeo "*FIRST MightTMen Video!(MTM:1)*"<sup>169</sup>, primeiro vídeo publicado, ele aparece assim:



---

169 Tradução livre: "Primeiro MightMen [Nome do canal que pode ser entendido como "homem trans valente" Vídeo (MTM:1)". Ver vídeo 18 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

Nele, Mark aparece usando uma atadura nos seios, com gestos expansivos, muito extrovertido. Ele faz movimentos com a mão e com a cintura que são considerados como femininos, mas tanto a sua voz quanto o seu corpo parecem apresentar uma ambiguidade de gênero que se alinha à sua auto-definição como “estando no meio”. No vídeo “NEW CHANNELL! (again!)<sup>170</sup>”, também citado no tópico 4.3, Mark começa a apreender as regras implícitas compartilhadas. Seguindo a norma, ele busca, com o uso da terapia hormonal, mudar a voz para não ser mais chamado de “ela”. Neste vídeo, ele aparece assim:



Com o cabelo cortado de modo mais masculino, Mark também mostra uma postura mais decidida, um pouco mais agressiva, e gestos reconhecidos como mais masculinos (p.ex.: arrotar de modo barulhento em frente à câmera). Entretanto, ainda vacila em outros momentos com expressões “mais femininas” (p.ex.: ficar na ponta dos pés). Nesse instante, pode-se ver que, reconhecendo a norma – seja de forma prática ou propositiva-, Mark expressa sua vontade de seguir reproduzindo-a, seguindo o fluxo de modo incontestado, trazendo-o para a esfera familiar através do monitoramento do seu corpo. Mark está inserido em um processo de treinamento, de aprendizado de uma habilidade que o corpo toma como nova, e, para adquiri-la, pode precisar de um esforço consciente (Leder, 1990:31). É preciso entender que, embora a prática opere primariamente abaixo do nível da consciência, não significa que ela não abra espaço para algumas formas de consciência (Noble e Watkins, 2003:529).

---

170 Ver vídeo 19 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015)

Depois de anos de uma socialização feminina, o corpo de Mark apresenta dificuldade em adquirir uma nova prática performativa. Entretanto, o que o corpo está disposto a fazer difere do que o corpo poderia fazer sob circunstâncias distintas; sendo assim, o paralelismo existente entre ditos e feitos, entre corpo e mente, faz surgir um espaço onde a consciência, que é prática, pode objetivar e analisar a técnica (Ibid.: 527-528). No caso de Mark, há uma reflexão agêntica que considera os comportamentos e seus princípios com um certo nível de monitoramento da própria conduta, que projeta ações e habilidades por meio do desaparecimento focal do seu corpo (Leder, 1990:26-27) na prática performativa.

Após seis meses em testosterona, no vídeo "*chase 6 months on t<sup>171</sup>*", Mark aparece assim:



Com um novo discurso, ele valoriza e ressalta as modificações corporais provenientes do uso de testosterona, exibindo-as com uma postura reconhecidamente masculina (p.ex.: ao mostrar os pelos da perna, ele coloca uma das mãos entre as pernas como se estivesse segurando um órgão masculino). Mark encontra uma outra maneira de relacionar-se com o seu corpo e de relacioná-lo com o seu contexto. Os movimentos vacilantes são substituídos por uma performance mais confiante, na qual gestos, fala e materialidade física conjugam-se de uma outra forma, fazendo com que o corpo que estava presente no primeiro vídeo não se torne mais reconhecível em associação ao que se apresenta nesse vídeo. Mark segue aguardando mais

---

171 Tradução livre: "Chase 6 meses em terapia hormonal". Ver vídeo 24 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

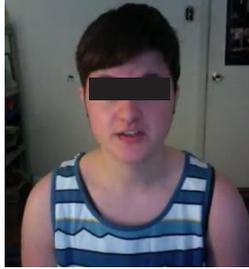
mudanças corporais e, mesmo um pouco antes do seu primeiro ano em transição, desenvolve um corpo treinado, uma performance habilidosa que demonstra domínio da técnica. Em Mark, o processo de aquisição de uma nova habilidade se deu através da incorporação das normas presentes no seu contexto de atuação, por meio do treinamento, da observação e da prática performativa, até que a nova habilidade tenha se tornado parte da sua corporalidade, do seu repertório corporal (Leder, 1990: 31-32).

Essa habilidade, através do treinamento prático, ganha, então, um certo automatismo pela incorporação do saber-como, numa sincronia do seu movimento com o dos outros, expressando o nível de domínio da técnica. Entretanto, é esse domínio que, diante da contingência, do momento de crise onde há a impossibilidade de se continuar com a prática, abre espaço para a transformação da prática narrativa-performativa, onde também existe a possibilidade de um automonitoramento reflexivo, fruto da presença de níveis de consciência que são mobilizados no desenvolvimento das habilidades corporais. O sujeito, aqui, aparece como um tornar-se que pode ser moldado pelo espaçotempo da ação, pelo contexto no qual está inserido, mas não é determinado por ele. Se, ao sujeito, é possível apreender a norma paulatinamente, seguindo o fluxo sem necessariamente prestar atenção à sua performance corporal, o indivíduo também pode, durante a interação, perceber o não funcionamento desta, da mesma forma que pode refletir sobre ela e alterá-la (Noble e Watkins, 2003:30-33).

No vídeo relativo a um ano de transição, na maioria das vezes um vídeo comemorativo no qual o sujeito trans relembra todo o percurso desde a primeira injeção de hormônios e ressalta as conquistas obtidas, as transformações realizadas, Mark escolheu ir por outro caminho. No seu vídeo intitulado *“One year of t”*<sup>172</sup>, publicado em 16 de junho 2011, ele diz:

---

172 Tradução livre: “Um Ano de Terapia Hormonal”.



Hoje é o meu um ano em testosterona [...] e não sinto como se fosse uma celebração ou algo do tipo. A razão pela qual eu não sinto que seja uma celebração, como eu supostamente poderia sentir talvez dois ou três meses atrás, é porque... [...] Eu tenho pensado muito nos últimos meses e tomei minha decisão. Sim, é verdade. [...] Eu estou parando de tomar testosterona. Ontem foi minha última dose completa e eu vou reduzir lentamente a minha dose. Eu não quero mais tomar testosterona.<sup>173</sup>

No vídeo seguinte, publicado em 22 de junho 2011 e chamado “*Clarifications*”<sup>174</sup>, Mark esclarece a sua posição respondendo a um comentário, publicado em blog, sobre a sua decisão:

Primeiro: Eu continuo trans. Eu não estou retrocedendo na minha transição. Eu continuo me identificando como FTM, talvez não tanto quanto no último ano ou mesmo antes disto, mas eu realmente me sinto confortável assim. [...] Só porque

---

173 Tradução livre. Texto transcrito: “Today is my one year on testosterone [...] and it doesn’t feel like it is a celebration or anything like that. The reason why I don’t feel like it is a celebration as I suppose to how I would felt maybe two or three months ago is because... [...] I’ve been doing a lot of thinking for the last couple of months and I’ve made my decision. Yes, is true. [...] I’m getting off of T. Yesterday was my last full t shot, my full dosage and I will slowly and slowly be lowering my dose. I don’t want be on T anymore.” Ver vídeo 25 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

174 Tradução livre: “Esclarecimentos”.

eu estou parando com a testosterona não significa que eu não seja trans. Eu continuo trans. [...] Segundo: Eu estou reivindicando minha identidade lésbica. Isto não significa que eu seja uma garota ou lésbica ou qualquer coisa assim. Isto significa que eu estou escolhendo me identificar como um garoto trans que é lésbica e eu sei que isto pode parecer fora da norma “porque você precisa ser uma garota para ser lésbica”, mas eu honestamente acredito que eu não me identifico como mulher e não me identifico como homem. Eu posso me identificar um pouco mais no lado masculino, mas eu sou uma lésbica. Eu não quero sair com mulheres hetero. Eu estou saindo com uma lésbica. Eu quero sair com lésbicas. Eu verdadeiramente acredito que eu sou uma lésbica por dentro. É o que eu sou. É o que eu sinto por dentro. [...] Três: Eu não estou des-transicionando. Eu estou apenas parando a minha transição. [...] Eu não estou dando meia volta e indo para o outro lado novamente. [...] Quatro: Por favor, pare de me chamar de “ela”. [...] Eu não me identifico como ela. [...] Cinco: Testosterona não foi um erro. [...] Eu sinto que talvez eu tenha permanecido nela um pouco além da conta e tenha começado um pouco cedo demais, mas eu queria tomar testosterona.[...]<sup>175</sup>

---

175 Tradução Livre. Texto transcrito: “One: I still trans. I’m not untransing myself. I still identifying as FTM, maybe not as much as I did in the last year or ever before, but I actually I feel comfortable like this. [...] Just because I’m stopping T does not mean I’m not trans. I’m still trans. [...] Second: I’m reclaiming my lesbian identity. This doesn’t mean that I’m a girl and this doesn’t mean that I’m back to being a girl or being a lesbian or anything like that. This means that I’m choosing to identifying as a trans guy who is a lesbian and I know that it may seem [...] not in the norm “cause you need to be a girl if you’re lesbian, but I honestly believe that I don’t identity as female and I don’t identity as male. I may identity a little more in the male side, but I am a lesbian. I don’t wanna date straight woman. I’m dating a lesbian. I want to date lesbians. I truly believe that I’m a lesbian inside. It is who I am. It is how I feel inside. [...] |Three: I’m not de-transitioning. I’m just stopping my transition. [...] I’m not turning around and going to the other way again. [...]Four: Please, stop calling me a “she”. [...] I just do not identity as a she. [...] Five: T was not a mistake. [...] I feel like maybe I did stay on it for a little too long and I started a little too early, but I wanted to get T. [...]”. Ver vídeo 26 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

Neste momento, Mark, ao escolher se identificar como “um garoto trans que é lésbica”, com o domínio que desenvolveu da norma dentro do universo trans, antecipa as questões que podem ser levantadas pelos sujeitos que fazem parte do seu contexto e deixa de ter um corpo informado pelo saber, para ter um corpo que informa saber. Ao não se identificar com os polos contituídos pela heteronormatividade, a autoidentificação de Mark se torna confusa por propor uma inteligibilidade que não se adequa aos pressupostos impostos. Mark passa então a construir um corpo capaz de informar saber. Próximo ao que fez Feinberg (1997: IX) ao se recusar a responder à pergunta sobre se era um rapaz ou uma garota simplesmente encaixando-se em uma outra categoria Mark, encontra uma outra “forma” de ser-no-mundo que se relaciona com as normas presentes no seu contexto de atuação, mas possibilita a liberdade de construir uma performance de si que o habilita a ressignificar pressupostos e produzir conhecimento, experienciando um lugar de reconhecimento e conforto dentro da sua singularidade nesse instante – mesmo que provisoriamente. Quando Mark se coloca como um garoto trans que é lésbica, ele questiona a coerência heteronormativa entre sexo, gênero, orientação sexual e desejo, questionando a não fixidez e a não correspondência entre estas categorias, aceitando o desafio de tentar se tornar inteligível.

No vídeo “*Why I stopped t.*”<sup>176</sup>, publicado em 5 de julho 2011, Mark continua a explicar suas escolhas:

A primeira razão pela qual eu não quero tomar testosterona por mais de ano é que eu gosto do meu cabelo e ele está caindo mais do que de costume [...] e eu gosto do meu cabelo cheio [...]. Outra razão principal é: eu realmente gosto da minha voz assim. Não é predominantemente masculina ou qualquer coisa do tipo e eu ainda posso fazer uma voz mais alta. [...] E eu também gosto do meu rosto do jeito que é. Eu vi vídeos no Youtube de pessoas que tomaram testosterona

---

176 Tradução livre: “Porque eu parei de tomar testosterona”.

por mais de um ano [...] e seus rostos mudaram muito mais [...] da marca do primeiro para o segundo ano. [...] Eu sei que vai mudar quando eu parar de tomar, mas não de uma forma dramática. [...] Outro ponto importante que eu tenho é que eu não quero perder minha visibilidade gay e parecer hetero para o mundo hetero. [...] Eu sei que eu continuo parecendo um garoto [...] e se eu seguro a mão da minha namorada nós vamos continuar parecendo heteros, mas eu sinto que parando com a testosterona [...] eu não vou mais para o lado masculino, eu vou estar mais na parte do centro. [...] “Passar” não é mais tão importante para mim, quanto era antes. [...] Mas neste momento se eu passar 80% do tempo eu estarei feliz com isto, e eu passo. Eu estou extremamente contente com quem eu sou neste momento. Se eu não gostar de quem eu venha a ser, depois que eu parar a testosterona, eu volto a tomá-la novamente. Eu posso sempre mudar isto. [...]”<sup>177</sup>

Mark se explica ressaltando seus motivos referentes às mudanças físicas que se relacionam com as suas emoções, seus projetos e entendimentos. Ao mesmo tempo em que, nesse movimento de justificar-se, Mark ressalta

---

177 Tradução livre. Texto transcrito: [...] First of all reason why I don't want to be on T for more than an year is that I like my hair and my hair falls out not a lot but falls out more than it use too [...] and I like my thick hair [...]. Another main reason is: I really like my voice like this. It is not dominantly mainly or anything like that and I can still do a high voice. [...] And I also like my face the way it is. I've seem videos on youtube of people who have been on T for more than an year [...] and their faces changes a lot more [...] within the one year to the two years mark.[...] I know that it is gonna change when I get off of T but not a dramatically amount. [...] Another really big point that I have is I don't wanna lose my [...] gay visibility and look straight to the straight world. [...] I know that I still look like a guy [...] and if I hold my girlfriend's hand we'll still look straight, but I feel like going off T [...] I'm not gonna go more into the male side, I'll be more in the middle part. [...] Passing isn't as important to me as it was way before [...] But right now if I were to pass 80 percent of the time I'll be fine with it, which I do. [...] I feel [...] more comfortable and embrace more my female socialization than alot of trans guys. [...] I do feel like I queue into more of my female socialization. Hello, I was socialized as a female for like eighteen years of my life and then I can't just switch like that to male. [...] I'm just saying that [...] I'm embracing my female socialization background and I feel that I can't connect to my male socialization at all. I tried and it didn't work out for me. [...] I'm extremely happy with who I am right now. If I don't like who I'm after T then I'll start T again. I can always change it.[...] Ver vídeo 20 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

a normatividade circundante, ele sente-se livre. Talvez porque, como diria Foucault (1982:790), o poder só seja exercido sobre sujeitos livres, possibilitando a eles as mais diversas ações e os mais diversos comportamentos. A constituição de si relaciona-se com o exercício, com a expansão da liberdade performativa (Brandom, 1979:195), com o domínio, possibilidade de questionamento e transformação da norma, com o desenvolvimento de uma habilidade corporal performativa capaz de atuar ativamente, estando no mundo. Ao longo desse processo, é a prática narrativa-performativa, confessada, compartilhada e experienciada através dos *vlogs* que auxilia na constituição performativa do sujeito na prática cotidiana.

Esse aprendizado da prática que se desenvolve no treinamento diário necessita do engajamento em uma rede, em relações onde haja o compartilhamento de informação e cooperação. A constituição do sujeito se inicia na relação com o outro, num diálogo com experiências e situações onde se pode desconstruir o passado, refletir sobre ações e capacidades de si e dos outros, da mesma forma que se pode projetar ações e habilidades. O desenvolvimento e o conhecimento do corpo, juntamente com a compreensão do significado da prática, relacionam-se diretamente com sua capacidade de comunicação e articulação (Reckwitz, 2003). A narrativa é um veículo importante nesse processo, que permite ao sujeito reconsiderar práticas e entendimentos anteriores, ao mesmo tempo em que possibilita a sua aproximação com o outro.

A narrativa no diário em *vlog* funciona como um instrumento que ajuda na documentação do processo de aprendizagem e auxilia o sujeito a elaborar e refletir sobre sua percepção de mundo, informar o seu contexto de atuação e possibilitar a compreensão de como se deu a ação e de como ela foi experimentada no contexto de sua ocorrência. Assim, com o entendimento prático e propositivo das normas, ao sujeito é possível perceber explicações, hipóteses e alternativas às práticas normatizadas, de modo tal que a capacidade reflexiva do sujeito na/da prática auxilia no surgimento de novos *insights*. Ao fazer isso, o sujeito pode explorar o seu *self* na prática cotidiana.

É essa prática cotidiana que continua a desafiar os sujeitos. É nessa prática que Mark tem sua autoidentificação posta à prova. No dia 06 de abril

de 2012, já sem tomar testosterona, Mark no vídeo: *"I don't pass anymore"*<sup>178</sup>, desabafa:



Eu não passo mais. Agora vocês estão me assistindo [...], vocês já viram meu rosto antes, vocês sabem que isto é quem eu sou, que este é o meu rosto. Vocês estão acostumados a este rosto. Vocês não podem julgar se eu passo ou não, porque vocês só têm essa imagem de mim, certo? Bem, pessoas que não me conhecem não têm esta imagem. Honestamente, isso está mexendo com a minha cabeça. [...] Eu não sinto que a minha identidade está sendo validada mais, isto é uma droga. Faz com que eu me sinta mal. [...] Eu sentia que ficaria bem se eu não passasse mais, mas isto está me afetando demais. Eu odeio não poder estar bem com as pessoas me vendo como uma garota ou como mulher. Eu não quero me identificar como homem, ter o privilégio masculino, mas eu quero. Eu não quero isto. Eu quero ser capaz de me sentir bem, mas sabe do que mais? O privilégio masculino está em mim, está tatuado na minha testa e eu tenho que lidar com isto. Eu não quero des-transicionar. [...] Eu posso voltar a tomar testosterona e seguir pelo caminho mais fácil. [...] O caminho mais fácil porque eu vou voltar a passar novamente, e então eu ficarei deprimido. Deprimido por causa do meu cabelo, por causa da acne...[...] A outra maneira de encarar isso é lidando

---

178 Tradução livre: "Eu não passo mais".

com o fato de ter meu gênero confundido o tempo inteiro. [...] O fato é que eu não passo. [...] Eu quero passar. [...] Passar me faz sentir confortável. [...] Eu quero ser visto como uma mulher mas eu quero ter a pronúncia masculina. [...] Eu adoro estar no meio. Isto me faz feliz. Eu não quero ser visto como completamente mulher, eu não quero ser visto como completamente homem.<sup>179</sup>

Mark, ao parar de tomar testosterona, experiencia mudanças no corpo que afetam a sua capacidade de “passar”. Nesse momento, ele se divide entre a vontade de “passar” com a ajuda da terapia hormonal, responsável por trazer efeitos ao seu corpo que o deixam deprimido, e a vontade de enfrentar, sem recorrer à testosterona, a dubiedade em que o seu corpo e sua voz se encontram, fazendo com que haja uma confusão na identificação do seu gênero pelos outros. Aqui, há um embate entre a autoidentificação de Mark como garoto trans lésbica e a inteligibilidade heteronormativa, ressaltando as diferentes dimensões da identidade. Após parar a terapia hormonal, fora do universo dos *vlogs*, em outras situações, como a sala de aula e as chamadas telefônicas, a autoidentidade de Mark não se

---

179 Tradução livre. Texto transcrito: I don't pass anymore. Now, you guys are watching me [...] you've seen my face before, you know that is who I am, this is my face. You are used to this face. You can't really judge if I pass or not because you just have this image of me, right? Well, people who don't know me don't have this image. Honestly is messing with my head [...]. I'm freaking out inside. I don't pass anymore.[...] I don't feel like my identity is validated anymore which sucks. It makes me feel like shit. [...] I felt like I would be fine if I do n't pass anymore but is affecting me so much. [...] I hate that I can't just be ok with people seem me as a girl or woman. I don't want to identity as male, have male privilege, [...] but I do. I don't want that. I wanna be able to just be ok, but you know what? Male privilege is on me and is tattooed in my forehead and I have to deal with it. I don't want de-transition. [...] I can either go back on T and just go the easy way. That is the easy way for me because then I'll just start passing again and then I'll be depressed. I'll be depressed because of my hair, I'll be depressed because of the acne... [...] The second way to go is just deal with it, deal with being misgender all the time. Tell people, correct them. [...] Where I have to just deal with not fit in the binary which I don't really want to fit in too, but people automatically categorizes me as a woman [...]. Look, I don't pass. [...] I want to pass. [...] Passing makes me feel comfortable.[...] I want to be seem as a woman but I want to have male pronounce. [...] I love being in the middle. It makes me happy. I don't want to be seen as completely woman, I don't want to be seen as completely man. Ver video 27 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo 4 em Rojas (2015).

torna inteligível do jeito que ele esperava. A confusão constante do seu gênero o faz sentir desconfortável, e ele tenta então adequar a sua auto-identidade, o seu corpo, às normas que habilitam o *passing*, ao mesmo tempo em que defende a sua singularidade e reivindica a possibilidade de estar no meio sem perder a pronúncia masculina. Mark continua a questionar a atuação da norma sobre o seu corpo, bem como tenta transformar o seu corpo para torná-lo apto a performar de forma adequada em circunstâncias diversas, onde apenas o discurso não é capaz de auferir sentido, mas apresenta-se como mais uma ferramenta a ser usada em conjunto com os demais elementos que compõem a prática. Nesse momento de conflito onde o contexto foi alterado, não é o tomar ou não da testosterona que está em jogo, mas sim a conformidade ou tentativa de transformação da inteligibilidade comum através da identidade expressa pelo seu corpo. Mark não elimina as suas contradições, mas tenta negociá-las no fluxo de uma prática contínua.

As mudanças no corpo de Mark não estão unicamente ligadas ao uso ou não da terapia hormonal. Em constante transformação também estão o contexto da prática social, os entendimentos (do que dizer e fazer) advindos das regras explícitas, princípios, preceitos e instituições, as estruturas “teleoafetivas” que abrangem fins, projetos, tarefas, propósitos, crenças, emoções e humores (Schatzki, 1996b: 89), que se interligam num constante vir-a-ser e também permitem a alteração dos pressupostos normativos. As habilidades corporais são adquiridas através do treino em-circunstância, estando no mundo. O corpo precisa estar integrado ao contexto e desenvolver constantemente formas de lidar com ele. As habilidades corporais apreendidas tornam-se parte permanente do repertório corporal que pode ser usado em determinadas circunstâncias, seja com o uso de ferramentas, que podem se tornar parte integrada da habilidade adquirida pelo sujeito, ou sem o uso delas, já que, de modo geral, as ferramentas podem ser descartadas (Rouse, 2005: 45).

Entretanto, como o domínio dessas habilidades não significa o domínio das circunstâncias de seu uso, em espaçostempos variados o uso dessas habilidades pode mudar, requerendo do corpo a modificação da sua utilização ou mesmo a apreensão de novas capacidades que se adequem ao

contexto da ação. O estar-no-mundo dos sujeitos em transição, trazido à superfície do corpo e posto em circunstância por meio da prática performativa, utiliza-se das autonarrativas para mostrar sujeitos que constroem, incessantemente, sentidos de si fluidos, provisórios e, por diversas vezes, contraditórios. Todavia, entende-se que, por ser a constituição de si provisória e contextual, as contradições só fazem sentido no processo de rememoração, aqui proporcionado de maneira singular pelo relato da transição em *vlog*. Os sujeitos da transição não eliminam as contradições, mas fazem uso delas para reforçar suas performances de si. Dessa forma, os *vlogs* ressaltam as narrativas e performances corporais, oferecendo outra dimensão à compreensão do sujeito no processo de constituição de si mesmo. Sem a existência de um sujeito com substância, é no corpo que se dá a sua constituição; é através do corpo que o sentido da prática se constrói e se manifesta. Mas como o *self* se constitui através da prática narrativa-performativa de si?

## 5. *Self* na Rede

### *Agência e performatividade*

O iluminismo defendeu uma concepção de sujeito centrado, unificado, dotado de racionalidade e consciência, cujo centro consistia na existência de um núcleo interno que surgia no nascimento do indivíduo e “se mantinha essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a si mesmo – ao longo da existência do indivíduo” (Hall, 2000: 597). Nesta perspectiva, o centro essencial do *self* era a identidade do sujeito. A crescente complexidade do mundo moderno e a percepção de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas formava-se na inter-relação significativa que este pode estabelecer com outros: outros indivíduos humanos, não humanos, instituições etc. A identidade, nesta concepção, foi formada na interação entre o eu e a sociedade. Neste momento, o sujeito ainda era concebido como se tivesse um núcleo interno ou essência que seria o seu verdadeiro eu, mas era formado e modificado num diálogo contínuo com um discurso exterior culturalmente situado e com as identidades disponíveis. Essa concepção de identidade tentou preencher a lacuna entre o interior e o exterior, entre o pessoal e o público. Desta forma, o sujeito projetou a si mesmo dentro das identidades culturais, fazendo com que a identidade

“suturasse” o sujeito à estrutura, estabilizando o sujeito e a cultura, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis (Ibid.: 597-598).

Essas modificações culturais podem ser entendidas como parte de uma transformação mais ampla, de caráter social, econômico, político e tecnológico, que poderíamos designar “pós-modernidade” (Jencks, 1989). Neste contexto, viu-se a emergência de uma sociedade da informação, do conhecimento, das comunicações globais e da cibernética, onde o sujeito previamente unificado e de identidade estável perdeu a fixidez, a essência e a permanência. Se é bem verdade que a percepção de uma modernidade “diluidora” não é uma novidade teórica, como se pode ver nas contribuições de autores como Marx, Simmel ou mesmo na poesia baudelairiana (Berman, 1986:89-90), de algum modo os sujeitos pareciam poder desenvolver estratégias que preservassem sua coerência interna. Marx (1968;1978), afinal, encontrava tal coerência na consciência universal do proletariado. Simmel (2004) falava de estratégias defensivas, como a atitude *blasé*, a partir das quais o sujeito fizesse face à inconstância do mundo objetivo. No caso de Baudelaire (1996), a *flânerie*, também como em Simmel, possibilitava um distanciamento que garantia coerência ao sujeito diante dos fluxos intensos das metrópoles.

A partir das transformações técnicas, culturais e econômicas mencionadas acima, todavia, o sujeito passou a ter uma identidade móvel, formada e transformada continuamente dentro dos sistemas culturais nos quais estivesse situado (Hall, 2000: 598). Nessa perspectiva de fragmentação do sujeito, em um processo que pode ser visto como paralelo à pós-modernidade, os sujeitos são confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis e temporariamente assumidas. Não parece fortuito que Maffesoli (1998) fale, por exemplo, de um tempo de tribos ou que Scott Lash (1997) fale em nome de uma reflexividade mais estética, contingente. O sujeito passou a ser capaz, então, de assumir diferentes identidades em tempos diversos, identidades não unificáveis em torno de um *self* coerente, devido à ausência de um “sentido de si” estável. O assumir de diferentes identidades pode causar um descentramento do sujeito, uma abertura para o *self*, mas não necessariamente modificou o conteúdo biológico/histórico/cultural/político dessas identidades. O processo de autoapresentação tornou-se

um ciclo constante através do qual a identidade individual passou a ser apresentada, comparada ou defendida em relação às realidades culturais, sociais, políticas e econômicas dispostas (Papacharissi, 2010: 304). No entanto, a despeito da multiplicidade das identidades, seu conteúdo permaneceu ligado à lógica heteronormativa.

Os recursos tecnológicos, indubitavelmente, são elementos de destaque nessa mudança. Diante da emergência das novas tecnologias, houve o borrar das fronteiras entre a comunicação de massa e a comunicação interpessoal. Algumas novas tecnologias de comunicação alteraram o acesso dos sujeitos à informação institucional e modificaram as formas de inter-relação (Walther et al. 2010:17). Com os novos *media*, tem-se um outro palco para as interações, capaz de interligar um indivíduo isoladamente ou simultaneamente com diversos públicos e espaços. Sendo assim, os processos de identificação diante de outros planos e redes de atuação dão outra dimensão à negociação das identidades (Papacharissi, 2010:304). Com o surgimento da internet, fundamentalmente interativa, houve uma mudança no espaço de ação social, ampliando o alcance de atuação dos indivíduos, criando novas redes, estabelecendo diversas relações através de uma única ação (Couldry, 2012:3). Desse modo, uma ação em qualquer local pode ligar-se prospectivamente a outras ações em outros lugares, fazendo surgir uma rede de conexões abertas à interação, aos comentários, a novas conexões a partir de outros pontos no espaço. E isso tudo, evidentemente, tem impacto nas negociações da constituição do *self*. A internet proporcionou a construção de um espaço onde a ação humana ganhou novos recursos para modificar a organização do social, no qual performances e percepções do social adquiriram uma nova elasticidade, ainda que as consequências estejam condicionadas aos contextos locais e aos recursos de *media* utilizados. Existe hoje uma infinidade de conexões e capacidades de transmissão, inúmeros dispositivos e infraestruturas de *media* digital; entretanto, é preciso observar que as possibilidades de utilização dos novos *media*, das novas tecnologias, podem diferir do seu uso na prática (Ibid.:12).

Os novos *media* transpuseram as barreiras da distância e do tempo sem homogeneizar culturas e identidades, assim como estabeleceram enlaces entre o público e o privado. Com a emergência de novas tecnologias de

comunicação, sobretudo com o surgimento da internet, a relação entre público e privado, presente antes mesmo do advento das sociedades modernas (Arendt, 1958), é alterada. O público e o privado foram reconstituídos como esferas de informação e conteúdo simbólico, sem ter mais seus espaços de atuação demarcados ou fixos, mas surgindo entrelaçados no processo de desenvolvimento dos novos *media* (Thompson, 2011). Isso tudo possibilita uma nova articulação do processo de constituição do *self*, na medida em que o coloca em rede, âmbito em que as diversas esferas da prática social são negociadas de uma forma radicalmente interativa. Nos *vlogs*, ao sujeito é dada uma certa autonomia no seu gerenciamento, a qual permite a escolha de alguns limites e possibilidades de interação, mas a ele também são informadas as atuações viáveis dentro das fronteiras de regulação da plataforma (Papacharissi, 2010: 304), que são passíveis de atualizações, novas apropriações e ressignificações constantes. Nos *vlogs* com relatos da transição, o lugar onde os sujeitos realizam suas performances em vídeo está, frequentemente, situado em uma esfera familiar (p.ex.: em ambientes da casa onde mora, no carro etc.), através da utilização de aparatos de uso pessoal (p.ex.: Notebook, celular), sozinhos ou na companhia de amigos próximos. O sujeito adentra a esfera pública através da sua esfera privada e, com o auxílio do pressuposto de publicidade das tecnologias em rede, acaba por entrelaçar estas esferas (Papacharissi, 2010: 304).

A narrativa-performativa e a memória são as vias principais pelas quais a interação ocorre dentro de novos *media* como os *vlogs*. Nesse universo, a memória se relaciona com uma multiplicidade de instrumentos, com a difusão ubíqua de informação por meio de ações e eventos situados em diversos espaçostempos, o que não confere um caráter estanque à memória - como já chamava atenção Derrida (2001) ao discutir os avanços da tecnociência e as influências político-culturais na produção e arquivamento de memória. Ao invés de ser algo depositado em um determinado tempo, a memória tem sua forma de produção, armazenamento e compartilhamento alterada com o surgimento de novas formas de interação e dos novos caminhos de experimentação vivenciados pelos sujeitos dentro deste universo. Nele, o corpo, a narrativa e o contexto social estão em movimento, modificando os repertórios corporais, o entendimento, as formas de recordação,

em uma prática contínua onde o aprendizado, o treinamento ou mesmo a atividade passada podem atuar no presente com todas as suas contradições e ambiguidades (Schatzki, 2010). Sendo assim, os vários tipos de memória relacionados à atividade humana, ao curso histórico, ao pessoal, ao corpo e à prática, têm no espaçotempo onde ocorrem um fator de ação determinante (Ibid.: 220).

Nos *vlogs*, apresentar-se diante de uma câmera e relatar o seu processo de transição engendra uma forma particular de negociação da memória que afeta sua produção, armanejamento e compartilhamento. Nos *vlogs*, os sujeitos são, ao mesmo tempo e incessantemente, usuários produtores e espectadores, situados em um processo de aprendizagem e produção de saber contínuo mediado pelo espaçotempo da prática social. Os vídeos publicados nos *vlogs* são, potencialmente, passíveis de mudanças – do conteúdo às formas de interpretação –, mas são frequentemente rotulados pelos seus títulos e marcados pelo espaçotempo da ação. Nos relatos da transição, os vídeos são marcados por títulos que expressam emoções, projetos, tempo de transição<sup>180</sup>, surgindo como representações visuais de narrativas e performances de si que se configuram como memórias auto-geridas, frequentemente utilizadas como elemento de identificação – ou desidentificação – do desempenho obtido com o processo de transição, sendo significadas individual e coletivamente. É através deste arquivo que, por exemplo, as mudanças corporais tornam-se inteligíveis quando relacionadas a um determinado ponto de comparação entre espaçostempos da ação ou mesmo questionam e produzem inteligibilidade na prática.

Com o *self* conectado em rede, os canais de comunicação e interação dos sujeitos são ampliados, dando acesso a uma infinidade de ferramentas multimídia que habilitam o sujeito a desenvolver uma compreensão maior

---

180 Texto transcrito e tradução livre. P.ex.: Vídeo "*Depression? WTF*" ("Depressão? Que m\* é essa?") no qual Kaden fala sobre o diagnóstico de depressão frequentemente dado aos trans; "*FTM-Chase Update- The Bar Exam! Aye Aye Aye!!*" (*FTM-Chase atualização – O exame da OAB! Isso isso isso!!*) no qual Chase fala sobre a sua submissão ao exame da ordem dos advogados compartilhando seus planos de exercer a profissão; e o vídeo "*One month on HRT!*" ("um mês em terapia hormonal") enviado por Dani, no qual ela relata os efeitos que vem sentindo na marca de um mês de terapia hormonal. Ver anexo B.

sobre suas performances, da mesma forma que expandem sua capacidade de treinamento e sua criatividade, diante da vivência de uma variedade de contextos e interações sociais, com a utilização de uma diversidade de ferramentas tecnológicas (p.ex.: edição de vídeos, imagens) (Papacharissi, 2010: 305).

Os *vlogs*, como se viu, são espaços onde se pode utilizar vários desses recursos (p.ex.: narrativa, textos, fotografias, vídeos) dentro de uma rede de conteúdo autogerido, interativa e de conexões múltiplas. Sendo assim, os *vlogs* se inserem nesses novos lugares de negociação de identidades (Papacharissi, 2010), contribuindo de modo distinto para a constituição contínua do *self*. Dentro dos *vlogs*, a relação com o outro, via comentários e subscrições, tem papel importante. A multiplicidade de audiências, pretendidas ou não (Meyrowitz, 1986), que observam uma mesma performance, ao invés de funcionar como um elemento cerceador, exigindo uma coerência do sujeito, pode permitir o encontro com novas interpretações, dando início à formação de novas performances. Os *vlogs* podem ser compreendidos também como espaços sustentados por tecnologias convergentes<sup>181</sup> que acentuam confluência, flexibilidade e reflexividade do conteúdo de *media*, produzindo um entrelaçamento dos limites de produção e consumo (Deuze, 2007). Dessa forma, a confluência referencia e ressignifica conteúdos à medida que novas performances são construídas.

A performance do sujeito, em rede, centra-se em demonstrações públicas de conexões sociais fluidas que constantemente negociam os elementos de constituição contínua e situada do *self*, auxiliando no seu processo reflexivo, indo de encontro a uma percepção de performatividade como tão somente uma repetição restrita e forçada de normas, na qual o sujeito apresenta-se como um efeito sedimentativo da repetição temporalizada da performance.

---

181 Jenkins (2006:282) define convergência como “uma palavra que descreve as mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais nas formas de mídia que circulam dentro da nossa cultura, uma situação na qual vários sistemas de mídia coexistem e onde o conteúdo de mídia circula com fluidez entre eles”.

No processo contínuo da prática, nos processos de experiência e experimentação, mesmo sofrendo as influências das relações de poder, o atuar em circunstância pode transformar o contexto da ação. O processo de desenvolvimento dos novos *media* não para, e o acesso cada vez mais democrático, juntamente com a constante tentativa de facilitação do uso de plataformas como o YouTube, exige cada vez menos domínio do equipamento. Contudo, no fluxo contínuo da ação, a ampliação no número e diversidade dos usuários gera a necessidade de desenvolver e possuir outras habilidades. O YouTube tornou mais fácil a edição de vídeos, mas falar diante da câmera, por exemplo, nem sempre é uma habilidade dominada por todos os *vloggers*. Mais do que isso, como usuário ou espectador dos *vlogs*, é preciso estar cada vez mais atento para o contexto de produção e divulgação dos vídeos, para o aprendizado dos códigos, signos e normas compartilhadas, de modo particular, por uma diversidade de comunidades, grupos, canais e sujeitos. Através dos *vlogs* trans, por exemplo, é possível ver que ser um espectador é fundamental para ser produtor de conteúdo. O aprendizado da técnica, da geografia do espaço, o treino performativo, o exercício narrativo-corporal são todos fundamentais para a prática de *vlogging* e para constituição contínua de si articulada à rede.

Nesse processo, na plataforma do Youtube, um senso de lugar é formado em resposta ao sentido particular de si mesmo (Papacharissi, 2010: 322). Nesse movimento, tem-se o surgimento de outras rotas de sociabilidade, constituídas por elementos tecnológicos que lançam a constituição do *self* em rede. Os *vlogs* apresentam-se, então, como um caminho pelo qual um *self* agente é construído (Lundby, 2008:3-5) e percebido, em cada vídeo publicado, através do seu autorrelato. Sendo assim, como a dimensão narrativa-performativa atua na constituição do sujeito?

### **5.1. [Trans] Narrativas**

Nas narrativas em *vlog*, os eventos são selecionados, organizados, conectados e editados, através da interpretação dos sujeitos sobre suas experiências,

vivências. A narrativa é uma forma singular de autoconhecimento e comunicação (Hinchman e Hinchman, 1997). Os relatos da transição estão inseridos na vida cotidiana, na margem, no centro e no silêncio da narrativa de si, que não significam isoladamente, mas precisam do sentido da prática, da performance, do contexto. Sendo assim, corpo e narrativa atuam conjuntamente na produção do *self*, onde a narrativa de uma identificação trans é capaz de possibilitar a transformação corporal (Prosser, 1998:105). No processo de transição, o sujeito trans deve ser um hábil contador de histórias e/ou deve dominar o “*passing*” (Prosser, 1998:113), fato ressaltado (e valorizado) nos relatos em *vlog*.

Viu-se, nos capítulos 3 e 4, através de exemplos como Agnes e Mark, que uma narração habilidosa pode levar à conquista da aprovação institucional da terapia hormonal e dos procedimentos cirúrgicos (Prosser, 1998:108). Entretanto, a narrativa, para além da dimensão instrumental, traz em si a possibilidade de construção de significados diante do universo *cyber*, onde novas comunidades formam-se através do fomento e do compartilhar de sentidos. Na internet, a formação de comunidades, de redes de sociabilidade, abre espaço para um grande público, independente de um controle direto e externo. Essa grande via é capaz de reafirmar e possibilitar a conexão com o outro, estabelecendo, reafirmando e reformulando normas em um meio comunitário, de acesso potencialmente mais democrático, onde a ação espontânea e a reação criativa têm espaço para além da reprodução.

Na rede de sociabilidade desenvolvida pelos trans *vloggers* dentro do YouTube por exemplo, há canais pessoais e de cooperação abertos que funcionam como espaços de sociabilidade onde se vê o processo de transição sendo vivenciado, o que minimiza o medo do desconhecido, dos riscos, através do contato com o outro. Tal contato, assim como o seu processo contínuo de transição, envolve tanto frustrações quanto gratificações, ambas compartilhadas com o(s) outro(s) sujeitos da relação interativa. Nesse movimento, a construção de narrativas coerentes – e situadas – de si funciona à maneira de avenidas de ligação que se formam no constante negociar de sentidos e possibilitam a atribuição de novos significados na relação interativa. Do mesmo modo, o processo de

transição mostra que a narrativa coexiste com a performatividade, onde a prática narrativa-performativa não traz palavra que diz sozinha, mas faz sentido em conjunto com a performance corporal, com o espaço-tempo da ação, mediante uma prática de si que envolve, reitera, move, ressignifica e produz conhecimento através do “eu” e com o outro. Isto de modo a permitir que produtor e espectador percorram conjuntamente a trajetória não linear da transição, onde construção/reconstrução, expectativa/retrospectiva conciliam-se em um autorrelato que constitui continuamente o *self*.

Nessas narrativas, algo é revelado sobre os sujeitos. Nelas, há a possibilidade da emergencia de um vasto campo de significados pelos quais os sujeitos criam, interpretam e publicamente projetam imagens culturalmente constituíntes do *self* na interação. As narrativas trazem uma demarcação de um espaço-tempo da ação e o representar da ação humana, fazendo uma ponte entre os eventos e o processo de compreensão, permitindo observar como o evento age na vida do sujeito. Neste movimento, é preciso perceber que as relações de poder são capazes de formar, distorcer, reprimir e possibilitar a experiência incorporada do sujeito mesmo que sua influência não promova, necessariamente, o bem-estar dos indivíduos. Deste modo, o poder pode restringir a capacidade de narrar o *self* de modo coerente (McNay, 2008: 116), mas, da mesma forma, pode também, através da interpretação dialógica e da percepção dos pressupostos normativos, habilitar uma narrativa ligada à realização, às conquistas dentro de um espaço-tempo comparativo que compreende a prática e, assim, é capaz de alterá-la. Segundo Meyers (2004:176):

As autonarrativas não são todas igualmente válidas [...], mas não há nenhuma propriedade interna para autonarrativas nem qualquer teste interpessoal capaz de classificá-las. O melhor indicador de credibilidade de uma autonarrativa, então, é o grau geral em que o narrador domina o repertório de habilidades de autodescoberta, autodefinição e autodireção e a maneira pela qual o narrador faz uso dessa

competência na construção de uma determinada autonarrativa (Meyers, 2004: 176)<sup>182</sup>.

Nos vídeos que celebram a marca de um ano em transição, o movimento de construção/reconstrução e expectativa/retrospectiva conciliando-se em autorelato é evidente. O de Jessica é um dos mais exemplares. No vídeo “13 My Transition Life After 12 Months 1 Year Hormones Transgender HRT[1]”<sup>183</sup> ela remonta em narrativa os passos de sua transição até o momento da postagem. Conta o quanto tomou de hormônio e o quanto esperava tomar. Menciona novamente que a dose que começou tomando era de acordo com suas limitações de saúde. Relembra sua história familiar, as emoções presentes nos momentos lembrados, e, no que diz respeito às mudanças corporais e de atitude, faz comparações diretas com vídeos passados, falando de suas expectativas e conquistas. Jessica traz essas comparações à tela, como neste momento em que diz:

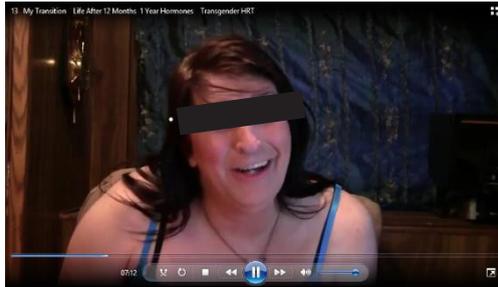
Então, tudo está acontecendo...[...] Você olha para esta imagem aqui:



182 Tradução livre. Texto original: Self-narratives are not all equally valid [...] but there is no property internal to self-narratives nor any interpersonal test that can rank them. The best gauge of a self-narrative's credibility, then, is the narrator's overall degree of mastery of the self-discovery, self-definition, and self-direction skill repertoire and the extent to which the narrator made use of this competency in construction a particular self-narrative (Meyers, 2004:176).

183 Tradução livre: “Minha transição Vida Após 12 Meses 1 Ano de Terapia Hormonal [1]” Ver vídeo 1 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo V em Rojas (2015).

E é levado direto de volta para cá:



Então, sim, um ano! Eu tenho sido feliz!<sup>184</sup>

No exemplo de Jessica vê-se que a temporalidade e o espaço possibilitam a narrativa de si, situada em um determinado contexto, inserida em um momento histórico e em uma determinada cultura circundante. Na narrativa de si, o indivíduo estabelece pontes com as crenças e posturas de identificação, fazendo com que os conceitos circundantes e compartilhados ganhem significados particulares, constituindo a si mesmo através da narrativa. Este processo acontece na interação com o outro, com uma audiência presumida que pode, de igual maneira, interpretar e significar a narrativa de modos diversos.

Nos capítulos anteriores, viu-se a diversidade de sujeitos e as diferentes performances nos mais variados contextos. Percebeu-se, então, que a prática narrativa-performativa de si envolve o sujeito e o(s) outro(s) na sua constituição incessante. Cada prática performativa é interpretada pelo seu produtor e espectador, sendo o produtor um espectador de si mesmo mediado por interações sociais. As narrativas-performativas em *vlog*, através do registro videográfico autoproduzido, permitem ao narrador a interpretação do seu passado registrado por ele mesmo, como uma representação situada e

---

184 Tradução livre. Texto transcrito: "So, everything is happening... [...] You look at this picture here and get that right back over to here. Kinda scare! So, yes, one year! I've been happy! [...]". Ver vídeo 1 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo V em Rojas (2015).

como fonte de novas interpretações, por meio de um olhar advindo de um outro espaçotempo, constituinte de uma outra prática social e de si.

Da mesma forma, é preciso lembrar que o registro do sujeito em *vlog* também pertence à esfera pública e pode ser apropriado e reapropriado, significado e ressignificado, através do olhar do outro, influenciando, assim, a formação de coletividades e do próprio *self*. Sendo assim, a análise narrativa pode ajudar no forjar de conexões entre biografia pessoal e estrutura social, estabelecendo conexões entre o pessoal e o político (Riessman, 1993). Na compreensão da narrativa, é importante analisar todos os elementos que a compõem, situando-os no mundo, onde todas as disposições mudam continuamente. O sujeito significa, mesmo que temporária e precariamente, quando é capaz de trazer, na prática, sua relação com os tempos da ação, de modo a situá-la nos seus contextos de atuação, sem estrutura episódica linear. O sujeito inserido na prática pode produzi-la continuamente e questionar sua compreensão, num movimento que constitui incessantemente o seu senso de *self* em espaçotempos múltiplos.

O vídeo de Jessica citado acima, através dos comentários que gerou<sup>185</sup>, ressalta o imiscuir das esferas privada e pública:

Allison: "FLASH: Jessica estabelece novo recorde da escova de cabelo!! Primeira escovada não antes de 23:45!!! Você chegou tão longe. Eu acho que eu tenho acompanhado desde o 4B. Estou por volta do 2C / D na minha própria transição (12 semanas no dia 29) e você me deu tanta esperança através do seu progresso. Fico feliz que tudo está indo tão bem para você.

---

185 Tradução livre dos comentários de Allison e TGlif4Jessica. Textos originais dos comentários retirados do *vlog* de Jessica: Allison: "FLASH: Jessica sets new hair brush record! First brush stroke not until 23:45!!! You have come so far. I think I've been following since around 4B. I'm at about 2C/D into my own transition (12 weeks on the 29<sup>th</sup>) and you've given me such hope through your progress. I'm glad everything is going so well for you. I think you might have also set a new length of HRT video record. I'll give it to you for a one year, but that was long! I hope the rest of your day goes well. Allison". TGlif4Jessica (Em resposta à Allison): "LOL @23:45 and new hair brush record ---LOL—Oh My, yes it was a long video, and I was originally going to break things up into two different videos, but its all good --- thanks for the compliments. And I am glad your own transition is going good aswell --- Keep on Smile'n."

Eu acho que você deve ter estabelecido também um novo recorde de duração da gravação de um vídeo HRT. Eu vou deixar pelo um ano, mas este foi longo! Espero que o resto do seu dia corra bem”.

TGlif4Jessica: “LOL @ 23:45 e novo recorde da escova de cabelo ---LOL--- Oh meu Deus, sim, foi um vídeo longo, e eu inicialmente iria dividir as coisas em dois vídeos diferentes, mas está tudo certo --- Obrigada pelos elogios. E eu estou feliz que sua própria transição está indo bem também --- Continue sorrindo!”

No vídeo, Jessica compartilha conteúdos privados, dando-lhes publicidade. Nesse movimento, vê-se que os participantes relacionam-se e estabelecem uma conexão inteligível entre si, não através de uma lógica da representação social, do uso de máscaras em defesa de uma civilidade (Sennett, 2002), mas de uma troca democrática dentro da esfera da intimidade compatível com a democracia na esfera pública (Giddens, 1993:11). Nesta, uma defesa implícita pelo direito de publicidade da intimidade (Bauman, 2000:70-71) coexiste com uma negociação contínua das regras e códigos que regem a interação social, promovendo diálogo também entre as diferenças. Ao permitir que o comentário de Allison seja publicado na sua página, Jessica possibilita a percepção de que essa relação não se esgota nela. Allison acompanha Jessica e realiza sua própria transição. No comentário, Allison faz uma comparação direta entre a sua transição e o percurso feito por Jessica, tomando-a como parâmetro. Assim, Allison alimenta sua própria rede interativa, fomentando novos significados em outras ações situadas. Jessica, por sua vez, dialoga com sua comentadora em um momento posterior ao vídeo, realizando uma outra ação. A brincadeira do recorde da escova de pentear, por exemplo, surge da constatação do ato constante em que Jessica penteia os cabelos durante os vídeos. Ao se acompanhar os vídeos de Jessica, é possível ver que ela, na maioria deles, usa e chama atenção para a escova. O movimento de pentear os cabelos é usado, por ela, para demonstrar sensualidade, ressaltar sua feminilidade. Depois

desse comentário, incorporado por ela como uma brincadeira, Jessica não para de usá-la nos vídeos seguintes, mas, ao interagir com esse comentário, seu uso ressignifica a própria ação.

Ademais, nesse movimento de retorno, no universo dos *vlogs*, vê-se que a interpretação da memória ganha outros contornos a partir do momento em que há um registro narrativo (Ricoeur,1983) em *vlog*. Este registro narrativo confere-lhe novas dimensões de significado e entendimento, enquanto prática composta e inter-relacionada a outros elementos que a integram. Nesse contexto, propõe-se um conceito de narrativa-performativa que se relaciona à possibilidade de existência de uma reflexividade crítica do sujeito exercida em relação ao espaçotempo das ações, que se coloca diante da necessidade de conferir sentido para a ação em um momento onde o “saber-como” não é suficiente para dar continuidade – ou conferir sentido – à prática (Noble e Watkins, 2003:529). Esse movimento conjuga-se com uma capacidade de produzir e incorporar fantasias, com a autoprodução e a lembrança imaginativa de memórias, com o atuar performativo e o reconhecimento do corpo, com a narrativa operando como um elemento integrador que aufere sentido provisório e situado à constituição do *self*. James, no vídeo “*One Year on T*”<sup>186</sup>, inicia relembrando em fotos, desde a sua infância, o seu processo de transição<sup>187</sup>:

---

186 Tradução livre: “Um Ano em Terapia Hormonal”. Ver vídeo 2 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo V.

187 As legendas colocadas acima das fotos são títulos, dados pelo autor, que aparecem na sequência do vídeo, com exceção do último, “*One year on T*”, que é apenas falado. A tradução dos títulos segue em ordem: 1. Eu fiz um ano em testosterona; 2. Aqui está uma foto montagem da minha transição começando do meu nascimento; 3. -; 4. Batman; 5. -; 6.-; 7. Eu com oito anos de idade; 8.-; 9.-; 10. Eu e minha irmã mais nova; 11. 14 anos de idade (o ano que eu tentei); 12. 16 anos de idade; 13. Teatro do orgulho; 14. 17 anos de idade; 15. -; 16. Eu conheci Joe Stevens (Coyote Grace [banda country]) 22 anos de idade, pré-testosterona; 17. Pré-testosterona; 18. Pré- testosterona/ 6 meses e três semanas em terapia hormonal.

1

**"I have made it year one Testosterone."**



3

**"Batman"**



5



7

**"me @ 8 yrs old"**



9



2

**"Here's a Picture montage of my transition."**



4

**Starting from birth."**



6



8



10

**"My little sister and I"**



**11**  
**"14 Years old (The year I tried)"**



**13**  
**"Proud Theater"**



**15**



**17**  
**"Pre T"**



**12**  
**"16 yrs old"**



**14**  
**"17 Years old"**



**16**  
**"I met Joe Stevens! (Coyote Grace)**  
**22yo Pre T"**



**18**  
**"Pre-T / 6 Months 3 weeks on T"**



Depois disso, James segue o processo de memorização, trazendo trechos dos seus vídeos que marcam cada etapa do seu processo de transição<sup>188</sup>:

**“one week on T”**



**“2 weeks on T”**



**“6 weeks”**



**“8 weeks”**



**“2 ½ months”**



**“3 Months”**



**“5 Months”**

**“7 Months”**

188 Tradução livre dos títulos correspondentes aos vídeos na sequência em que aparecem: “uma semana em t [Terapia Hormonal]”, “Duas semanas em T”, “6 semanas!”, “8 semanas”, “2 ½ meses”, “3 Meses”, “5 Meses”, “7 Meses”, “8 Meses”, “9 meses”, “Um Ano em T”



**"8 Months"**



**"9 Months"**



**"One Year on T"**



James tenta estabelecer, através de uma representação linear, disposta "evolutivamente", o seu processo de constituição de si mesmo. Entretanto, ao fazê-lo, ele conjuga os elementos da prática de si através da prática narrativa-performativa, dando sentido ao conjunto disposto apenas espaço-temporalmente. Ele escolhe as fotos, edita os vídeos, faz uma determinada sequência que apenas adquire significado através de todos os elementos que compõem a sua prática naquele momento. Na sua narrativa dos fatos, seja em foto ou em vídeos editados, há uma interpretação que confere sentido à sua própria existência, funcionando como um elemento

integrador responsável por emprestar significado à constituição do seu *self* no momento, ali situado, da sua ação.

Desse modo, tem-se a performance corporal e a narrativa como elementos correlacionados que, no contexto interativo, possibilitam o surgimento de sentidos provisórios e precários do *self*. A agência do sujeito situa-se na sua capacidade de refletir e interromper o ciclo impositivo da normatividade, e não como simples resposta de resistência ou acomodação ao poder “externo”<sup>189</sup>. Butler (1993: 94-95) defende que a dimensão performativa é precisamente a reiteração forçada de normas, onde a restrição é a própria condição de existência da performatividade. Para a autora, a performatividade não é nem um atuar livre, nem uma representação teatral de si mesmo, assim como não pode ser reduzida à performance. Ainda seguindo seu argumento, as restrições não são necessariamente o que limita a performatividade, mas antes o que a impele e sustenta. Butler sugere que performatividade deve ser entendida como um processo de “iterabilidade” [*iterability*] (Derrida, 1988), uma regulação restrita e determinada de normas. Essa repetição, para a autora, não é performada pelo sujeito, é o que possibilita o sujeito e constitui uma condição temporal para ele. A ideia de iterabilidade caracteriza a performance não como um ato singular ou um evento, mas como uma produção ritualizada, um ritual reiterado sobre e através da restrição, sobre e através da força de proibição e do tabu, sem, no entanto, determiná-la previamente (Butler, 1993:95).

Diferentemente de Butler, o que se defende, aqui, é a prática social como o propulsor da performatividade, sendo a normatividade apenas um elemento que a constitui. A performatividade, assim, não pode ser entendida tão somente como uma repetição restrita e forçada de normas. Entretanto, o processo de repetição pode ser visto como um elemento que pode conferir inteligibilidade à performance. Nesse processo, a constituição do sujeito

---

189 Segundo Butler (1997), os sujeitos emergem e tornam-se sujeitos, com capacidade de agência, tão somente através do poder, das relações impostas pelas suas redes multivetoriais. Mas é preciso conceber o poder de forma dinâmica, não como uma regularidade da vida social ou uma coisa possuída ou exercida por agentes dominantes, mas como uma relação temporalmente estendida, situada entre os agentes e seus arredores (Rouse, 2001: 204).

não é um efeito sedimentativo da repetição temporalizada da performance. Não há uma consolidação do sujeito, mas um processo contínuo, espaço-temporalmente situado, no qual a constituição do *self* se dá na possibilidade de agência do sujeito. A prática sugere que a agência do sujeito não é apenas uma capacidade discursivamente gerada, mas uma relação vivida, que se relaciona com o processo de incorporação através dos processos de experiência e entendimento (McNay, 2008: 163). A prática é rotineira e pode ser criativa, mesmo ocorrendo dentro de uma liberdade regulada (Bourdieu, 1991) onde as relações de poder têm impacto na formação do sujeito, mas não excluem a sua possibilidade de agência. Estando o sujeito em-circunstância, atuando no mundo, o sujeito não é uma propriedade da linguagem; antes, é a linguagem que atua como uma forma de interação prática (McNay, 2008:166-167), em desacordo com o que coloca Butler (1997: 10-11) quando diz que:

Os indivíduos passam a ocupar o lugar de sujeito[...], e eles desfrutam da inteligibilidade apenas na medida em que eles são, por assim dizer, estabelecidos, em primeiro lugar, pela linguagem. O sujeito é a ocasião linguística para o indivíduo alcançar e reproduzir inteligibilidade, a condição linguística de sua existência e agência. Nenhum indivíduo torna-se um sujeito sem primeiro se tornar sujeitado ou passar pela “subjetivação”.<sup>190</sup>

De acordo com Schatzki (1996a:70 e ss.), os entendimentos vinculam ditos e feitos em práticas, juntamente com as regras e proposições acerca destes ditos e feitos, e são responsáveis por imprimir uma característica de abertura às práticas. As possibilidades abertas centram-se no conjunto

---

190 Tradução livre. Texto original: Individuals come to occupy the site of the subject [...], and they enjoy intelligibility only to the extent that they are, as it were, first established in language. the subject is the linguistic occasion for the individual to achieve and reproduce intelligibility, the linguistic condition of its existence and agency. No individual becomes a subject without first becoming subjected or undergoing “subjectivation”.

de entendimentos práticos disponíveis, e este entendimento permite a performance de um intervalo ilimitado de ações adequadas e inteligíveis, não estando o inteligível delimitado pela linguagem. As práticas instituem mente/ação, porque os entendimentos que carregam estabelecem padrões inteligíveis do comportamento passado, presente e futuro, trazem combinações inteligíveis de condições de vida, bem como ressaltam a importância das circunstâncias imediatas e mais amplas no comportamento. O movimento de habituação, o entendimento e a possibilidade de intencionalidade do sujeito manifestam-se para além da reiteração.

O domínio da norma, a conquista de uma habilidade performativa perita, dá ao sujeito a possibilidade de interromper o ciclo normativo não pela reiteração, mas pelo questionamento, em momentos de crise onde os elementos incorporados e o contexto de atuação requerem outra dinâmica (McNay, 2008: 147). Na moldagem do corpo, as práticas constituem, em uma variedade de formas, elementos tais como gênero e identificação, incitando prazeres, produzindo pessoas e corpos expressivos, condições de vida possíveis (e inteligíveis) e, finalmente, impondo a realização de certas sínteses de comportamento (Schatzki, 1996a:74) ou questionando seus entendimentos e formas de realização.

Cada sujeito traz, na prática performativa, um conjunto de entendimentos das regras explícitas e, de modo mais geral, de estruturas teleoafetivas situadas em um determinado tempo e contexto social. A ação intencional é produzida em relação à interpretação de um sentido de *self* situado. O sujeito é capaz de projeção, antecipação e retrospectiva, através de nexos de atividades que entrelaçam sua capacidade criativa com o poder regulatório, mas não o limitam exclusivamente a ele; através de uma reflexividade orientada para a prática (Noble e Watkins, 2003). O sujeito pensa a si mesmo na prática, em situações onde há impossibilidade do fluxo que articula processos mentais e o lugar do social. Sendo assim, o sujeito, através dessa reflexividade, conecta memória, processo de aprendizado e produção de saber, entrelaçando às dimensões individuais e coletivas compartilhadas, liberando criatividade. Neste processo, a narrativa, associada à performance, é o elemento capaz de atribuir inteligibilidade à ação. Sendo ela mesma uma prática, a narrativa pressupõe práticas anteriores. Dessa forma,

a concordância, a discordância, os diversos sentidos, são negociados com os agentes da ação, na prática contínua, conhecendo – e /ou construindo – o significado dos conceitos através do seu uso (Collins, 2001:115)<sup>191</sup>.

Embora, nos relatos de transição em *vlogs*, os sujeitos anseiem inicialmente por um possível final desejado, a trama inscreve-se na prática, onde as mediações e ocorrências situadas que são produzidas nos diversos processos interativos resultam em conquistas e fracassos esperados ou não, ou seja, em resultados que incidem sobre os sujeitos e são tecidos em conjunto com os elementos que compõem a prática. Na produção dos relatos, em cada etapa, os sujeitos concebem, ao lançar olhar sobre vídeos antigos, uma identificação e des- identificação com uma fantasia de experiência projetada. Este processo de retorno à memória autoproduzida permite ao sujeito o reconhecimento, a separação e a localização do seu sentido de *self*, situado e precário, na busca por “quem eu era”, “quem eu sou” e “quem serei”, evidenciando a dimensão da abertura indelével, indeterminada e contínua da constituição de si.

Ao visualizar a construção da própria história e ao ter contato com a alteridade através dos comentários, qualquer sentido dado pelo sujeito a si mesmo está imerso no sentido dado na prática social situada e é (re)negociado constantemente em novas práticas. Esse (re)negociar, viabilizado através da narrativa-performativa, mantém constante e possível a constituição do *self*. Esse movimento também permite ao sujeito ser agente da prática, não submetendo-se tão somente a ela, mas (re)compreendendo e interrogando seu contexto, constituindo um “eu” capaz de negociar constantemente seus sentidos.

Em outros termos, as atividades, os estados mentais, as identificações; tudo isso é parte do processo de constituição do *self* imerso em prática social. As atividades individuais estão relacionadas às práticas nas quais os

---

191 Embora haja práticas que operem primariamente abaixo do nível da consciência, isto não quer dizer que estas práticas não estejam disponíveis a algumas formas de consciência (Noble e Watkins, 2003: 529). Embora haja o conhecimento tácito, o *know how*, há da mesma forma a existência de contingências situacionais que exigem uma resposta que não é determinada, simplesmente, pelo automatismo dos hábitos, mas por uma espécie de “monitoramento” ou “deliberação” reflexiva.

sujeitos participam. Nesse sentido, os sujeitos são constituídos incessantemente nas práticas que se relacionam com o discurso, mas não restringem a formação do sujeito ao discurso (Schatzki, 1996a). Os atos de fala são dinâmicos, sem significados reificantes, mas invocam a normatividade no curso da interpretação advinda da interação comunicativa. Os atos de fala são mediados e significados em situações compartilhadas (Rouse, 2001: 203).

No universo dos *vlogs*, vê-se, por exemplo, que o gênero, nesse contexto de transição, apresenta-se como uma prática refletida pelas coletividades. Em outras palavras, o que é entendido como MTF ou FTM, incluindo-se aí todos os elementos individualmente tidos como masculinos e/ou femininos, é discutido e mobilizado por e através de sujeitos que fazem parte ou relacionam-se à comunidade trans (Martin, 2001). Nesse sentido, o conhecimento, o gestual, as posturas, aparatos físicos e as atividades associadas à prática de identificação de gênero têm nos atos de fala uma ferramenta fundamental capaz de interligá-los. Dessa forma, os significados são provisoriamente trazidos à superfície, sem fixidez, possibilitando debates e reflexões sobre a prática de gênero, em grupos com elementos de inteligibilidade comuns. Com isto, temos *self* e contexto inter-relacionados, mutuamente contínuos, onde o corpo em- circunstância, situado no mundo, estabelece a relação entre eles, utilizando-se também dos atos de fala como elemento de mediação e articulação de inteligibilidades numa plataforma de atuação contextual e contínua (Schatzki, 2001).

## **5.2. Self em performance**

Como se viu, os relatos da transição em *vlog* trazem, na sua constituição, uma diversidade de mecanismos mediadores que vão das câmeras aos espectadores. Neste caso, os sujeitos da ação têm as conexões dos *vlogs* entrelaçadas por espaçostempos, pelos estados mentais (Wittgenstein, 1958) de cada sujeito que intencionalmente voltam-se para outros, construindo uma relação primariamente articulada, no caso aqui em mira, através dos projetos compartilhados. Nos comentários ao vídeo que marcou um ano de transição em terapia hormonal de James, já discutido acima, é

possível vislumbrar um pouco dos sujeitos que interagem com James e do feitiço de sua interação com eles:

genderquer: Sua voz está loucamente grossa e sua aparência está fantástica. Espero que minha aparência esteja tão boa quanto a sua no final do meu primeiro ano.

transgenerator: [em resposta a]@genderquer. Isso é tão gentil da sua parte. Obrigado por ser você. :)

Popeslave: Inúmeras congratulações, James! Eu estou para fazer meu vídeo de 8 anos em testosterona (próximo mês caramba), mas eu ainda não juntei minhas coisas ainda. Eu preciso escanear uma montanha de fotos antigas para fazer isso e eu quero gravar uma entrevista com a minha mãe também. Você está incrível, cara. É isso aí!

transgenerator: [em resposta a] @Popeslave. Obrigado, cara! Essa é uma grande ideia! Estou ansioso para ver isso!<sup>192</sup>

“Popeslave” e “genderquer” são trans que compartilham da compreensão de códigos e sentidos que são inteligíveis a James, por serem sujeitos inseridos dentro de um mesmo contexto de significado que faz parte do processo de constituição do *self*. Pode-se entender, então, o estabelecimento da relação com “o outro” como uma mediação da agência, com um sujeito que interpreta a confissão do outro sem autoridade instituída, mas como agente da prática interativa. Nesse movimento, a prática narrativa-performativa é o

---

192 Tradução livre. Textos originais dos comentários retirados do *vlog* de James: genderquer: “your voice is crazy deep and you look fantastic. I hope I look that great by the end of my first year”. Transgenerator: “@genderquer. That is so nice of you! Thank you for being you :)”. Popeslave: “Massive congratulations James! I’ve been meaning to make my 8 years on T vídeo (next month holy shit) but I haven’t got my shit together yet. I need to scan a butload of old pics in order to do it and I want to record an interview with my mom too. You look incredible dude. Way to go!”. Transgenerator: “@Popeslave. Thanks man! Tha is such a great idea! I look forward to seeing it!”

elo entre os sujeitos da ação, mas que performatividade é esta que atua na constituição do *self*?

As prescrições das normas e costumes, como se viu, estão presentes como pressupostos das performances, podendo a habitualidade da ação constituir-se em parte da razão pela qual é executada ou não. Entretanto, para Schatzki (2010: 145), em qualquer dos casos, o agente é capaz de evocar o estado prescritivo da ação como mais uma razão para a atividade<sup>193</sup>. A performance como ação (Schatzki, 2010) não provoca a renúncia ou negação do Ser, mas habilita o tornar-se como Ser-no-mundo. Nesse sentido, a performance não está simplesmente de acordo com a habitualidade ou normatividade, mas também com os estados mentais, emocionais e estruturas materiais. Sem a existência de um sujeito fixo, com substância, a ação torna-se um vetor para o sujeito inserir-se no social como agente, dentro de um processo contínuo de constituição do *self*. Nesse contexto, inserido na prática, o sujeito depara-se com um conjunto de habilidades a serem apreendidas, dominadas e, então, performadas de modo próprio. Dessa forma, a incorporação das normas no curso da ação não é um efeito mecânico, mas pode realizar-se de forma intencional<sup>194</sup>, não deliberada e não voluntária. Com o domínio das normas, o ator controla o seu desempenho físico, abrindo espaço para o questionamento voluntário dessas normas. De modo exemplar, pode-se pensar que, quando o sujeito executa uma ação, a percepção de determinados eventos pode levá-lo a abandonar a ação que está performando para realizar outra(s) ou realizá-la de outra forma, na medida em que o sujeito nota algo sobre o mundo ou pensa algo sobre ele (Schatzki, 2010:193).

Se o conceito de agência é concebido como subjacente ao poder normativo (Butler, 1997), a sua especificidade social perde-se (McNay, 1999: 176). Ao relacionar agência com as estruturas da prática social, coloca-se a prática

---

193 Compreende-se atividade como evento e ação como realização. Atividade é um acontecimento. Ação é o que acontece no acontecimento que é atividade. Ação é o que é performado, é algo que a atividade realiza. Ação não é contudo acontecimento causal ou resultado de performances. Performance é ação. (Schatzki, 2010: XV).

194 Ver explicação de ação voluntária e intencional em Schatzki (2010:116).

narrativa-performativa como prática que habilita o surgimento do questionamento da norma, da interrupção do ciclo normativo na relação interativa, sendo assim um propulsor de mudanças – relacionado, mas não restrito às normas. Através dos relatos em *vlog*, viu-se que a prática de *vlogging* está imersa em uma interatividade onde os sujeitos estão ativamente em conflito, negociando valores culturais e produzindo criativamente novas formas coletivas de identificação<sup>195</sup>. Ao imiscuir as esferas pública e privada, a prática narrativa-performativa em *vlog* possibilita a diminuição da autoridade institucional sobre o processo de transição, por meio da difusão de um conteúdo autogerado, autoexperenciado, que questiona os pressupostos normativos de gênero na vivência prática da transição. O questionar dos pressupostos é parte resultante das dimensões criativas advindas da ação, e é, ele mesmo, um elemento transformador das normas vigentes.

Em vez de se pensar o sexo como uma estrutura quase-permanente, ele é pensado como uma regulação temporalmente investida de normas, onde a performatividade traz consigo uma arbitrariedade cultural. Sendo assim, a performance reinscreve os pressupostos normativos no corpo. Quando Butler (1993) atribui a heterossexualidade como premissa normativa, como matriz, estabelece uma oposição binária do ser homem ou ser mulher em relação a ela. Desse modo, como destaca Prosser (1998: 29-30), Butler promove uma metafísica da substância que naturaliza o sexo e a heterossexualidade. Quando Butler (1990:33) vê o gênero como uma repetição estilizada do corpo, como um conjunto de atos repetidos dentro de uma esfera regulatória rígida, mantida ao longo do tempo, para produzir a aparência de substância natural ou real de ser, Prosser (1998:29-30) questiona o lugar ocupado pelo transgênero. Para o autor, na perspectiva de Butler (1990), transgênero surgiria, então, como uma performatividade de gênero que estaria diretamente relacionada à subversão *queer*, sendo alegórico ao gênero heterossexual de forma referencial ou literária. Todavia, para o autor, não se pode compreender o sujeito

---

195 Como, por exemplo, no projeto “trans enough” [Trans o bastante] relatado no capítulo 3. Ver vídeo 3 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo V em Rojas (2015).

trans sem desalinhar e romper com os binarismos. Em Prosser (1998:43), é possível perceber que o trans não necessariamente parece ter um gênero diferente, mas, por definição, sente ter um gênero diferente do esperado pelo seu sexo de registro – normativo. O autor ressalta a necessidade do reconhecimento de um sentimento interno de corpo no sujeito trans, diferentemente de sua materialidade sexuada, sendo experienciado como realidade material do imaginário (Prosser, 1998:44). Sendo assim, há uma defesa por um sentimento de corpo como percepção interna. Entretanto, é possível entender este sentimento também como fantasia incorporada, trazida para a superfície do corpo, que não se relaciona com um sintoma de uma melancolia heterossexual, mas se constrói através da prática narrativa-performativa.

Compreende-se, dessa forma, que não é a restrição a condição de possibilidade da sexualidade, nem a heteronormatividade premissa inexorável diante da instabilidade constitutiva das práticas sociais que investem o corpo com significado. A reiteração promovida pela performatividade, dentro do modelo butleriano, como necessidade, destaca o sexo e o gênero como estruturas não naturais, passíveis de mudança. Essa concepção, ao enfatizar a historicidade da estrutura, desestabiliza os efeitos da normatividade, possibilitando o surgimento da ideia de agência (McNay,1999:177). Entretanto, a historicidade deve ser compreendida como parte integrante das práticas sociais, onde o sujeito é agente e não receptor passivo dos efeitos do poder. A reiteração é um elemento da prática, não excede o agente ou o subjuga, mas precisa dele para materializar seus efeitos. Sendo assim, o mecanismo da performatividade pode ser capaz de materializar as normas dentro de um espaçotempo situado, mas a possibilidade de mudança advém da interrupção do ciclo normativo via interação, interrupção motivada não apenas pela resistência, mas pelo questionamento dos pressupostos normativos. Este questionamento é agente, em vez de resistente passivo a uma normatividade assujeitadora. O questionamento não surge necessariamente de uma oposição de forças, numa defesa por normatização ou subversão. A performatividade não é um elemento de mudança que opera sob dualismos. Heterossexual/homossexual, feminino/masculino, normal/abjeto são estruturas analíticas, simbólicas, incapazes de dar

conta da dinâmica da prática social. No cotidiano da prática social, a divisão binária perde sentido diante da multiplicidade de elementos que compõem a prática.

O espaçotempo da ação, junto com os atos de fala presentes em uma determinada prática, compõe um universo onde a historicidade presente excede a história do sujeito falante, mas precisa dele para significar através da reiteração efetuada pela performatividade. Dessa forma, a normatividade, com a historicidade que a compõe, necessita da performatividade para materializar seus efeitos em um determinado contexto, onde a narratividade, aliada à performance corporal, dentro do contexto investigado, torna a prática inteligível. O caráter situado das práticas possibilita uma abertura interpretativa que habilita uma descontinuidade dos efeitos de inteligibilidade, onde categorizações como feminino e masculino, por exemplo, não têm significado unificado ou coerente que se mantenha para além da prática. O significado advindo da prática é instável, precário, passível de reapropriação e interpretações variadas. Desse modo, o sujeito não realiza seu processo de identificação através de significados estáveis ou imagens ideais que o precedem (McNay, 1999:179-180), mas o realiza no fluxo contínuo da prática.

A prática narrativa-performativa entrelaça ditos e feitos, trazendo a constituição do sujeito como um movimento constante, situado em práticas sociais específicas. Os atos de fala e as performances corporais que a compõem não têm sua relevância ditada de acordo com uma temporalidade linear, mas na sua habilidade de atuação manifesta em um determinado contexto. Quando um dos sujeitos trans *vloggers* volta a um vídeo postado e questiona sua atuação, ele articula uma nova prática, fazendo surgir um novo significado através de uma objetivação capaz de promover a articulação de uma outra ação. Da mesma forma, um sujeito que interage novamente com um vídeo postado por outro sujeito em um momento anterior, articula, de forma ativa, uma nova prática, com significados advindos deste novo contexto. É preciso observar que a possibilidade de agir diferente no passado é inexistente. As circunstâncias espaciais, temporais, materiais e emocionais articularam-se para produzir aquela determinada ação; o aventar de outro modo de agir só é possível se o sujeito coloca-se diante de

alternativas estáticas, condensando o processo dentro de uma temporalidade estendida (Schatzki, 2010:190).

Entretanto, como se viu no exemplo de James citado acima, quando o sujeito trans retorna a um vídeo com um relato autobiográfico de si, é possível ver sua busca por instituir uma coerência entre corpo e narrativa, tentando tornar legível o que ele é no momento da ação (produção e postagem do vídeo naquele momento da sua transição) em relação com o que ele foi em um momento anterior da transição. Nessa tentativa, a impossibilidade de conferir sentido a uma performance anterior também gera uma interrupção da prática, promovendo um movimento de reflexão e ressignificação.

Por conseguinte, o movimento de identificação ou des-identificação realizado requer contextualização e compreensão de agência como prática incorporada de si (McNay, 1999:183). Desse modo, o sujeito age positivamente, podendo contestar os pressupostos da normatividade e constituir um movimento de questionamento – e não apenas de resistência – que não se reduz à conformação ou subversão das restrições dualistas. Dentro dessa perspectiva, a performatividade não é um fim ritualístico em si mesmo, mas se apropria ativamente dos elementos constitutivos da prática, podendo atuar de modo criativo pelo fomento de outras formas de identificação (Ibid.:187)

Quando Mark, no vídeo *"Clarifications"*<sup>196</sup>, citado no capítulo 4, fala: *"[...] eu estou escolhendo me identificar como um garoto trans que é lésbica e eu sei que isto pode parecer fora da norma 'porque você precisa ser uma garota para ser lésbica'"*, ele usa o seu domínio das normas, naquele momento da ação, para questionar a atuação dos pressupostos que a compõem. Desse modo, ele reposiciona as categorias, ressignificando seus pressupostos, tornando possível outra forma de identificação. Ele usa a própria limitação dos pressupostos em sua atuação para gerar outras possibilidades de identificação.

Embora, como se viu, a ação não seja puramente criativa, trazendo, mesmo em sua prática mais inovadora, uma incorporação das tendências

---

196 Tradução livre: "Esclarecimentos". Ver vídeo 4 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo V em Rojas (2015).

do mundo social (McNay, 1999:188), em determinados contextos de atuação a conformidade com a norma não é suficiente para a realização de uma prática adequada à ação. Sendo assim, os próprios pressupostos da performatividade tornam necessária a interrupção do ciclo impositivo normativo. Consequentemente, o questionamento libera criatividade que pode gerar novas práticas narrativas-performativas, as quais, mesmo que visem produzir novas formas de manter a normatividade, já interromperam seu modo de transmissão. Nesse sentido, a atuação na esfera privada interconecta-se com a pública de modo evidente no compartilhamento dos relatos da transição em *vlogs*, transformando o universo coletivo, produzindo novos recursos, novas etapas, novos significados para o processo de transição trans. Através de dados autogerados, o processo de constituição narrativo-performativo do sujeito trans, posto em *vlog*, traz para a superfície as normas de transição legitimadas e institucionalizadas, ao mesmo tempo em que, por meio do treino e do domínio da performatividade, habilita o questionamento da norma, dando dimensão coletiva à ação individual.

Dessa forma, com base na pergunta feita por Ellie, no vídeo "*Transgender Surgery Approved! Bigger breasts on Progesterone!*"<sup>197</sup>, citado no capítulo anterior, pergunta-se mais uma vez: Como os sujeitos trans conseguem, no processo de transição, lidar com as mudanças experienciadas e construir um senso de *self*? Viu-se, ao longo do texto, que os relatos da transição via *vlog* possibilitam a articulação de novas práticas sociais e de si, possibilitando o surgimento de uma narrativa particular da transição interligada à novas tecnologias de *media*. A forma particular de produção, visualização, armazenamento e compartilhamento de informação associa-se a uma hiperinteratividade, imiscuindo as fronteiras do particular e do público e fazendo surgir também novas formas de relacionamento, produção e significação de memória. No universo dos *vlogs*, vê-se, em volume ampliado, que experiência vivida é experiência mediada pelo conjunto de elementos que compõem a prática. A atuação nessa plataforma tem o aprendizado, o

---

197 Tradução livre: "Cirurgia Transgênero Aprovada! Mamas maiores com Progesterona". "Ver vídeo 5 no anexo D > Vídeos por capítulo > Capítulo V em Rojas (2015).

saber e o poder, mais do que como elementos impositivos, como elementos propositivos e dispersos, embora articulados, em comunicação, por códigos compartilhados de inteligibilidades em contextos situados. Nesse universo, a prática narrativa-performativa habilita a interpelação, interroga o ciclo impositivo da normatividade e, no processo de produção de si, permite que os sujeitos construam novos processos de identificação. No movimento transitório, os pressupostos heteronormativos, as concepções de gênero, vão transformando-se no espaçotempo contínuo das práticas sociais e de si. Sendo a constituição de si contínua, precária e provisória, “os ideais” perseguidos, as fantasias incorporadas variam sem chegar a uma totalização. Embora compartilhe-se modelos, onde etapas são enumeradas, reconhecidas e perseguidas, fomentando a legibilidade de uma maneira de realizar a transição e de um modo de narrá-la, tem-se, em cada sujeito, experiências singulares. Os limites do corpo físico e o desenvolvimento de habilidades narrativas-performativas são diversos, diferenciados e contextuais. Cada sujeito relata suas experiências e vivências da transição, gerando um entendimento compartilhado entre sujeitos que são ao mesmo tempo produtores e espectadores, capazes de (re)negociar etapas, processos e conceituações normatizadas, de modo a questionar a própria compreensão do que vem a ser trans/sexual/gênero feminino/masculino por meio da prática de narrativa-performativa. Sendo assim, os entendimentos das regras explícitas, os projetos, emoções e arranjos materiais vão se modificando durante a transição, moldando e transformando o corpo imaginado, o corpo desejado e o corpo conquistado pelo sujeito da transição. Sem um sujeito a ser revelado, com substância original, o corpo surge como elemento fundamental, que traz à superfície o sentido da prática e conjuga os elementos da narrativa-performativa que possibilita a contínua constituição do *self*.



# Referências

- ABBAS, Yasmine; DERVIN, Fred (Eds.) (2009). *Digital technologies of the self*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- ANTONACOPOULOU, Elena P. (2008). On the practise of practice: in-t ensions and ex-tensions in the ongoing reconfiguration of practices. In.: BARRY, Daved; HANSEN, Hans (Eds.). *The SAGE handbook of new approaches in management and organization*. Londres: Sage.
- ASMMANN, Jan (1995). Collective memory and cultural identity. *New German Critique* (65), p.125-133.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Religion and cultural memory*. Stanford: Stanford University Press.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance, and Political Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ARDEVOL, Elisenda et al (2010). Playful practices: Theorising new media cultural production. In.: BRAUHLER, Birgit; POSTILL, John. (Eds.). *Theorising Media and Practice*. Nova lorque: Berghahn.
- ARÁN, Márcia (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Revista Ágora*, v.9, n.1, p. 49-63, Rio de Janeiro.

- Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151614982006000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982006000100004&lng=pt&nrm=iso) Acessado em: Maio/2012.
- ARÁN, Márcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela (2008). *Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. Psicologia e Sociedade*, v.20, n.1, Porto Alegre. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822008000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100008) Acessado em: Maio/2012.
- ARENDT, Hannah (1958). *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press.
- ATKINS, Kim (2005). *Self and Subjectivity*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.
- AUGÉ, Marc (1994). *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 1ª ed. Campinas: Papirus.
- AYCOCK, Alan (1995). Technologies of the self: Foucault and Internet Discourse. *Journal of Computer-Mediated Communication* 1 (2).
- BARDIN, Laurence (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BAMBERG, Michael (2010). Who am I? Narration and its contribution to self and identity. *Theory & Psychology* 21(1), p. 1–22.
- BARTHES, Roland (1993). *Camera Lucida: Reflection on Photography*. Random House Publishers India Pvt. Limited.
- BAUDELAIRE, Charles (1996). *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- BAUMAN, Zigmunt (2000). *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BEAUVOIR, Simone (1967). *Ethics of Ambiguity*. Nova Iorque: Citadel Press.
- \_\_\_\_\_. (1973). *The Second Sex*. Nova Iorque: Vintage Books.
- BELL, Daniel (1980). The social framework of the information society. In.: FORESTER, Tom (Ed.). *The Microelectronics Revolution*. Oxford: Blackwell.
- BENHABIB, Seyla (1992) *Situating the Self: Gender, Community and Postmodernism in Contemporary Ethics*. Londres: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (1995). Subjectivity, Historiography, and Politics. In.: etal. *Feminist Contentions: a Philosophical Exchange*. Londres: Routledge.
- BENJAMIN, Harry (1966). *The transsexual phenomenon*. Nova Iorque: Julian Press.
- BENTO, Berenice (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BERGSON, Henri (1988). *Matter and Memory*. Nova Iorque: Zone.
- BERMAN, Marshall (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

- BLUCK, Susan (2003). Autobiographical memory: Exploring its function in everyday life. *Memory II*, n.2, p.113-123.
- BOURDIEU, Pierre (1977). *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press.
- BOYD, Danah; ELLISON, Nicole (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication* 13, 1, p. 210-230.
- BRANDOM, Robert (1979). Freedom and constraint by norms. *American Philosophical Quarterly* 16, n.3, p.187-96.
- BUCKINGHAM, David (2000). *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of Eletronic Media*. Cambridge: Polity.
- BUTLER, Judith (1986). Variations on Sex and Gender: Behaviour Wittig, and Foucault. *Praxis International* 5 (4), p.505-516.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Gender Trouble*. Feminism and the Subversion of identity. Nova lorque: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (1993). *Bodies that Matter: on the Discursive Limits of "Sex"*. Nova lorque: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (1997). *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford: Stanford University Press.
- \_\_\_\_\_. (1998). Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Cadernos Pagu*, 11, p.11-42.
- \_\_\_\_\_. (2001/2006). Doing Justice to Someone: Sex Reassignment and Allegories of Transsexuality. In.: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Eds.). *The Transgender Studies Reader*. Nova lorque: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2004a). *Undoing Gender*. Nova lorque: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (2004b). Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. In.: BIAL, Henry (Ed.). *The Performance Studies Reader*. Nova lorque: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Giving an Account of Self*. Nova lorque: Fordham University Press.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua (2009). *Youtube e a Revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph.

- CALIFIA, Patrick (1997). *Sex Changes: Transgender Politics*. San Francisco: Cleis Press.
- CHALFEN, Richard (2002). *Snapshots 'R' Us: The Evidentiary problematic of home media*. *Visual Studies*, 17 (2), p. 141-149.
- CHENG, Xu et al (2008). *Statistics and Social Network of YouTube Videos*. *IEEE IWQoS*. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.150.7896&rep=rep1&type=pdf>
- CHODOROW, Nancy (1990). *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- COLLINS, Harry M. (2001). What is Tacit Knowledge. In.: SCHATZKI, Theodore; KNORR, Cetina; SAVIGNY, Eike (Eds.). *The practice turn in contemporary theory*. Londres: Routledge.
- CONNELL, R. W. (2002). *Gender: In world perspective*. Cambridge: Polity Press.
- \_\_\_\_\_. (2012). Transsexual Women and Feminist Thought: Toward New Understanding and New Politics. *Signs, Sex: A Thematic Issue, Summer*, v.37, n. 4, p. 857-881.
- CORMODE, Graham; KRISHNAMURTHY, Balachander (2008). Key differences between Web1.0 and Web2.0. *First Monday Peer-reviewed Journal on the internet* 13 (6). Disponível em: <http://firstmonday.org/article/view/2125/1972>
- COULDRY, Nick (2010). Theorising Media as Practice. In.: BRAUCHLER, Birgit; POSTILL, John. (Eds.). *Theorising Media and Practice*. Nova Iorque: Berghahn.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Media, society, world: Social theory and digital media practice*. Cambridge: Polity Press.
- CROMWELL, Jason (1999). *Transmen and FTMs: Identities, Bodies, Genders and Sexuality*. Illinois: University of Illinois Press.
- DENZIN, Norman K. (2004). Reading Film: Using Films and Videos as Empirical Social Science Material. In.: FLICK, Uwe et al (Eds.). *A companion to qualitative research*. Londres: Sage.
- DERRIDA, Jacques (1981). *Positions*. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Limited Inc*. Evanston IL: Northwestern University Press.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Of grammatology*. Baltimore: The Johns Hopkins Press.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Mal de Arquivo: Uma impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- DESCARTES, René (2000). *Discurso do Método*. São Paulo: Editora Nova Cultural.

- \_\_\_\_\_. (2007). Discourse on the Method of Rightly Conducting one's Reason and Seeking Truth in the Sciences. Disponível em: <http://www.earlymoderntexts.com/pdf/descdisc.pdf> Acessado em: Abril/ 2012.
- DEUZE, Mark (2007). *Media work*. Cambridge: Polity.
- DIJCK, José Van (2007). *Mediated memories in the digital age*. Stanford: Stanford University Press.
- DONATH, Judith (1999). Identity and Deception in the Virtual Community. In.: KOLLOCK, Peter; SMITH, Marc (Eds). *Communities in Cyberspace*. Londres: Routledge. Disponível em: <http://smg.media.mit.edu/people/Judith/Identity/IdentityDeception.html>.
- DORING, Nicola (2002). Personal Home Pages on the Web: A Review of Research. *Journal of Computer-Mediated Communication* 7(3).
- DOUGLAS, Mary (1988). *Símbolos Naturales: exploraciones en cosmología*. Madrid: Alianza.
- EAKIN, Paul John (2008). *Living Autobiographically: How We Create Identity in Narrative*. Nova Iorque: Cornell University Press.
- ELSAESSER, Thomas (2003). "Where Were You When...?"; or, "I Phone Therefore I Am". *PMLA* 118.1, p.120-122.
- ERSTAD, Ola; WERTSCH, James V. (2008). Tales of mediation: Narrative and digital media as cultural tools. In.: LUNDBY, Knut (Ed.). *Digital Storytelling, Mediatized Stories: Self-representations in New Media*. Nova Iorque: Peter Lang.
- FEINBERG, Leslie (1997). *Transgender Warriors: Making History from Joan of Arc to Dennis Rodman*. Boston: Beacon Press.
- FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio (2004). Memória eletrônica e desterritorialização. *Política & Sociedade*, abril, n.4, p.137-166. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2004/1751>
- FERREIRA, Jonatas (2008). Humanismo, biopoder e soberania: elementos para uma discussão das biotecnologias contemporâneas. *Ciência e Cultura*, v.60, n.1, p. 32-35.
- FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia (2010). Mulheres, negros e outros monstros. Um ensaio sobre corpos não-civilizados. *Estudos Feministas* 18(3), setembro-dezembro, p.811-836, Florianópolis.
- FOUCAULT, Michel (1977). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.

- \_\_\_\_. (1978). *History of Sexuality*. Volume I: An Introduction. Nova Iorque: Pantheon Books.
- \_\_\_\_. (1979a). *The History of Sexuality*. Londres: Allen Lane.
- \_\_\_\_. (1979b). *Discipline and Punish*. The Birth of the Prison. Nova Iorque: Vintage Books.
- \_\_\_\_. (1980). The confession of the flesh. In.: GORDON, Colin (Ed.). *Power/knowledge: selected interviews and other writings 1972–1977* by Michel Foucault. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- \_\_\_\_. (1980a). *Herculine Barbin*, Being the Recently Discovered Memoirs of a Nineteenth- Century Hermaphrodite. MCDUGALL, Richard (Trad.). Nova Iorque: Colophon.
- \_\_\_\_. (1980b). *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.
- \_\_\_\_. (1982). The subject and power. *Critical Inquiry*, summer, v.8, n.4, p.777-795. University of Chicago Press.
- \_\_\_\_. (1985). *The History of Sexuality*. Volume 2: The use of pleasure. Nova Iorque: Vintage.
- \_\_\_\_. (1988). Technologies of the self. In.: MARTIN, Luther H. et al (Eds.). *Technologies of the self: A seminar with Michael Foucault*. Boston: The University of Massachusetts Press.
- \_\_\_\_. (1990). *The History of Sexuality*. Volume 3: The care of the self. Londres: Penguin.
- \_\_\_\_. (1993). About the beginning of the hermeneutics of the self: Two lectures at Dartmouth. *Political Theory* 21(2), p.198–227. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=00905917%28199305%2921%3A2%3C198%3AATBOTH%3E2.0.CO%3B2-R>
- \_\_\_\_. (1997). The ethics of the concern for self as a practice of freedom. In.: RABINOW, Paul (Ed.). *Michel Foucault: ethics, subjectivity and truth: the essential works of Michel Foucault*. Londres: Penguin Press.
- \_\_\_\_. (1999). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_. (2006). Estratégia, Poder-Saber. *Ditos & Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_. (2007). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal.
- \_\_\_\_. (2010). Crise da medicina ou crise da antimedicina. *Verve*, 18, p.167-194.
- FREUD, Sigmund (1911/1999). Formulas sobre los dos principios del acaecer psíquico. In.: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu.

- \_\_\_\_\_. (1914/1999). Introdução del narcisismo. In.: . Amorrortu.
- FUSS, Diana (1989). *Essentially Speaking*. Nova lorque: Routledge.
- GARFINKEL, Harold (1967). *Ethnomethodology studies*. New Jersey: Prentice-Hall Inc.
- \_\_\_\_\_. (1967/2006). Passing and the Managed Achievement of Sex Status in an "Intersexed" Person. In.: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Eds.). *The Transgender Studies Reader*. Nova lorque: Routledge.
- GIDDENS, Anthony. (1991) *As consequências da modernidade*. 2.ed. São Paulo: UNESP.
- GITELMAN, Lisa (2006). *Always Already New: Media, History, and the Data of Culture*. Londres: MIT Press.
- GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.
- GOFFMAN, Ervin (1974). *Frame Analysis*. Harmondsworth: Penguin.
- GROSSMAN, Lev (2006). YouTube: Best invention of the year. *Time*, novembro, 168, p. 64–65.
- GUSDORF, Georges (1991). Condiciones y limites de la autobiografia. *Suplemento Anthropos, La autobiografia y sus problemas teóricos: estúdios e investigación documental*, n.29.
- HALBERSTAM, Judith (1994). F2M: The making of female masculinity. In.: DOAN, Laura (Ed.). *The lesbian postmodern*. Nova lorque: Columbia University Press.
- \_\_\_\_\_. (1998a). Transgender butch. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 4 (2), p. 287-310.
- \_\_\_\_\_. (1998b). *Female masculinity*. Durham: Duke University Press.
- HALBERSTAM, Judith; HALE, Jacob C. (1998). Butch/Ftm border wars: A note on collaboration. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay studies* 4 (2), p. 283–5.
- HALBWACHS, Maurice (1992). *On Collective Memory*. Chicago: University of Chicago Press.
- HALL, Stuart (2000). Quem precisa de identidade?. In.: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes.
- HALL, Stuart (2000). The Question of Cultural Identity. In.: HALL, Stuart et al. *Modernity An Introduction to Modern Societies*. Cambridge: Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (2002). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HARAWAY, Donna (2004). "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 22, p.201-246.

- HAUSMAN, Bernice (1995). *Changing Sexes: Transsexualism, Technology and the Idea of Gender*. Londres: Duke University Press.
- HEGEL, Georg (1977). *Phenomenology of Spirit*. Oxford: Clarendon Press.
- HERRING, Susan C.; et al. (2004). Bridging the Gap: A Genre Analysis of Weblogs. Disponível em: <http://www.csus.edu/indiv/s/stonerm/GgenreAnalysisOfWeblogs.pdf>
- HINES, Sally (2007). *TransForming Gender: Transgender practices of identity, intimacy and care*. Bristol: The Policy Press.
- HINCHMAN, Lewis P.; HINCHMAN, Sandra K. (1997). *Memory, Identity, Community: The Idea of Narrative in the Human Sciences*. Nova lorque: State University of NY Press.
- HIRSCHFELD, Magnus (1910/1991). *Transvestites*. Nova lorque: Prometheus Books.
- HOBART, Mark (2010). What do We Mean by 'Media Practices'. In.: BRAUCHLER, Birgit; POSTILL, John (Eds.). *Theorising Media and Practice*. Nova lorque: Berghahn.
- HUME, David (1896). *A Treatise of Human Nature*. Oxford: Clarendon Press.
- IRIGARAY, Luce (1991). *The Irigaray Reader*. WHITFORD, Margaret. (Org.). Oxford: Blackwell Publishers.
- JENCKS, Charles (1989). *What is Post-Modernism?*. Londres: Academy editions.
- JENKINS, Henry. (2006). *Convergence Culture: Where Old and NewMedia Collide*. Nova lorque: New York University Press.
- JONES, Steve (1995). Understanding community in the information age. In.: \_\_\_\_\_. *CyberSociety: Computer-mediated communication and community*, p.10-35.
- KEMMIS, Stephen (2009). Understanding Professional Practice: A Synoptic Framework. In.: GREEN, Bill (Ed.). *Understanding and Researching Professional Practice*. Rotterdam: Sense Publishers.
- KESSLER, Suzanne; MCKENNA, Wendy (2000). Who put the "Trans" in Transgender? Gender Theory and Everyday Life. *International Journal of Transgenderism*, 4, 3.
- KINSEY, Alfred C; POMEROY, Wardell B.; MARTIN, Clyde E. (1948). *Sexual Behavior in the Human Male*. Indiana: Indiana University Press.
- KLESSE, Christian. (1999). Modern primitivism: Non-mainstream body modification and racialized representation. *Body & Society*, v5, n. 2-3, p. 15-38.

- KLOET, Jeroen; Teurlings, Jan (2008). Digital Convergence Ten Years Later: Broadcast Your Selves and Web Karaoke. In.: KOOIJMAN, Jaap et al (Eds.). *Mind the Screen*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- KOSELLECK, Reinhart (1985). *Futures past: on the semantics of historical time*. Cambridge: MIT Press.
- KOZLOV, Slava (2004). Achieving Privacy in Hyper-Blogging Communities: Privacy Management for Ambient Intelligence. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.180.164&rep=rep1&type=pdf>
- KRESS, Gunther R.; LEEUWEN, Theo V. (2001). *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. Londres: Arnold.
- KUHN, Annette (2000). A journey through memory. In.: RADSTONE, Susannah (Ed.). *Memory and methodology*. Oxford: Berg.
- LAAT, Paul B. (2008). The Online diaries: Reflections on trust, privacy, and exhibitionism. *Ethics and Information Technology* 10, p.57–69.
- LANGE, Patricia (2007). Searching for the 'You' in 'YouTube': An Analysis of Online Response Ability. *Epic*, 1, p.36-50.
- LAQUEUR, Thomas W. (1990). *Making Sex. Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press.
- LASH, Scott (1997). A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In.: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- LE BRETON, David (2007). *Adeus ao corpo*. São Paulo: Campinas.
- LEDER, Drew (1990). *The absent body*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LE GOFF, Jacques (1992). *History and Memory*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- LEVY, Pierre; LEMOS, André (2010). *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus.
- LLOYD, Moya (2007). *Judith Butler: From Norms to Politics*. Cambridge: Polite Press.
- LOCKE, John (1999). An Essay concerning human understanding. MANIS, Jim (Ed.). Pennsylvania State University.
- LUNDBY, Knut (2008). *Digital Storytelling, Mediatized Stories*. Self-representations in New Media. Nova Iorque: Peter Lang.

- MAFFESOLI, Michel (1998). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- MARTIN, Patricia Y. (2001). Mobilizing masculinities: women's experiences of men at work. *Organization*, 8, 4, 587-618. Londres: Sage Publications.
- MARX, Karl (1968). *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (1978). *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural.
- \_\_\_\_\_. (1983). Primeiro Manuscrito: Trabalho Alienado. In.: FROMM, Eric. *Concepção marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MAURO, Robert et al (1992). The role of appraisal in human emotions: A cross-cultural study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(2), p. 301-317.
- MCLUHAN, Marshall (1994). *Understanding Media: The Extensions of Man*. Londres: The MIT Press.
- MCNAY, Lois (1992). *Foucault and feminism: power, gender and self*. Boston: Northeastern University Press.
- \_\_\_\_\_. (1999). Subject, Psyche and Agency. The Work of Judith Butler. *Theory, Culture & Society*, v. 16(2): 175-193. Londres: Sage.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Against Recognition*. Cambridge: Polity Press.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (2005). *Phenomenology of Perception*. Taylor and Francis e- Library.
- MEYERS, Diana (2004). *Being Yourself: Essays on Identity, Action, and Social Life*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- MEYROWITZ, Joshua. (1986). *No sense of place*. Nova Iorque: Oxford
- MOCELLIM, Alan. (2009). Lugares, não-lugares, lugares virtuais. *Revista Eletrônica dos Pós- Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Em tese*, janeiro-julho, v. 6, n. 3, p. 77-101.
- MONEY, John; EHRHARDT, Anke A. (1972). *Man & Woman, Boy & Girl: the differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity*. Baltimore: John Hopkins Institute Press.
- MOSQUERA, Patricia et al. (2000). The role of honor-related values in the elicitation, experience, and communication of pride, shame and anger: Spain and the Netherlands compared. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(7), p. 833-844.
- NAISBITT, John (1984). *Megatrends: Ten new directions transforming our lives*. Nova Iorque: Warner Books.

- NAMASTE, Vivianne (2000). *Invisible Lives: The Erasure of Transsexual and Transgendered People*. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Sex Change, Social Change: Reflections of Identity, Institutions, and Imperialism*. Toronto: Women's Press.
- NIETZSCHE, Friedrich (1968). *The Will to Power*. Londres: Penguin.
- NOBLE, Greg; WATKINS, Megan (2003). So, How did Bordieu Learn to Play Tennis? Habitus, Consciousness and Habituation. *Cultural Studies* 17 (3/4), p.520-538. Taylor & Francis.
- PAPACHARISSI, Zizi (2010). A Networked Self. In.: (Ed.). *A Networked Self*. Identity Performance and Sociability on Social Network Sites. Nova Iorque: Routledge.
- PARKINSON, Brian et al. (2005). *Emotion in social relations: Cultural, group and interpersonal processes*. Nova Iorque: Psychology Press
- PINTO, Maria Jaqueline C.; BRUNS, Maria A. de T. (2003). *Vivência transsexual: o corpo desvela seu drama*. Campinas: Ed. Átomo.
- POGGIO, Barbara. (2006). Editorial: Outline of a theory of gender practices. *Gender, work and organizations*, maio, v.13, n.3. Londres: Blackwell publishing
- POLANYI, Michael (1962). Tacit Knowing: Its Bearing on Some Problems of Philosophy. *Reviews of Modern Physics* 34 (4), Outubro, p. 601-616.
- POOL, Ithiel de S. (1983). *On free speech in an electronic age: Technologies of Freedom*. Harvard College.
- PROSSER, Jay (1997). Transgender. In: MEDHURST, Andy; MUNT, Sally (Eds). *Lesbian and Gay Studies: A Critical Introduction*. Londres: Cassell.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Second Skins: The Body Narratives of Transsexuality*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- RABINOW, Paul (1997). Afterword. In.: . (Ed.). *Michel Foucault: ethics, subjectivity and truth: the essential works of Michel Foucault 1954–1984*, vol 1. Londres: Penguin Press.
- RAUN, Tobias (2010). Screen Births: Exploring the transformative potential in trans video blogs on YouTube. *Graduate Journal of social science*, dezembro, v.7, n 2.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Out Online: Trans self-representation and community building on YouTube*. Department of Culture and Identity. Roskilde University: Denmark.
- RAYMOND, Janice (1979). *The transsexual empire: the making of the she-male*. Boston: Beacon Press.

- RECKWITZ, Andreas (2002a). Toward a Theory of Social Practices. A development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory* 5, n. 2, p.245- 265.
- \_\_\_\_\_. (2002b). The status of the 'material' in theories of culture. From 'social structure' to 'artefact'. *Journal for the Theory of Social Behaviour* 32, p.195–217.
- \_\_\_\_\_. (2003). Basic elements of a theory of social practices. A perspective in social theory. *Zeitschrift für Soziologie*, v. 32, agosto, p.282-301.
- RICOEUR, Paul (1983). *Time and Narrative*. Chicago: University of Chicago Press.
- RIESSMAN, Catherine K. (1993). *Narrative Analysis*. Londres: Sage Publications.
- RHEINGOLD, Howard (2000). *Virtual Community: Homesteading on the electronic frontier*. Boston: MIT Press.
- RUBIN, Gayle (1975). *The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex*. In.: REITER, Rayna (Ed.) *Toward an Anthropology of Women*. Nova Iorque: Monthly Review Press.
- \_\_\_\_\_. (1992). Of Catamites and Kings: Reflections on Butch, Gender and Boundaries. In.: NESTLE, Joan (Ed.). *The Persistent Desire*. Boston: Alyson.
- ROJAS, Eveline (2011). Among Bodies, Subjects and Performances. In.: CALAFELL, Mireia; PÉREZ, Aina. (Org.). *El cuerpo en mente*. Versiones del ser desde el pensamiento contemporáneo. Barcelona: Editorial UOC.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Trans Narrativas do Self: Uma análise a partir dos diários virtuais de transição no YouTube*. 352f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ROSE, Nikolas (1989). *Governing the soul: the shaping of the private self*. Londres: Routledge.
- ROUSE, Joseph (2001). Two concepts of practice. In.: SCHATZKI, Theodore; KNORR, Cetina; SAVIGNY, Eike (Eds.). *The practice turn in contemporary theory*. Londres: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (2005). Mind, Body and World: Toldes and McDowell on Bodies and Language. *Inquiry*, fevereiro, v.48, n. 1, p. 38-61.
- \_\_\_\_\_. (2006). Practice Theory. In.: GABBAY, Dov M; THAGARD, Paul; WOODS, John (Eds). *Handbook of the Philosophy of Science*. Philosophy of Anthropology and Sociology, v.15.
- SAUSSURE, Ferdinand (1916/2006). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix.
- SCHITTINE, Denise (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- SCOTT, Joan (1986). Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, dezembro, v. 91, n. 5, p. 1053-1075.
- SCHATZKI, Theodore (1996). *Social Practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1996). Practiced Bodies: Subjects, Genders, and Minds. In.: SCHATZKI, Theodore; NATTER, Wolfgang (Eds.). *The social and political body*. Nova Iorque: Guilford Publications Inc.
- \_\_\_\_\_. (2001). Subject, Body, Place. *Annals of the Association of American Geographers* 91 (4), p.698-702. Oxford: Blackwell Publishers.
- \_\_\_\_\_. (2002). *The site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.
- \_\_\_\_\_. (2003). *A New Societist Social Ontology*. *Philosophy of the Social Sciences* 33(2), p. 174-202.
- \_\_\_\_\_. (2005). Practice Mid-ed Orders. In.: SCHATZKI, Theodore; KNORR, Cetina; SAVIGNY, Eike (Eds.). *The Practice Turn in Contemporary Theory*. Taylor and Francis e-Library.
- \_\_\_\_\_. (2006). Time of activity. *Continental Philosophy Review, Springer*, 39, p.155–182.
- \_\_\_\_\_. (2006). Peripheral Vision On Organizations as they Happen. *Organization Studies* 27(12), p. 1863–1873. SAGE Publications.
- \_\_\_\_\_. (2010). *The timespace of human activity: On performance, society, and history as indeterminate teleological events*. Reino Unido: Lexington Books.
- \_\_\_\_\_. (2011). Where the Action Is. On Large Social Phenomena Such as Sociotechnical Regimes. *Practices Research Group, working paper 1*, novembro.
- SEIDMAN, Steven (1995). Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and the Ethical. In.: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). *Social Post modernism. Beyond identity politics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SENNETT, Richard (2002). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SERANO, Julia (2007). *A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity*. California: Seal Press.
- SERFATY, Viviane (2004). *The Mirror and the Veil: An Overview of American Online Diaries and Blogs*. Amsterdam/ Nova Iorque: Rodopi.

- SHILDRICK, Margrit (1997). *Leaky bodies and boundaries: Feminism, postmodernism and (bio) ethics*. Londres: Routledge.
- SHILLING, Chris (1993). *The Body and Social Theory*. Londres: Sage.
- SIMMEL, Georg (2004). *Philosophy of Money*. Londres: Routledge.
- SORAPURE, Madeleine (2003). Screening Moments, Scrolling Lives: Diary Writing on the Web. *Biography, Special Issue, Online Lives, Winter*, 26 (1), p.1–23.
- STOLLER, Robert J. (1968). *Sex and Gender: On The Development of Masculinity and Femininity*. Nova lorque: Science House.
- STRYKE, Susan (2011). My Words to Victor Frankstein Above the Village of Chamounix - Performing Transgender Rage. *Kvinder, Kon & Forskning NR 3-4*, p.83-96.
- SWAIN, Tania N. (2001). Para além do binário: Os queers e o heterogênero. *Cadernos Gênero*, 2(1), p.87-98.
- TAMBOUKOU, Maria (2008). A foucauldian approach to narratives. In.: ANDREWS, Molly et al (Eds). *Doing narrative research*. Londres: Sage Publications.
- TAYLOR, T. L. (2006). *Play Between worlds: Exploring Online Game Culture*. Cambridge: MIT Press.
- THOMPSON, John (1990). *Ideology and modern culture*. Cambridge: Polity.
- \_\_\_\_\_. (2011). *The Media and Modernity: A social Theory of the Media*. Cambridge: Polity Press.
- \_\_\_\_\_. (2011). Shifting Boundaries of Public and Private Life. *Theory, Culture & Society* 28 (4), p.49-70. Sage Publications.
- TURKLE, Sherry (1995). *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*. Nova lorque: Simon & Schuster.
- TURNER, Victor W. (1986). *The Anthropology of Performance*. Nova lorque: PJA Publications.
- YOUNG, Iris (2005). *On Female Body Experience: 'Throwing Like a Girl' and Other Essays*. Oxford: Oxford University Press.
- WALTHER, Joseph B. et al. (2010). Interaction of Interpersonal, Peer, and Media Influence Sources Online. A Research Agenda for Technology Convergence. In.: PAPACHARISSI, Zizi (Ed.). *A Networked Self. Identity Performance and Sociability on Social Network Sites*. Nova lorque: Routledge.
- WANG, Qi; Brockmeier, Jens (2002). Autobiographical remembering as cultural practice: Understanding the interplay between memory; self and culture. *Culture and Psychology* 8 (1), p. 45-64.

WESCH, Michael (2008). YouTube - An anthropological introduction to YouTube. *Biblioteca do Congresso*, EUA, 23 Junho. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=TPAO-1Z4\\_hU](http://www.youtube.com/watch?v=TPAO-1Z4_hU).

WITTIG, Monique (1976). *The straight mind and other essays*. Boston: Beacon Press.

\_\_\_\_\_. (1981). One is not born a woman. *Feminist Issues*, 1, 2, p.47-54.

WITTGENSTEIN, Ludwig (1958). *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell.

\_\_\_\_\_. (1979). *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural.

ZELIZER, Barbie (1995). Reading the Past against the Grain: The Shape of Memory Studies. *Critical Studies in Mass Communication* 12 (2), p. 14-39.

ZERUBAVEL, Eviatar (2003). *Time Maps: Collective Memory and the Social Shape of the Past*. Chicago: The University of Chicago Press.



# Anexos

## A - Lista de Casos:

<b>TRAS MASCULINOS</b>	<b>IDADE *</b>	<b>CIDADE/ PAÍS DE ORIGEM</b>	<b>VLOG</b>	<b>ANO**</b>
Chase	39	Houston/ EUA	Lydcd	2009
Kaden	17	New Jersey/ EUA	DrunkenLullaby52	2009
James	22	Marshall/E UA	transgenerator	2008
Mark	19	Montreal/ Canadá	uppercaseCHASE1	2010
Taylor	21	Dallas/ EUA	DominoAyeJae	2008
Sky	17	Boston/ EUA	skylarkeleven	2009

<b>TRANS FEMININAS</b>	<b>IDADE*</b>	<b>CIDADE/ PAÍS DE ORIGEM</b>	<b>VLOG</b>	<b>ANO**</b>
Dani	24	Minneapolis/ EUA	BecomingDani	2012
Ellie	24	Minneapolis/ EUA	FancyEllie	2009
Jaterra	20	Daytona Beach/EUA	jaterrascott1	2010
Jessica	41	Houston/ EUA	TGlif4Jessica	2011
Jesslyn	22	Ohio/ EUA	Jesslyngirl87	2010
Tiffany	26	Vancouver/ Canadá	cuteypietiffany	2011

\* Idade no início dos vlogs com relatos da transição.

\*\* Ano de início das postagens contendo o processo de transição.

## **B - Tabelas com os vídeos analisados até o primeiro ano de transição\***

### **Relação dos vídeos (FTMs):**

<b>KADEN</b>	<b>SKY</b>	<b>TAYLOR</b>	<b>JAMES</b>	<b>CHASE</b>	<b>MARK</b>
Awkward intro video....woot!	day one - january twentyfirst	FTM Ty's intro vid	One week on Testosterone	FTM Journey Step1	NEW CHANNEL!! (again!)
Depression? WTF	Transition two weeks	First T shot, family issues	Two Weeks on T	FTM Chase Intro – Lawd What Now	FIRST MightMen Video! (MTM:1)

Five Random Facts about Kade	transition 3 weeks	Name, Pronouns and Mixed Emotions	week 3.5	FTM Chase part one- Getting Smarter	OLD (MTM2-Coming out!)
Say "Cheeeeeeeese"	one month on T!	Body Dysphoria	1 1/2 months on T	FTM- Chase part2 - Telling my 15 years old Son	OLD Might-Men(MTM3 -Religion and tattoos)
Do update...The world should be a video game	transition one month one week 4 days haha	Re: question from Jordan	2.5 months	FTM - Chase Update - 15 yearold Son Rocks!!!	OLD MightMen (MTM 4 Testosterone)
Waiting for a meteor shower.....	Transition 6 weeks	FTM Gear: Binders, Packers, & STP devices	month 3 on T	FTM-Chase Update - Convo with Mom :(	Moving! (and some other interesting stuff)
Being Called Ma'am Re: Pissed as hell	transition 7 weeks	Name Change, DONE!	5 months	FTM - Chase Update - Family and Midlife Transition	AMAZING! feat. Cyndi, Jake, Roxxxxx, Gill :D
Cliché coming out stories video	2 months on testosterone!	Update on the world of Ty	Almost 7 months.	FTM-Chase Update - Random Thoughts- Part 1	ITS SNOWING!! WHAT? ON APRIL 27!
Answers Announcement and Apology, Oh My!	transition 9 weeks!	3ish week on T update, changes	8 months.	FTM-Chase Update- Trans and other thoughts! - Part 2	2010 Montreal riot CANADIENS VS PENGUINS (MAY 12 2010)
2 days on T!	two and a half months!	Halloween Fun, and a pro-noun battle!	9 Months on T!	FTM-Chase Update- The Bar Exam! Aye Aye Aye!!	T IN 3 WEEKS! [and crafts]
2 weeks 1 and 2 days	11 weeks!	First T self injection	9 Months, Part II	FTM-Chase- 5 Random Facts	T, Collab, LEFT 4 DEAD
1 month!	three months on testosterone !	Fear & Ranting in Ty-land	One Year on T	FTM-Chase - DAY 1 Bar Exam! I survived!	TORONTO PRIDE??? [ARE YOU GOING?]

London Meet Up! (and 6 weeks)	three months one week on t	4 weeks on T update		FTM-Chase-The Darkness of Transition	Concerns and expectations of T, Starting T Tomorrow
9 weeks	transition three and a half months	Cheap Easy Packer Harness		FTM-Chase Update-STP and Binding	Talking about my first T shot!
12 weeks on T!	15 weeks on T	5 weeks on T		FTM-Chase-Gender Curiosities	1 Week on T: Sleep, Sex, Shots
NYC Meet Up (Part 1)	transition 4 months!	7 Weeks on T		FTM-Chase-Gender Curiosities Cont.	3 Weeks on T! Changes :D
NYC Meet Up (Part 2)	seventeen weeks on t!	Support		FTM-Chase Update - It's Just a Haircut~!	Uploaded from a Mac! (testing!) and new blog post!
15 weeks part 1	transition eighteen weeks! 4.5 months	Breakthrough with Mom		FTM-Chase Update - Bar Exam	1 Month on T!!!!
15 weeks part 2 (RANT ABOUT AT RISK LGBTQ YOUTH)	transition 4 months, 3 weeks	Baseline		FTM-Chase Update-Mom and Interesting Things PART 1	1.5 months/ Break-Up
4 months!	5 months on T!	2 months on T and my new toys!		FTM-Chase Update - Mom PART II	Useless update
4.5 months / I MISS YOU GUYS!!!!	transition 5.25 months + singing	Shot Day		FTM-Chase Update - BORED!	Learning how to do my shots/ almost 2 Months
5.5 months!	transition 5 and a half months	my little one		FTM-Chase Update - Home In Texas and Transition Stuff	2 Months on T!

6 months on t!	transition five months, three weeks [history]	There's an M on my ER bracelet!		RE: Clayton's Request	First shot of T at home!
Update I guess?	six months on testosterone! + comparison	Ranting		FTM-Chase – Reflections	Update!!!
9 months on T!	six months, one week + 62 [song]	impending doom		FTM-Chase Update - Life 2.0 and T	2nd home injection: FTM
NYC LGBTQ youth holiday meet up	six and a half months on T + 5 'random facts'	Doom's Day Report		FTM-Chase Life 2.0 Update - 1 Month on T	NYC!!! (the trip)
NYC LGBTQ Youth Holiday Party!	7 months and surgery! and amy :D	workout progress 12-21-08		FTM- Chase Life 2.0 – Setback	3 months on T.
switching to shots, updates and why	seven and a half months on t + girlfriend	HELP! Poll time and 10wk update		FTM-Chase - Life 2.0 Update - Name Change	7GaysAWeek Collab

1 year!	seven months, three weeks on T + song :]	Christmas update and a most sincere thank you		FTM-Chase Life 2.0 Update - Name Change, Job, and Cool Stuff! Part1	Untied Shoelaces (Backstreet Boys Incomplete Parody)
	eight months on t!	Questioning you sexuality sucks!		FTM-Chase Life 2.0 Update - Name Change, Job, and Cool Stuff! Part2	Romeo?
	eight months, one week on T + song i guess?	Working out: pull-ups and push-ups		FTM-Chase Life 2.0 Update - Name Change, Job, and Cool Stuff! Part3	3 months 3 weeks

	eight and a half months on T!	11 Weeks on T and an Overly Eventful Day pt 1		FTM-Chase Life 2.0 Update - 2 months on T!	4 months on T.
	eight and three quarters of a month!	11 Weeks on T and an Overly Eventfull Day pt 2		FTM-Chase - Update Interrupted!	purple.
	nine months + to be alone with you	And so it Begins...		FTM-Chase Life 2.0 Update - The Real One - hahahaha!	5 months on t.
	pretty much one year ago - chasing cars	Comming out to family episode 2		FTM- Chase Life 2.0 Update - Curiosities	6 months on t.
	october fourteenth - somewhere around nine months on t, perhaps	Family and Life at 13 Weeks (it works now!)		FTM-Chase - Life 2.0 Update - 3 months on T - Part 1	2010. PEACE!
	october twenty first, exactly nine months! changes + art	14 weeks, family, life		FTM-Chase - Life 2.0 Update - 3 months on T - Part 2	7months. hospital.b day.
	october twenty eighth + a song	5 weeks on T: shot, family, brain fog		FTM-Chase - Life 2.0 Update - 3 months on T - Part 3	8 months on t.
	hey, it's november, let's do something	I'm a De Duh De!		FTM-Chase - Life 2.0 - The meeting with the Bar and stuff	9 months on t.
	eleven eleven :) nine and a half months on testosterone	Another Take on Same Sex Marriage		FTM-Chase - Life 2.0 - 4 Months on T!	GO AUDITION!

	this is the first day of my life - bright eyes (cover)	Clairification of my point		FTM-Chase - Life 2.0 Update - This Weekend was Interesting	10 months on t.
	december second - :] olga + me + junk	15 weeks for real this time, family		FTM-Chase - Life 2.0 - Sitting at the back of the Puberty Classroom Pt 1	11 months on t & work issue.
	almost eleven months, yo	Binding Injury, BAD NEWS		FTM-Chase - Life 2.0 - Sitting at the back of the Puberty Classroom Pt 2	picture everyday for a year (ftm transgender).
	eleven months on testosterone + surgery :D	Update on my ribs (intoxicated)		Message for my friend Brad	one year on t.

	surgery days one and two :D	Hater-ade		FTM-Chase - Life 2.0 Update - Taking the Oath	
	january fourth - drains out :D	I joined Up with Genderblenders		FTM-Chase - Life 2.0 Update - One Year on the Tube	
	eight days post op	Week From Hell: It Only Gets Worse		FTM Chase - Update - Life 2.0 - 5 Months on TTTTTTTTTT - Part 1	
	january thirteenth + olga :]	I DID IT! I HAVE ALL THE MONEY FOR SURGERY!!!!		FTM Chase - Update - Life 2.0 - 5 Months on TTTTTTTTTT - Part 2	

	one year on testosterone comparison!	19 weeks finally an update		FTM-Chase - Update Life 2.0 - 6 Months on T!	
		Me And The Pup.		FTM-Chase - Life 2.0 - The PRIDE parade 2010	
		I Got My Consult!!!		FTM-Chase - Update Life 2.0 - Hangin' with JD	
		Help! I need advice again.		FTM- Chase - Update Life 2.0 - 8 months on T	
		I Fear...		Re: Mom VS Dad? Transparenting	
		!!!!!! SURGERY IS SCHEDULED!!!!!!		Re: Name Change Again	
		Surgery Thoughts with 18 days to go		FTM-Chase - Life 2.0 Update - 9 Months on T	
		quick family update		FTM - Chase - Life 2.0 - Incomplete	
		Top Surgery Consult Questions		FTM-Chase - Life 2.0 Update - 10 Months on T	
		Top Surgery Consult Questions w/ Answers		FTM-Chase - Life 2.0 Update - General Life Things	
		It's Pre-op Day!		FTM-Chase - Update Life 2.0 - Out or Stealth?	

		Night Beofre Surgery!!!		Re: Standards of Care; Bottom Surgery; Why Do You Transition The Way Y	
		I AM POST-OP!!!!!!!		Re: 7 days PRE-T - Coping with Anxiety about Family	

		RE: JTR Challenge Preston		Re: Went to the new endo ...	
		First post-op upate		FTM-Chase Update - Life 2.0 - One Year on T	
		blasted block of colors!!!			
		i WILL out-smart the block!			
		I WIN!!!			
		My Chest 1 Week Post-Op			
		10 Days Post-Op			
		12 days post op			
		two weeks postop			
		16 days post-op			
		6 Months on T			
		I Was Affraid Of This...			

		Harry Benjamin Standards Of Care			
		RE: Hyper masculine to pass Vs. Authenticity			
		3.5 weeks post-op			
		insecurities and dysphoria realization			
		Passing in Court!!!			
		Happy Effin Mother's Day...			
		Why didn't I think of this before!?			
		Totally screwed....			
		1 Year On T			

Obs(1).: Os vídeos estão dispostos, nas duas tabelas, em ordem temporal de publicação, do início ao final do primeiro ano.

Obs(2).: Em vermelho estão os títulos que fazem menção direta a testosterona, em azul ao "coming out", em roxo a mudança de nome e uso de pronome masculino, em verde aos aparatos (Ex.:stp,binders,packers), e em laranja os relativos a cirurgias.

### Relação dos vídeos analisados (MTFs):

DANI	JESSICA	TIFFANY	JESSLYN	JATERRA	ELLIE
Beginning HRT	00 - Transgender My first V-Log about HRT - coming to self realization	Tiffany's Vlog #1 Hi Everybody!!	transgender vlog 1 my intro	Male to Female Journey	07.30.09 - Up past bed time - My little intro

HRT - Week one down!	01 - First Day Of Estrogen/ HRT - Transgendered M2F	Tiffany's Vlog #2 First Therapy Session	jesslyn transgender vlog 2	Haters, Part I	08.08.09 - Transgender Tea Time
One month on HRT!	01b - Two Week update on Estrogen / HRT - therapist comes in handy	Tiffany's Vlog #3 Vancouver Pride Parade	Lady gaga metal instrumental	Haters, Part II	09.27.09 - Coming out to the fam!
Hormone Update - Oct. 26	02- Transgender M2F HRT - My First 30 Days of Estrogen	Tiffany's Vlog #4 Boy Mode	jesslyn transgender vlog 3	Im Not A Fucking Dude!	10.21.09 - Late Night Transgender Ramblings
HRT Update: 2 months down!	03 - My Life After 2 Months of Estrogen / HRT (transgender)	Tiffany's Vlog #5 Came out to my Parents	jesslyn transgender doubts... vlog 4	This here some Bull.Com	10.23.09 - Coming Out and Going out
Lober Gobbles	Jessica's Transgender Log - november Message to Subscribers	Tiffany's Vlog #6 Started Hormones Yay!!	jesslyn transgender vlog 5.. update	How do you handle it?	11.09.09 - Five Facts About Me!
HRT Update, and Money Worries	03b - Time To Throw Away My Favorite Shirt/ Transgender HRT	Tiffany's Vlog #7 First Hormone Effects	jesslyn transgender vlog 6.. being asked "whats going on?"	Fags have it made!	11.17.09 - Meteor Shower, Scallops, Facebook and Tea
Grrrr	03c - Transgender At Work - Hiding And Living A Double Life	Tiffany's Vlog #8 Seven Weeks on Hormones!	jesslyn transgender vlog 7... hanging at mcdonalds.	Complications of Life	11.23.09 -Girls Number, Thanksgiving & Taking a Compliment
Three Months!	03d - How many problems can I solve with stuff inside my purse / transge	Tiffany's Vlog #9 Frequently Asked Questions	jesslyn transgender... blog 3 blooper.	Male to female hormone update 2months	11.29.09 - Debutante-Brawl's Zee - SRS Surgery

			messed up again :)		
On Seeing Progress	03e - Transgender Weekend of Terrific Torture / Shopping Mall - Blood W	Tiffany's Vlog #10 Back from Christmas Holidays	jesslyn transgender vlog 8... 7 months hormones	Back in Tampa FI, August 15, 2011	12.07.09 - Late night web work, Zee's doing okay, Steampunk
Update Ramble	03f - A Little Makeup for TDOR	Tiffany's Vlog #11 Mood Swings	jesslyn transgender vlog 9 a little history on me	5:00am dancing. Love life	12.14.09 - Winter, Tucking, Checking Out of My Guy Clothing
Praise Jebus	03g -- Jessica Gets Depressed - Transgender Blood Results / HRT	Tiffany's Vlog #12 I've been on hormones 4 months!! :)	jesslyn transgender vlog 10 update on life.	South Beach Bitch	12.21.09 - Christmas, Skiing & Twisted Leg, Donating Sperm & Ruts
Lowered Dose of Estrogen	04 - My Life after 3 months Estrogen / HRT (transgender) - Dont Worry, Be	Tiffany's Vlog #13 It's my birthday and I'll change sex if I want to!	zelda's lullaby on iphone	Out and about, so high!!	12.25.09 - Christmas Day, Snow & Girl Clothing
The T word, Should it be used or not?	04b - Hormone Confusion / Lab Results explained Transgender	Tiffany's Vlog #14 Came Out to My Friends!	jesslyn transgender vlog 11.. fuck you world	I just kno this hoe ain't	12.28.09 - Christmas gifts, Insults & My Cat's a Drug Addict
4 months on HRT! Woohoo!	04c - A Look Back Into My 3 Months Hormones HRT - Transgender	Tiffany's Vlog #15 Haircut!	jesslyn transgender.. a little bit of top gun	Phenomenal Women	01.01.10 - 2010 New Year's Day, Cat's Transitioning Faster Than Me & Hai

My Journey and How I Realized I Am Trans - Pt.1	04d - Transgender / HRT and Street Drugs - why do some do it?	Tiffany's Vlog #16 Transition Timeline - 3 years ago till now	travel in stygian - iced earth- jesslyn	Next stop, Atlantic City	01.05.10 - Coming out & Going out - Rollerblading, Sushi, Board Games
My Journey and How I Realized I Am Trans - Pt.2	04e - RE:Staying Employed When Sh** Hits the Fan / Transitioning on the j	Tiffany's Vlog #17 Came Out to My Boss	9 months hormones:)	Just bc I'm cute	01.12.10 - A Tranny & her supportive Sister
Coming Out, Electrolysis, and Other Stuff	04f - Selling Yourself - Transgender DBA - Business Your Transition	Tiffany's Vlog #18 My First Day of Work as a Girl, I'm full-time now	jesslyn transgendered vlog 13	Fuk ass	Interlude - The Amazing Puppy - Cookie Monster!!
Mini update on life and school	04g - Transgender Goodbye to Paranoid Delusions	Tiffany's Vlog #19 Am I a Girl Yet?	10 months on hormones . and updates	Talk to me.....	02.02.10 - Transgender Confidence

My Painting Studio	Jessica's Transgender Log - Message to Subscribers	Tiffany's Vlog #20 Speaking with a Girl's Voice	jesslyn transgender vlogs coming out	Just a quickie	02.10.10. - Roller Girls, Black Eyes & Bacon Wrapped Scallops
Update 1/30/13	05 - Transgender 4 Months Hormones - HRT / Spit-Spat-Spurt	Tiffany's Vlog #21 Progesterone / 9 Months on Hormones	Jesslyn transgender vlogs coming out tips for early transition	Just Messy! Happy New Year	03.13.10 - Rainy, Foggy, Wet and Happy! Minnesota from a Fancy Point of V
Life update Feb 2013	05b - 2012 New Years Resolutions for Transgender	Tiffany's Vlog #22 Keratin Hair Treatment	dragonball z kai opening - dragon soul	That Hoe Pressed Charges!	05.08.10 - Hormones - It began with a pill and a patch

Five Months on HRT!	05c - Re-Introductions Part1 / A Little Bit About Myself	Tiffany's Vlog #23 I Love Being a Girl!! :-D	Jesslyn Transgender vlogs 19 clearing things up	Naked Ass	06.27.10 - Almost two months of Hormones, Grandma's Marathon, Tokyo &
Male to Female 5 Month Timeline	05d - Re-Introductions Part2 / A Little Bit About Myself	Tiffany's Vlog #24 San Francisco!	Cute Kitty playing fetch	Drake - Practice	vlog 08.29.10 - Went to South Korea / Japan, going to California soon
My First Electrolysis Session	05e - Transgender At Work / My First Foe	Tiffany's Vlog #25 One Year on Hormones	MTF 1 year transition timeline	Im in LA Bych!	vlog 11.1.2010 - Haven't Disappeared, Just Working 24/7
Being Clocked	05f - Transgender At Work - Finding a Friend when I least expect it	Tiffany's Vlog #26 People Who Knew Me as a Boy	Happy Thanksgiving :D	Male to female transexual One year hormone update	vlog 9.21.2010 - Visited Zee - Debutante Brawl - In Los Angeles
Six Months on HRT!	05g - Transgender Work Update / Decision's / Many Thanks to Everyone		Jesslyn transgender vlogs.. haters need love too	Male to female transexual Breast Consultation	vlog 11.13.10 - Cons, Trans friends and PBR
Why Transition is Absolutely Necessary	06 - My Life after 5 months Estrogen / HRT (transgender) - Lovin Every Mi			MTF transexual 3 week breast implant post op	vlog 12.04.10 - Hormones and such & trans advice
	06b - Being Transgendered - And Breaking Down The Walls 06c -- Family / Friends / And Work -			Why you so obsessed?	vlog 01.01.11 - Happy New Years! Bought my first bras for my real boobs!

	- Transgender Updates				
	06d - Being Reminded That Im A Transgendered Texan - And Dealing With			HIV/ AIDS	vlog 01.30.11 - 9 months on Hormones and Going to Seoul Again
	06e - Transgender At Work - Bring Your Youtubers to Work Day			Carpe' Diem	vlog 04.07.11 - Life goes on
	06f - A Transgender's Transition - Wrapping up the First 6 months			Did she just come for me?	One Year Hormone Anniversary!!!!
	06g - A Transgender's Transition - Smile'n A Whole Lot More			My new panties!!!	Coming Out at Work and Going Fulltime - Part I
	06h - Transgendered At Work - Fired - Starting All Over Again			MTF transexual COMING OUT STORY	Fulltime Transgender, Coming Out at Work - Part 2
	07 - My Transition - Life After 6 Months on Hormones - Transgender / HRT 07b - Transgender 6 month Blood Test - And Strong Family Bonds				
	07c - Transgender Updates - The Fear of being Fearfull				

	07d - The Transgender Diaries - Breaking Down The Pieces				
	08 - My Transition - Life After 7 Months Hormones - Transgender / HRT				

	08b - The Transgender Diaries - Being Sick and Tired While Looking Ahead				
	09 - My Transition - Life After 8 Months Hormones - Transgender - HRT				
	09b - The Transgender Diaries - Changes For the Better 09c - The Transgender Diaries - Mother's Day Blues				
	10 - My Transition - Life After 9 Months Hormones - Transgender / HRT				
	10b - The Transgender Diaries - My Last Day on Earth				
	10c - The Transgender Diaries - First Time For Everything				

	11 - My Transition - Life After 10 Months Hormones / Transgender - HRT				
	11b - The Transgender Diaries - Finding My Independence				
	11c - The Transgender Diaries - Chasing The Red Dot				
	12 - My Transition - Life After 11 Months Hormones - Transgender - HRT				
	12b - The Transgender Diaries - The Frustration of Reality 12c - The Transgender Diaries - Learning To Make Things Happen				
	12d - The Transgender Diaries - Money Cant Buy You Happiness				
	13 - My Transition - Life After 12 Months / 1 Year Hormones – Transgender				

*Obs.:Em vermelho estão os títulos que fazem menção direta a terapia hormonal, em azul ao "coming out", em roxo ao uso de pronome feminino e em laranja os relativos a cirurgias.\*Com exceção de Dani.*

*Título* Trans Narrativas do *Self*  
Uma análise a partir de diários virtuais de transição  
transsexual no YouTube

*Autoria* Eveline Rojas

*Capa* João Dionisio

*Projeto gráfico* Gabriel Santana e Bruna Andrade

*Diagramação* Bruna Andrade

*Revisão de Texto* Gabriel Peters

*formato* digital

*Editoração eletrônica* TIC Editora UFPE





ppgs  50  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia *anos*



9 788541 508643